UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANIDADES E NATURAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DAS RELAÇÕES POLÍTICAS

PAULA REJANE FERNANDES

A escrita de si do intelectual Jerônimo Vingt-un Rosado Maia:

arquivos pessoais e relações de poder na cidade de Mossoró (RN) – 1920-2005

VITÓRIA

2014

PAULA REJANE FERNANDES

A escrita de si do intelectual Jerônimo Vingt-un Rosado Maia:

arquivos pessoais e relações de poder na cidade de Mossoró (RN) – 1920-2005

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em História, na área de concentração História Social das Relações Políticas.

Orientadora: Profª. Drª. Juçara Luzia Leite

VITÓRIA – ES

2014

PAULA REJANE FERNANDES

A escrita de si do intelectual Jerônimo Vingt-un Rosado Maia: arquivos pessoais e relações de poder na cidade de Mossoró (RN) – 1920-2005

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em História na área de concentração História Social das Relações Políticas.

Aprovada em ____ de_____ 2014.

COMISSÃO EXAMINADORA

_____

Profª. Drª. Juçara Luzia Leite
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Orientadora

_____

Profª. Drª Maria Beatriz Nader
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

_____

Profª. Drª Cleonara Maria Schwartz
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

_____

Profª. Drª. Olivia Morais de Medeiros Neta
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)

_____

Prof. Dr. Alarcon Agra do Ó
Universidade Federal de Campina Grande (UFGC)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F363e Fernandes, Paula Rejane.

A escrita de si do intelectual Jerônimo Vingt-un Rosado Maia: arquivos pessoais e relações de poder na cidade de Mossoró (RN) – 1920-2005 / Paula Rejane Fernandes. Vitória, 2014.

210 f. ; il.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Espírito Santo. Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, 2014.

“[...] o que realmente vale numa biografia é o respeito político e intelectual que o biógrafo deve ter pelo biografado. Existindo tal respeito, o biógrafo jamais transformará o seu ‘herói’ num santo ou num demônio, acima da sua humana condição.” (AGUIAR, 2000, p. 19)

Aos caminhos por onde andei.

A Valfredo.

AGRADECIMENTOS

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado la risa y me ha dado el llanto
Así yo distingo dicha de quebranto
Los dos materiales que forman mi canto
Y el canto de ustedes que es el mismo canto
Y el canto de todos que es mi propio canto (Violeta Parra)

Uma tese é uma viagem que se faz por meio dos arquivos, dos livros, das aulas, das reuniões para orientação, das conversas com os colegas e que aos poucos ajuda a chegar até o porto simbolizado pela conclusão do trabalho e pela defesa da tese. Ao longo da viagem fui me aproximando do objeto de pesquisa e das práticas que envolviam o ofício de historiador, e especialmente, fui me aproximando de mim mesma e dos sonhos que me trouxeram até o início da viagem, momento marcado pela elaboração do projeto, seleção e mudança para um novo estado, o Espírito Santo. Ao longo dessa viagem, reforcei laços e encontrei pessoas as quais preciso agradecer pelo apoio, incentivo, por compartilharem comigo suas histórias de vida e, principalmente, por me ajudarem a tecer a minha história, a minha escrita de si.

Agradeço a Deus pela vida, por preparar e abençoar a minha caminhada, por me ensinar a importância do desapego e o sentido da palavra esperança.

Agradeço aos amigos de Campina Grande por me ajudarem durante a mudança. Sinto saudades de todos. E onde eu estiver, minha casa sempre estará aberta para vocês!

Agradeço a CAPES por financiar a minha pesquisa.

Agradeço a minha orientadora Juçara Luzia Leite, por me ensinar sobre o meu ofício de historiadora, por acreditar no meu trabalho e, principalmente, por me ensinar o sentido da palavra generosidade. Deixo aqui o meu muito obrigada!

Aos professores Antônio Carlos Amador Gil, Michael Alain Soubbotnik, Márcia Barros Ferreira Rodrigues, Valter Pires Pereira, Cleonara Maria Schwartz pelo o que aprendi por meio das leituras e discussões realizadas em suas aulas. Também agradeço a

Cleonara Maria Schwartz por compor juntamente com a professora Maria Beatriz Nader a minha banca de qualificação. Momento no qual as duas fizeram observações importantes com relação ao meu texto.

Aos amigos que fiz ao longo do doutorado, especialmente, Adalgisa, Karla, Luciane, Regina, Geiciane e Fabíola. Aos amigos que fiz ao trabalhar na UNEMAT, no IFBAIANO. As amigas Vanessa e Ana Flávia que mesmo de longe sabem se fazer presentes. Agradeço a todos pelas ótimas horas de conversas nas quais compartilhamos experiências, dúvidas e projetos de futuro. Minha casa sempre estará aberta para vocês!

Aos meus pais, Luiz e Graça, pelo apoio constante e por fazerem da nossa casa um lar. Aos meus irmãos Pedro, Socorro, Ana e Joana pelo carinho e pelo futuro que estamos construindo. As minhas irmãs deixo um agradecimento especial, em reconhecimento, pelas diversas vezes que digitalizaram ou enviaram para mim materiais importantes para a minha pesquisa. A Valdir e Cícero pela beleza que a infância contem. A Valfredo Filho, amigo e namorado, pela alegria de compartilhar sonhos, pelo prazer de vê-los realizados, por me ensinar a crer que a vida é formada por muitas possibilidades e que todas são boas, desde que façamos o nosso melhor.

Ao amigo Linhares, por compartilhar experiências de pesquisa. A Fundação Vingt-un Rosado, nas pessoas de Langeane, Caio e Raniele, agradeço pelo acolhimento e por tornarem a pesquisa um momento prazeroso.

Aos caminhos por onde andei, por me mostrarem os muitos brasis existentes no Brasil, por me fazerem sonhar e acreditar na força do tempo presente.

A Vingt-un Rosado, por me ensinar mais sobre Mossoró, sobre o Rio Grande do Norte.

Por fim, faço votos que a conclusão do doutorado seja um fim que abra espaço para novas viagens e novas histórias, consolidação de laços e criação de novos. E que sempre haja motivos para agradecer “a vida que me há dado tanto”.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo investigar como Jerônimo Vingt-un Rosado Maia (1920-2005) se construiu como intelectual a serviço da cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte. Intelectual que liderou o que ele nomeou como sendo a “Batalha da Cultura” representada pela construção do Museu Público Municipal, da Biblioteca Pública Municipal, da criação da editora Coleção Mossoroense, e da Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM). Para tanto, dialogamos com a História Cultural, mais precisamente, com o esquema conceitual de Roger Chartier (1990, 2002, 2007), sendo esse, apropriação, representação e circulação, pois, nos permite entender como as pessoas pensam e sentem em determinada época. Para entendermos o papel do intelectual na sociedade dialogamos com Jean-François Sirinelli (1996). Por sua vez, a noção de campo será pensada por meio do diálogo com Pierre Bourdieu (2002). Como fonte de pesquisa, utilizamos o arquivo pessoal de Vingt-un Rosado, livros da Coleção Mossoroense e jornais O Mossoroense, Gazeta do Oeste, De Fato.

PALAVRAS-CHAVE: Intelectual. Mossoró. Arquivo Pessoal. Vingt-un Rosado.

RIASSUNTO

Questo studio si propone di indagare come Jerome Vingt-un Rosado Maia (1920-2005) è stato costruito come un intellettuale al servizio della città di Natal, Rio Grande do Norte. Intellettuale che ha portato quello che ha chiamato come la "Battaglia della cultura" rappresentata dalla costruzione del Museo Civico Comunale, la Biblioteca Pubblica Comunale, la creazione della casa editrice Mossoroense Collection, e la Scuola di Agraria Mossley (ESAM). Per farlo, abbiamo un dialogo con la storia culturale, più precisamente, con lo schema concettuale Roger Chartier (1990, 2002, 2007), questo essere, la proprietà, la rappresentanza e movimento, ci permette di capire come la gente pensa e sente in un determinato momento . Per comprendere il ruolo dell'intellettuale nella società in cui il dialogo con Jean-François Sirinelli (1996). A sua volta, la nozione di campo sarà pensato attraverso il dialogo con Pierre Bourdieu (2002). Come fonte di ricerca, usiamo l'archivio personale di Vingt-un Rosado, libri e giornali Mossoroense Collezione Mossoroense, Gazeta do Oeste, De Fato.

PAROLE CHIAVE: Intellettuale. Mossoró. Archivio personale. Vingt-un Rosado.

RÉSUMÉ

Cette étude vise à à étudier comment Jérôme Vingt-un Rosado Maia (1920-2005) a été construit comme un intellectuel au service de la ville de Mossoró, Rio Grande do Norte. Intellectuelle qui a dirigé ce qu'il a appelé la «bataille de la Culture», représentée par la construction du Musée publique municipale, la bibliothèque publique municipale, la création de l'éditeur Mossoroense Collection, et l'École d'agriculture Mossley (ESAM). Pour ce faire, nous avons un dialogue avec l'histoire culturelle, plus précisément, le schéma conceptuel Roger Chartier (1990, 2002, 2007), cet être, la propriété, la représentation et le mouvement, il nous permet de comprendre comment les gens pensent et ressentent à un moment donné. Pour comprendre le rôle de l'intellectuel dans la société nous le dialogue avec Jean-François Sirinelli (1996). À son tour, la notion de champ sera pensé par le dialogue avec Pierre Bourdieu (2002). En tant que source de la recherche, nous utilisons les archives personnelles de Vingt-un Rosado, livres et journaux Mossoroense collection Mossoroense, Gazeta do Oeste, De Fato.

Mots-clés: Intellectuelle. Mossoró. Archives personnelles. Vingt-un Rosado.

LISTA DE IMAGEM

Imagem 1 – Carta de Isaura Rosado Maia 37
Imagem 2 – Carta de Raimundo Nonato 38
Imagem 3 – Carta ativa de Vingt-un Rosado 40
Imagem 4 – Foto de Vingt-un em Recife 51
Imagem 5 – Verso da foto de Vingt-un em Recife 51
Imagem 6 – Isaura Rosado Maia 52
Imagem 7 – Convite de formatura de Vingt-un 57
Imagem 8 – Convite de formatura de Vingt-un 58
Imagem 9 – Recorte da carta de Raimundo Nonato enviada para Vingt-un 68
Imagem 10 – Recorte da carta de Raimundo Nonato enviada para Vingt-un 68
Imagem 11 – Assinatura de Oswaldo Lamartine 84
Imagem 12 – Cartaz da campanha de 1968 para prefeito de Mossoró 88
Imagem 13- Mapa das espacialidades do Rio Grande do Norte no século XX 93
Imagem 14 - Foto de Jerônimo Ribeiro Rosado 94
Imagem 15- Mapa das mesorregiões geográficas do Rio Grande do Norte 106
Imagem 16 - Capa de livro da Coleção Mossoroense 124
Imagem 17 – Foto de América Fernandes Rosado Maia 134
Imagem 18 – Foto de América Fernandes Rosado Maia 135
Imagem 19 – Croqui nº 3 150
Imagem 20- Planta da cidade de Mossoró do ano de 1916, feita pelo engenheiro Henrique de Novaes. 164
Imagem 21 - Construção da ESAM 171
Imagem 22- Inauguração da ESAM em 22 de dezembro de 1967 com a presença do presidente da República Artur Costa e Silva. 172
Imagem 23 - Posse de Vingt-un Rosado domo Diretor da ESAM no ano de 1974 178
Imagem 24 - Manchete do Jornal O Mossoroense, 22 de dezembro de 2005 192
Imagem 25 - Velório de Vingt-un Rosado na UFERSA 194

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Departamentos da ESAM	

LISTA DE SIGLAS

APVR – Arquivo Pessoal de Vingt-un Rosado

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

BNB – Banco do Nordeste do Brasil

CSN – Companhia Siderúrgica Nacional

DGM – Departamento de Geologia e Mineralogia

DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra a Seca

EDUFRN – Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

ESAL – Escola Superior de Agricultura de Lavras

ESAM – Escola Superior de Agricultura de Mossoró

ESAV – Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa

EUA – Estados Unidos da América

FEB – Força Expedicionária Brasileira

FGD – Fundação Guimarães Duque

FUNCITEC – Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica

FVR – Fundação Vingt-un Rosado

FVR – Fundação Vingt-un Rosado

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBS – Instituto Brasileiro do Sal

ICOP – Instituto Cultural do Oeste Potiguar

IFOCS – Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

INDA – Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

PSB – Partido Socialista Brasileiro

PSD – Partido Social Democrático

PSD – Partido Social Democrático

PSP – Partido Social Progressista

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

SAPPE – Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco

UDN – União Democrática Nacional

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

UFC – Universidade Federal do Ceará

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UFV – Universidade Federal de Viçosa

URRN – Universidade Regional do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 18

CAPÍTULO 1 – O intelectual e sua correspondência 28

1.1 - Arquivo pessoal de Vingt-un Rosado 31

1.2 - As cartas como fonte de pesquisa 34

1.3. A vida como narrativa de si 44

1.4 – *Querido Vingt-un Deus o abençoi*: cartas enviadas por Isaura Rosado Maia 51

1.5 – Cartas trocadas entre amigos 66

1.5.1 - Prezado véio amigo 21 Rosado: Cartas de Raimundo Nonato para Vingt-un 66

1.5.2. Cartas de Antônio Campos da Silva para Vingt-un 71

1.6 – Cartas para solicitar 80

CAPÍTULO 2: O intelectual e a Coleção Mossoroense 88

2.1 – A família Rosado no cenário político 91

2.1.1 – Espacialidades do Rio Grande do Norte 91

2.1.2 – O velho Rosado e a política mossoroense 94

2.1.3 – Os filhos do velho Rosado também faziam política 97

2.2. – A Coleção Mossoroense 112

2.3 – A Coleção Mossoroense e a construção de si de Jerônimo Vingt-un Rosado Maia 124

2.3.1 *Vingt-un* 133

2.3.2 – Vingt-un: o ajuntador de papéis velhos 142

CAPÍTULO 3 – O intelectual e Escola Superior de Agricultura de Mossoró 145

3.1. O suíço Ulrich Graf e os sonhos da construção da estrada de ferro e da escola agrícola em Mossoró 149

3.2. Tércio Rosado e a cooperativa “Mossoró Novo” 160

3.3. Construção e inauguração da Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM) 169

3.4. Soldado a serviço da ESAM: Vingt-un ocupa o cargo de diretor 177

3.5 – Última despedida 193
CONCLUSÃO 195
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 199

INTRODUÇÃO

> Hoje arranquei do fundo de uma gaveta amiga um exemplar do seu livro MOSSORÓ, que fica em meu poder, pois deve valer ouro em pó. Fico assim, com dois volumes na estante, um dos quais servirá de "isca" para transação importante em matéria de bibliografia (Carta de Raimundo Nonato, Natal, 5 de novembro de 1954) (APVR)

Ao longo de nossa tese investigamos como Jerônimo Vingt-un Rosado Maia construiu para si o lugar de intelectual, de guardião da memória e história da cidade de Mossoró. Representação, em grande medida, apropriada e consolidada pelos mossoroenses. Vingt-un Rosado era o vigésimo primeiro e último filho de Jerônimo Ribeiro Rosado e Isaura Rosado Maia, nascido em Mossoró, no Estado do Rio Grande do Norte, no ano de 1920.

Para estudarmos Vingt-un Rosado e o seu processo de construção de si partimos de um diálogo com a História Cultural, mais precisamente com o esquema conceitual de Roger Chartier (1990, 2002, 2007, 2008): apropriação, representação e circulação, pois, nos permite pensar como Vingt-un se apropriava de elementos da memória coletiva de Mossoró para produzirem representações sobre si, sobre sua família e sobre a cidade e as colocava em circulação por meio da Coleção Mossoroense. Tais representações eram produzidas a partir de um lugar ocupado por Vingt-un dentro do seu grupo e dentro da sociedade. Sendo assim, é importante entender que o lugar ocupado pelo autor fornece legitimidade a sua produção.

O lugar é entendido por nós a partir de Michel de Certeau (2007). Para ele, não há considerações ou leituras capazes de suprimir a particularidade do lugar de onde se fala e do domínio em que se realiza a investigação. Pois, o intelectual não produz em um lugar isolado e a salvo dos ruídos externos, sem contato com questões de ordem social, econômica e/ou cultural, produz dentro da sociedade e interagindo com as questões e imposições fornecida por ela. Essas são produzidas pela lei do lugar que orienta o que pode ser dito (pesquisado) ou não. Pensar o intelectual como produzindo

a partir de um lugar auxilia a retirar dele a ideia de genialidade e o coloca como homem do seu tempo e do seu grupo social.

Para entender o papel de Vingt-un como intelectual é importante inseri-lo dentro do seu grupo social e familiar, pois, de acordo com Pierre Bourdieu (2002), a relação que o autor mantém com a obra é afetada pelas relações sociais nas quais está inserido e pela estrutura dos campos sociais e intelectual ao qual é vinculado. Estes funcionam como um campo magnético composto de sistemas de linhas de força exercendo poder de atração e repulsão. Os campos são microcosmos independentes que interagem entre si nos quais os agentes sociais buscam posicionar-se e ganhar espaço fazendo uso dos seus capitais. Vale destacar que dentro de cada campo há uma hierarquia que estabelece os dominantes e os dominados. Para adquirir espaço dentro do campo intelectual de Mossoró de modo a ter visibilidade e ser reconhecido como autor, Vingt-un Rosado fez uso de seus capitais econômico, cultural, social e simbólico. Seu capital econômico permitiu sua formação acadêmica adquirindo assim capital cultural; seu capital social possibilitou conseguir aliados para suas ações em torno do projeto "Batalha da Cultura", e suas ações realizadas em prol da cultura mossoroense permitiram a construção do seu capital simbólico em forma de reconhecimento e honrarias na cidade.

Muito de sua imagem de intelectual se deve a sua rede de sociabilidade, composta por outros autores do Rio Grande do Norte como Luís da Câmara Cascudo, Raimundo Nonato, Antônio Campos Silva, Oswaldo Lamartine, América Fernandes Rosado Maia. Essa rede pôde ser mapeada por meio das cartas recebidas por ele ao longo de toda a sua vida e algumas delas foram publicadas em livros da Coleção Mossoroense como a carta de Luís da Câmara Cascudo enviada para Vingt-un.

> Lembre-se que Mossoró ainda não tem história e que você está na obrigação moral de ser o primeiro mossoroense que levantará do alvido as tradições de sua grande terra. Vá para deante e não desanime com as ironias dos pessimistas, espécies de lemas que nem andam nem admitem que outros andem. (CASCUDO *apud* BRITO, 1997, p.74)

Essa missão entregue por Câmara Cascudo a Jerônimo Vingt-un Rosado Maia auxiliou na construção da representação de que era um intelectual a serviço de Mossoró. Representação que era, de certa forma, alimentada por seu arquivo pessoal. Esse tipo de arquivo é fruto da prática de arquivar a própria vida, prática que, segundo Philippe Artières (1998), é exercida por nós ao longo de nossas vidas, pois passamos a vida selecionando, catalogando e provando a nossa existência. Aquele que se nega a realizar o exercício é visto pela sociedade como um anormal. Deste modo, colecionar a si mesmo traz consigo tanto uma injunção social, pois precisamos de documentos que nos identifiquem, quanto o desejo de criar para si, como foi dito anteriormente, uma auto-imagem. (RIBEIRO, 1998)

Para entendermos o exercício de criação de uma coleção de si é necessário pensarmos a respeito da memória. A memória algumas vezes tem sido pensada de modo errôneo como sendo sinônimo do passado quando são distintos. Esse, pela sua própria particularidade, não pode ser recuperado por inteiro por meio do exercício de rememorar. A memória ao invés de recuperá-lo, inventa-o de acordo com as questões do presente, uma vez que aquela é acionada pelo tempo presente. Sendo assim, é possível que a memória passe por processo de reelaboração, de recriação de sentidos e significados (GOMES, 1996; GAGNEBIN, 2006). Visando minimizar ou evadir-se desse processo de reelaboração, a memória passa por um exercício de enquadramento realizado por seu guardião. Esse, ao tomar para si a função de preservar a memória dos abalos do tempo, cria uma narrativa que será contada de modo a preservar sua estrutura principal, evitando, assim, mudanças. (GOMES, 1996) Esse exercício tanto pode ser feito para conservar a memória de um indivíduo quanto do grupo. No caso do indivíduo, uma forma de enquadrar sua memória é a construção dos arquivos pessoais, como exploramos acima, no caso de um grupo esse enquadramento pode ser realizado por meio da construção de museus, monumentos, produção de uma história, criação de personagens importantes que podem ter suas histórias de vida ligadas de modo intrínseco a história do grupo ou da cidade.

A produção de uma memória comum, segundo Michel Pollak (1989), reforça a coesão social, muitas vezes, por meio da construção da adesão afetiva. Esta cria nos participantes do grupo a sensação de estarem intimamente ligados a ele devido ao fato de compartilharem um passado em comum. Somado a ele, há os pontos de

referências que servem de suporte para construção de identidades. Esta construção está relacionada à produção de uma memória comum ou memória coletiva. Para produzi-la e enquadrá-la são escolhidos os guardiões da memória que, de acordo com Angela de Castro Gomes (1996), recebem a tarefa de conservar a memória.

Por meio da Coleção Mossoroense, Vingt-un Rosado se apropriou de memórias sobre Mossoró para produzir representações, como a de era a cidade da liberdade, e as colocou em circulação por meio dos livros da Coleção Mossoroense ajudando a produzir o "País de Mossoró". A produção de representações sobre Mossoró auxiliava a construir uma fronteira simbólica entre nós e os outros, delimitando não apenas seu espaço geográfico, mas também seu espaço simbólico, criando para a cidade características peculiares capazes de distingui-la das demais cidades do estado do Rio Grande do Norte. A representação que Vingt-un Rosado buscava criar para Mossoró seguia os moldes da constituição da representação nacional forjada a partir da criação de heróis, marcos referenciais, feriados e festas.

Segundo Aécio Cândido de Sousa (2004), Vingt-un Rosado pode ser entendido dentro de uma elite dotada de projeto civilizatório para a cidade, não é apenas uma elite ostentatória, pois buscava produzir melhorias para o espaço. Ainda segundo o mesmo autor, o projeto de Vingt-un foi estruturado por meio de duas vias: a Coleção Mossoroense e a Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM). A ideia de que se preocupava com a cidade e com o Oeste Potiguar é recorrente nas correspondências recebidas por ele. Seus amigos mostravam ter admiração tanto pela sua obra quanto pelo esforço e dedicação ao trabalho; chegavam a nomeá-lo como "Um homem que vale uma instituição" (SOARES *apud* Maia, 1982, p. 85), "O homem-exceção de Mossoró" (LIMA *apud* MAIA, 1982, p. 15), "Um trabalho de gigante do professor Vingt-un Rosado" (ARRUDA *apud* MAIA, 1982, p. 48). Esses tipos de expressões e tantas outras citadas pelas pessoas que compunham sua rede de sociabilidade auxiliaram na produção da identidade de intelectual de Vingt-un.

Somado a História Cultural, dialogamos com a História Intelectual para entender o conceito de intelectual. O historiador francês Jean-François Sirinelli (1996) situa o reaparecimento da História Intelectual no cenário historiográfico como tendo acontecido a partir da segunda metade da década de 1970. O olhar lançado sobre ela foi possível devido às discussões presentes na Nova História Política que permitiram

aos historiadores estudar a política por novos enfoques deixando de ser apenas a história dos grandes homens estadistas e da Nação. Um desses novos enfoques é justamente a História dos Intelectuais, ao estudar um indivíduo é possível por meio dele entender a sociedade na qual ele está inserido e levantar questões sobre o seu tempo histórico. De acordo com Sirinelli, a História dos Intelectuais permite um diálogo entre História Cultural e História Política.

Uma das dificuldades trazidas pela História Intelectual é a respeito de definir o sentido da palavra intelectual. Diante dessa dificuldade, Sirinelli não traz a solução, mas propõe uma delimitação do problema em torno de duas possíveis definições para a palavra intelectual. A primeira é numa perspectiva sociocultural, nela o autor entende como sendo intelectuais os criadores e/ou mediadores culturais, como exemplo, os jornalistas, escritores e professores. A segunda definição é baseada no engajamento social, nesse sentido, o intelectual é entendido como ator social que assume um ponto de destaque e intervenção na sua sociedade. As duas definições não devem ser pensadas como sendo separadas, já que a primeira ajuda a legitimar a segunda, pois as duas, segundo o autor, são elementos socioculturais. É o saber que o indivíduo domina que faz com que seja reconhecido por seus pares e permite a ele o direito de intervir na sociedade. Deste modo, as duas significações devem ser pensadas imbricadas. (SIRINELLI, 1996)

É justamente a partir dessa definição de Sirinelli que investigamos Jerônimo Vingt-un Rosado Maia. Intelectual que compilou e fez publicar diversos documentos sobre a cidade de Mossoró, sobre a seca, sobre si e sobre a sua família por meio da Coleção Mossoroense. Através desse seu exercício de editoração e publicação elaborou representações sobre a cidade, sobre si mesmo e sobre sua família, os Rosado. Por meio de sua escrita fez a cidade espelho de si mesmo no qual refletia suas ideias, seu nome; ao mesmo tempo que se fez espelho da cidade uma vez que era visto como sendo o guardião da cultura e da memória mossoroense.

A partir das representações criadas por Vingt-un Rosado, em suas obras, pesquisadores e historiadores produziram e produzem outras representações a respeito de Mossoró. Por meio desse processo, Vingt-un atribuía sentidos a cidade; ao seu lugar dentro do campo social, familiar e político, à sua família. Somado ao conceito de representação, utilizaremos o conceito de apropriação para entendermos

como Jerônimo Vingt-un Rosado Maia se apropria das fontes históricas em suas pesquisas, assim levantamos inferências a respeito de como entendia a história e o fazer do historiador; das cartas recebidas, sejam elas enviadas por amigos íntimos ou por instituições, para criar para si a imagem de intelectual a serviço de Mossoró.

Vale salientar que os intelectuais bem como suas obras estão inseridos dentro de um campo político-cultural. Entender a formação e constituição desse campo auxilia a entender a elaboração da obra bem como sua capacidade de inserção e aceitação dentro da sociedade. Para Pierre Bourdieu (2010), o poder não se legitima pela força, pela coação; sua aceitação encontra-se em símbolos, no caso de um país no uso de bandeira, hino, festas. O símbolo confere ao poder uma áurea de legitimidade dando sentido ao mesmo, representa-o e ao mesmo tempo o reproduz uma vez que a representação tem poder de promover a ação. Sendo assim, para que o poder político da família Rosado seja reconhecido e aceito é preciso que venha revestido de simbologia, por isso, a produção de uma história que legitime o mesmo, produção de uma ligação entre a história da cidade e a história dos Rosados.

A produção dessa história só faz sentido ao grupo porque eles partilham da mesma comunidade de sentido, o que Roger Chartier (1990, 2002) nomeia como sendo comunidade interpretativa. Participar de uma comunidade interpretativa significa que os participantes compartilham dos mesmos referenciais que dão sentindo e permitem o entendimento de ideias, formas de viver e ser no mundo. No caso de Vingt-un Rosado, participar de uma comunidade interpretativa significava em grande medida partilhar das ideias a respeito do que era a cultura mossoroense, do que era a história de Mossoró, do que era a seca e o semiárido.

A ideia de comunidade interpretativa deve ser pensada relacionada à rede de sociabilidade. De acordo com Sirinelli (1996), o historiador ao estudar os intelectuais deve levar em consideração que eles constroem e compartilham sensibilidades com outros intelectuais formando, assim, uma rede de sociabilidade. Essa pode ser formada em torno de gabinetes de leitura, de cafés, de clubes, de revistas, de jornais, de editoras. Frequentar um desses espaços de sociabilidade intelectual e ser aceito pelos membros dele faz parte do protocolo de reconhecimento como homem de saber, como intelectual dentro de certo espaço histórico e temporal. Pois, o intelectual é fruto

de sua época e está inserido dentro das discussões existentes nela, seja concordando ou discordando delas.

Segundo Juçara Luzia Leite (2002), a partir da investigação da vida e da análise da produção de um intelectual é possível entender o que uma época pensava a respeito de si, quais as visões de mundo defendidas e as rejeitadas, quais as memórias silenciadas e quais as permitidas e dadas a lembrar. Deste modo, o intelectual deve ser pensando dentro de sua época e inserido nas discussões existentes no momento.

Nossa pesquisa foi norteada pela hipótese de trabalho de que Vingt-un fazia uso da Coleção Mossoroense e da Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM) como espaços de circulação de ideias suas e de autores locais que discutiam a história da cidade e sobre a seca para produzir uma memória para a mesma. Dessa forma, intelectuais como Vingt-un forjavam, aos poucos, uma identidade de cidade pioneira, corajosa, libertadora, apta a ser apropriada por seus habitantes. Concomitantemente, Vingt-un construiu para si a representação de intelectual preocupado com o desenvolvimento de Mossoró e possuidor de projeto de modernização para a mesma relacionado à construção de Biblioteca, Museu, e Faculdade.

Para consecução de nossos objetivos, privilegiamos como fontes de pesquisa o arquivo pessoal de Vingt-un Rosado que se encontra sobre a guarda da Fundação Vingt-un Rosado (FVR), criada por ele no ano de 1996. Somado ao arquivo pessoal, também fizemos usos de livros da Coleção Mossoroense e exemplares dos jornais *O Mossoroense, Gazeta do Oeste* e *Jornal De Fato*. Os livros da Coleção Mossoroense podem ser encontrados na Biblioteca Municipal Ney Pontes, na Biblioteca Central da Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA, antiga ESAM) e na própria FVR. Com relação aos jornais, eles foram encontrados na Biblioteca Municipal Ney Pontes e no Museu Municipal Lauro Escóssia.

Para esta pesquisa, entendemos o arquivo pessoal de Vingt-un Rosado como uma manifestação da escrita de si, uma vez que nos ofereceu vestígios a respeito de como ele via a si mesmo e de como desejava ser visto pelos outros. Os arquivos pessoais como fonte de pesquisa requerem por parte do historiador atenção diferenciada, é importante analisar os tipos de documentos que compõem o arquivo (cartas, fotos, livros, prêmios), mas também a forma como o proprietário organizava o mesmo, pois

o que se guarda é fruto, de acordo com Philipe Artieres (1998), da seleção e do desejo de construir para si uma auto-imagem, uma imagem representacional de si mesmo que auxilia na elaboração de uma identidade para si, mas também para apresentar aos outros. Uma vez que para Artières, o arquivamento de si é um ato biográfico. Sendo assim, ao pesquisar no arquivo privado pessoal de Vingt-un Rosado levamos em consideração a forma como o mesmo foi organizado, também entendemos que tal arquivo não possui hoje a mesma organização existente no período que seu proprietário era vivo. No arquivo pessoal de Vingt-un, analisamos principalmente a sua correspondência passiva e ativa atentando para os assuntos existentes na carta, a relação entre remetente e destinatário, a materialidade da carta. Destacamos esse ponto a respeito da materialidade das cartas, pois, segundo Roger Chartier (2007), a forma na qual o texto é apresentado ao leitor interfere no sentido do mesmo. Como as cartas foram publicadas em livros, não há como saber se elas eram escritas, por exemplo, em papel timbrado, se tinham rasuras, se tinham grifos feitos pelo destinatário no ato de leitura da missiva.

De acordo com Sérgio Miceli (2001), as cartas auxiliam ao pesquisador no processo de mapeamento e reconstituição da rede de sociabilidade do destinatário, exercício importante no estudo sobre intelectuais. Uma vez que por meio da investigação da rede de sociabilidade de Vingt-un Rosado foi possível investigar como ele construiu para si a representação de que era um intelectual a serviço de Mossoró.

Além de mapear a rede de sociabilidade, as cartas também ajudaram a entender um pouco a respeito dos motivos que motivaram seus remetentes a escreverem. Na correspondência trocada entre amigos, alguns assuntos eram recorrentes como o pedido de livros da Coleção Mossoroense, publicação de livros, pedidos de informações para complementar pesquisas em andamento, pedidos de colocação. Nas cartas enviadas por Isaura Rosado Maia, mãe de Vingt-un, os assuntos versavam sobre sonhos e expectativas, amor e saudade, saúde e doença, partida e chegada. Foi a partir desses elementos existentes nas cartas e elaborarmos categorias de análise para lê-las. Nas cartas entre amigos, escolhemos pedido como sendo nossa categoria de análise, por sua vez, nas cartas enviadas por sua mãe, escolhemos cotidiano como categoria de análise.

Além das cartas existentes em seu arquivo pessoal, Vingt-un também editou e publicou algumas de suas cartas por meio da Coleção Mossoroense, isso faz com que as mesmas devam ser analisadas enquanto correspondência que visava comunicar algo ao seu destinatário, em particular; mas, também como um livro de epístolas no qual as mesmas foram devidamente selecionadas e ordenadas para compor livros em homenagem a Vingt-un Rosado em diversos momentos de sua vida, como por exemplo, o editado em comemoração ao seu aniversário de sessenta anos de vida (MAIA, 1980). Para Sérgio Miceli (2001), esse tipo de livro tem a função de reforçar laços de solidariedade entre os membros de um grupo.

Somados aos arquivos pessoais, analisamos livros da Coleção Mossoroense sendo esses *48 meses na vida da ESAM (MARÇO/74 A MARÇO/78)* (AMORIM; ALMEIDA; ROSADO, 1978), *Vingt-un e a ESAM* (BARBOSA, 1990), *Vingt-un* (MAIAM 1980), *ESAM, única Escola de Agronomia do Brasil semi-árido* (ROSADO; ALMEIDA, 1974), *Antônio Campos e Silva, numa viagem de 14 anos através de 50 cartas* (ROSADO, 1973), *Notícias sobre a Batalha da Cultura* (ROSADO, 1978), *Notícias sobre a Fundação Guimarães Duque* (ROSADO, 1980), *Minhas memórias da Batalha da Cultura* (ROSADO, 2000, 2001a, 2001b, 2001c, 2001d, 2001e, 2001f) para entender a respeito da "Batalha da Cultura", o processo de construção da ESAM e de sua relação com Vingt-un, e a construção de Vingt-un como intelectual a serviço de Mossoró.

Com relação aos jornais, fizemos levantamento dos jornais que falavam de Vingt-un, da ESAM, e do seu falecimento. Para tanto, analisamos exemplares dos jornais *O Mossoroense, Gazeta do Oeste, Jornal De Fato*. Ao analisarmos os periódicos é preciso levar em consideração que os periódicos não são uma entidade ou ser que tenha vida própria, é um nome que representa um grupo e os interesses dele. Deste modo, ao ler e analisar os jornais em questão é importante levar em consideração o grupo editorial que produz o mesmo bem como suas vinculações políticas. Além disso, deve-se analisar a forma do mesmo, pois ela interfere no sentido atribuído ao texto.

Com relação a estrutura da nossa tese, ela é dividida em três capítulos. O primeiro capítulo é intitulado *O intelectual e a sua correspondência*, nele analisamos a sua correspondência, tanto a que encontramos na Fundação Vingt-un Rosado, quanto à correspondência que foi editada e publicada pela Coleção Mossoroense. Analisamos

com o propósito de investigar como Vingt-un construiu para si a representação de que era um intelectual a serviço de Mossoró bem como a representação de que sua família servia a Mossoró. Para tanto, trabalhamos com a noção de campo intelectual (BOURDIEU, 2002), e os conceitos de representação, apropriação, circulação e comunidade interpretativa (CHARTIER, 1990, 2002).

No segundo capítulo intitulado *O intelectual e a Coleção Mossoroense* analisamos a Coleção Mossoroense com o objetivo de investigar como por meio dela, Vingt-un e sua comunidade interpretativa produziu e colocou em circulação representações a respeito de si, de sua família e de Mossoró. Para tanto, trabalhamos com o esquema conceitual de Roger Chartier: apropriação, representação e circulação. (CHARTIER, 1990, 2002). Também fazemos uso do conceito de comunidade interpretativa, pois, entendemos que a Coleção como sendo uma comunidade interpretativa de autores e de leitores. Somado a isso, utilizamos a noção de campo intelectual (BOURDIEU, 2002) para pensar a Coleção Mossoroense. O uso dessa noção nos ajuda a entender como a Coleção vai se tornando, dentro da cidade de Mossoró, um espaço legitimador da produção intelectual.

O terceiro capítulo intitulado *O intelectual e a Escola Superior de Agricultura de Mossoró* investigamos o processo de criação da ESAM, como por meio da ESAM, Vingt-un construiu representações sobre si, sobre Mossoró e sobre sua família, de modo a criar a ideia de que Mossoró era uma cidade voltada para a ciência e para a produção de um saber capaz de intervir sobre o semiárido.

CAPÍTULO 1 – O intelectual e sua correspondência

Rio, 23.V.1983

Prezado Vingt'un

Você é mesmo um batalhador incansável. Fiquei muito admirado com o volume e a qualidade de suas publicações na FGD [Fundação Guimarães Duque]. É um esforço de beneditino!
No Conselho Federal de Cultura estarei mais do que pronto para dar uma penada a seu favor. Comtudo não sou o Presidente e mesmo ele dependerá do parecer de uma das Câmaras. Assim sendo – mesmo apesar da penuria franciscana – que afirmar andar por ai, aconselho o eminente amigo a enviar uma remessa de suas publicações para a biblioteca Hélio Viana (do Conselho) e junto um pedido de auxílio para publicações. Quem sabe, com toda a burocracia brasileira e artimanhas para neutralizar quem trabalha e produz, você teria sorte? No mais, nossos votos de boa saúde para todos da família, com admiração e amizade,

José Candido de Melo Carvalho
Museu Nacional (APVR)[1]

José Candido de Melo Carvalho escreveu para Vingt-un no dia 23 de maio de 1983, para tanto, fez uso de papel timbrado do Serviço Público Federal. Usou esse papel, pois, o seu trabalho lhe permitia isso uma vez que trabalhava no Museu Nacional, chegando a exercer a sua direção entre os anos de 1955 a 1961. No ano em que José Cândido escreveu a carta, a direção do Museu Nacional era exercida por José Henrique Millan, formado em História Natural, que administrou o museu entre os anos de 1982 a 1985. Apesar de não ser presidente, José Cândido se colocou a favor de Vingt-un elogiando o seu trabalho e dizendo que "estarei[ria] mais do que pronto para dar uma penada a seu favor".

A carta não explicitava se Vingt-un havia feito algum pedido de ajuda a José Candido, mas, pelo seu conteúdo, acreditamos que o pedido fosse a respeito de verbas para

[1] Ao longo da tese, os leitores perceberão que algumas palavras possuem grafia divergente da forma como escrevemos hoje. Essa divergência está relacionada a nossa opção por mantermos a grafia existentes nas fontes de pesquisa. Acreditamos que preservar a grafia das palavras ajudaria a ambientar os leitores no tempo histórico no qual as fontes foram escritas bem como ajudaria a entender que aqueles que escrevem possuem níveis diferentes de domínio da escrita.

publicações de obras da Editora Coleção Mossoroense. Os livros publicados por esta editora não tinham fins lucrativos, eram doados a bibliotecas de universidades do Brasil e do exterior, a pesquisadores e professores, pois, o propósito defendido por Vingt-un era fazer da editora um espaço de difusão do conhecimento científico, que em outras palavras seria a popularização da ciência. Por meio da popularização da ciência seria possível promover intervenção em um espaço de modo a produzir melhorias para ele, ajudando-o no desenvolvimento. A Editora Coleção Mossoroense foi o espaço por meio do qual se publicou livros a respeito de Mossoró, da seca e suas implicações no semiárido, sobre o oeste potiguar e sobre o Rio Grande do Norte, sobre a família Rosado.

Como a editora não tinha fins lucrativos, muitas vezes a edição de livros novos só era possível por meio de doações de recursos ou da realização de parcerias com universidades, bancos, a exemplo das parcerias feitas com a Universidade Federal do Ceará (UFC), a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e com o Banco do Nordeste (BNB). Essas parcerias eram acionadas e firmadas por meio de trocas de cartas e ofícios, como, por exemplo, o ofício nº 38/79 do dia 31 de agosto de 1979 endereçado ao Reitor da UFRN, da época. Vingt-un apresentou uma lista com 14 títulos que pretendia publicar pela Coleção Mossoroense, mas, que para tanto, precisava de recursos.

Logo no início do citado ofício, Vingt-un fez uso de uma frase emblemática “vou responde-lo na qualidade de ‘trabalhador braçal da Cultura’ nestes rincoes potiguares.” (Ofício nº 38/79 do dia 31 de agosto de 1979). Nessa frase, Vingt-un movimentou duas representações, uma a respeito de si, outra sobre a cidade de Mossoró. A primeira representação colocada no ofício era a de que ele era um “trabalhador braçal da Cultura”. E quais os sentidos colocados em movimento por meio dessa representação? Colocar-se como trabalhador braçal significava em grande medida dizer que o trabalho de pesquisa, escrita e produção de livros não envolvia apenas o intelecto, era também um trabalho braçal que às vezes se caracterizava como árduo e requeria dele uma grande dedicação tanto para a pesquisa que envolvia procurar e reunir fontes de pesquisa, catalogar, escrever cartas pedindo informações, como para conseguir aliados que ajudassem na publicação dos livros.

A outra representação que Vingt-un colocou em movimento foi a de que falava de um lugar específico “rincoes potiguares”. De acordo com o Grande Dicionário Enciclopédico Brasileiro Ilustrado (1978), um dos significados para a palavra rincão é recanto, lugar muito abrigado, região. Ao dizer que escrevia dos “rincoes potiguares” Vingt-un se inscrevia em um espaço específico distante da capital Natal, diferente do litoral. O seu espaço era o semiárido, marcado pela vegetação da caatinga e pelo calor. Ao criar a diferenciação, ele agregava valor ao seu espaço que era relacionado a sua experiência, a memória e as relações de poder envolvidas no espaço. Esse exercício de Vingt-un colocava Mossoró como sendo diferente da capital e com outras necessidades, precisando de outros investimentos. Era um espaço ímpar marcado por uma identidade criada a partir da memória local compartilhada pelos habitantes. A partir dela foram pinçados acontecimentos históricos que serviram de marcos para a produção da identidade de Mossoró, a exemplo, da libertação dos escravos em 30 de setembro de 1883 e da expulsão do Bando de Lampião no ano de 1927. De acordo com José Lacerda Alves Felipe (2001), esses acontecimentos foram organizados por meio da escrita de Vingt-un e de intelectuais, a exemplo de Raimundo Nonato, que compartilhavam com ele sentidos, representações, formas de ser e de estar no mundo, formando deste modo, uma comunidade interpretativa (CHARTIER, 1990, 2002) que se reunia em torno da Coleção Mossoroense.[2] Ao escrever sobre esses acontecimentos, produziu, também, a identidade de que Mossoró era a terra da liberdade e da resistência. Terra que foi nomeada por Vingt-un como sendo o “País de Mossoró”, uma terra diferente de todas as outras, um país imaginário. Que de acordo com Vingt-un, foi uma expressão criada do nada, sem pretensões, mas que tinha o sentido de evidenciar como a cidade era única e que lutava pela liberdade. (CARVALHO, 2012, p. 14)

Mesmo afirmando que a expressão foi algo criado sem intenção, Vingt-un por meio da expressão “País de Mossoró” criou uma representação para Mossoró e para si criou o lugar de representante desse país imaginário que era aberto a chegada de pessoas novas, uma vez que a espacialidade mossoroense, de acordo com Renato Peixoto (2010) era aberta.[3] E inclusive, Vingt-un costumava publicar livros falando a respeito da vinda de pessoas de destaque para a cidade de Mossoró, por exemplo, o livro

[2] Discutiremos a respeito da Coleção Mossoroense no capítulo 2.
[3] Falaremos mais a respeito da espacialidade mossoroense no capítulo 2.

"Rômulo Argentière, o País de Mossoró e outros países"[4] (ROSADO; ROSADO, 2002). Esse exercício de produção de representações e de circulação delas ajudavam a legitimar o seu lugar de intelectual a serviço de Mossoró. Lugar que também era construído por meio de sua correspondência que contribuía na produção de representações sobre ele e a colocá-las em movimento. Sua correspondência e os demais documentos que compõem o seu arquivo pessoal estão sob a guarda da Fundação Vingt-un Rosado, criada no ano de 1995 pelo próprio Vingt-un.

1.1. Arquivo pessoal de Vingt-un Rosado

O Arquivo Pessoal de Vingt-un Rosado (APVR) é composto por cartas ativas e passivas, fotos, boletins escolares dos filhos, desenhos feitos pelos filhos, bilhetes, telegramas, convites de casamento, convites de missa, "santinhos" de campanhas políticas, cartões-postais, recortes de jornais, cadernos de anotações, ofícios, projetos, comprovantes de pagamentos, procurações. Essa diversidade de documentos foi guardada em pastas com abas e elástico, e, em sua lateral foi colado um número em algarismo arábico para indicar a ordem das pastas.

Abrir cada pasta significou encontrar pedaços da história de vida de Vingt-un, de sua família, da história de Mossoró. Cuidado materializado em arquivamento de si. Em cada pasta era possível perceber as camadas de tempo, os sentimentos, as expectativas a respeito da vida e quais os caminhos a serem escolhidos. Os documentos presentes nas pastas não obedecem a uma ordem de organização e de separação de sua natureza, pois, em uma mesma pasta é possível encontrar cartas pessoais juntamente com ofícios relacionados a atuação profissional de Vingt-un no Instituto Brasileiro do Sal (IBS), na Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM), na administração da empresa de extração de gesso de sua família.

[4] Rômulo Argentière era natural Amparo, estado de São Paulo, nascido no ano de 1916, e falecido na cidade de Carnaúba dos Dantas, no ano de 1995. Foi um cientista e astrofísico brasileiro de destaque no cenário nacional. De acordo com Vingt-un, a amizade entre ele e Argentière começou por intermédio de Antônio Campos e Silva. (ROSADO; ROSADO, 2002).

De acordo com Ana Maria de Almeida Camargo (2009), os documentos de um arquivo pessoal ou público tem como uma de suas funções servir de prova, isto é, comprovar alguma ação de indivíduos ou de instituições. Também servem para representar os indivíduos e as instituições mesmo quando aquele já morreu ou a instituição deixou de existir. No caso de intelectuais e/ou artistas, os arquivos pessoais ajudam a entender como era o seu processo de criação, seu círculo de amizade, suas expectativas e anseios bem como contribui para inseri-los dentro do tempo no qual viveram. O arquivo pessoal de Vingt-un permite traçar algumas de suas relações pessoais, vivenciar algumas de suas inquietações, mapear seus interesses, entender o seu gosto pela pesquisa de temas ligado a seca, a paleontologia, a história de Mossoró.

A autora questiona o uso da expressão arquivos pessoais, em seu lugar, sugere o uso da expressão arquivos de pessoas. A troca não é uma questão estilística, para Camargo (2009), é uma forma de evitar confusão com três tipos de arquivos que também fazem uso da expressão arquivos pessoais. O primeiro corresponde aos arquivos existentes em instituições como hospitais e escolas que possuem documentos sobre pessoas a exemplo dos prontuários e fichas médicas, no caso dos hospitais, e fichas de matrícula e histórico escolar, no caso das escolas, que recebem o nome de arquivos pessoais. O segundo se refere a documentos acumulados pelo indivíduo que muitas vezes apresentam, no momento do arquivamento, a dificuldade defini-los como arquivos referentes a vida privada e/ou a vida pública. Por fim, a autora destaca os documentos identitários, no seu sentido restrito, como o cadastro geral de pessoa física (CPF), o registro geral (RG), título de eleitor, carteira de motorista que também são nomeados como sendo documentos pessoais. (CAMARGO, 2009, p. 28). Diante disso, a autora argumenta que o correto seria o uso do nome arquivo de pessoa ao invés de arquivos pessoais. Mesmo fazendo essa defesa, a autora ao longo do texto segue usando a expressão arquivos pessoais por ser a utilizada pela arquivologia.

Camargo (2009) segue orientando a respeito do trato com as fontes do arquivo pessoal. De acordo com a autora, é interessante manter a ordem primeira do arquivo, isto é, procurar conservar a disposição criada pela pessoa que dá nome ao fundo. Este cuidado não é entendido pela autora como um preciosismo, pelo contrário, é uma

forma de permitir outras interpretações a respeito do arquivo. Para ela, se deter apenas na leitura do conteúdo expresso no documento é reduzir as possibilidades de interpretação oferecidas por ele, pois, mais do que o texto escrito documento, é necessário entender as condições de produção. No caso dos arquivos pessoais, este exercício de entender a produção do documento se torna ainda mais difícil, pois nem sempre é possível recompor o contexto de produção do documento e qual a função que foi exercida por ele, no caso de cartas ativas, as vezes não é possível saber se foram realmente enviadas.

Com base nos argumentos da autora, lemos o Arquivo Pessoal de Vingt-un Rosado (APVR) procurando entender como os documentos foram produzidos e inserindo-os no seu contexto de produção. Analisando se as cartas foram enviadas para falar do cotidiano ou para realizar pedidos, a linguagem empregada, o tipo de papel, caneta, ano de produção.

Luciana Quillet Heyman (2009), assim como Camargo (2009), argumenta que é preciso entender o processo de produção do arquivo e entender a sua organização, isto é, saber se o dono do arquivo fazia separação entre os tipos de documentos, se alguém ajudava no seu processo e arquivamento. Para Luciana Heyman, no caso dos arquivos pessoais, a contextualização depende de entender o motivo que levou a pessoa a guardar o documento e, assim, saber qual era a sua intenção acumuladora. Mesmo destacando a importância de entender qual o motivo que leva o indivíduo a produzir um arquivo, a autora ressalta que não devemos supor ou entender que todo arquivo pessoal foi feito com o único intuito de ter uma dimensão autobiográfica, pois, atentar exclusivamente para o caráter autobiográfico significa esquecer a própria condição de todo arquivo que é a de comprovar a existência de acontecimentos, existência de alguém ou a realização de alguma ação. Como afirma Philippe Artières (1998), guardar a si mesmo é uma injunção social. É evidente que em se tratando de arquivo pessoais não se pode deixar de levar em consideração que os documentos que o compõem também são carregados de sentimentos e de vontades individuais, pois, a seleção de um documento ou não é realizada de acordo com critérios particulares dos indivíduos que dão nome ao fundo. Portanto, acreditamos que o arquivo tem duas dimensões que devem ser pensadas como sendo imbricadas, sendo estas, a dimensão comprobatória, função que a arquivística atribui aos arquivos, e

também tem a dimensão autobiográfica, pois, a organização de cartas, fotos, relatórios auxiliam a ordenar a vida de modo a produzir sentidos sobre ela. Diante disso, essas duas dimensões devem ser levadas em consideração quando analisamos um arquivo pessoal. Tais dimensões podem ser identificadas no APVR. O intelectual passou a vida arquivando a si mesmo e esse ato de arquivamento ajudava a provar a sua existência e ao mesmo tempo dar sentido a si mesmo.

O autor André Porto Ancona Lopes (2003) no trabalho com arquivos pessoais ressalta que mesmo a informação presente no documento estando em evidência, não se deve colocá-la como superior ao estudo do suporte que a contem, pois, o suporte também produz sentidos. Nesse sentido, o documento não deve ser entendido como a soma de duas partes (conteúdo e suporte), mas como síntese da informação e do suporte que permite a veiculação da produção. Suporte e informação são frutos de uma vontade que orienta o processo de escolha existente na produção do documento. Significando dizer que tanto a informação quanto o suporte não devem ser vistos como neutros, porém, como sendo carregados de sentido. A escolha do papel, o tipo de escrita, o uso caneta tinteiro, de caneta esferográfica ou máquina de datilografar, a forma de assinar o nome, de iniciar a carta, todos esses elementos devem ser analisados na análise das cartas.

1.2 - As cartas como fonte de pesquisa

As cartas, enquanto fonte de pesquisa, nos possibilitam ler a respeito da intimidade de quem escreveu e de quem a recebeu. Em alguns momentos, causa a impressão de que estamos violando a intimidade do indivíduo, em outros, faz com que nos envolvamos com a escrita dela de modo a nos sentirmos sensibilizados. Com isso, passamos a nos sentirmos um pouco íntimos dos envolvidos no pacto epistolar. Essa sensação de intimidade pode nos conduzir a ilusão de que as cartas falam por si só. Porém, é preciso romper com essa ilusão e ler as cartas como sendo um documento/monumento (LE GOFF, 2003), isto é, são escritas a partir de escolhas que carregam interesses e vontades que movimentam sentidos a respeito daquele que

escreveu, de quem recebeu a carta e a respeito do mundo. E como toda escolha, é desprovida de neutralidade.

Os autores Carlos Eduardo Bezerra e Telma Maciel da Silva (201, p. 61) se apropriam do pensamento de Phillippe Lejeune para explicarem que a carta deve ser entendida como uma partilha que envolve não apenas o remetente e o destinatário. Ela inclui outros correspondentes indiretos que são envolvidos no momento da escrita ou que ficam subentendidos por aquele que lê. Os correspondentes diretos e indiretos compõem uma rede de relações que em alguns casos só encontram nas cartas o seu único registro. (Idem, p. 62). Isso é percebido na correspondência de Vingt-un. Em várias cartas, o remetente escreve não apenas para falar de si, mas também para falar de outras pessoas e/ou em nome delas.

Rio de Janeiro, 7 de abril de 1958
Illmo. Snr.
Dr. Vingt-un Rosado
Mossoró

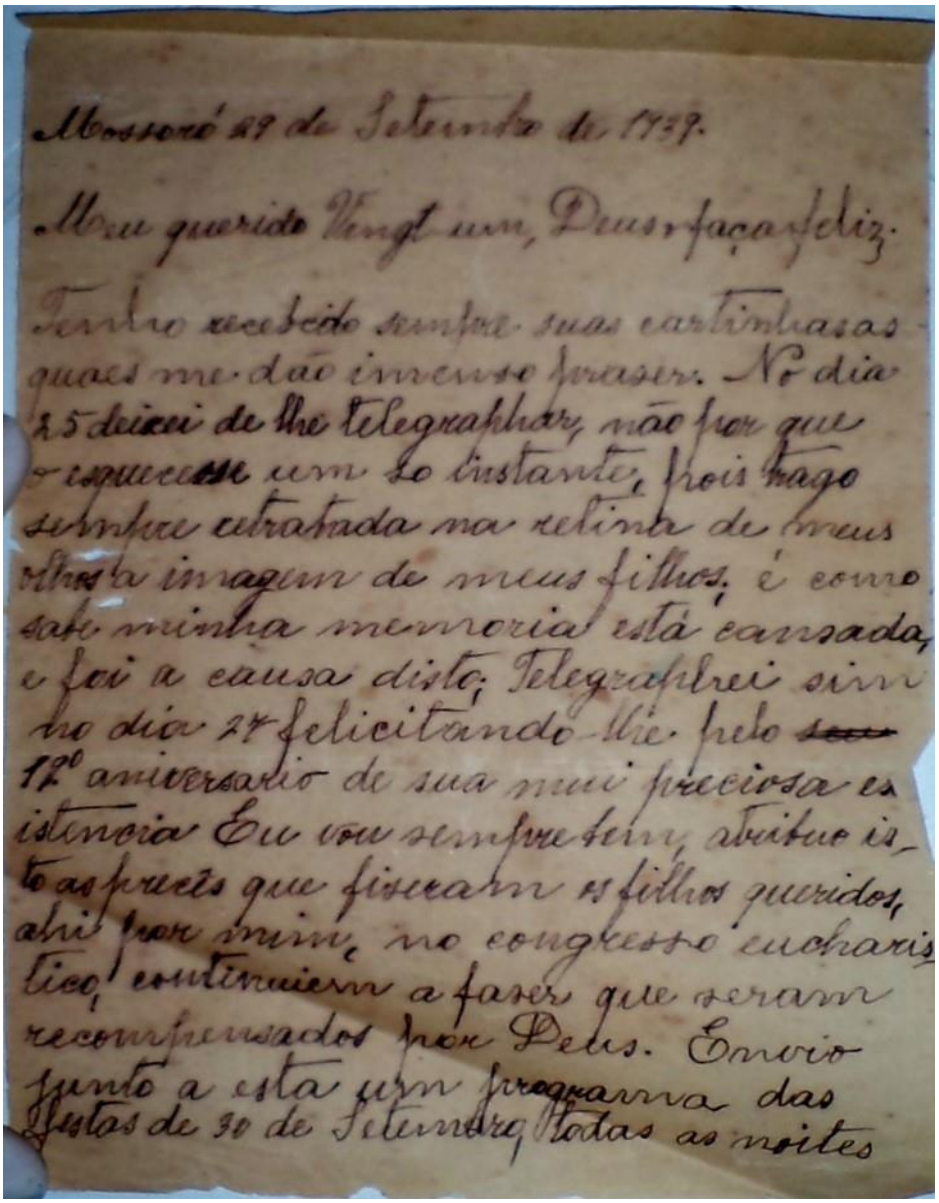
Prezado senhor:
Não tenho o prazer de conhecê-lo pessoalmente, mas já o conheço de nome, por ter lido as suas publicações, e por intermédio do Prof. Emannoel A. Martins, com quem trabalho na D.G.M. [Departamento de Geologia e Mineralogia] do Museu Nacional, onde me dedico à paleontologia.
Tomei a liberdade de escrever-lhe, por o saber grande conhecedor de Mossoró, pois pretendo este ano, excursionar nessa região, e gostaria de saber se posso contar com a sua valiosa colaboração. O meu objetivo é conhecer os afloramentos fossilíferos, e coletar material para estudo, e para isso desejaria que o senhor me informasse qual a melhor época do ano, para essa excursão.
Aproveito a oportunidade para solicitar que me envie suas publicações, as quais leio, quando as mesmas chegam para o Prof. Emannoel.
Aqui estou ao seu inteiro dispor.

Cordialmente
Maria Martha Barbosa
Naturalista Contratado (APVR)

Maria Martha Barbosa era contrata pela Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro) para trabalhar no Museu Nacional vinculado a mesma. No Museu, desempenhava a função de naturalista no Departamento de Geologia e Mineralogia (DGM). Ao escrever a carta, a remetente não falava apenas de si e do seu interesse em obter informações a respeito de Mossoró, também permitiu a inserção de correspondentes indiretos, como é o caso de Emmanoel de Azevedo Martins, professor de Geologia e Mineralogia. Inserir o nome do professor Emmanoel Martins ajudava a remetente a estabelecer uma aproximação com Vingt-un, pois, esse costumava enviar livros da Coleção Mossoroense para aquele.

Carlos Eduardo Bezerra e Telma Maciel da Silva (2010), destacam alguns pontos que podem servir de norte na análise de cartas. O primeiro ponto destacado é a importância de entender como se iniciou o processo de troca de correspondências. Isso permite entender o grau de intimidade entre os correspondentes. Outro ponto destacado pelos autores é identificar os correspondentes, para tanto, os dividem em dois grupos, sendo estes: os envolvidos diretamente e os envolvidos indiretamente. Os primeiros são remetente e destinatário e os segundos são indivíduos que vão sendo citados ao longo das cartas. Os autores também destacam que as cartas estabelecem uma ponte com a biografia ou com autobiografia, pois, na correspondência é possível falar de si mesmo sem o receio de ser criticado, haja vista que ela é inserida dentro do espaço privado. Outro ponto destacado é a respeito da materialidade das cartas. Nesse ponto, Carlos Eduardo Bezerra e Telma Maciel da Silva (2010) compartilham com outros autores a exemplo André Porto Ancona Lopes (2003), Luciana Quillet Heyman (2009), Ana Maria de Almeida Camargo (2009) a respeito da importância de discutir a materialidade dos documentos, no caso em questão, a materialidade das cartas, tipo de papel, tamanho, se possui rasuras, furos, colagem. Na análise da materialidade, inclui analisar o tipo de escrita, ou seja, se o texto foi escrito a mão, datilografo ou se é híbrido, nome que Bezerra e Silva (2010) atribuem as cartas que possuem parte escrita à mão e outra datilografada. As cartas enviadas por D. Isaura Rosado Maia, mãe de Vingt-un, eram sempre escritas a mão, com uma caligrafia elaborada com primor. As cartas enviadas por Raimundo Nonato, amigo pessoal de Vingt-un e intelectual que teve diversos livros publicados pela Coleção Mossoroense, são datilografadas e ao final eram assinadas a mão. Júlio Rosado, sobrinho de Vingt-un, também nutria o hábito de datilografar suas cartas e

depois assiná-las manualmente, em algumas cartas, enviava recortes de jornais contendo matérias que achava ser do interesse de seu tio. O acréscimo de recortes de jornais, fotos, cartões são nomeados por Carlos Eduardo Bezerra e Telma Maciel da Silva (2010) como sendo anexos da correspondência. Nas cartas enviadas por Vingt-un, entendemos o envio de livros como sendo anexos das cartas bem como sendo forma de colocar em circulação representações a seu respeito, a respeito de sua família e da cidade de Mossoró.

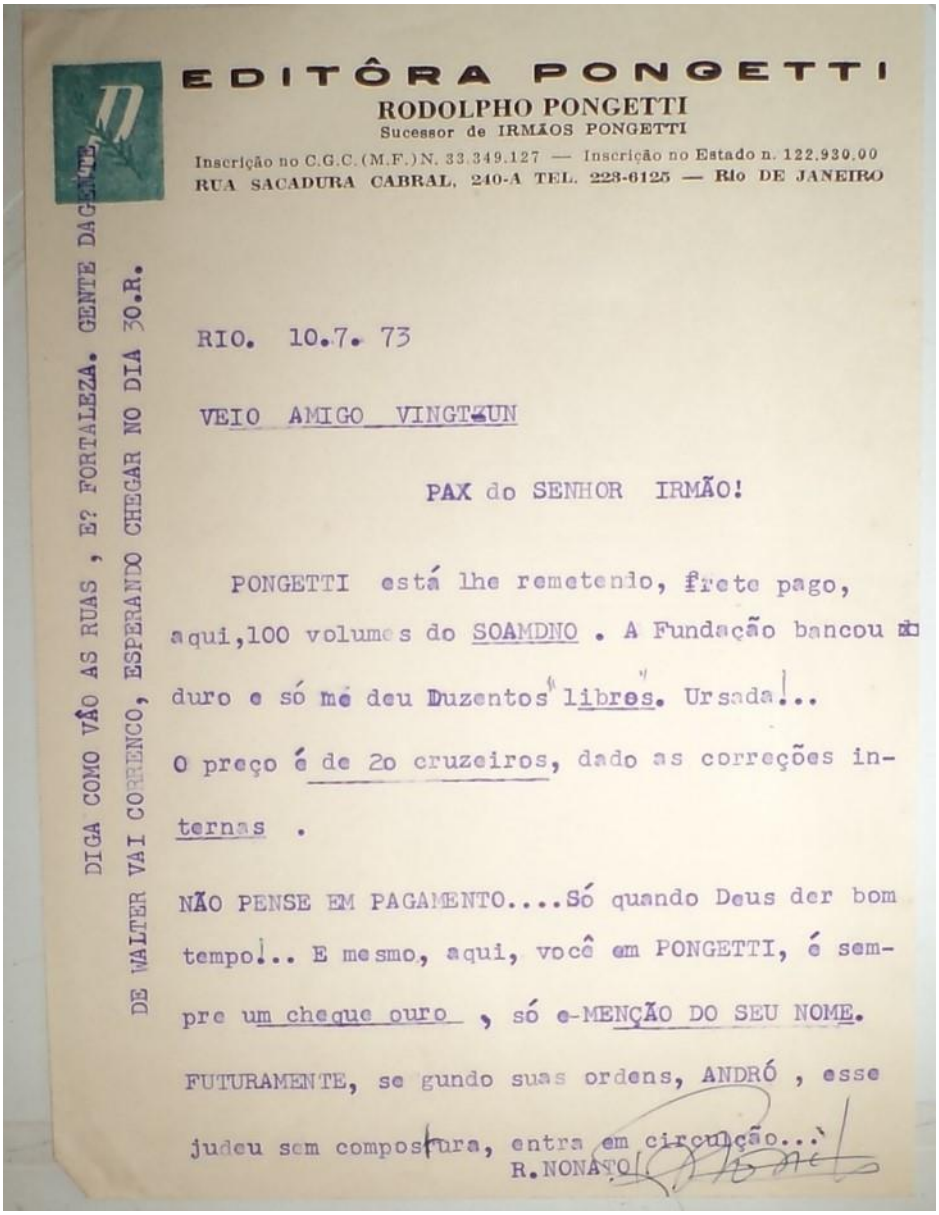


Mossoró 29 de Setembro de 1939.

Meu querido Vingt un, Deus faça feliz.

Tenho recebido sempre suas cartinhas as quaes me dão immenso prazer. No dia 25 deixei de lhe telegraphar, não por que o esquecesse um só instante, pois trago sempre estampada na retina de meus olhos a imagem de meus filhos, é como sabe minha memoria está cansada, e foi a causa disto. Telegraphei sim no dia 27 felicitando-lhe pelo ~~seu~~ 12º anniversario de sua muito preciosa existencia. Eu vou sempre bem, attribuo isto as preces que fizeram os filhos queridos, ahi por mim, no congresso eucharistico, continuem a fazer que serão recompensados por Deus. Envio junto a esta um programma das festas de 30 de Setembro, todas as noites

Imagem 1 Carta enviada por Isaura Rosado Maia. (APVR)



EDITÔRA PONGETTI
RODOLPHO PONGETTI
Sucessor de IRMÃOS PONGETTI
Inscrição no C.G.C.(M.F.)N. 33.349.127 — Inscrição no Estado n. 122.930.00
RUA SACADURA CABRAL, 240-A TEL. 223-6125 — Rio DE JANEIRO

DIGA COMO VÃO AS RUAS , E? FORTALEZA. GENTE DA GENTE,
DE WALTER VAI CORRENCO, ESPERANDO CHEGAR NO DIA 30.R.

RIO. 10.7. 73

VEIO AMIGO VINGT-UN

PAX do SENHOR IRMÃO!

PONGETTI está lhe remetendo, frete pago, aqui,100 volumes do SOAMDNO . A Fundação bancou duro e só me deu Duzentos libres. Ursada!.. O preço é de 2o cruzeiros, dado as correções internas .

NÃO PENSE EM PAGAMENTO....Só quando Deus der bom tempo!.. E mesmo, aqui, você em PONGETTI, é sempre um cheque ouro , só e-MENÇÃO DO SEU NOME.

FUTURAMENTE, se gundo suas ordens, ANDRÓ , esse judeu sem compostura, entra em circulção...

R.NONATO

Imagem 2 Carta enviada por Raimundo Nonato. (APVR)

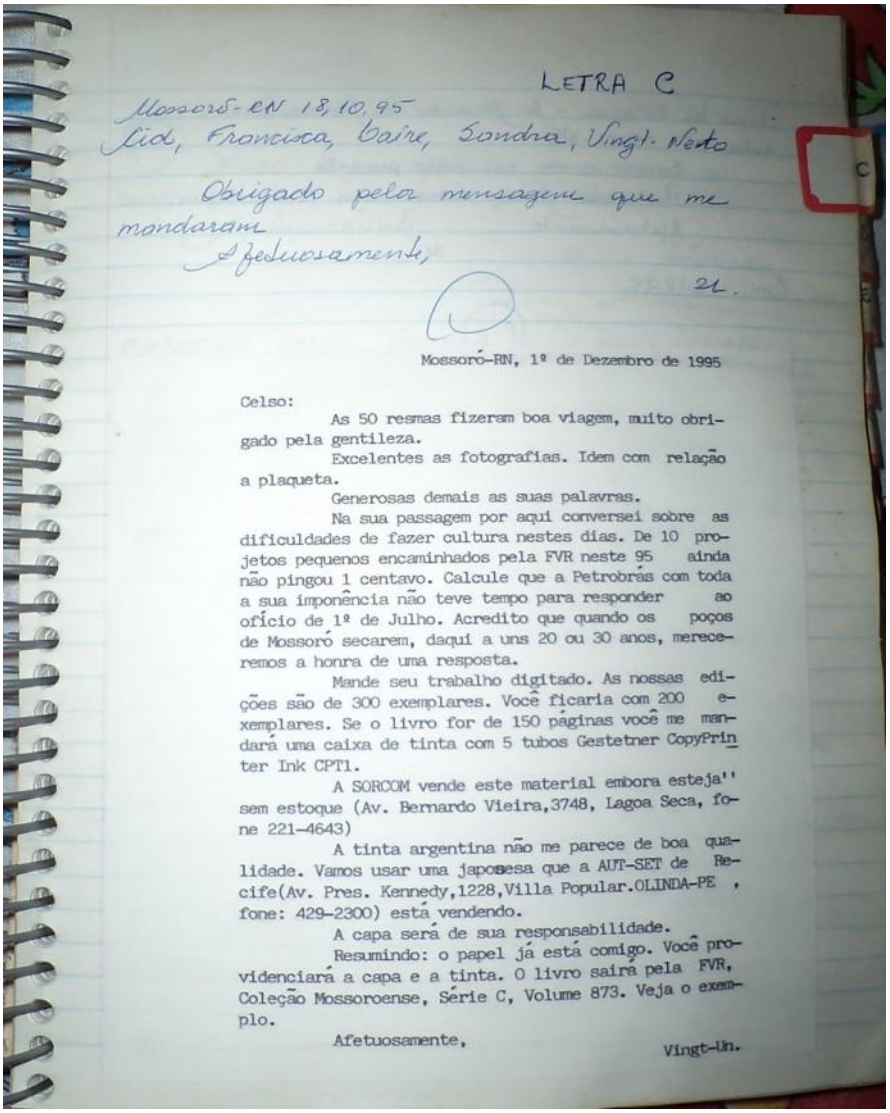
As cartas de Vingt-un Rosado nos permitem ler a respeito de suas ações no âmbito público e privado. Quando nos referimos ao homem público, não estamos falando unicamente das funções que realizou em instituições públicas como a ESAM. Entendemos que o ato de redigir uma carta é uma forma de se tornar público para alguém, de se fazer presente e de se dar a ler. E a medida que a frequência da correspondência crescia, as formalidades íam diminuindo e vínculos eram estabelecidos. A escrita tornava-se menos formal, os assuntos passavam a ser relacionados as miudezas do dia, de modo que, muitas vezes, o cotidiano se tornava

o grande motivo que o levava, assim como seus correspondentes, a se sentarem em frente a uma folha em branco e se colocarem a escrever. E mesmo quando os assuntos pareciam ser meras descrições do cotidiano, era possível mapear e investigar os assuntos bem como o que os envolvidos na correspondência entendiam como sendo importantes para serem narrados. A escolha do assunto e o seu entendimento só era possível, pois, os envolvidos no pacto epistolar, remetente e destinatário, compartilhavam do mesmo universo de sentidos que os instrumentalizavam a entender o assunto expresso na carta e a sentirem sensações que talvez o remetente tenha tentado expressar no ato de sua escrita. Emoções como alegria, tristeza, medo, raiva, esperança, incerteza.

Mas como ter certeza que essas foram realmente as sensações compartilhadas entre os envolvidos no pacto epistolar? Como saber se o remetente ao escrever a carta desejava produzir uma sensação ou invés de outra? Para tentar entender os possíveis sentidos existentes nas cartas é preciso que se investigue o remetente e o destinatário bem como as relações existentes entre eles, a materialidade das cartas, o assunto abordado, a familiaridade com as formas de escrita.

Analisamos as cartas procurando compreender como por meio de sua troca de correspondências construiu para si a representação de que era um intelectual a serviço da cultura de Mossoró. E, ao mesmo tempo que construiu uma representação para si mesmo, como também construiu uma representação para sua família, os Rosado. Ele e sua família são colocados como estando a serviço de Mossoró.

Com relação a correspondência de Vingt-un, as cartas recebidas por ele (cartas passivas) são encontradas em maior quantidade do que as cartas enviadas (correspondência ativa) por ele. Dentre a correspondência ativa, encontramos cartas manuscritas e datilografadas, algumas dessas foram datilografadas em duas vias com papel carbono. A partir do ano de 1995, começamos a perceber que Vingt-un adotou a prática de colar cópias de suas cartas ativas em um caderno e ordená-las por ordem alfabética do destinatário.



LETRA C

Mossoró-RN 18,10,95
Lid, Francisca, Laire, Sandra, Vingt-Neto

Obrigado pelas mensagens que me mandaram

Afetuosamente,

21.

Mossoró-RN, 1º de Dezembro de 1995

Celso:

As 50 resmas fizeram boa viagem, muito obrigado pela gentileza.

Excelentes as fotografias. Idem com relação a plaqueta.

Generosas demais as suas palavras.

Na sua passagem por aqui conversei sobre as dificuldades de fazer cultura nestes dias. De 10 projetos pequenos encaminhados pela FVR neste 95 ainda não pingou 1 centavo. Calcule que a Petrobrás com toda a sua imponência não teve tempo para responder ao ofício de 1º de Julho. Acredito que quando os poços de Mossoró secarem, daqui a uns 20 ou 30 anos, mereceremos a honra de uma resposta.

Mande seu trabalho digitado. As nossas edições são de 300 exemplares. Você ficaria com 200 exemplares. Se o livro for de 150 páginas você me mandará uma caixa de tinta com 5 tubos Gestetner CopyPrinter Ink CPT1.

A SORCOM vende este material embora esteja'' sem estoque (Av. Bernardo Vieira,3748, Lagoa Seca, fone 221-4643)

A tinta argentina não me parece de boa qualidade. Vamos usar uma japonesa que a AUT-SET de Recife(Av. Pres. Kennedy,1228,Villa Popular.OLINDA-PE , fone: 429-2300) está vendendo.

A capa será de sua responsabilidade.

Resumindo: o papel já está comigo. Você providenciará a capa e a tinta. O livro sairá pela FVR, Coleção Mossoroense, Série C, Volume 873. Veja o exemplo.

Afetuosamente,

Vingt-Un.

Imagem 3 Carta ativa de Vingt-un Rosado. (APVR)

Assim, a correspondência que foi encontrada no seu arquivo pessoal nos permite investigar não apenas o texto escrito, mas também, o suporte material no qual o texto foi escrito. O suporte material pode ser visto como um texto que também é dado a ler e que ajuda no entendimento do texto escrito em si. Por isso, ao analisarmos as cartas, guardadas por Vingt-un, levamos em consideração se o papel era timbrado, se a carta foi datilografada ou escrita a mão, se tem acréscimos, grifos, rasuras.

Somado às cartas encontradas na Fundação Vingt-un Rosado, também trabalhamos com cartas que foram publicadas em forma de livros pela Coleção Mossoroense. Tais cartas estão desprovidas de sua materialidade primeira, e isso impossibilita ao

pesquisador analisar se a carta tinha rasuras ou acréscimo no texto, se a carta foi redigida a mão ou datilografada, se o papel utilizado era papel de carta ou um papel timbrado. Em contrapartida, permite levantar perguntas a respeito dos motivos que levaram a publicação de cartas que antes figuravam apenas no cenário privado e traziam assuntos que muitas vezes só eram inteligíveis para os envolvidos na correspondência, isto é, o remetente e o destinatário. Nesse caso é importante levar em consideração que as cartas passaram por um processo de seleção e triagem. Algumas delas foram reunidas em livros que levam o nome de Vingt-un, como se as cartas por si só pudessem descrevê-lo e defini-lo.

De acordo com Thiago Borges de Aguiar (2010, p. 58), a leitura das cartas dispostas em formato de coletânea tem um ritmo diferente do tempo da escrita e, por isso, muitas vezes não permite que o leitor compartilhe com os envolvidos no pacto epistolar, remetente e destinatário, os sentimentos envolvidos no ato da escrita e no recebimento da carta. Compartilhamos com o pensamento do autor e fazemos um acréscimo a ele, a leitura das cartas existentes em um arquivo pessoal também não permite ao pesquisador vivenciar todos os sentimentos envolvidos no pacto epistolar. Não é possível sentir a expectativa da espera vivenciadas pelo remetente e pelo destinatário, nem a alegria de receber a carta tão esperada, nem saber se a carta foi lida em segredo ou se foi compartilhada com outros leitores. Alguns desses silêncios não são preenchidos, outros são minimizados por meio dos vestígios existentes nas cartas.

Vale ressaltar que o trabalho com fontes epistolares vem sendo explorado por historiadores que se debruçam sobre diferentes objetos e temas a exemplo da História da Educação (AGUIAR, 2010), História da Cultura Escrita (GASTAUD, 2009), e da História Intelectual (MICELI, 2001; LEITE, 2002; VENANCIO, 2003). É nessa linha da História Intelectual em diálogo com a Nova História Política e com a História Cultural que se encaixa o nosso trabalho uma vez que compreendemos as relações intelectuais como relações políticas. Uma das dificuldades em estudar intelectuais é a definição da palavra. Diante dessa dificuldade, Jean-François Sirinelli (1996) não traz a solução, mas propõe uma delimitação do problema em torno de duas possíveis definições para a palavra intelectual. A primeira é numa perspectiva sociocultural, nela o autor entende como sendo intelectuais os criadores e/ou mediadores culturais, como

exemplo, os jornalistas, escritores e professores. A segunda definição é baseada no engajamento social, nesse sentido, o intelectual é entendido como ator social que assume um ponto de destaque e intervenção na sua sociedade. As duas definições não devem ser pensadas como sendo separadas, já que a primeira ajuda a legitimar a segunda, pois as duas, segundo o autor, são elementos socioculturais. É o saber que o indivíduo domina que faz com que seja reconhecido por seus pares e permite a ele o direito de intervir na sociedade. Deste modo, as duas significações devem ser pensadas imbricadas. Compartilhamos com o pensamento de Sirinelli e tomamos ele de empréstimo para investigarmos Jerônimo Vingt-un Rosado Maia. Sendo assim, entendemos Vingt-un tanto como produtor quanto como um agente engajado na sociedade, portanto, um intelectual. Todavia, para um intelectual ter projeção dentro da sociedade é preciso que ele seja reconhecido por seus pares, pois, o reconhecimento permite o ingresso dentro do grupo e dá legitimidade a sua fala e a sua ação. No caso de Vingt-un, acreditamos que a sua correspondência ajudava-o no seu processo de legitimação, pois, por meio dela ele fazia circular representações sobre si, sobre sua família e sobre Mossoró.

As cartas de Vingt-un, assim como as cartas de outros intelectuais, auxiliam ao pesquisador no processo de mapeamento e reconstituição da rede de sociabilidade composta por eles (MICELI, 2001). Uma vez que por meio da investigação da rede de sociabilidade de Vingt-un Rosado poderemos ver como o mesmo construiu para si a representação de que era intelectual bem como qual lugar ocupava dentro do campo intelectual da cidade de Mossoró. Isso é possível porque, segundo Sérgio Miceli, as cartas “retêm a marca dos interesses, dos valores e das estratégias dos grupos sociais a que se referem” (MICELI, 2001, p. 349).

Por sua vez**,** Angela de Castro Gomes (2004) afirma que ao usar cartas como fonte de pesquisa é preciso atentar que as mesmas possuem uma particularidade, pois são escritas levando em consideração o seu destinatário. Sendo assim, é preciso investigar o remetente e o destinatário visando encontrar informações a respeito da relação existente entre os dois. E a partir delas, é possível, investigar a respeito da existência de intimidade ou não entre os correspondentes, os motivos da carta, o ritmo da correspondência, a linguagem empregada. Isso é possível, pois a correspondência é “um jogo interativo entre quem escreve e quem lê” (GOMES, 2004, p. 99). Diante

disso, analisamos a correspondência de Vingt-un procurando entender quem era o remetente, no caso das cartas passivas, e quem era o destinatário, no caso das cartas ativas, e quais os vínculos existentes entre eles.

Segundo Gomes (2004), no caso das cartas, o responsável pela guarda e preservação da memória é principalmente o destinatário, uma vez que ele passa a ser o proprietário daquelas. Compartilhamos com o argumento da autora e entendemos que cabia a Vingt-un a escolha de guardar ou não as cartas recebidas por ele. Sua opção foi pela conservação. Vale destacar que não é possível saber se ele guardava todas as cartas recebidas. Também escolheu utilizá-las para auxiliar na construção da sua autoimagem de intelectual.

Giselle Venancio (2003) ao pesquisar o arquivo pessoal de Francisco José de Oliveira Vianna, em especial a sua correspondência, adotou como metodologia de análise explorar não apenas o texto, mas também a materialidade da carta, pois "permite a compreensão dos mecanismos de sua circulação e a sua presença num arquivo, isto é, o conhecimento dos gestos em prol de sua conservação, deixa entrever os critérios que definiram sua importância" (VENÂNCIO, 2003, p. 25-6). Segundo a autora, a sociabilidade de Oliveira Vianna era tecida principalmente por meio de cartas. Ao contrário de Vianna, Vingt-un tecia sua sociabilidade tanto por meio de cartas como de encontros presenciais. Exemplos disso eram as constantes viagens de Vingt-un para conseguir investimentos para a Coleção Mossoroense e para a ESAM, e as Noites de Batalha da Cultura, evento que anualmente no dia 25 de setembro, dia do aniversário de Vingt-un, e tinha como objetivo ser uma noite voltada para o lançamento de livros publicados pela Coleção Mossoroense, sessão de autógrafos, palestras sobre a história de Mossoró. Nesses momentos, Vingt-un conseguia reunir seus amigos e colaboradores para sua "Batalha da Cultura".

Juçara Luzia Leite (2002) também se baseou em fontes epistolares ao estudar as relações de Maria Stella de Novaes com a intelectualidade capixaba. Stella de Novaes tinha a prática de guardar não apenas a sua correspondência passiva, também arquivava a ativa. Isso permitiu a Leite a possibilidade de confrontar os dois tipos e investigar os possíveis usos que Stella Novaes fazia de suas cartas. Assim como Venancio, Leite destaca a importância de analisar a materialidade das cartas, pois auxilia na produção de sentidos. Dessa forma, ao analisar a materialidade das cartas,

Leite pode perceber que Novaes, em algumas cartas passivas, sublinhava palavras, destacava frases, fazia comentários e acréscimos, questionava os argumentos apresentados pelo remetente. Essa análise foi possível, pois, as cartas de Maria Stella de Novaes que compunham o seu arquivo pessoal tiveram a sua materialidade preservada de modo a permite serem lidas e investigadas. Após a morte de Stella, o arquivo pessoal foi legado ao Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.

Maria Stella Novaes, Oliveira Vianna e Vingt-un possuem algo em comum. Os três intelectuais arquivaram as suas correspondências. O exercício de guardar as cartas deve ser entendido como uma forma de guardar documentos comprobatórios e como uma forma de arquivar a si mesmo. E por meio deste arquivamento, o indivíduo busca elaborar uma memória a respeito de si, memória que dará suporte para a produção de sua identidade.

1.4. A vida como narrativa de si

Como damos sentido a nossas vidas? Por meio de qual exercício vamos juntando pedaços de nós de modo a produzir a ideia de unidade? Como o intelectual mossoroense Jerônimo Vingt-un Rosado Maia deu sentido a sua própria vida? Por meio de quais exercícios ele juntou pedaços de si mesmo de modo a produzir a ideia de unidade? Segundo Pierre Bourdieu (1996), para darmos sentido a nossas vidas criamos narrativas explicativas com base em acontecimentos que foram vivenciados por nós ou que de alguma forma se relacionavam as nossas vidas. Tais acontecimentos são selecionados e reorganizados temporalmente de modo a produzir a ideia de que os mesmos se sucedem cronologicamente como se uma vida fosse vivida sempre em linha reta. Ao fazer isso, aquele que narra a sua própria vida suprime de seu relato os acontecimentos desprovidos de brilho, as dúvidas e inseguranças, os desvios que acabam por conduzir a vida para outros caminhos às vezes não imaginados. Os que não foram suprimidos podem passar por um processo de reelaboração e adquirirem outro sentido.

Neste caso, o desvio é tido como sendo parte do devir, do destino que o indivíduo deveria cumprir. Isso é visto deste modo, pois, de acordo com Bourdieu (1996), o senso comum descreve a vida como sendo uma estrada, um trajeto que deve ser percorrido pelo indivíduo. E por ser trajeto, tem começo, meio e fim. Ainda segundo Bourdieu, a palavra fim deve ser entendida de dois modos: primeiramente como término ou conclusão de algo; segundo, como sendo finalidade. Sendo assim, na linguagem simples, a vida teria a sua finalidade que vai se cumprindo e se confirmando ao longo da caminhada até chegar ao fim.

A ideia de unidade atribuída à vida é uma ilusão biográfica uma vez que o indivíduo não é uma unidade, pelo contrário é fragmentado e múltiplo. Cabe à narrativa que se deseja ser biográfica produzir a intenção subjetiva de unidade. Para que possamos produzir relatos que deem sentidos as nossas vidas é necessário que tenhamos algum tipo de vestígio a nosso respeito, em outras palavras, é necessário que arquivemos a nós mesmos. Segundo Philippi Artières (1998), arquivar a si mesmo é uma injunção social, o indivíduo é constantemente obrigado pela sociedade a produzir arquivos sobre si. Tanto arquivo de caráter mais oficial como a certidão de nascimento quanto arquivo ligado a aspectos emocionais de nossas vidas, a exemplo da primeira roupa do bebê. Tais arquivos são usados como comprovação da nossa passagen pela vida e ajudam a dar sentido as nossas vidas e a produzir uma narrativa que dê conta da nossa existência.

O arquivamento não é um processo desprovido de interesses, pelo contrário, é marcado por escolhas que orientam as seleções e a organização do arquivo de si mesmo. Mas de que é composto este arquivo? Em grande medida, os arquivos pessoais são compostos por fotografias, cartas, diários pessoais, livros dentre outros. Por meio da construção deste arquivo e do modo como ele é apropriado e dado a ler, o indivíduo produz representações a respeito de si e do mundo.

Segundo Roger Chartier (1990), a noção de representação supera o conceito de mentalidades empregado pela terceira geração dos Annales, pois, consegue articular de modo mais claro três pontos importantes: a classificação e o recorte das configurações intelectuais, o estudo das práticas, e a investigar as formas como as representações deixam marcas visíveis por meio das instituições. Somado a isso, ainda de acordo com Chartier, a representação promove um afastamento com a

história social e ao mesmo tempo um retorno a ela. Afastamento porque entende que a história não se explica unicamente por meio das lutas econômicas e de classes, aproximação porque as representações são estratégias simbólicas que permitem a ocupação de certas posições dentro do grupo conquistadas por meio das lutas de representações.

Deste modo, concordamos com Chartier (1991) quando afirma que as representações são formas de classificar, nomear e produzir sentidos sobre o mundo que são expressos em práticas cotidianas como ler, escrever e apresentar-se em público. Tais práticas cotidianas adquirem legitimidade quando estão vinculadas a instituições ou a um grupo que compartilhem dos mesmos referenciais de produção de sentido, ao que Chartier (1991) nomeia como sendo comunidades interpretativas.

O conceito de representação em Chartier ajuda-nos a entender como Jerônimo Vingt-un Rosado Maia se construiu como intelectual a serviço de Mossoró e ao se construir como intelectual criou para si e para seu grupo familiar um espaço dentro da cidade de Mossoró. Vejamos, Vingt-un ao se nomear como “um trabalhador braçal da cultura”, “soldado na Batalha da Cultura” produziu sentidos sobre si mesmo como o de que era um trabalhador incansável, de que trabalhava por paixão. Tais sentidos foram expressos por meio de práticas culturais como a escrita e produção de livros, escrita de cartas, discursos, a criação da editora Coleção Mossoroense, a criação da ESAM. Por sua vez, as práticas culturais ajudavam a reforçar as representações já criadas bem como a produzir novas representações. A criação da editora e da escola agrícola foram práticas culturais que acabaram por se tornarem formadoras de comunidades interpretativas que, por sua vez, ajudavam a legitimar as representações sobre Vingt-un, sobre a família Rosado, sobre Mossoró. Além de legitimadora, as comunidades interpretativas ajudavam a colocar as representações em circulação, dando força as mesmas.

A correspondência de Vingt-un contribuiu para produzir e por representações em circulação. Pois, uma carta não apenas leva informações a respeito do assunto, ela também leva informações a respeito de quem a escreve, sendo assim, as cartas escritas por Vingt-un e as recebidas por ele movimentavam representações a respeito dele.

Em 21 de julho de 1981, Vingt-un sentou-se diante do papel em branco para escrever algumas linhas em agradecimento a Gabriela Martin que havia lhe enviado um exemplar da revista acadêmica Clio, datado do ano de 1980. A revista era uma publicação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. Entendemos o envio do exemplar e, especialmente, o motivo de Vingt-un se sentir lisonjeado quando analisamos o sumário da revista. Pois, nele havia um artigo escrito por Gabriela Martin cujo título era *Coleção Arqueologica do Museu de Mossoró (RN)*. Vingt-un aproveitou a carta para agradecer, e inclusive, para falar de si e do seu trabalho em prol da cultura de Mossoró.

> Mossoró, 21 de julho de 1981
>
> Gabriela:
> Chegou-me “Clio”, o excelente Periódico do Curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco.
> Confesso que foi com emoção que li a “Coleção Arqueologica do Museu de Mossoró (RN)”.
> Noventa e nove por cento daquele material como o de Paleontologia chegaram ao Museu pelas minhas mãos.
> O Museu e a Biblioteca Pública nasceram de sugestões minhas ao então Prefeito Dix-Sept Rosado e ambos foram organizados por mim, minha esposa e alguns amigos que nos ajudaram, nos primeiros anos.
> Consegui trazer as Coleções de Jonas de Oliveira Leite e Oswaldo Lamartine.
> A busca do material lítico da Chapada do Apodi foi meu lazer durante alguns anos em que dirigia os trabalhos de campo da Mineração de Gêsso.
> O reencontrar todo este material em publicação de tão algo gabarito foi para mim uma alegria imensa.
> Também agradeço a referência generosa que você fêz a mim e a meu irmão.
> Um abraço muito cordial
> Vingt-un Rosado (APVR)

Ao falar do artigo escrito por Gabriela Martin, Vingt-un acabou por falar de si mesmo. A criação do museu e da biblioteca pública da cidade faziam parte da proposta de Jerônimo Dix-sept Rosado Maia, irmão de Vingt-un, candidato a prefeito de Mossoró. Ação chamada de “Batalha da Cultura”. É interessante pensar que a palavra batalha trazia consigo a ideia de luta e nos permite imaginar que exigiria esforço mental e físico dos envolvidos, talvez seja por isso que Vingt-un falasse de si mesmo como

trabalhador braçal da cultura. A carta nos oferece vestígios de como Vingt-un pensava o museu. Para ele, o museu não seria apenas um espaço reservado para fatos históricos, também era um espaço no qual se contava a história por meio dos fósseis, vestígios paleontológicos. Vingt-un também deixou claro que seu trabalho não foi sozinho, contou com a ajuda de sua esposa América Fernandes Rosado Maia, do seu irmão Jerônimo Dix-huit Rosado Maia e de amigos que ajudaram a coletar livros e materiais que comporiam o museu. A ajuda dos amigos ajudou a criar a ideia de que ele trabalhava em mutirão e reforçava a ideia de "Batalha da Cultura", pois, era uma batalha que seria travada por toda a cidade e não apenas por um indivíduo. Isso ajudava a criar a ideia de colaboração e de união para o grupo.

O arquivo pessoal pode ser entendido como sendo um exercício autobiográfico. Concordamos com Angela de Castro Gomes (2004) e Philippi Artières (1998) que o exercício autobiográfico é o meio pelo qual o indivíduo produz narrativas que dão sentindo a sua existência de modo a criar a ideia de que ele é portador de uma identidade única contribuindo, assim, para construir a sensação de que a vida transcorre por meio de uma linha cronologicamente linear e que o indivíduo vive para cumprir o seu destino. O exercício autobiográfico deve ser pensado em relação com o arquivamento de si, pois, para produzir narrativas sobre si o indivíduo necessita de vestígios materiais a respeito do seu passado, vestígios que simbolizam a materialização de sua memória a exemplo das cartas, fotos, livros, recortes de jornais. Vale destacar que o exercício autobiográfico não é um exercício solitário, pelo contrário, é um exercício que conta com a participação de outras pessoas que produzem representações sobre o indivíduo, e tais representações o auxiliam a construir a si mesmo e a dar sentido a sua vida. Dessa forma, ao estudar o exercício autobiográfico de Jerônimo Vingt-un Rosado Maia, o nosso trabalho passou a dialogar com a biografia.

De acordo com Adriana Barreto de Souza (2012), no Brasil, o debate sobre as possibilidades de relação entre biografia e história começaram com a tradução para o português de artigos de Giovanni Levi e Pierre Bourdieu. Os artigos tratavam sobre as possibilidades e limitações da biografia e foram publicados no livro *Usos e abusos da história oral* (FERREIRA; AMADO, 1996). Souza cita Sabina Loriga (2010) para dizer que um dos motivos que levou os historiadores a não verem a biografia com

bons olhos estava relacionado a crítica que os *annales* faziam a história historicizante que privilegiava o papel do indivíduo dentro da história. Uma vez que o indivíduo era visto como o agente da história, aquele que promovia a mudança ocasionada pelo acontecimento. E, geralmente, este indivíduo era ligado a elite. Com isto, a biografia passou a ser associada a história tradicional, a história política dos grandes homens e dos grandes feitos.

Para Adriana Barreto de Souza (2012), a biografia não é uma exaltação do indivíduo e nem tampouco uma defesa da história tradicional. A biografia é uma das muitas possibilidades de estudar e investigar o passado, de investigar por meio do indivíduo como era a formação escolar em determinada época, as relações familiares, a economia, a política, padrões de beleza e outras questões que podem ser abordadas. Somado a isso, é um espaço que permite investigar as múltiplas interações existentes entre indivíduo e sociedade, indivíduo e o grupo no qual está inserido, e como ele faz uso das regras estabelecidas pelo grupo, como constrói e atribui sentidos para o real.

Para Lívia Beatriz da Conceição (2011), o retorno da biografia está relacionado a outros retornos na historiografia, em especial o da História Política como campo de pesquisa, pois, valoriza o indivíduo dentro da história. Não apenas os grandes homens, o homem comum também é pensado como sujeito da história, sujeito de sua vida e mesmo que viva em sociedade, não se deve pensa-lo como sendo determinado pelo meio. Pelo contrário, a vivência com a sociedade e com o grupo deve ser pensada de modo relacional e como sendo uma constante disputa na qual os envolvidos, o indivíduo e o grupo, vão encontrando formas de negociar limites e imposições, vão construindo identidades para si mesmos. Pois, o indivíduo se constrói socialmente em meio às redes de sociabilidade nas quais está inserido. De modo que, muitas das características exaltadas em um personagem biográfico receberam destaques porque são valorizadas e estimuladas pelo grupo no qual está inserido.

Por sua vez, Ronaldo Conde Aguiar (2000, p. 22) entende que por meio de uma biografia sociológica é possível estudar não apenas o biografado, mas também a época na qual ele viveu. Mas o que seria uma biografia sociológica? De acordo com Aguiar, é uma biografia centrada na vida de um indivíduo e que assume um recorte sociológico, pois, procura analisa-lo dentro de suas relações sociais, dos conflitos, das relações de poder, do campo intelectual no qual está inserido.

Diante disso, concordamos com os autores citados que é possível investigar uma época, uma cidade, uma sociedade por meio da história de vida de um personagem. Assim, ao investigarmos Jerônimo Vingt-un Rosado Maia pretendemos investigar como ele se construiu enquanto intelectual a serviço de Mossoró e como criou representações para si mesmo, para seu grupo familiar e para a sua cidade.

A análise da correspondência é um espaço privilegiado para analisarmos Vingt-un como intelectual e para delinearmos um pouco de sua biografia. Em sua correspondência é possível identificar a repetição de alguns temas como o pedido de informações para complementar pesquisas, envio de livros, publicação de livros, pedido de “colocações” (nome usado para se referir aos pedidos de empregos), empréstimo de dinheiro, envio de notícias de amigos e familiares. Em meio a estes pedidos, as cartas também tratavam das miudezas do cotidiano que compunham as vidas dos envolvidos na correspondência: remetente e destinatário. Por meio da leitura das cartas, é possível ler sobre sonhos e expectativas, amor e saudade, saúde e doença, partidas e chegadas, a chuva que tardava a chegar, mudanças na arquitetura da cidade, as expectativas em torno da Segunda Guerra Mundial. Estes pequenos sinais do cotidiano ajudam a desenhar um pouco de Vingt-un em sua vida privada e pública. Foi a partir desses elementos existentes nas cartas e elaborarmos categorias de análise para lê-las. Nas cartas entre amigos, escolhemos pedido como sendo nossa categoria de análise, por sua vez, nas cartas enviadas por sua mãe, escolhemos cotidiano como categoria de análise.

1.4 – *Querido Vingt-un Deus o abençoi*: cartas enviadas por Isaura Rosado Maia

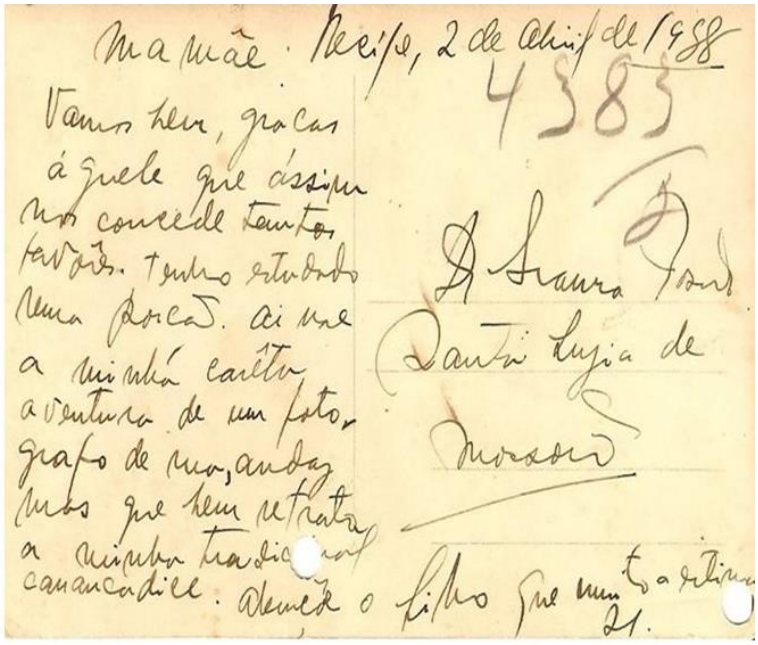


Imagem 4 – Foto de Vingt-un em Recife. (APVR)

Imagem 5 – Verso da foto de Vingt-un em Recife.

Recife, 2 de abril de 1938
Mamãe
Vamos bem, graças àquele que assim nos concede tantos favorês. Tenho estudado uma porção. Ai vae a minha carêta aventura de um fotografo de rua, audaz mas que bem retrata a minha tradicional canancadice.
Abençõe o filho que muito a estima
21

Isaura Rosado Maia e Jerônimo Ribeiro Rosado eram os pais de Vingt-un. Isaura foi tia e mãe dos filhos de Jerônimo Rosado. Isso foi possível, pois, após ficar viúvo de Maria Rosado Maia com quem teve 3 filhos, Jerônimo contraiu novas núpcias com sua cunhada Isaura Rosado Maia com quem teve 18 filhos. Os filhos de Jerônimo traziam uma peculiaridade de serem nomeados por números de acordo com a ordem de nascimento. A prática de nomear os filhos por número iniciou com o terceiro filho a quem deu nome de Tércio Rosado Maia e findou com o vigésimo primeiro filho a quem deu o nome de Jerônimo Vingt-un Rosado Maia. Esse, enquanto residiu fora de Mossoró, manteve uma correspondência ativa com sua mãe, a quem escrevia para

dar informações a respeito dos estudos, dos projetos de futuro, dos amores, do desejo de se casar, das dificuldades da vida de recém-formado.

Imagem 6 Isaura Rosado Maia. Fonte: http://blogdodrlima.blogspot.com.br/2014/01/um-historiador-portugues.html

A correspondência se iniciou quando ele residiu na cidade de Recife, Pernambuco, onde cursou o preparatório pré-engenharia no Ginásio Osvaldo Cruz[5] nos anos de 1937 a 1939. O curso preparatório deve ser entendido a partir da reforma de ensino promovida por Francisco Campos no ano de 1931. O decreto de nº 19. 890 do dia 18 de abril normatizava o ensino secundário no Brasil e determinava que era dividido em dois cursos: fundamental e complementar. O fundamental tinha 5 séries e enfatizava a cultura humanística. O complementar tinha duração de 2 anos e era obrigatório para os alunos que desejassem ingressar no ensino superior. O curso mantinha o seu viés

[5] O Colégio Osvaldo Cruz foi fundado por Aluizio Pessoa de Araújo. Era um colégio de destaque no estado de Pernambuco e fora dele. Por seus corredores e salas passaram alguns filhos de famílias ilustres do nordeste como exemplo podemos citar Ariano Suassuna e José Lins do Rego que eram filhos de famílias envolvidas na política da Paraíba. Outro aluno de destaque, mas que não era de família com posses, foi Paulo Freire. Ele estou no Colégio Osvaldo Cruz porque foi contemplado com uma bolsa de estudos e depois veio a lecionar português nesses mesmo colégio.

propedêutico e estabelecia disciplinas obrigatórias de acordo com os cursos que os alunos desejavam ingressar na universidade. O curso complementar se dividia em três grandes áreas: jurídica, medicina, e engenharia. Vingt-un cursou o preparatório de engenharia.[6]

Em carta do dia 27 de julho de 1938, Isaura escrevia para dizer "Fico sciente da carreira que você quer seguir e faço muitos votos a Deus, para guiar-lhe pª. o caminho da felicidade." A carta não informava qual era a carreira que Vingt-un pretendia seguir, porém, juntando informações fornecidas por outras cartas como se fossem um quebra-cabeças é possível supor que a princípio Vingt-un tenha pensado em ser historiador e só depois se decidiu por fazer agronomia. E mesmo o curso de agronomia não foi uma escolha aplaudida por seu irmão Jerônimo Dix-neuf Rosado Maia que tentou orientá-lo a fazer uma outra escolha profissional.

> Mossoró, 26 de julho de 1938
>
> Vingt-un
>
> Não tenho nenhuma carta sua a responder, entretanto resolvi fazer-lhe esta para lhe explicar um ponto que na sua vida muito poderá valer. **Sei que você está pendido para Agronomia, e como esta carreira é bastante fraca**, principalmente que a sua fama é de um rapaz estudioso, inteligente e cuidadoso, seria esta sua attitude assim, a espécie de um fracasso e consequentemente uma recomendação. Você deve pensa bem, de vez que este passo dado agora será o

[6] **"Art.** 4º O curso complementar, obrigatório para os candidatos à matrícula em determinados institutos de ensino superior, será feito em dois anos de estudo intensivo, com exercícios e trabalhos práticos individuais, e compreenderá as seguintes matérias: Alemão ou Inglês. Latim, Literatura, Geografia, Geofísica o Cosmografia, História da Civilização, Matemática, Física, Química, História natural, Biologia geral, Higiene, Psicologia e Lógica, Sociologia, Noções de Economia e Estatística, História da Filosofia e Desenho.
Art. 5º Para os candidatos à matrícula no curso juridico são disciplinas obrigatórias:
1ª série: Latim - Literatura - História da civilização - Noções de Economia e Estatística - Biologia geral - Psicologia e Lógica.
2ª série Latim - Literatura - Geografia - Higiene - Sociologia - História da Filosofia.
Art. 6º Para os candidatos à matrícula nos cursos de medicina, farmácia e odontologia são disciplinas obrigatórias:
1ª série: Alemão ou Inglês - Matemática - Física - Química - História Natural - Psicologia e Lógica.
2ª série: - Alemão ou Inglês - Física - Química - História natural - Sociologia.
Art. 7º Para os candidatos à matrícula nos cursos de engenharia ou de arquitetura são disciplinas obrigatórias:
1ª série: Matemática - Física - Química - História natural - Geofísica e Cosmografia - Psicologia e Lógica.
2ª série: Matemática - Física - Química - História natural - Sociologia – Desenho" (Decreto n. 19.890 – de 18 de abril de 1931.)

> passo de sua vitoria na vida. Futuramente a familia irá precisar de engenheiro, e tendo uma pessôa formada na familia será muito melhor. **O que você precisa deixar já e já, é a mania de mexer em cousas velhas e passar muito tempo perdido que podia ser aplicado em estudos.** Reflita, combine com Vingt, Mamãe e decida-se. Espero resposta desta carta. Chegará aqui hoje o Dix-sept.
> Abraços
> Dix-neuf (APVR) (grifos nossos)

Dix-neuf não era formado em Farmácia[7], mas supomos que esteve à frente da administração da "Pharmacia e Drogaria Rosado", pois as cartas enviadas por ele para Vingt-un são escritas em papel com o timbre da farmácia. O papel timbrado se explicava porque o Jerônimo Rosado, pai dos enumerados, ao chegar em Mossoró, em 1890, abriu uma farmácia. No período em que Dix-neuf esteve à frente da farmácia, o farmacêutico responsável era seu sobrinho Jerônimo Lahyre de Melo Rosado, filho de Jerônimo Rosado Filho. Enquanto irmão mais velho que ajudava nos custeios das contas de Vingt-un em Recife, Dix-neuf se sentiu com o direito de poder opinar a respeito de seu futuro profissional. "Sei que você está pendido para Agronomia, e como esta carreira é bastante fraca [...]." Dix-neuf escreveu 5 anos depois da regulamentação da profissão de Agrônomo que aconteceu em 9 de setembro de 1933 (OLIVER, 2005) e em um contexto no qual Ministério da Agricultura[8] estava investindo na construção de escolas agrícolas tanto no nível de ensino técnico quanto no ensino superior.

A criação de cursos técnicos visava formar mão de obra capacitada, fixar o homem no campo e modernizar as práticas agrícolas no país. O investimento em cursos superiores de agronomia por parte do Ministério da Agricultura visava formar uma elite intelectual capaz de pensar a respeito dos destinos do país e era voltado em grande medida para os filhos das elites econômicas. Mesmo sendo voltados para a formação de filhos da elite, era visto como uma profissão com menos *status* social em comparação a Direito, Medicina e as demais engenharias. Um dos motivos apontados

[7] As referências encontradas a respeito dele informam que foi um industrial e comerciante. Ver http://www.itaucultural.org.br/rumos/webreportagem/osrosados.htm; http://blogdomendesemendes.blogspot.com.br/2013/01/dix-neuf-rosado.html

[8] O Ministério da Agricultura era responsável por legislar e orientar o ensino das ciências agrárias, enquanto o Ministério da Educação e Saúde, criado em 1930 por Getúlio Vargas, era responsável por legislar e regulamentar as demais áreas de ensino.

por Bruno de Melo Araújo (2013) para essa desvalorização era o fato de ser um saber muito relacionado à terra e ao cultivo da mesma. E devido ao nosso passado escravocrata, o cultivo da terra era associado ao trabalho escravo e ao trabalho de homens livres pobres, os ricos se relacionavam com a terra apenas para mandar e não para trabalhar diretamente com ela.

Outra orientação dada por Dix-neuf a Vingt-un foi “O que você precisa deixar já e já, é a mania de mexer em cousas velhas e passar muito tempo perdido que podia ser aplicado em estudos.” O gosto por andar “mexendo” em cousas velhas foi apontado por Dix-neuf em uma carta enviada em 21 de março de 1939 como sendo o motivo para a reprovação de Vingt-un no curso preparatório de pré-engenharia.

20-21-

> 21 – Você deve deixar imediatamente esta mania de bulir com cousas velhas, e tratar de estudar, para não acontecer o que aconteceu. Confiamos perfeitamente no seu esforço. Lembre-se que não deixa de ser um sacrifício mantermos voceis dois nos estudos. É verdade porem, que é anossa obrigação. Se você fôr reprovado outra vez, será um desastre, pois voltará para o 1 anno. Esperamos que você estude com todo cuidado e interesse. [...]
> 21.3. 1939 (APVR) (Grifos no original)

A carta escrita por Dix-neuf é datada de 21 de março de 1938 e foi datilografada em papel com o timbre da “Pharmacia e Drogaria Rosado de J. Rosado & CIA.” Mesmo sendo datilografada, a carta possuía anotações a mão e grifos também realizados a mão. Acreditamos que os papéis velhos aos quais se refere Dix-neuf estivessem relacionado as pesquisas feitas por Vingt-un e que ajudaram na composição do seu primeiro livro “Mossoró”, publicado em 1940 pela editora Pongetti e com os custos de edição financiados por sua mãe. Mesmo com as recomendações do seu irmão mais velho, o caçula dos irmãos numerados seguiu com sua “mania de bulir com cousas velhas”, pois, em carta escrita por Isaura Rosado para Vingt, ela perguntou a respeito da decisão profissional do seu filho mais novo.

> Mossoró 6 de outubro de 1939
>
> Querido Vingt, Deus o abençoi.
> Hontem tive o praser de receber um cartãozinho seu, o qual respondo.
> [...]
> Como vai Vingt-un? ainda está com muito gosto em ser historiador [?] paresse que é melhor ser engenheiro. Deixo a seu cargo abraçar e a bençoar todos os meus ahi por mim.
> Da mãe e amª. Isaura. (APVR)

De acordo com Bruno Balbino Costa (2012), a formação de Vingt-un em Agronomia foi estratégica para a família Rosado, pois, ele se constituiu como um especialista nos problemas do semiárido e isso dava legitimidade para os Rosado montarem um projeto político de intervenção na cidade de Mossoró. A carta de Dix-neuf nos faz crer que, a princípio, a escolha de Vingt-un pelo curso de Agronomia não esteve relacionada com questões políticas, e inclusive, não foi aplaudida por Dix-neuf que tentou removê-lo dessa opinião.

Em entrevista concedida por Vingt-un aos jornalistas Tácito Costa, Gustavo Porpino e Cid Augusto, no ano de 2003, e a sua ida para a Escola Superior de Agricultura de Lavras (ESAL) foi uma decisão tomada por sua família.

> Eu havia sido reprovado em três vestibulares. Então, o conselho de família se reuniu e disse: vamos tentar mais uma vez, vamos mandá-lo para Lavras, onde estuda Ivan, que era um sobrinho nosso, filho de Aldo Fernandes, uma grande figura humana. E lá fui eu para lavras. Foi minha felicidade: consegui passar e conheci dona América (risos).” (PREÁ, 2003, p. 41)

Mesmo a decisão de Vingt-un ir para Lavras ter sido tomada por meio do que ele nomeia como sendo um conselho familiar. Supomos que essa associação entre a escolha profissional de Vingt-un e o projeto político de sua família tenha sido feita a posteriori durante a campanha de Dix-sept para prefeito da cidade de Mossoró no ano de 1948 e a construção da ESAM em 1967.

Em 1940, Vingt-un segue para Lavras, em Minas Gerais, onde iniciou sua formação em Agronomia na ESAL. E formou-se no ano de 1944. Mas antes de partir para a ESAL, Vingt-un passou um tempo explorando “sertões nordestinos” em busca de jazidas de gipsita.

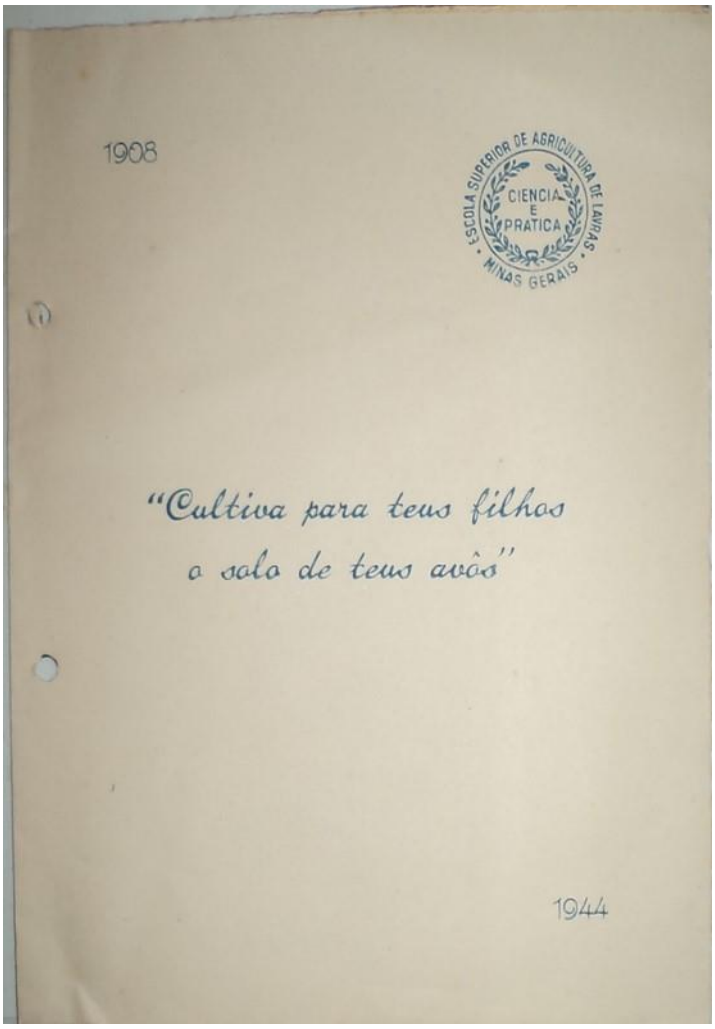
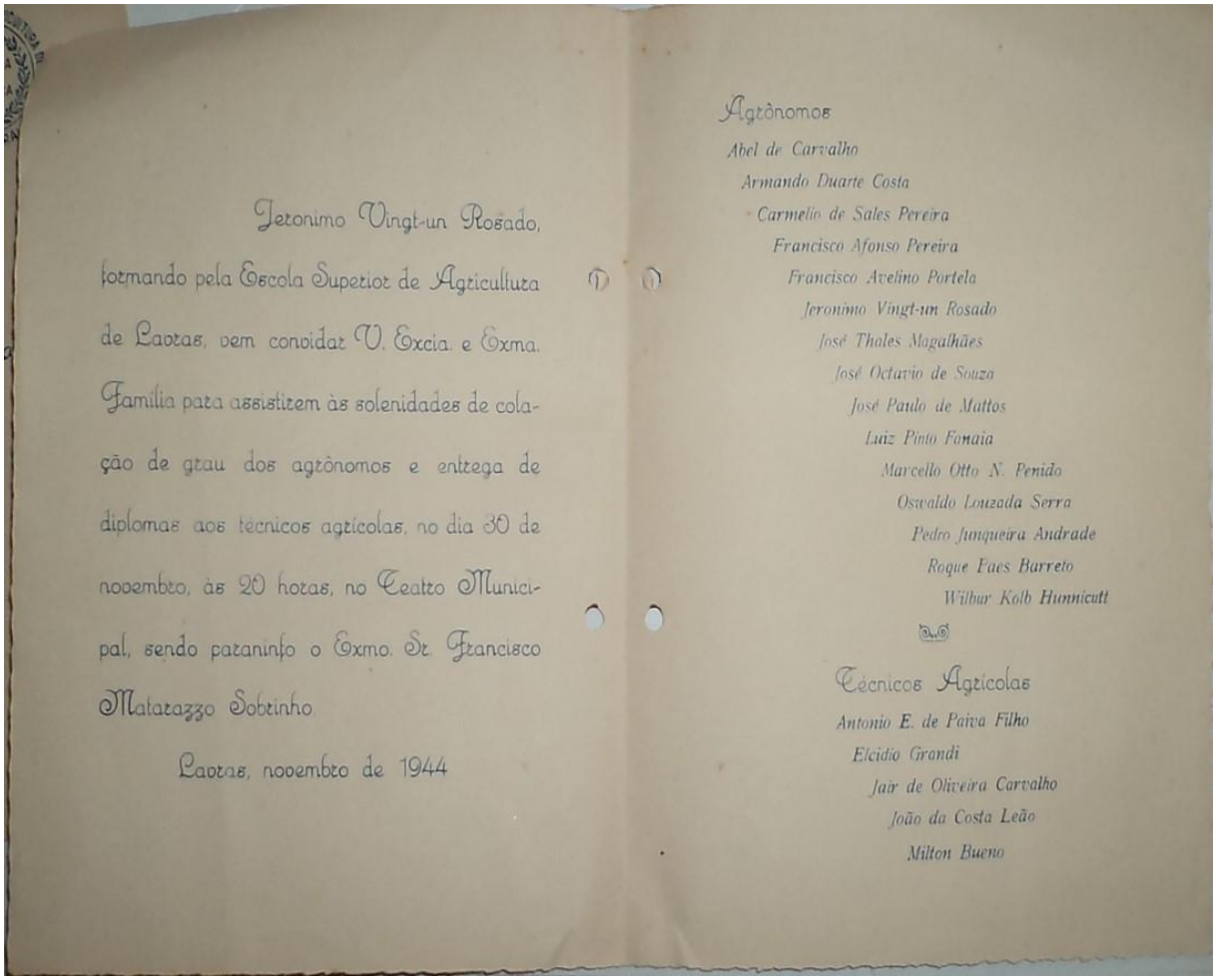


Imagem 7 Convite de Formatura de Vingt-un. (APVR)



Jeronimo Vingt-un Rosado, formando pela Escola Superior de Agricultura de Lavras, vem convidar V. Excia. e Exma. Família para assistirem às solenidades de colação de grau dos agrônomos e entrega de diplomas aos técnicos agrícolas, no dia 30 de novembro, às 20 horas, no Teatro Municipal, sendo paraninfo o Exmo. Sr. Francisco Matarazzo Sobrinho.

Lavras, novembro de 1944

Agrônomos

Abel de Carvalho
Armando Duarte Costa
Carmelio de Sales Pereira
Francisco Afonso Pereira
Francisco Avelino Portela
Jeronimo Vingt-un Rosado
José Thales Magalhães
José Octavio de Souza
José Paulo de Mattos
Luiz Pinto Fonaia
Marcello Otto N. Penido
Oswaldo Louzada Serra
Pedro Junqueira Andrade
Roque Faes Barreto
Wilbur Kolb Hunnicutt

Técnicos Agrícolas

Antonio E. de Paiva Filho
Elcidio Grandi
Jair de Oliveira Carvalho
João da Costa Leão
Milton Bueno

Imagem 8 Convite de formatura de Vingt-un (APVR)

Mossoró 23 de janeiro de 1940.

Querido Vingt-un Deus o abençoi.
Tenho recebido sempre suas cartinhas as quaes me dão muito praser.
[...]
Gostei de vêr o meu viajante através dos sertões nordestinos nas pesquisas do gesso. Estou imformada que v. está estudando de mais, espere no Altíssimo que os seus esforços seram coroados de [inelegível] exito. Termino pedindo a Deus que lhe faça feliz e envio-lhe um apertado abraço Da mãe e assª.
Isaura (APVR)

Ao falar em gesso, Isaura Rosado Maia nos oferece informações a respeito do ramo econômico exercido pela família. Jerônimo Rosado, conhecido como o velho Rosado, iniciou no ano de 1911 o processo de extração de gipsita ou pedra de gesso em suas

terras que eram próximas a cidade de Mossoró, no distrito de São Sebastião[9]. Após a morte de Jerônimo Rosado, em 1930, a extração ficou sobre o controle de seus herdeiros Dix-sept, Dix-neuf e o próprio Vingt-un chegou a passar alguns anos à frente da empresa. A sua atuação à frente da empresa é percebida na correspondência que trocava com seu sobrinho Mário Rosado, filho de Dix-huit Rosado, que residia na cidade do Rio de Janeiro onde administrava uma das filiais da empresa exportadora de gesso. Somado a isso, no ano de 1960, foram expedidos os decretos nº48.999 e nº 49.000 expedidos no dia 4 de outubro de 1960 autorizando "o cidadão brasileiro Jerônimo Vingt-un Rosado Maia a pesquisar gipsita no município de Codó, Estado do Maranhão." (BRASIL, Decreto nº 49.000).

De acordo com Felipe (2001), o auge da extração de gesso aconteceu nas décadas de 1940 e 1950 e deve ser pensada relacionada ao crescimento da construção civil na região sudeste uma vez que a gipsita é utilizada na fabricação de cimento e cerâmica. Talvez a existência da empresa tenha sido um dos motivos que levou Isaura a estimular Vingt-un a abandonar o desejo de ser historiador e ao invés disso abraçar a carreira de engenharia como profissão. O seu trabalho de final de curso de Agronomia, concluído na ESAL no ano de 1994, foi dedicado a memória de seu pai como podemos ver na carta enviada por Isaura no dia 5 de outubro de 1944.

> Mossoró, 5 de Outubro de 1944.
>
> Querido Vingt-un.
>
> Deus lhe abençõe.
> Há dias aguardava com ansiedade suas noticias e muito prazer casou-me o recebimento de sua cartinha.
> [...]
> Cumpriu você o dever sagrado de homenagear a memoria sagrada do seu inexquecivel Pai, dedicando-lhe a sua tese, o produto final da jornada em que empenhou os seus esforços, e que está prestes a se vencer com o auxílio de Deus. (APVR)

[9] O distrito de São Sebastião mudou de nome no ano de 1951 e passou a se chamar Governador Dix-sept Rosado em homenagem póstuma ao governador Dix-sept Rosado que morreu em desastre aéreo no ano de 1951. No ano de 1963, Aluízio Alves, então governador do estado do Rio Grande do Norte, elevou o distrito à categoria de cidade.

A preocupação com a memória de Jerônimo Rosado não foi manifestada apenas por sua esposa Isaura Rosado Maia. Seus filhos também se ocuparam de preservá-la e quando preciso faziam uso dela para legitimarem o seu lugar de fala e de ação.

Após a formatura, Vingt-un não conseguiu de imediato uma colocação, ou seja, um emprego. Em carta datada de 9 de março de 1945, Isaura escreve ao seu filho caçula dizendo que não se preocupasse com as despesas. “Li o que disse você a Vingt, sobre as suas despesas. Não se preocupe com isto, pois o que você gastou na formatura e o que gastar até colocar-se, tudo correrá por minha conta.” (APVR). Não apenas Isaura procurou uma colocação para Vingt-un, ele mesmo tentou conseguir uma por meio de seus amigos. A sua movimentação para consegui-la pode ser percebida na carta de João Baptista Cortês.

> Rio de Janeiro, 6 de maio de 1946.
> Illmo. Snr.
> Dr. Jeronimo Vingt’un Rosado.
> Mossoró – Rio Grande do Norte
>
> Prezado colega.
>
> Acuso o recebimento de sua carta e dois telegramas, chegados ás minhas mãos após grande demora em virtude do encerramento da CBA e de uma viagem que realizei a Lavras.
> Tomei em consideração o seu pedido mas não foi possível realizar qualquer coisa em virtude de um decreto do Presidente suspendendo qualquer nomeação a contar do dia da publicação do mesmo.
> Temos que aguardar o reinicio das nomeações para tratar do seu caso. Quero, entretanto, informar-lhe que não tenho conhecimento com o atual ministro sendo portando quasi nulo o meu esforço nesses assuntos. Assim que v. souber que já se pode conseguir nomeações escreva-me que farei o que estiver ao meu alcance.
>
> João Baptista Côrtes (APVR) (Grifos no original)

O presidente a qual se referia João Baptista Côrtes em sua carta a Vingt-un era Eurico Gaspar Dutra cujo mandato presidencial correspondeu aos anos de 1946 a 1951. E o ministro com o qual o remetente não tinha conhecimento era Manuel Neto Carneiro

Campelo Júnior que ficou à frente do Ministério da Agricultura[10] no período que vai de 31 de janeiro de 1946 a 15 de outubro de 1946. Ele deixou o ministério para concorrer a governador do estado de Pernambuco nas eleições de 1947, mas não obteve êxito, pois perdeu para Barbosa Lima Sobrinho, candidato pelo Partido Social Democrático (PSD).

Os primeiros meses do governo de Dutra foram marcados pelos trabalhos da Assembleia Constituinte para a elaboração de uma nova Constituição para o Brasil em substituição à de 1937. A nova Constituição entrou em vigor em 18 setembro de 1946 e trazia determinações a respeito do ingresso em cargos públicos como ficou estipulado no "Art. 186 – A primeira investidura em cargo de carreira e em outros que a lei determinar efetuar-se-á mediante concurso, precedendo inspeção de saúde" (BRASIL, 1946). A carta de Côrtes antecedia a promulgação da Constituição de 1946, mas deve ser pensada dentro do contexto de redemocratização do país, momento no qual, Dutra reordenou o Brasil tanto politicamente quanto economicamente. Isso é possível perceber nos decretos-lei normatizando as finanças, o quadro de funcionários dos ministérios e o que devia ser gasto para mantê-los.

Cortês não citou o número do decreto, nem o nome do ministro, mas nos permite pensar a respeito de como se davam as nomeações, pelo teor da carta, as nomeações eram conseguidas por meio de relações de indicações e relações de amizades. Tal prática representava uma característica marcante do país nesse momento, para conseguir uma nomeação ou colocação, termo bastante encontrado na correspondência de Vingt-un, era preciso ter amigos bens relacionados e que tivessem contato com pessoas que ocupassem cargos de chefia. Em outras palavras, para ser nomeado, o indivíduo pretendente a vaga precisava fazer movimentar o seu capital social, os amigos em posições importantes ou que conhecessem gente importante. Conseguido o favor desejado, aquele que recebia o favor se encarregava tacitamente de retribuí-lo em outro momento, a não retribuição poderia significar um rompimento e perda de aliados. A carta de Côrtes não nos permite saber se a colocação almejada por Vingt-un era para o estado do Rio de Janeiro ou para o Rio Grande do Norte. O que sabemos por meio de nossas fontes é que Jerônimo Vingt-

[10] Eurico Gaspar Dutra esteve na Presidência da República, três ministros passaram pelo Ministério da Agricultura, sendo eles Manuel Neto Carneiro Campelo Júnior, Daniel Serapião de Carvalho, Antônio Novais Filho.

un Rosado Maia se encontrava residindo em Mossoró no ano de 1947, pois, participou da campanha do seu irmão Dix-sept Rosado para prefeito da cidade de Mossoró.

A correspondência entre Vingt-un e sua mãe segue e no dia 5 de setembro de 1945, ela escrevia uma nova carta na qual encontramos detalhes a respeito da vida de Vingt-un naquele momento. O primeiro deles foi uma excursão realizada por Vingt-un. Isaura não citou os países, mas acreditamos que tenham sido o Uruguai e Argentina. Pois, encontramos em seu arquivo um documento do consulado da Argentina datado de 26 de julho de 1945 autorizando o seu ingresso no país e o consulado que expediu o referido documento era localizado na cidade de Montevidéu, Uruguai. Na mesma missiva, Isaura acrescentou um novo assunto, desta vez, o assunto era o desejo de Vingt-un voltar a residir em Mossoró, para tanto, ele precisaria de uma "colocação".

> A sua pretensão em querer vir colocar-se e morar aqui eu, encheu-me de grande contentamento pois é esse o meu maior desejo.
> Dix-sept vai cogitar de arranjar a sua desejada colocação, que espero em Deus não seja difícil conseguir. (APVR)

Outro ponto abordado na carta foi a "desconvocação" de Vingt-un, pois, ele não foi enviado para lutar como soldado brasileiro na Segunda Guerra Mundial. Talvez, a não ida de Vingt-un para a guerra estivesse relacionada a capacidade que sua mãe teve de mobilizar a seu favor o poder de influência exercido por amigos da família. Essa suposição é pautada no cotejamento de cartas enviadas por Isaura. As cartas dos dias 13 de janeiro e 9 de fevereiro de 1945 nos permitem ver que Isaura pedia para Vingt-un enviar o nome dos seus superiores.

> Mossoró 13 de janeiro de 1945.
> Querido Vingt-un
> Deus lhe abençõe.
>
> [...]
> Recebi uma cartinha do Major Eduardo eis que deseja saber o nome dos oficiais da Unidade onde você serve.
> Peço que escreva com urgencia explicando isto. Você poderá se dirigir ao major ou mandar-me dizer que daqui transmitirei ao mesmo.

[...]
Da mãe que lhe quer muito bem
Isaura (APVR)

Mossoró, 9 de fevereiro de 1945
Querido Vingt-un,
Deus lhe abençõe.
[...]
Peço que decline os nomes dos oficiais que comandam o batalhão do qual você faz parte. Desejo saber, isto para comunicar o Major Eduardo Reis que, por mais de uma vês já tem escrito perguntando.
[...]
Abraços da mãe que lhe quer muito bem
Isaura (APVR)

A “desconvocação” de Vingt-un é citada por Isaura em sua carta do dia 5 de setembro de 1945[11]. “Você deve calcular quanto estou satisfeita com a sua desconvocação e estou aguardando o dia feliz de abraçá-lo que já está bem proximo, se Deus quizer.” (APVR)

As cartas de Isaura que tratavam sobre a Segunda Guerra Mundial se tornam mais inteligíveis quando inseridas no contexto de atuação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. O conflito compreendeu os anos de 1939 até 1945 e polarizou o mundo em dois grupos rivais Aliados e Eixo. Os Aliados eram formados a princípio pela França e Inglaterra, depois contou com a entrada da União Soviética e dos Estados Unidos. E o Eixo era composto pela Itália, Alemanha e Japão. Durante parte do conflito o Brasil se manteve neutro apesar de Getúlio Vargas mostrar inclinações para o nazismo e o governo totalitário de Hitler na Alemanha. A entrada do Brasil na guerra era vista como decisiva para a solução da mesma, pois, a nossa localização geográfica com um grande litoral, e principalmente, a proximidade geográfica da região nordeste em relação os continentes da Europa e da África, fazia com que os nossos portos e aeroportos fossem vistos como fatores importantes para resolver a guerra. Exemplo disso é o estado do Rio Grande do Norte que teve a sua capital, Natal, transformada em base área.

[11] O fim da Segunda Guerra Mundial tem como data o dia 2 de setembro de 1945.

A neutralidade do Brasil durante os primeiros anos da Segunda Guerra Mundial estava ligada ao fato do país manter relações econômicas com os Estados Unidos (EUA) e com a Alemanha. De acordo com Sérgio Trindade (2010), a partir da década de 1930, os investimentos dos EUA no Brasil aumentaram de modo significativo. Mas esse país não era o único a investir em nossa economia, nesse mesmo período a Alemanha começou a fazer comércio com países da América do Sul e isso incluía o Brasil. As relações comerciais firmadas com esses dois países deixavam o Brasil indeciso com relação a quem apoiar durante a Segunda Guerra Mundial. De acordo com Trindade, o comércio entre Alemanha e Brasil cresceu de modo significativo entre os anos de 1933 e 1938. O Brasil vendia algodão e comprava produtos da indústria alemã. Os interesses não eram apenas econômicos também envolviam questões políticas e militares, pois, os alemães queriam o Brasil como aliado político e militar.

Trindade se apropria do pensamento de Thomas Skidmore (apud TRINDADE, 2010) para explicar o papel do Brasil na política externa. Segundo do autor, o presidente Getúlio Vargas procurou barganhar tanto com a Alemanha quanto com os Estados Unidos para obter lucros para o Brasil. O posicionamento do Brasil foi decidido por meio de aliança econômica e política com os EUA que emprestou dinheiro para o Brasil criar a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). O Brasil rompeu diplomaticamente com a Alemanha, no ano de 1942, na Conferência do Rio de Janeiro na qual Osvaldo Aranha representou o Brasil. Em represália, a Alemanha afundou navios brasileiros. Em resposta, o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial, no dia 22 de agosto de 1942, ao lado dos Aliados. Como apoio aos Aliados, o Brasil cedeu bases aéreas e navais no norte e nordeste do país, enviou materiais e no final da guerra enviou tropas que combateram na Itália, a chamada Força Expedicionária Brasileira (FEB).

Foi nesse contexto da Segunda Guerra Mundial que aconteceu a convocação de Vingt-un para atuar na Força Expedicionária Brasileira (FEB). O treinamento foi realizado entre os anos de 1944 e 1945, em quartéis localizados no Estado de Minas Gerais, mais precisamente nas cidades de Ouro Fino, São João Del Rey, Três Rios e Deodoro. O seu treinamento era para servir como soldado padioleiro. Deste modo, seria responsável por transportar os soldados feridos e doentes até o local de

atendimento.[12] Mesmo recebendo o treinamento, Vingt-un não embarcou para a Itália onde iria se juntar os soldados da FEB.

Prosseguindo a análise da carta do dia 5 de setembro, nela Isaura Rosado Maia falava de modo breve da campanha eleitoral que acontecia naquele ano. “Vingt está embalado na politica é um brigadeiro forte. Tem feito muitas viagens ao sertão, muitos meetings etc.” (APVR) Nas eleições de 1945, período de redemocratização do Brasil, os Rosado iniciaram a sua entrada no cenário político do Rio Grande do Norte e também se posicionaram no cenário nacional ao apoiarem o brigadeiro Eduardo Campos, da União Democrática Nacional (UDN), em sua candidatura para presidente da república. Jerônimo Dix-sept Rosado Maia foi o responsável por coordenar a campanha do brigadeiro na região Oeste do estado. Seus irmãos Jerônimo Dix-huit Rosado Maia e Jerônimo Vingt Rosado Maia se lançaram como candidatos a deputado estadual e vereador, respectivamente, obtiveram vitória e assumiram seus cargos em 1946 (FELIPE, 2001, p. 84). Dentro desse contexto político, Isaura Rosado Maia devia se referir a campanha de Vingt Rosado para vereador e a campanha encabeçada pela família Rosado em prol da candidatura do brigadeiro Eduardo Campos à presidência da república.

As cartas escritas por Isaura Rosado Maia não tratavam apenas da vida profissional de Vingt-un, também trazia referências a respeito de sua vida pessoal. Sua mãe escrevia para lhe contar a respeito do inverno “O inverno ainda não nos quiz alegrar com a sua vinda, tem havido apenas pequenas chuvas, e o calor está horrivel.” (Carta de Mossoró 23 de janeiro de 1940), “Por aqui vae tudo normalmente, tem chuvido um bocado e o calor continua intenso.” (Carta de14 de abril de 1946), “O inverno se iniciou esperançoso porem ultimamente não chuveu mais, o que esta causando apreensões.” (Mossoró, 8 de março de 1945), de sua saúde “Fiquei satisfeita por saber que você já vai obtendo alguma melhora com o tratamento que está fasendo. Eu estive doente porem, graças a Deus já me encontro restabelecida.” (Carta de 14 de abril de 1946), das saudades que enchiam o seu coração “Ja estou com muitas saudades de v. o coração da chefe da nossa tribu está repleto de itacá.” (Carta de2 de janeiro de 1941), orientá-lo na forma de se vestir “Mande [ilegível] como estão suas roupas e se a nova depois de lavada encolheu alguma cousa, e se as brancas estão boas. Tenha muito

[12] Ver o blog http://www.erivanjustino.com.br/2013/02/artigo-romero-cardoso.html

cuidado pª. andar bem limpo, pois uma aparência boa vale muito.” (Carta sem data) orientá-lo em sua vida afetiva “Em uma das minhas cartas falava sobre o seu casamento pedindo para realisá-lo somente, quando você estiver em situação bôa e independente.” (13 de Dezembro de 1944). Vingt-un não guardou apenas as cartas enviadas por sua mãe Isaura, também arquivou a correspondência que recebia dos seus amigos.

1.5 – Cartas trocadas entre amigos

A correspondência trocada entre Vingt-un e seus amigos abordavam temas como publicações de livros, pesquisas, empréstimos de obras e o cotidiano. Aqui destacaremos dois amigos: Raimundo Nonato e Antônio Campos e Silva. Escolhemos Raimundo Nonato devido a frequência das cartas e os assuntos abordados, sendo estes pesquisas e publicações de livros, temas que ajudaram a construir Vingt-un como intelectual a serviço de Mossoró. Nesse sentido, as cartas de Nonato nos ajudam a entender como Vingt-un se movimentava para conseguir publicar livros. Por sua vez, as cartas de Antônio Campos e Silva nos ajudam a entender como Vingt-un foi se construindo como referência sobre o estudo de fosseis dentro do estado do Rio Grande do Norte bem como ele fazia uso da publicação de suas cartas para colocar em circulação representações a respeito de si.

1.5.1 - **Prezado véio amigo 21 Rosado: Cartas de Raimundo Nonato para Vingt-un**

As cartas enviadas por Raimundo Nonato a Vingt-un estão disponíveis na Fundação Vingt-un Rosado (FVR). Elas trazem informações a respeito do lugar de onde se escreve, do papel usado, da cidade de onde a carta foi postada, a forma como o remetente cumprimentava o destinatário, como assinava seu nome. Essa análise é possível, pois as cartas não estão desprovidas de sua materialidade. De acordo com Chartier (2010), forma e sentido devem ser pensados juntos uma vez que o suporte

do texto interfere no seu sentido. Das cartas enviadas por Raimundo Nonato algumas foram escritas em papel timbrado do Ministério da Educação e Cultura, outras em papel com o timbre da Editora Pongetti.

Mas, quem era Raimundo Nonato? Ele nasceu no ano de 1907, na cidade de Martins, Estado do Rio Grande do Norte, sua família motivada pela seca mudou-se para Mossoró no ano de 1919[13]. Formou-se em Direito pela Faculdade de Alagoas. Seu gosto pelas letras fez com que se tornasse um escritor. E era justamente a respeito de pesquisa, escrita de livros e edição dos mesmos que as cartas de Raimundo Nonato tratavam.

Por meio das cartas, Raimundo Nonato e Vingt-un estabeleceram um diálogo que envolvia correspondentes indiretos que entravam em cena a medida que os assuntos sobre publicação de livros tornavam-se mais constantes. Ao falar da edição de livros, Raimundo Nonato citava a editora que Vingt-un conseguiu para publicar seus livros. É nesse momento da fala que podemos perceber a entrada em cena de Rodolpho Pongetti responsável pela Editora Pongetti, pela qual Raimundo Nonato teve alguns livros publicados. A Pongetti costumava publicar livros de autores tidos como desconhecidos. Vale destacar que o primeiro livro de Vingt-un foi publicado no ano de 1940 pelos Irmãos Pongetti. Pelas cartas é possível supor que Vingt-un funcionava como um intermediário entre a Editora Pongetti e Raimundo Nonato.

> Natal, 9/6/59
> Prezado Vingt-un:
>
> Em face do seu telegrama, acabo de escrever ao Pongetti, remetendo o original do mesmo e, pedindo para entrar em entendimento, diretamente com você, quanto antes, fornecendo orçamento e ajustando compromisso para a publicação do livro do Padre.
> Nas horas vagas, vá juntando nomes e notas para o Dicionário Biográfico, oportunidade em que Mossoró deverá aparecer em lugar de relêvo.
>
> Recado e abraço do
> R. Nonato (APVR)

[13] Para mais informações a respeito de Raimundo Nonato, ver o site http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Raimundo+Nonato+da+Silva&ltr=r&id_perso=1603 Raimundo Nonato da Silva nasceu em Martins (RN), em 18/08/1907, e faleceu no Rio de Janeiro, em 22/08/1993.

As cartas de Raimundo Nonato possuíam uma escrita peculiar, por meio delas percebemos que Raimundo e Vingt-un tinham uma relação de amizade que permitia algumas liberdades na escrita da missiva, isso é percebido na forma como Nonato se referia a Vingt-un chamando-o de “Prezado véio amigo 21 Rosado”, “Amigo véio 21”, “Amigo 21 Rosado”. Raimundo se assinava por “Jagunço”, “R. NONATO bandido” e suas cartas faziam referência a acontecimentos históricos da cidade de Mossoró e do país. As cartas de Raimundo Nonato eram datilografadas e ao final as assinavam a mão, como podemos ver nas imagens seguintes.

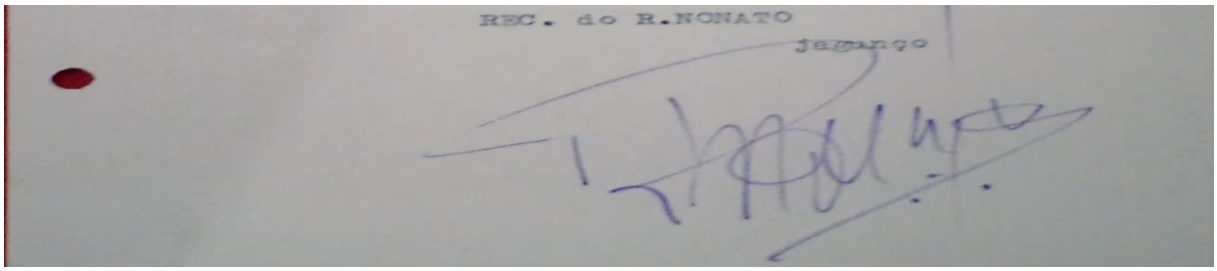


Imagem 9 Recorte da carta de Raimundo Nonato enviada a Vingt-un. Carta escrita no Rio de Janeiro e datada de 10 de setembro de 1979. (APVR).

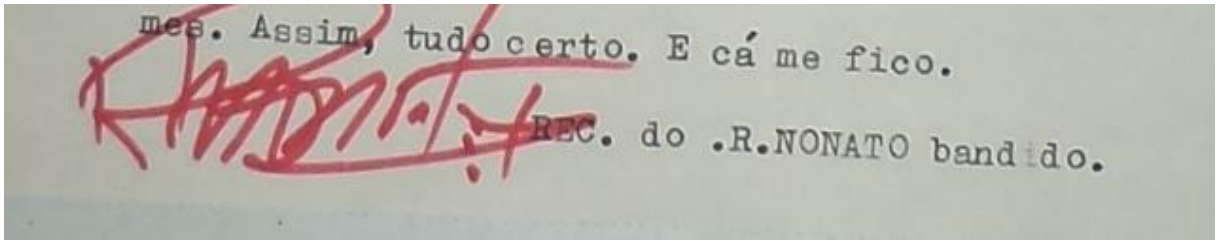


Imagem 10 Recorte da carta de Raimundo Nonato enviada para Vingt-un. Carta escrita no Rio de Janeiro e datada de 18 de abril de 1979. (APVR).

> Rio. 13. 6. 71
> Prezado véio amigo 21 Rosado
>
> Hoje, DIA DE S. LAMPIÃO, amanheci com saudades de Mossoró e de uma cartinha sua. (APVR)

Ao se referir ao “DIA DE S. LAMPIÃO”, Nonato estava falando do cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, conhecido como Lampião, e da invasão realizada por ele e seu

bando, na cidade de Mossoró, no dia 13 de junho de 1927. Dias depois da invasão, o jornal *O Mossoroense* publicou diversos telegramas enviados ao então prefeito da cidade, Rodolpho Fernandes, parabenizando a resistência organizada por ele juntamente com os moradores de Mossoró. Na historiografia local e na memória dos mossoroenses, a resistência ao bando de Lampião é descrita como sendo bem sucedida, pois, além de expulsarem Lampião conseguiram ferir um de seus cangaceiros, o Jararaca que foi preso e morto. A historiografia de Mossoró se apropriou desse fato e o utilizou de modo a construir a identidade de Mossoró como sendo a cidade da resistência. Um dos autores que contribuiu para essa construção foi o próprio Raimundo Nonato, estudioso do cangaço, por meio da publicação de duas obras a respeito do assunto, sendo estas, *Lampião em Mossoró*, publicada em 1956 pela Editora Pongetii, e *Jesuíno Brilhante* que veio a público no ano de 1970, também editada pela Pongetti. Em 1968, Nonato escreveu para Vingt-un falando a respeito dos preparativos da obra.

> RIO. 21. 3. 68
> Amigo 21 ROSADO
>
> VAI AÍ, a capa de Jesuíno Brilhante. O trabalho vai para mais de 400 páginas datilografadas. A parte de anotação aos documentos, muito grande, aliás, está mais alentada do que o LAMPIÃO. (APVR)

A edição de livros muitas vezes estava relacionada a parcerias estabelecidas com bancos e universidades. Na carta do dia 27 de março de 1979, Raimundo Nonato pedia para Vingt-un dirigir-se ao Banco Nacional Norte SA objetivando pedir dinheiro. A carta não deixou claro se se tratava de empréstimo ou doação. “[...] nesta corrida de tomar dinheiro de Banco para livro, vá ao Banco Nac. Norte SA, fale com o dono, para vê se ele manda publicar a 4ª. Edição de LAMPIÃO EM MOSSORÓ.” (APVR, grifos no original) Era possível que o desejo fosse conseguir doação, pois, Nonato aconselha Vingt-un a proceder do seguinte modo, “Conte o caso do Banco do Nordeste, talvez, ele abra os peitos e será mais um número na Coleção.”

A preocupação com a publicação de livros era algo recorrente na correspondência trocada entre os dois. Em carta datada de 8 de junho de 1965, Vingt-un escreve a Raimundo Nonato se queixando da ausência de verbas.

> Mossoró, 8 de junho de 1. 965
> Raimundo:
>
> [...]
> 3- Não há possibilidade para o Lampeão pela Coleção. Acredito que a Prefeitura tinha obrigação de me ouvir na utilização das verbas que a meu pedido 20 [Vingt Rosado] e 18 [Dix-huit Rosado] colocaram no orçamento da Republica. Tenho sido desde 1948, no trabalho cultural de Governo Municipal, o unico funcionario da Prefeitura que tem custado aos seus cofres exatamente de dispendio de zero cruzeiro. O certo é que andaram gastando dinheiro daquela verba federal sem me comunicarem. Comuniquei porém ao Dr. Cascudo que fizesse saber ao pessoal da Prefeitura que não concordaria com a utilização desrestante dessas verbas sem que fosse previamente consultado.
> [...]
>
> Um abração muito amigo de
> Vingt-un (APVR)

A carta foi escrita por Vingt-un em tom de queixa. Por meio de sua queixa é possível perceber algumas ações e representações colocadas em circulação por ele. Vingt-un fazia uso das posições políticas ocupadas por seus irmãos para conseguir verbas. Nesse ano, Vingt Rosado era prefeito de Mossoró e Dix-huit Rosado era senador pelo Estado do Rio Grande do Norte. Vingt-un afirmava na carta que era o único funcionário da prefeitura de Mossoró que não acarretava ônus para ela. Isso foi dito por Vingt-un ao longo de sua vida e de diversos modos, um deles era que ele trabalhava por paixão, por amor ao "País de Mossoró". Na carta, Vingt-un fazia uso do passado para legitimar o seu lugar de fala, recorreu ao ano de 1948, ano considerado por ele como sendo o ano inicial da "Batalha da Cultura". O intelectual também mobilizava representações sobre si mesmo quando selecionava, organizava e publicava sua correspondência passiva em forma de livro pela Coleção Mossoroense.

1.5.2. Cartas de Antônio Campos da Silva para Vingt-un

A correspondência passiva de Vingt-un não se encontra apenas no seu arquivo pessoal abrigado na Fundação Vingt-un Rosado. Algumas de suas cartas foram publicadas em forma de livro pela Coleção Mossoroense. Isto nos alertou para o fato de que as mesmas devam ser analisadas não apenas como correspondência que visava comunicar algo ao seu destinatário, mas, em particular, também como um livro de epístolas no qual as mesmas foram devidamente selecionadas e ordenadas para compor livros em homenagem, no caso em questão, uma homenagem póstuma a Antônio Campos e Silva. Para Sérgio Miceli (2001, p. 350), esse tipo de livro tem um caráter peculiar, pois ajuda a criar e reforçar laços de solidariedade.

O exercício de reforço de laços de amizade era uma prática recorrente na escrita de Vingt-un e nas suas falas. Uma vez que ele sempre buscava citar e/ou elogiar algum amigo pessoal ou algum personagem que tivesse colaborado de algum modo para história de Mossoró. Podemos perceber esse exercício no livro *Antônio Campos e Silva, numa viagem de 14 anos, através de 50 cartas* (ROSADO, 1973), obra composta por uma seleção de cartas escritas por Antônio Campos e Silva e remetidas para Vingt-un. Tais cartas possuem a peculiaridade de terem sido reunidas e publicadas em uma obra por meio da Coleção Mossoroense cujo objetivo era prestar uma homenagem póstuma a Antônio Campos e Silva que havia morrido, no ano de 1972, em um acidente automobilístico. O livro reuniu as cartas que Antônio enviou para Vingt-un ao longo de 14 anos de trocas de correspondência. No início da obra, Vingt-un esclarece que ele foi o responsável por pagar os custos da obra. A importância da obra ter sido custeada por com recursos próprios torna-se mais evidente quando informamos que a Coleção Mossoroense não tinha fins lucrativos.

Vingt-un abre o livro *Antônio Campos e Silva, numa viagem de 14 anos, através de 50 cartas* com um prefácio no qual explica, de modo breve, o nascimento da amizade entre os dois.

> COMO SE FOSSE PREFÁCIO
>
> Em meu lar, durante 14 anos, Antônio Campos e Silva foi o filho mais velho.
> O amigo que eu e América ganháramos em 1958, tornou-se irmão de Maria Lúcia, Dix-sept, Lúcia Helena, Isaura, Ester, Leila.
> De 1958 a 1972, o adolescente incompreendido do País de Natal crescera até a dimensão do cientista de renome nacional.
> Em Mossoró e Tibáu, tantas vezes o recebemos e era como se voltasse para as férias escolares.
> Das suas cartas, guardei as 50, que dou à publicidade. Mostram a germinação e ascenção do notável trabalhador da ciência, que seria nos últimos anos, preparando-se para o doutoramento na Holanda, elaborando contribuições científicas, tendo como coautores cientistas da categoria de Mabensoone e Beurlen. (SILVA *apud* ROSADO, 1973 p. 5-6)

Ao falar do outro, Vingt-un também falava de si mesmo, pois as cartas publicadas não refletiam apenas os interesses de Antônio Campos e Silva, mas também os interesses de Vingt-un pela arqueologia e paleontologia, suas relações de amizade, a prática de emprestar livros aos amigos, a troca de informações que ajudassem a complementar uma pesquisa já iniciada, a ideia de que ele servia de modelo para jovens pesquisadores.

De acordo com Angela de Castro Gomes (2004), a carta é uma das formas de escrita de si mais utilizadas e também mais analisadas pelos historiadores. Ao ler a carta, é preciso levar em consideração o destinatário, pois a carta é redigida tendo como base um determinado leitor e é este leitor que dá a carta o tom de formalidade ou de familiaridade, por exemplo. A autora ainda destaca que a carta depois de enviada ao seu destinatário tem nele o responsável por sua guarda. A ele, somente a ele, cabe a escolha de arquivá-la ou não. No caso de arquivá-la, nos faz perguntar quais os motivos que levaram ao seu arquivamento. Fazemos essa pergunta quando lemos as cartas passivas de Vingt-un, principalmente, quando temos acesso às cartas em sua materialidade primeira, pois, a materialidade da carta nos permite levantar outras perguntas como o tipo de papel utilizado, a letra, as rasuras, as intervenções no texto. E quando trabalhamos com cartas que foram compiladas e publicadas em obras somamos uma nova pergunta a anterior, sendo essa a de indagar qual o motivo de publicar as cartas, em outras palavras, por que tornar público algo tão íntimo como a correspondência trocada entre amigos?

Uma possível resposta para essa pergunta é que a publicação das cartas auxiliava no seu processo de construção de si como intelectual. De acordo com Hebe Mattos e Keila Grinberg (2004), uma das formas do indivíduo de definir a si mesmo é por meio de suas relações pessoais colocando-se em destaque os cargos ou poder de influência das pessoas com as quais se mantem algum tipo de relacionamento. Esse exercício pode ser percebido quando analisamos Vingt-un Rosado. Ao publicar as cartas que recebeu de Antônio da Silva Costa, ele não só fazia uma homenagem póstuma a Antônio como também homenageava a si mesmo. Pois, ao mostrar que sob a sua orientação o jovem Antônio tornou-se um pesquisador, Vingt-un também lançava luz sobre si mesmo e se destacava como referência e inspiração para os pesquisadores iniciantes.

Vingt-un e Antônio Campos eram de gerações diferentes. O primeiro nasceu no ano de 1920 e o segundo nasceu em 1940. Apesar da diferença de idade, os dois iniciaram uma correspondência pautada no interesse pelo estudo dos fósseis do Rio Grande do Norte. Outros intelectuais também se corresponderam e estabeleceram uma amizade por meio de cartas com pessoas de geração diferente da sua. Exemplo disso são os intelectuais A. Tito Filho e Luís Mendes Ribeiro Gonçalves estudados por Ana Cristina Meneses de Sousa Brandim (2013). De acordo com ela, havia uma diferença de 29 anos de idade entre os dois intelectuais e isso não inviabilizou a construção de uma amizade por meio de cartas. A correspondência trocada entre os dois a princípio falava de suas produções acadêmicas, depois, passou a ser marcada por assuntos da vida íntima.

A primeira carta enviada por Antônio Campos é do ano de 1958 e foi escrita em tom de formalidade, isso é percebido na saudação, na forma como o assunto é abordado na carta e na despedida.

> Natal, 25 de janeiro de 1958.
>
> Dr. Vingt-Un
> SAUDAÇÕES
>
> Sou apenas um estudante secundário, desejoso de aprender um pouco mais sobre a História Natural de nossa terra. Atualmente, estou coligindo elementos para um pequeno estudo sôbre a paleontologia norte-riograndense, trabalho êste que pretendo terminar no fim do ano

> em curso. A tarefa pode parecer árdua, mas tenho o entusiasmo da juventude e o amor à ciência. (ROSADO, 1973, p. 9)

O jovem secundarista escreveu para Vingt-un Rosado pedindo orientação para desenvolver as suas pesquisas sobre a paleontologia do Rio Grande do Norte. Aos olhos de Antônio Campos, Vingt-un, por seu amor a terra e a ciência, seria o professor ideal para guiar o seu entusiasmo e o seu desejo de fazer ciência.

> Conhecendo o amor que V.S. dedica às coisas do nosso Estado, e sabendo também dos seus esforços pelo melhor conhecimento das mesmas, **solicito seu auxílio intelectual** para a realização deste insignificante trabalho sôbre fósseis norte-riograndense.
> **Seria muita honra para mim se V.S. concordasse em manter correspondência comigo,** pois, com dezoito anos incompletos, a gente corre o risco de se levar por entusiasmos momentâneos e esquecer certos princípios do trabalho científico.
> **Gostaria também que V.S. me indicasse alguns livros que me possam ser uteis** e, caso possível, me fornecesse uma lista dos fósseis existentes no Museu dessa progressista cidade. Sei que é pedir demais. Entretanto, confio no espírito magnânimo e V.S.
> [...]
> Não querendo mais roubar o tempo de V.S., e confiando na sua magnanimidade, subscrevo-me, criado atento.
> ANTONIO CAMPOS E SILVA (ROSADO, 1973, p. 9-10) (grifos nossos)

Mesmo não tendo tido acesso a carta resposta de Vingt-un, é possível, por meio da leitura de outra carta de Antônio, inferir que o intelectual mossoroense aceitou o convite para orientá-lo.

> Natal, 10 de fevereiro de 1958.
>
> Dr. Vingt-un
> SAUDAÇÕES
>
> Recebi, sábado último, sua preciosa missiva, **plena de conselhos e ensinamentos que me foram bastante úteis**. Muito grato pelos elogios dos quais não sou merecedor, pois simplesmente cumpro o que julgo ser meu dever.
> [...] Quanto à bibliografia que o Sr. cita na carta, tenho ao meu dispor "Moluscos Fósseis do Brasil", "Paleontologia Brasileira – Mamíferos",

> “Geologia do Brasil” e “Serras e Montanhas do Nordeste”. Só ainda não pude arranjar a Monografia IV de Maury, pela qual sou capaz de dar até as lentes de meus óculos. (Queira desculpar o exagêro).
> [...]
> Sem mais, e imensamente grato pelas informações, subscrevo-me com admiração e cordialidade.
> ANTONIO CAMPOS (p. 11-12) (Grifos nossos)

Segundo Ana Cristina Meneses de Sousa Brandim (2013), as cartas não devem ser entendidas apenas como espaço de envio ou pedido de informações, aquelas se constituem, especialmente, em um espaço de construções de imagens sobre si mesmo (remetente) e sobre o outro (destinatário). Os envolvidos no pacto epistolar fazem usos de palavras que possibilitam marcar seus interesses, seus lugares, seus anseios e dúvidas. Sendo assim, ao escrever uma carta, o remetente se dar a ler e produz representações sobre si e sobre o outro. Ao escrever para Vingt-un, Campos construiu para a si a representação de ser um jovem que mesmo tendo pouca idade vinha desenvolvendo pesquisas sobre paleontologia. Interesse que impressionava, pois, geralmente os jovens de 18 anos não se debruçam sobre a paleontologia. Ao mesmo tempo, ele produzia uma representação para Vingt-un, sendo essa, a de homem devotado a ciência, generoso, humilde, um mestre que sabia orientar e guiar o seu discípulo.

Ao longo da troca de correspondência, Antônio passou a se despedir como discípulo e admirador. De acordo com Brandim (2013), o espaço reservado na carta para a despedida é um momento de demonstrar sentimentos, admiração e reforçar laços. Como vemos na carta do dia 6 de junho de 1958.

> A conversa está se estendendo e roubando seu precioso tempo. Enviando recomendações à D. América, **subscreve-se o discípulo e admirador**.
> ANTÔNIO CAMPOS (ROSADO, 1973, p.20) (Grifos nossos)

Antônio Campos reconhecia Vingt-un como alguém que poderia ajudá-lo em sua pesquisa, somado a isso, seria alguém que poderia ajudá-lo a ser reconhecido pelos pares e, por sua vez, permitiria sua entrada dentro do campo intelectual. Para Pierre

Bourdieu (apud GARCIA, 1996), cada campo possui suas práticas internas (*habitus*) que são entendidas e vivenciadas por aqueles que estão inseridos dentro dele, de modo que muitas vezes o campo só é inteligível para quem faz parte dele. E cada campo possui o seu capital dominante, no caso do campo intelectual, o capital dominante é o saber. Sendo assim, para assegurar o seu ingresso no campo intelectual, o indivíduo deve apresentar o seu capital, em forma de conhecimento, um dos pontos necessários para adquirir reconhecimento dos pares. Somado a isso, é preciso entender que dentro do campo há hierarquias, posições que foram conquistas por meio de lutas simbólicas fazendo com que alguns indivíduos sejam vistos como ocupando posição de destaque em relação aos outros.

De acordo com Bourdieu (2002), o campo intelectual interfere na escrita do autor. Pois, a relação que o autor estabelece com sua obra é perpassada pelas relações sociais mantidas com os indivíduos participantes do campo no qual está inserido e pelo lugar ocupado dentro dele. Deste modo, o projeto criador do autor é uma mistura entre as necessidades da obra (o que o autor deseja fazer com ela) e as restrições sociais (o que a sociedade espera como resultado da obra). Sendo assim, existem obras que são escritas para agradar determinado público e outras nas quais os autores não aceitam fazer concessões em sua obra para agradar nenhum público. O fato do autor não ceder aos desejos do mercado, não significa que sua obra escape as condições sociológicas de sua produção, pois, o autor está inserido dentro de um grupo e atende as normativas do mesmo. Partindo desta ideia, Bourdieu defende que o autor sempre será fruto de sua época. A época na qual vive o orienta sobre o que é possível ou não pensar, pois o intelectual escreve dentro da sociedade, vivendo as injunções sociais impostas por ela e não fora da mesma como se vivesse em um espaço afastado, recluso como um eremita.

Algumas dessas injunções sociais são impostas pelo campo intelectual. Bourdieu (2002) entende que o campo intelectual está inserido dentro de um campo político que por sua vez atribui ao intelectual uma posição específica dentro da sociedade fazendo com que seu trabalho e sua opinião sejam legitimados. Ainda segundo o mesmo autor, o interesse pelo escritor e por sua produção aumenta a medida que o seu campo intelectual desenvolve autonomia e se eleva a condição de produtor de bens simbólicos. Desenvolver autonomia significa dizer que o campo ganha força ao ponto

de tudo o que for produzido por ele ser visto como sendo referência. Bourdieu entende o campo intelectual como sendo um sistema predeterminado de posições que exige, por parte dos seus agentes participantes, qualidades determinadas as quais ele nomeia como sendo socialmente constituídas. Por isso, para entender o que é intelectual, é preciso entender como cada época e cada sociedade nomeia o que é intelectual e qual o papel que ocupam dentro da mesma. Diante disso, fazemos a leitura de que Vingt-un é um intelectual produtor de bens simbólicos a exemplo da Coleção Mossoroense, enquanto intelectual, está ligado a um campo intelectual dotado de normas internas. Campo reconhecido na cidade e no estado do Rio Grande do Norte e o ingresso de novos membros depende de ser aceito ou não pelos pares.

Foi por meio das relações estabelecidas com Vingt-un que Antônio teve seu primeiro trabalho transformado em livro pela Coleção Mossoroense. E a publicação do livro contribuiu para tornar Antônio Campos reconhecido no estado do Rio Grande do Norte.

> Natal, 4 de setembro de 1959
>
> Dr. Vingt-un
> Saúde
>
> [...]
> Graças ao Senhor, não sei o que faça com tantos salamaleques, elogios, e etc. que tenho recebido pela publicação da "Nota Preliminar". [...] **A publicação da "Nota Preliminar" é um destes favores que nunca se pode pagar, e pelo qual ser-lhe-ei devedor pelo resto da vida**. (ROSADO, 1973, p. 55) (Grifos nossos)

Pela informação contida na carta, acreditamos que o livro de Antônio Campos foi bem recepcionado. Segundo Pierre Bourdieu (2002), os críticos por meio de suas críticas auxiliam na formação do que o público deve ou não pensar a respeito de uma obra e do seu escritor. Sendo assim, eles interferem na aceitação e legitimação do trabalho do intelectual uma vez que elaboram representações a respeito deste e tais representações ganham efeito de real. Ainda segundo Bourdieu, os intelectuais dependem do seu público leitor e da representação que este constrói a respeito daquele do mesmo modo que o artista precisa do seu público. E assim como o artista,

o intelectual pode aceitar ou rejeitar o personagem que a sociedade criou para ele, mas não pode ignorar a sua existência. Publicando opiniões a seu respeito, Vingt-un Rosado poderia, de certo modo, selecionar e auxiliar na produção de representações a seu respeito e evitar opiniões contrárias.

Para que tal ação seja possível, temos que pensá-lo inserido na sociedade e tendo que atender às demandas solicitadas por ela. Somado a isso, todo intelectual está inserido em um campo intelectual e ao estar no campo está ligado a outros intelectuais por relações de interesses, por troca de favores, por troca de elogios mútuos, no caso desta, ela ajuda a reforçar laços e a produzir críticas positivas que por sua vez auxiliam a legitimação dos intelectuais como sendo produtores de um saber autorizado.

O campo intelectual também pode ser entendido como comunidade interpretativa, e segundo Roger Chartier (1990, 2002), ela se expressa a partir de algumas práticas culturais como a escrita, a construção de uma escola capaz de reunir intelectuais em torno dela. Deste modo, pensamos que a ESAM e a Coleção mossoroense podem ser entendidas como práticas culturais da comunidade interpretativa a qual Vingt-un estava relacionado. E por meio dela, ele compartilhava ideias, produzia representações que acabavam por ganhar sentido de real.

Natal, 25 de maio de 1959

Dr. Vingt-Un
Meu abraço

> Recebi sábado sua carta e o Maury. Muito grato. Valho-me agora da boa vontade do Sr. Raimundo Soares para enviar-lhe uma porção de coisas, entre as quais figura um artigo inédito. Seria possível publicá-lo na 'Col. Mossoroense'? Qual a sua opinião sobre o mesmo?
> Infelizmente, ultimamente, tenho sido uma espécie de 'fóssil vivo', objeto de reportagens em jornal. Não se preocupe, porém, que nunca perderei a '**humildade franciscana' de que me fala o Sr.** Enquanto viver creio que serei o Antonio Campos brincalhão, brigão – mas sempre às voltas com os livros (SILVA *apud* ROSADO, 1973, p. 47). (Grifos nossos)

Por meio desta missiva, Vingt-un colocava em circulação a representação de que ele era dotado de "humildade franciscana", um intelectual sem soberba. A sua humildade

fazia com que ajudasse outros pesquisadores a realizarem seus trabalhos e a se firmarem no campo científico. Em carta do dia 16 de março de 1964, Antônio descreve Vingt-un como sendo uma das pessoas que mais contribuiu para a paleontologia no Rio Grande do Norte e reafirma a sua admiração e respeito pelo intelectual mossoroense.

> Natal, 16 de março de 1964
>
> Dr. Vingt-un
>
> Meu abraço e meus votos de saúde e paz para o senhor e os seus. Recebi há pouco sua carta, satisfeito por saber que o senhor gostou do Boletim, irritado com o "juntador-de-pedra-mania".
> **É necessário que se diga que o "juntador de pedras" da ribeira do Mossoró foi um dos homens que mais contribuiu para o desenvolvimento da Paleontologia** norte-riograndense, e que, depois de Maury e excetuando os cefalópodos de Kegel, tudo quanto se faz sôbre a Paleontologia no Estado traz sôbre si a sombra modesta e tímida de um homem cujo amor à terra expressou-se na forma mais nobre da atividade humana: a cultura, a ciência.
> É necessário, Dr. Vingt-un, que se diga que o "juntador de pedras" foi o primeiro que ouviu os planos de um adolescente às voltas com fósseis, e, com mão paternal, amiga, sempre presente, levou-o para o caminho certo da ciência, empurrou-o para o mundo sem fim da pesquisa, deu-lhe o apoio moral quando todos o negavam. O adolescente talvez tenha tido mais tempo para decifrar os segredos da terra. **Mas continua levantando os olhos para encarar o mestre, cuja abnegação, amor, dedicação, modéstia põem-lhe na bôca a auto-denominação de "juntador de pedras**". (SILVA *apud* ROSADO, 1973, p. 75) (Grifos nossos)

Além dos pedidos relacionados a publicação de obras, informações para pesquisas em andamento, Vingt-un também recebia pedidos mais relacionados as necessidades do cotidiano.

1.6 – Cartas para solicitar

Enquanto intelectual e membro de uma família que se destacava politicamente em Mossoró e no estado do Rio Grande do Norte, Vingt-un ocupava uma posição dentro da sociedade que permitia a ele contato com pessoas que ocupavam determinados lugares de poder como a direção da ESAM, a prefeitura da cidade de Mossoró, o governo do Estado do Rio Grande do Norte, direção de outras universidades, amigos em instituições públicas e privadas. A sua posição fazia com que ele fosse solicitado para intervir em prol de algo ou de alguém. Isso ficava evidente em algumas de suas correspondências nas quais são possíveis ler pedidos de colocação, em outras palavras, pedido de emprego. A prática de mediar pedidos não foi uma ação restrita a Vingt-un, também pode ser vista em outros intelectuais.

De acordo com Paula Virgínia Pinheiro Batista (2008), Capistrano de Abreu foi por diversas vezes solicitado para mediar ou influenciar pedidos de emprego, de adiantamento da convocação, adquirir livros, conseguir informações para integrar pesquisas de amigos. A autora destaca um caso particular, sendo esse, a nomeação de Noemia Cabral para compor o quadro de funcionários no Banco do Brasil tornando-se a primeira mulher no estado do Ceará a trabalhar neste banco. A nomeação foi possível, de acordo com a autora, devido a capacidade que Capistrano teve de fazer movimentar seus amigos influentes em prol de Noemia Cabral.

Nas cartas de Vingt-un ele recebeu diversos pedidos de emprego. Em algumas cartas é possível ler que o remetente informava claramente onde pretendia conseguir uma colocação, geralmente, o lugar solicitado era a ESAM.

Estimado Dr. Vingt-un,

[...]
Dr. Vingt-un, agradeço profundamente a sua atenção em examinar a possibilidade de atender o meu cunhado M.[14], professor estagiário de Educação Física, lecionando atualmente em alguns colégios de Mossoró. O desejo dele é vir algum dia também participar da equipe que compõe a ESAM.
Gostaria muitíssimo que o sr. o entrevistasse e avaliasse as possibilidades do mesmo.
[...]
Mossoró, 26/06/77 (APVR)

Natal, Rn. 23 de agosto de 1979
Prezado Prof. Vingt-un Rosado: meu abraço

Com minhas recomendações respeitosas a Dona América, envio o presente, apelando para o nobre amigo se interessar pela contratação de meu sobrinho, que concluiu o ano passado o Curso de Engenharia pela nossa ESAM. Trata-se de F. Filho, que é filho do mano F., a quem Vingt prometeu trabalhar pelo aproveitamento do mesmo, tão logo houvesse vaga.
Como eu soube da existência de duas vagas aí na ESAM, tomo a liberdade de escrever-lhe este, solicitando o aproveitamento de meu sobrinho.
Certo de sua atenção, antecipo meus agradecimentos, firmando-me reconhecido, sempre às ordens.

M. (APVR)

As duas cartas são de datas diferentes, a primeira foi escrita no ano de 1977, enquanto a segunda no ano de 1979, mas tratavam do mesmo assunto, conseguir um emprego na ESAM. Essa prática de pedir emprego deve ser relacionada a forma como aquela era administrada. De acordo com Ana Maria Bezerra Lucas (1998), a ESAM funcionava como reduto político da família Rosado, marcado por práticas de apadrinhamento e de clientelismo político. Deste modo, o espaço público acabava por ser utilizado como se fosse um espaço privado e mobilizado para atender as necessidades dos Rosado e dos seus protegidos.

[14] Para as correspondências que tratam de pedidos de emprego e de empréstimo de dinheiro optamos por não colocar o nome das pessoas.

Em carta escrita por Vingt-un em 1996, lemos a respeito de concurso para a Universidade Regional do Rio Grande do Norte (URRN) que posteriormente veio a ser Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN).

> Em 1º/03/1996
> Primo R.
>
> Recebi sua carta de 22/2 com o anteprojeto de pesquisa e o artigo sobre Érico Almeida.
> Se colar o seu concurso p/ a Universidade Regional e o de sua esposa tenho certeza de que lucrarão seus primos, seus amigos, admiradores desta cidade, a própria cidade e a universidade.
> Minha mulher gosta de dizer que sou muito briguento. Não sei se ela tem razão, mas sei que o meu prestígio na Universidade é muito pequeno, como na ESAM e em outros sítios. Pedi a Wilson Moura e Paulo Gastão para ficarem atentos ao primeiro concurso da Regional.
>
> Afetuosamente,
> 21 (APVR)

Nas cartas enviadas a partir do ano de 1995, tornou-se recorrente na escrita de Vingt-un afirmar que não tinha prestígio político e que o seu desprestígio estava relacionado ao seu temperamento "briguento". Acreditamos que essa sua fala estivesse relacionada a sua ruptura política com o então diretor da ESAM, Joaquim Amaro, no ano de 1994. A divergência entre os dois fez com que ele perdesse seu poder de influência dentro da ESAM.

Vingt-un também fazia uso de suas relações para conseguir empregos para pessoas de seu interesse. Na carta abaixo, ele escreve para Paulo de Brito Guerra era agrônomo, filho do desembargador de Felipe Guerra, e trabalhava no Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), pesquisava a respeito da seca, tendo livros publicados pela Coleção Mossoroense. O objetivo da carta é conseguir uma colocação para E. M. C. no DNOCS.

Mossoró, 03 de setembro de 1979.
Paulo Guerra,

Apresento-lhe o Tecnologo em Agricultura, E. M. C. que concluiu o curso na Federal do RN e procura um trabalho, se possível, no DNOCS, onde faz estagio curricular obrigatorio.
É gente da raça do Apodi e deve ser seu parente.
Agradeço a atenção que lhe dispensar.

Cordialmente,
Vingt-un Rosado.

Em sua correspondência também é possível encontrar cartas cuja temática era o pedido de alguma informação para complementar pesquisas em andamento.

Mossoró, 25 de novembro de 1980.

Oswaldo,

O velho José Augusto em “O Seridó” se refere a um trabalho de Garibaldi Dantas sobre “O Problema da Água no Nordeste”.
Conheço um capítulo da sua “Geografia Econômica do Rio Grande do Norte”: O Problema da Água no Rio Grande do Norte. Nele Garibaldi afirma que o problema da água no Rio Grande do Norte é comum ao Nordeste.
Você tem idéia se existe realmente este outro trabalho de Garibaldi?
Um abraço afetuoso meu e da velha para você e Ludi.

Vingt-un (APVR)

Nessa carta, Vingt-un escrevia a Oswaldo Lamartine de Farias escritor e pesquisador potiguar que soube construir seu nome como especialista em temáticas sobre o sertão, um sertanista. Os dois nutriram uma amizade em torno dos livros e do estudo sobre a seca e o sertão. Oswaldo não era apenas um sertanista no tema de pesquisa, podemos dizer que ele incorporava o sertão em sua escrita, pois ao se assinar, costumava escrever seu nome associado ao desenho de um ferro de marcar gado.

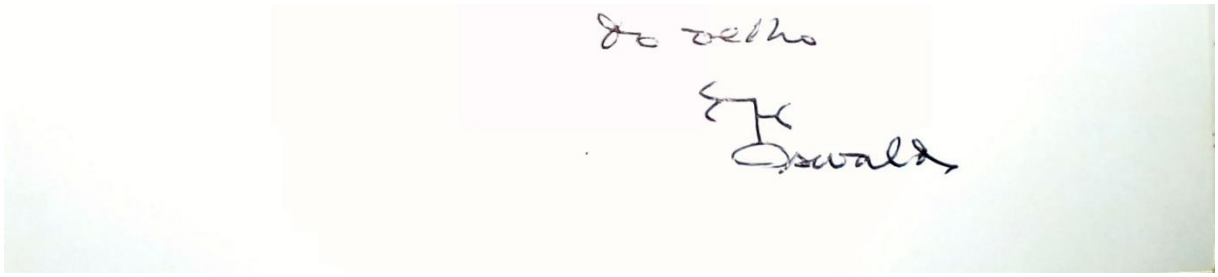


Imagem 11 Assinatura de Oswaldo Lamartine de Farias. Carta enviada para Vingt-un em 8 de maio de 2005. Arquivo pessoal de Vingt-un Rosado

De acordo com Vânia de Vasconcelos Gico (2002), a troca de correspondência entre intelectuais para pedir informações era uma prática recorrente, principalmente, quando esse intelectual morava em alguma cidade longe das grandes bibliotecas e arquivos. A autora diz isso em referência a Luís da Câmara Cascudo que residiu por toda sua vida em Natal e fazia uso de suas cartas como forma de conseguir informações para as suas pesquisas. Assim como Câmara Cascudo, Vingt-un residiu longe dos grandes centros de pesquisa e fazia de sua correspondência um espaço no qual solicitava ou enviava informações a respeito de pesquisas em andamento.

Sua correspondência também trazia informações sobre a política do ano de 1968. Nesse ano, Vingt-un registrou a sua candidatura a prefeito de Mossoró pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e disputou o pleito com o candidato Antonio Rodrigues de Carvalho vinculado ao partido Movimento Democrático Brasileiro (MDB) que tinha o apoio político de Aluísio Alves, então governador do estado do Rio Grande do Norte. A campanha entrou para o imaginário político de Mossoró como sendo a disputa entre o Touro e o Capim. Vingt-un foi denominado como Touro. A explicação para essa alcunha é encontrada no significado do seu nome, isto é, Vingt-un em francês significava 21 que no jogo do bicho corresponde ao animal touro. O candidato Antonio Rodrigues de Carvalho recebeu a alcunha de capim devido ao seu lugar de nascimento, pois, havia nascido no sítio Capim Grosso, no município de Upanema. O resultado da eleição foi a derrota de Vingt-un por 94 votos de diferença. A derrota nas urnas não era descrita por Vingt-un como sendo algo negativo, pelo contrário, ele se apropriou desse acontecimento para construir representações sobre si, como a de que era um homem honesto e humilde.

> PREÁ – O senhor conhece mais alguém que tenha registrado em currículo haver sido candidato derrotado a alguma coisa?
> VINGT-UN – No meu currículo tem: candidato derrotado a prefeito de Mossoró em 1968. Eu era diretor da ESAM. Vieram umas pessoas de Brasília fiscalizar umas coisas lá na Escola. De repente, um empurra a porta da minha sala e diz: – Eu vim lhe dizer uma coisa. Tudo que você disser eu assino embaixo. Eu perguntei: Por quê? Ele respondeu: 'Eu nunca vi o sujeito dizer num currículo que foi candidato derrotado'. O meu programa de governo foi elaborado por Antônio Campos e Silva. Eu ia dizendo a ele o que queria fazer e ele ia organizando, chegando a mil obras. (PREÁ, 2003, p. 41)

Em seu arquivo encontramos um manuscrito redigido em forma de discurso por América Fernandes Rosado Maia, esposa de Vingt-un, tratando da campanha do ano de 1968 para prefeito de Mossoró. Não tivemos como saber se o discurso foi proferido e quem o proferiu. Mesmo não tendo respostas para essas perguntas, o discurso nos permiti ler um pouco a respeito das possíveis práticas realizadas durante a campanha de 1968. O discurso se inicia falando das mudanças rápidas pelas quais o mundo passava e a necessidade de transformação.

> A própria verdade é mais profunda.
> O próprio Cristianismo mais purificado.
> O mundo está nascendo de novo.
> Esta é a hora do povo, dos oprimidos.
> [...]
> É importante, neste, dia mostrar rumos que correspondam às reais necessidades da nossa terra e da nossa gente, que se integra também na velocidade desafiadora das mudanças do mundo atual. (APVR)

Diante do mundo em mudança, o discurso ressaltava a necessidade da cidade de Mossoró e de seus habitantes acompanharem as transformações. Para tanto, era preciso o apoio da população nas eleições, indo as urnas votar em Vingt-un, no "Cidadão que afirma que a sua Candidatura 'Não é contra ninguém, mas a favor de Mossoró'." (APVR) América ao longo texto teceu diversos elogios a Vingt-un, destacou sua retidão na vida pública, a capacidade de se doar em benefício de outras pessoas. "Nunca descobri nele um gesto falso, atitude inautêntica, uma armadilha maquiavélica, uma pequena ou grande traição". (APVR) Outra qualidade apontada de Vingt-un era

que ele amava as crianças “a maneira carinhosa como Jerônimo Rosado falava as crianças” (APVR). O destaque dado a criança se justifica, pois, o discurso tinha como propósito fazer com que as crianças participassem da campanha pedindo votos e cantando a música.

> [...] peça no seu dia no dia da Criança como uma homenagem a você, como um presente, a você, que seu pai, peça a sua mãe, peça a seus padrinhos, peça a seus amigos, peça a sua ou seus professores que votem em Vingt-un Rosado.
> [...]
> Criança querida da Terra de Santa Luzia do Mossoró! No seu dia, a você entregamos um pouco da realidade da sua terra e da gente. E pedismo que você ajude a decidir os destinos da sua cidade, cantando as canções maravilhosas do candidato melhor [...]. (APVR)

Em seu arquivo pessoal encontramos cartas de eleitores fazendo pedidos ao candidato Vingt-un. Pedidos que seriam atendidos caso ele fosse eleito. A leitura das cartas nos mostra que o eleitor remetente não era familiarizado com a escrita, o que ficava evidente nos erros de português como palavras grafadas erradamente. Mesmo não dominando a grafia das palavras, vale destacar que as eleitoras ao escreverem a carta sabiam como deveria ser escrita uma carta. Isso significa dizer que entendiam que a carta era um texto composto por partes obrigatórias como a saudação, o corpo do texto e a despedida. A saudação seria formal ou não dependendo da familiaridade existente entre remetente e destinatário. As duas eleitoras iniciam suas respectivas cartas saudando Vingt-un com a expressão “Ilmo. Profesor”.

A eleitora moradora da rua Benjamin Constant escreveu para Vingt-un com o objetivo de contar a sua história de pobreza e de dificuldade. Iniciou o texto dizendo que era órfã de pai, a falta do pai deixou a família numa situação econômica delicada que se agravou com o fato dela e dos irmãos estarem desempregados. Essa condição de desempregados não era por falta de saber realizar um ofício, pois, a eleitora informava que tinha o curso de corte e costura, mas não costurava por não ter dinheiro para comprar uma máquina, e seus irmãos, por sua vez, tinham “profissão motorista e tratorista mais falta o auxilio de emprego”. “Estamos numa situação que não podemos ir nem votar porque nos falta tudo mesmo como pobre.” Outro argumento utilizado

pela eleitora foi o de que “Acompanhamos vocês a 9 anos e nunca me diriji a pedir nada”. A fidelidade eleitoral dedicada à família Rosado nos fala do envolvimento que essa família tinha com a política. Desde a campanha de 1945, os irmãos enumerados participavam as eleições como candidatos seja a vereador, deputado estadual, prefeito ou governador do estado. No final da carta, a eleitora da rua Benjamin Constant convidou Vingt-un a visita-la, para que soubesse onde morava, escreveu o endereço. “Desejava sua presença que tanto sinpatiso em meu lar pobre recidencia. para o senhor ver melhor nossa pobresa.” Ao final da carta, a eleitora pedia para que a correspondência se mantivesse em sigilo entre os dois. “pesso que fica entre nós esta comonicação.” (APVR)

Além de pedido de emprego, Vingt-un, como candidato à prefeitura de Mossoró, também pode ler os reclames e solicitações de uma eleitora estudante da Escola Cunha da Mota. A carta datava de 7 de outubro de 1968, nela não lemos descrição a respeito de dificuldades financeiras, o desejo da remetente era melhorias no ensino, mais precisamente, a construção de grupos escolares nos bairros Barrocas e Bom Jardim, bairros constituídos em grande medida por trabalhadores das salinas. “Afim desta somente V. S. quando o sr assumir a prefeitura de Mossoró lembre do Bairro do Bom Jardim e Barrocas que não tem um só grupo para nos estudar [...].” A falta de grupo escolar nesses bairros fazia com que a remetente se deslocasse para frequentar uma escola em outro bairro, “eu estudo no grupo Escola Cunha da Mota no Bairro São José”. O irmão dela junto com outras crianças estudavam em uma escola distante “tenho um irmão que estuda na Escola de menores no Bairro da Paraiba junto com mais (3) colegas eles vão da Barrocas até Escola de menores saindo 6. horas da manhã a pé”. (APVR) A eleitora prosseguiu a sua escrita descrevendo a necessidade de criar escolas nos bairros Barrocas e Bom Jardim e convidou Vingt-un para visita-los afim de conhecer a realidade de perto. No final da carta, afirmou que se ele construísse a escola, os moradores ficariam devendo um favor a ele. Ao dizer, a eleitora nos permite pensar como ela entendia a política. Para ela, a obra realizada consistia em um favor que o político fazia a comunidade, não era uma obrigação imposta por seu cargo político e administrativo.

Vingt-un voltou a se lançar como candidato nas eleições de 1972, mas dessa vez como vereador. Venceu o pleito e exerceu o seu mandato entre os anos de 1973 a

1977. A partir do ano de 1974, passou a acumular as funções de vereador e diretor da ESAM.

Ao longo do capítulo, discutimos o arquivo pessoal de Jerônimo Vingt-un Rosado Maia, em especial as suas cartas passivas e ativas, para analisarmos como ele, por meio de suas cartas, colocava em circulação representações sobre si, sobre sua família e sobre Mossoró. Por meio da análise foi possível perceber que Vingt-un construiu para a si a representação de que era um intelectual amigo da ciência, devotado aos livros e a serviço de Mossoró. Portanto, um indivíduo capaz de abrir portas por meio da sua intervenção na obtenção de empregos, na publicação de livros e na orientação de jovens pesquisadores. Algumas representações como a de que era um intelectual a serviço de Mossoró seguem sendo produzidas e colocadas em circulação por meio da Coleção Mossoroense. É justamente esse exercício de produção de representações por meio da Coleção Mossoroense que investigaremos no capítulo a seguir.

Imagem 12 Cartaz da Campanha de 1968 para prefeito de Mossoró. (APVR)

CAPÍTULO 2: O intelectual e a Coleção Mossoroense

> Ele [Vingt-Un Maia], um pioneiro. Um batalhador incansável. Um homem que nesta época de insanidade e de radicalismo frenético, reabilita o gênero humano pelo trabalho e pelo idealismo.
> Para dar desse homem fora-de-série uma noção nítida, basta referir o que é a 'Coleção Mossoroense', da Escola de Agricultura, é uma das meninas dos seus olhos. Os livros e estudos publicados por essa Coleção hoje benemérita – são o melhor atestado da sua produtividade, do seu prodigioso esforço. (PEREIRA *apud* MAIA: 1980, p. 211-2)

A editora Coleção Mossoroense foi criada por Jerônimo Vingt-un Rosado Maia no ano de 1949 com o objetivo de publicar pesquisas e documentos a respeito da cidade de Mossoró e do estado do Rio Grande do Norte, pesquisas sobre a seca, estudos sobre a agricultura e pecuária no semiárido. Mesmo sendo sobre temas diversos, as publicações da Coleção Mossoroense são entendidas por nós como fazendo parte do processo de escrita de si de Vingt-un Rosado e do seu grupo familiar, os Rosado. Esse entendimento é possível, pois, lemos a Coleção Mossoroense como sendo um exercício autobiográfico, por meio do qual, Vingt-un se escrevia no espaço público e produzia representações públicas sobre si, sobre sua família e sobre Mossoró.

O desejo de construir uma imagem pública para si mesmo pode ser analisado em outros intelectuais. De acordo com Giselle Martins Venancio (2009), Francisco José de Oliveira Vianna tinha o hábito de prefaciar suas próprias obras e a cada nova edição ou reedição, elaborava outro prefácio. Oliveira Vianna usava os prefácios para apresentar os objetivos da obra, expor os autores com os quais dialogava, dialogar com os seus possíveis leitores, responder as críticas recebidas. Para Venancio, a prática de escrever prefácio ajudou Oliveira Vianna a construir uma identidade para si que foi pautada em imagens como a de que era um intelectual a frente do seu tempo, homem livre de qualquer condicionamento político, homem erudito, pensador aberto e, portanto, capaz de revisar as suas ideias. Assim como Venancio, acreditamos que

a obra de um intelectual pode ser analisada como sendo parte do arquivamento de si e do seu exercício autobiográfico.

Deste modo, trabalhamos com a ideia de que Vingt-un Rosado tanto realizou o seu exercício autobiográfico no espaço privado, por meio do seu arquivo pessoal, quanto no espaço público, por meio da editora Coleção Mossoroense. Pois, por meio dela publicou obras sobre si mesmo, sobre sua família, sobre Mossoró e sobre o semiárido. Essas duas últimas temáticas contribuíram para criar uma identidade para Mossoró bem como para criar a espacialidade nomeada por Vingt-un como sendo o “País de Mossoró” e também ajudou a construí-lo como intelectual que batalhava pela cultura da cidade e pelo seu desenvolvimento. O seu exercício autobiográfico não era realizado sozinho, uma vez que contou com as contribuições de sua família, em especial de sua esposa América Fernandes Rosado Maia, e de amigos que se reuniam simbolicamente em torno da própria Coleção Mossoroense e da ESAM compondo um grupo que compartilhava visões de mundo, sentidos, representações e práticas culturais.

O grupo vinculado a esta comunidade interpretativa mantinha a prática de trocarem elogios entre si, de se citarem e de fazerem referências as obras dos amigos. De acordo com Pierre Bourdieu (2002), a prática que os autores mantem de citarem os amigos em suas obras e de trocarem elogios pode ser entendida como círculo de elogio mútuos. Essa prática ajudava a legitimar o lugar de Vingt-un como intelectual defensor da cultura de Mossoró, de soldado a serviço do “País de Mossoró”. E, investido da imagem de soldado, combateu uma única batalha, a “Batalha da Cultura”. Para entendermos o que significa “Batalha da Cultura” é necessário situá-la dentro da história política de Mossoró.

2.1 – A família Rosado no cenário político

2.1.1 – Espacialidades do Rio Grande do Norte

De acordo com Renato Amado Peixoto (2010), na última década do século XIX e primeira do século XX, o Estado do Rio Grande do Norte se organizou politicamente por meio de arranjos familiares que permitiram a constituição de três espacialidades políticas e produtoras de identidades distintas. De modo que, no começo do século XX, o Estado podia ser mapeado politicamente por meio das seguintes espacialidades: mossoroense, seridoense e natalense. Cada uma era governada pelo o que Peixoto nomeia como sendo organização familiar. Usa esse conceito ao invés do de oligarquia por acreditar que organização familiar é um conceito mais abrangente, pois, possibilita pensar melhor as relações políticas que foram delineadas por meios de relações parentais, em especial pelos casamentos entre famílias importantes e entre parentes próximos, caracterizando, assim, os casamentos endogâmicos. Tais alianças são pensadas pelo autor como estratégias políticas que permitiam assegurar a continuidade e unidade da família e, assim, garantir a manutenção do seu poder de mando em determinada espacialidade.

De acordo com Peixoto (2010), no final do império houve embates políticos entre as espacialidades natalense e a seridoense. Isso criou um vácuo político na espacialidade natalense que seria resolvido apenas durante a República Velha quando a família Pedrosa assumiu o poder e criou laços políticos e de parentesco com duas outras famílias de destaque no estado do Rio Grande do Norte: Tavares de Lyra e Albuquerque Maranhão. Para o autor, essa espacialidade natalense representava um modelo misto, pois não era aberta como a mossoroense que permitia a entrada de outras famílias no poder e nem fechada como a seridoense que impedia o ingresso de outras famílias e de forasteiros na política local.

Peixoto (2010) entende que a espacialidade mossoroense tinha como característica principal ser aberta, pois permitia a entrada de novas famílias no cenário político local. Isso era possível porque as famílias que iniciaram a formação dessa espacialidade, sendo elas as famílias Gurgel e Brito Guerra, não fecharam o espaço, pelo contrário,

permitiam o ingresso de novas famílias no cenário político exemplo disso foi a vinda de famílias cearenses como os Amorim Garcia, os Amintas Barros e os Almeida Castro. Essa família ganhou destaque no cenário político do Rio Grande do Norte. Aqui destacamos um dos seus membros, o médico Francisco Pinheiro de Almeida Castro que se tornou chefe do Partido Liberal em Mossoró e foi o responsável pela vinda de Jerônimo Ribeiro Rosado para Mossoró no ano de 1890.

Ao contrário da espacialidade mossoroense, a seridoense era fechada para o ingresso de novas famílias. Essa espacialidade era dominada pelas famílias Galvão, Faria e Medeiros que se uniram por meio de laços familiares e criaram estratégias de impedir o ingresso de novas famílias advindas de outras localidades. De acordo com Peixoto (2010), o seu fechamento permitiu formar uma organização estável que soube passar pelas mudanças políticas no cenário brasileiro, como a Revolução de 1930, sem muitas atribulações.

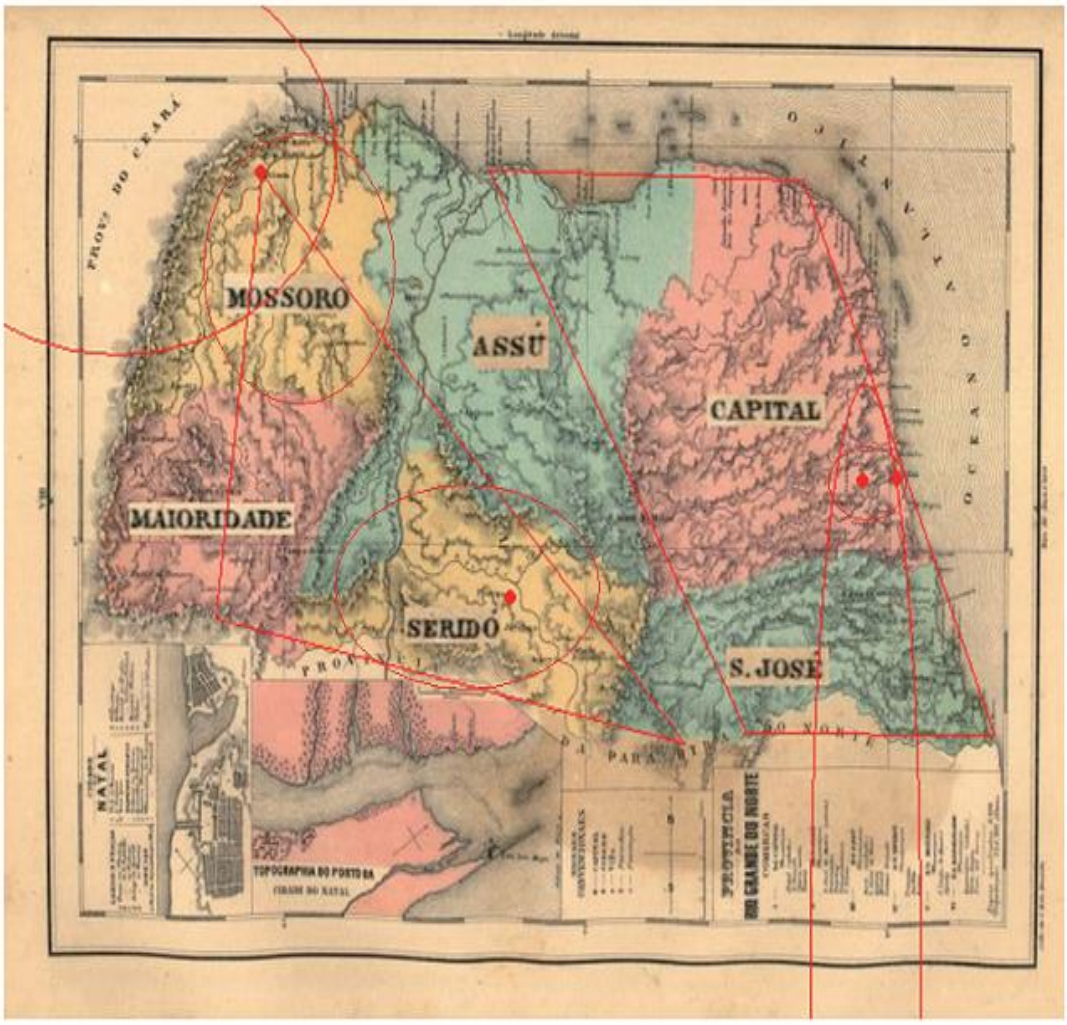
No tocante à espacialidade natalense, o autor destaca que uma das estratégias adotada pela organização familiar dos Tavares de Lyra e Albuquerque Maranhão para legitimarem a sua atuação política e se inscreverem dentro da história da cidade de Natal e do estado do Rio Grande do Norte foi a produção de uma história escrita para o estado. Um dos membros dessas duas famílias era Augusto Tavares de Lyra formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Recife. Além de exercer a profissão de advogado, também atuou como jornalista no jornal *A República*[15], e lecionou a disciplina de História Geral e do Brasil no Colégio Atheneu Norte-rio-grandense entre os anos de 1892 e 1894.[16] De acordo com Peixoto, Augusto Tavares de Lyra foi o primeiro grande historiador do Rio Grande do Norte. E por meio de sua produção historiográfica soube descrever os acontecimentos históricos do estado como estando ligados a atuação política da família Albuquerque Maranhão.

Somado a produção historiográfica, a família Albuquerque Maranhão enquanto esteve à frente do poder político do estado criou uma nova espacialidade para a cidade de Natal que podia ser percebida nos novos nomes atribuídos as ruas, nomes ligados a

[15] De acordo dom Sérgio Trindade (2010), o jornal A República foi fundado em 1 de julho de 1889, por Pedro Velho de Albuquerque Maranhão com o objetivo de fazer do jornal um espaço para publicação de matérias em defesa do Partido Liberal e de ideais republicanos.
[16] http://tribunadonorte.com.br/especial/histrn/hist_rn_8h.htm

personagens republicanos, criação de novos bairros. Havia o desejo de criar uma Natal republicana capaz de se diferenciar do passado, sem ao mesmo tempo romper de todo com ele.

O passado também foi utilizado pela família Rosado para legitimar o seu poder de mando na cidade de Mossoró e no oeste potiguar. A inserção da família Rosado na política mossoroense se inicia com Jerônimo Ribeiro Rosado, o pai de Vingt-un.



Arte: Renato Amado Peixoto. Suporte cartográfico: ALMEIDA, Cândido Mendes de. Atlas do Império do Brasil, Rio de Janeiro: Typographia de Quirino & Irmão, 1868.

Imagem 13 Mapa das espacialidades do Rio Grande do Norte no século XX. Fonte PEIXOTO (2010)

2.1.2 – O velho Rosado e a política mossoroense

No ano de 1890, Jerônimo Ribeiro Rosado e sua esposa Maria Rosado Maia deixaram a cidade de Catolé do Rocha, Paraíba, para fixarem residência em Mossoró, Rio Grande do Norte. A mudança estava relacionada a decisão de Jerônimo Rosado em aceitar o convite do seu amigo Francisco Pinheiro de Almeida Castro para abrir uma farmácia em Mossoró. Almeida Castro, assim como Jerônimo Rosado, não era natural de Mossoró, era cearense e residia na cidade potiguar desde o ano de 1881 onde foi se construindo como homem político até alcançar a liderança do Partido Liberal em Mossoró. Politicamente, Jerônimo Rosado apoiou Almeida Castro e sob a sua liderança chegou a ser intendente[17], entre os anos de 1908 a 1910, e presidente da intendência por duas vezes, no ano de 1917 a 1919 e reeleito para exercer o cargo entre os anos de 1920 e 1922.

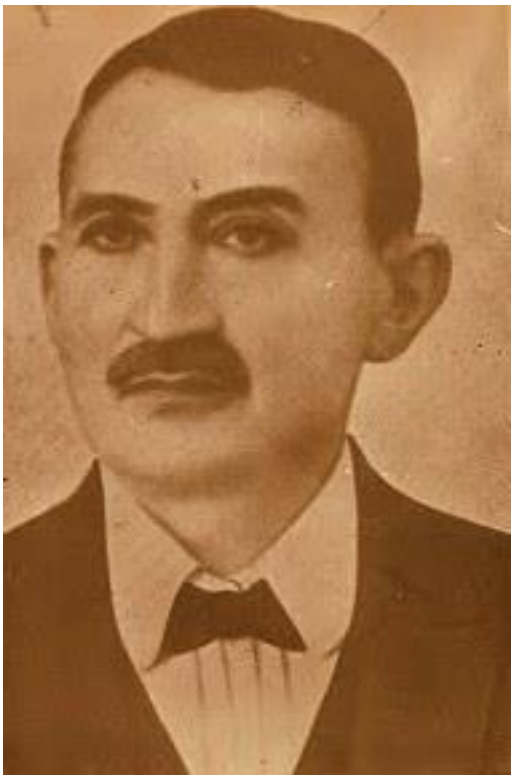


Figura 14 Foto de Jerônimo Ribeiro Rosado. Fonte: http://blogdomendesemendes.blogspot.com.br

[17] O intendente atuava no poder legislativo, enquanto, o presidente da Intendência Municipal atuava no poder executivo do município. Em 1930, Getúlio Vargas, então presidente da República, criou a prefeitura e a função de prefeito, responsável pelo poder executivo.

O poder de mando de Jerônimo Rosado e de sua família foi estudado por Ana Maria Bezerra Lucas (1998) a partir do conceito de coronelismo. Para a autora, a cidade de Mossoró não se enquadrava no estereótipo político existente durante a República Velha, sendo esse, o de que apenas as elites agrárias tiveram acesso a cargos políticos. O seu argumento é pautado no fato de que Jerônimo Rosado era farmacêutico, portanto, um profissional liberal, que chegou a presidência da Intendência Municipal de Mossoró sem estar vinculado a nenhuma elite rural. Para a autora, o velho Rosado formou uma oligarquia urbana.

Isso foi possível, pois, segundo Lucas (1998), mesmo Mossoró tendo a sua formação vinculada a pecuária, uma vez que seu povoamento começou a partir da Fazenda Santa Luzia de propriedade do Sargento-Mor Antonio de Souza Machado, de origem portuguesa, a cidade se destacou na segunda metade do século XIX pelo comércio. Essa atividade econômica atraiu para Mossoró pessoas do médio e baixo Jaguaribe, Ceará, do oeste do Rio Grande do Norte, da região do Rio do Peixe e de Piancó, na Paraíba, para comprar e vender suas mercadorias (FELIPE, 2001). A cidade tornou-se um empório comercial que atraiu comerciantes estrangeiros desejosos por estabelecer comércio em terras do Rio Grande do Norte. Homens que, segundo Raimundo Nonato, trocavam suas terras “banhadas pelos lustros da civilização e de cultura” (NONATO, 1983, p. 61), para virem habitar um lugarejo sem projeção e sem capacidade de proporcionar conforto e bem-estar. Segundo Felipe (2001), estes estrangeiros animaram o comércio e a economia local. O que para o autor era algo “peculiar em uma região até então dominada pela pecuária e pelos fazendeiros” (FELIPE, 2001, p. 35). Os estrangeiros advindos a Mossoró movimentavam a vida cultural e social da vila, depois, cidade de Mossoró, alcançada a essa categoria no ano de 1870. Eles podem ser tidos como os primeiros mensageiros da modernidade, possibilitando a cidade e a muitos dos seus habitantes, principalmente os que poderiam adquirir os produtos vendidos pelos comerciantes estrangeiros, contato com ideias a respeito de modernidade divulgadas, propagadas e vivenciadas em outras cidades do Brasil e do mundo. Ao compartilharem dessas ideias e de novos hábitos, a elite política e econômica de Mossoró procurava afastá-la do seu passado ligado à pecuária.

Diante disso, Lucas (1998) entende que Mossoró se caracterizava como cidade de práticas burguesas, não apenas pela economia pautada no comércio, mas também pela presença de atividades literárias e intelectuais como a criação do jornal *O Mossoroense* no ano de 1872, de publicação semanal, atualmente, corresponde ao terceiro jornal mais antigo do Brasil. Somado a isso, a autora aponta a Casa Maçônica como sendo um espaço de divulgação e formação literária. No dia 31 de agosto de 1873, o jornal *O Mossoroense* noticiou a respeito da inauguração do Recreio Dramático cuja tarefa, segundo o periódico, não era somente entreter os espectadores, mas também, oferecer ao público lições de moral e de experiência, contribuindo, assim, para civilizar a cidade, mais precisamente, o público frequentador. O teatro e as demais artes eram tomadas pelas autoridades municipais, idealizadoras de projetos de modernidade para a urbe, como forma de educar os sentidos dos espectadores.

É nesse contexto de cidade urbana, burguesa, comercial e aberta a chegada de forasteiros que Jerônimo Rosado se fixou em Mossoró e, gradativamente, se inseriu na política local. Para explicar o poder de mando do velho Rosado, Lucas (1998) argumenta que o poder do coronel não emanava apenas da terra, também estava relacionado a posse e manutenção de bens de fortuna, o exercício de certas profissões tidas como importantes na sociedade como Medicina, Direito, Engenharia, e, ter prestígio social. No caso dele, ele exercia a profissão de farmacêutico, dono de farmácia, pesquisador e inventor de remédios, comerciante e industriário. Essas atividades econômicas lhe permitiam a posse de bens de fortuna e circulação em certos espaços sociais que lhe asseguravam prestígio social. Por entender que o coronelismo não estava vinculado apenas a posse de terras, Lucas (1998) acredita que Jerônimo Rosado tinha práticas coronelistas como o clientelismo e o apadrinhamento político, mesmo estando vinculado a uma profissão liberal e adotando posturas de um homem moderno ligado a ciência.

Jerônimo Rosado soube não apenas construir para si o lugar de homem de ciência, mas especialmente de homem a serviço de Mossoró e que teceu batalhas pela cidade a exemplo da “Batalha da Água” iniciada no ano de 1908. No começo do século XX, Mossoró tinha problemas com abastecimento de água. De acordo com Lucas (1998), a ideia de batalha era utilizada por Jerônimo Rosado para se colocar como benfeitor

de Mossoró e para se projetar politicamente. Essa estratégia também foi usada por seus filhos que se colocaram na política fazendo uso da ideia de que tinham um projeto modernizador para a cidade e que eram seus benfeitores.

2.1.3 – Os filhos do velho Rosado também faziam política

Os filhos de Jerônimo Rosado começaram a se iniciar na política a partir de 1945. No período que corresponde na história do Brasil a redemocratização política, pós-Estado Novo. As alianças políticas e as eleições que aconteceram no Rio Grande do Norte entre os anos de 1945 a 1955, de acordo com Jailma Maria de Lima (2010), foram marcadas por muitas tensões e por muitos arranjos políticos que possibilitaram a emergências de novas lideranças políticas. Exemplo disso, foi percebido no caso de Mossoró. No período estudado pela autora, o grupo vinculado à organização familiar dos Rosados, mais precisamente a nova geração da família Rosado, também conhecida como os enumerados por terem a peculiaridade de serem nomeados com o número que correspondia a ordem de nascimento, consolidou sua força política iniciada no final do século XIX.

De acordo com Jailma Lima (2010), no final do Estado Novo, Getúlio Vargas começou as orientações para a redemocratização e formação de partidos políticos nacionais. Uma das medidas criadas por Vargas foi a criação da lei eleitoral de 28 de maio de 1945 que estabelecia critérios para a formação dos partidos, um deles era que os partidos políticos deveriam ser nacionais, para tanto, deveriam ter no mínimo o registro em 5 estados e 10 mil assinaturas de eleitores. Nesse período houve a formação da União Democrática Nacional (UDN), do Partido Social Democrático (PSD), Partido Social Progressista (PSP), Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

A fundação da UDN é datada de 7 de abril de 1945. Ela reuniu políticos que faziam oposição a Vargas e apoiavam a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes à presidência do Brasil. Em oposição a UDN, havia o PSD fundado em 17 de julho de 1945 por interventores estaduais aliados a Getúlio Vargas e que apoiavam a campanha do general Eurico Gaspar Dutra à presidência da República. No ano de

1946, foi criado o PSP. De acordo com Lima (2010), nesse contexto de redemocratização, os novos partidos tiveram que se adaptar também a lógica da política local, aos grupos que já estavam estabelecidos nos estados e nos municípios. Para que adquirissem força e conquistassem espaço em outras espacialidades do estado, era preciso fazer alianças políticas.

De acordo com Lima (2010), os resultados das eleições de 1945 estimularam a aliança entre partidos rivais, a UDN e o PSP, formando as *Oposições Coligadas.* Pois, os dois partidos estavam perdendo espaço para o PSD que vinha crescendo no interior do estado. Sendo assim, era preciso diminuir o seu poder de ação. O objetivo da *Oposições Coligadas* era fortalecer os dois partidos políticos, uma vez que a união permitiria ao PSP entrar no Seridó, espaço marcado pela influência da UDN. Em contrapartida, a UDN cresceria em locais nos quais o PSP concorria diretamente com o PSD. A união da UDN e PSP foi representada nas eleições para governador do estado do Rio Grande do Norte que aconteceram no dia 19 de janeiro de 1947. Os dois partidos indicaram para candidato a governador do estado o nome do Desembargador Floriano Cavalcanti. De acordo com Lima, a indicação do nome de Floriano Cavalcanti teve dois motivos, sendo estes o seu prestígio pessoal e as suas ligações familiares com políticos importantes da UDN e do PSP. Floriano Cavalcanti era irmão de Kerginaldo Cavalcanti, vinculado ao PSP, e cunhado de Djalma Marinho vinculado a UDN. A aliança realizada para governador do estado se repetiu nas eleições para vereador, deputado e na eleição para prefeito em março de 1948.

É dentro dessa aliança política, entre UDN e PSP, que Jerônimo Dix-sept Rosado Maia concorreu como candidato a prefeito de Mossoró nas eleições de 1948. Ele disputou a prefeitura com o banqueiro Sebastião Gurgel Filho, do PSD. De acordo com Bruno Balbino Aires Costa (2012), o nome de Dix-sept Rosado tinha prestígio político na cidade, pois estava relacionado à atuação dos seus irmãos Dix-huit e Vingt Rosado na política estadual e municipal, uma vez que Dix-huit havia sido eleito deputado estadual nas eleições de 1947 e Vingt ganhou as eleições de 1946 para vereador. Dix-sept também conseguiu o apoio das camadas populares, mais precisamente, dos operários de Mossoró. Isso foi possível, pois se colocava como político que pensava e defendia os direitos dos trabalhadores e do povo. Essa sua postura era pautada em grande medida na sua condição de homem ligado a indústria

e ao comércio. Ele era um dos responsáveis pela administração da indústria de gesso da família Rosado. Foi a partir de sua profissão que Vingt-un construiu a representação de que seu irmão, mesmo não tendo diploma universitário, era um homem dotado de uma grande inteligência prática, sensível aos problemas de Mossoró e que desenvolveu "o maior programa cultural de uma administração municipal em Mossoró, em qualquer tempo." (ROSADO, 1978, p.5).

Na sua campanha para prefeito, Dix-sept apresentava como proposta resolver o problema de abastecimento de água na cidade, questão antiga e citada como entrave para o crescimento de Mossoró e limitadora do bem estar dos seus habitantes. Solucionar esse problema era nomeado por ele como sendo a "Batalha da água". Para Costa (2012), a escolha da palavra batalha estava associada às memórias e imaginários formados em torno da Segunda Guerra Mundial que havia terminado em 1945. Concordamos com a análise de Costa, mas também acreditamos que o emprego da palavra batalha estava ligada ao desejo de criar uma continuidade entre passado e presente, pois, Jerônimo Rosado, pai de Dix-sept, empregou a expressão "Batalha da Água" pela primeira vez no ano de 1908, quando foi intendente de Mossoró (LUCAS, 1998). Nesse período, a água já se apresentava enquanto problema que deveria ser resolvido, ou em outras palavras, se apresentava como um inimigo que deveria ser vencido. Retomar o lema criado por seu pai ajudava a produzir a representação de que a família Rosado seria responsável pelo desenvolvimento da cidade. O recurso usado por Dix-sept de usar a memória política do seu pai para produzir uma continuidade entre presente e passado será algo também empregado por Vingt-un em sua escrita.

> Este livro [Uns tantos problemas de Mossoró] é dedicado a memória do meu Pai.
> No seu exemplo, decerto, os seus filhos que fizemos vida pública, Dix-Sept, Dix-Huit, Vingt e Vingt-un, encontramos a lição maior.
> Pelejando pelos problemas de Mossoró, fazendo-o, tantas vezes, como se verá adeante, através de mensagens telegráficas, procuramos seguir as pegadas do velho Jerônimo Rosado [...]. (ROSADO, 1980)

Segundo Costa (2012), em seus discursos Dix-sept Rosado procurava atribuir as suas ações políticas a ideia de que elas só seriam possíveis com a cooperação e o trabalho voluntários dos mossoroenses, assim, todos precisavam se colocar a favor de Mossoró. Dentro dessa perspectiva de luta e envolvimento da população, a palavra batalha conseguia reunir esse sentido e, por sua vez, contribuía para a produção de novas representações como a de que Mossoró era uma cidade de povo corajoso e lutador.

Também fazia parte da proposta para prefeito da cidade promover a urbanização, o saneamento e estimular o crescimento da cultura. Para estimular o crescimento cultural, Dix-sept, enquanto candidato à prefeitura, propunha enfrentar uma nova batalha, desta vez, a "Batalha da Cultura" que consistiria, principalmente, em criar espaços mantenedores da cultura como biblioteca e museu. De acordo com Vingt-un Rosado (2000), a ideia de se construir uma biblioteca pública em Mossoró tinha um precursor cujo nome era Tércio Rosado Maia.

> [Tércio Rosado Maia] Clamava no deserto.
> Mas as sementes lançadas no deserto, se são sementes de idéias nobres, de causas humanitárias podem não germinar.
> Mas tem o destino glorioso de ser um dia descobertas por outras mãos, irmãs em espírito daquelas outras pioneiras. Outras mãos que carregam a semente ainda viva, ainda com poder germinativo, e as lançam ao solo fecundo. Tércio Rosado, tem tido o destino dos pioneiros, dos que anunciam, ainda madrugada, a realização esplendorosa do amanhã. (ROSADO, 2000a, p. 24)

Vingt-un Rosado pautou o seu argumento de que Tércio Rosado era o pioneiro na defesa de construção de biblioteca pública municipal em Mossoró a partir de um texto de Tércio publicado no jornal *O Mossoroense*, em 13 de dezembro de 1913. O texto era intitulado *Um apelo à União Caixeiral* e abordava a necessidade que a cidade tinha de construir um espaço capaz de permitir que a juventude pudesse se dedicar ao estudo e ao desenvolvimento do intelecto.

> É notória e já a tendes sentido muita vez, a falta imperdoável em nosso meio relativamente adiantado, de uma Biblioteca Pública ou de um simples Gabinete de Leitura, onde se achassem facilmente como outros tantos mananciais de luz e de verdade revistas e livros que nem sempre comportam as proporções acanhadas das bibliotecas particulares, estas mesmas servindo apenas ao uso individual, de poucos privilegiados.
> [...]
> Nomeie-se uma comissão dentre vós especialmente para tratar da biblioteca. Peça-se aos responsáveis atuais por essas antigas instituições, os quais não deixarão de aquiescer aos vossos nobres intuitos, o empréstimo dos livros abandonados que sob o vosso zelo tornar-se-ão cem vezes mais úteis e menos depressa se hão de estragar. Recorra-se aos poderes públicos municipais, que certamente, por espírito de patriotismo e obrigação constitucional, pelo bem público, não se negarão a prestar-vos o seu apoio material para aquisição de estantes e prateleiras, e secundar, o seu apoio moral vossos esforços no terreno da propaganda. (ROSADO *apud* ROSADO, 2000a, p. 25-26)

Vingt-un se apropria do texto de Tércio Rosado para construir a representação de que sua família sempre colocou os interesses e as ações em prol de Mossoró antes dos seus interesses pessoais. Também ajudava a construir a representação que não era apenas um membro da família que se engajou em prol de Mossoró, mas todo a família ao longo de anos de ações.

Foi Dix-sept o responsável por atender ao "apelo" de Tércio. De acordo com Vingt-un, Dix-sept após ser eleito e ser empossado no dia 31 de março de 1948[18] não tardou a cumprir a promessa que havia feito durante a campanha eleitoral. Sendo assim, no dia 5 de abril de 1948, por meio do decreto municipal de nº4, criou a biblioteca municipal. Por ter criado o decreto que instituiu a biblioteca, Vingt-un nomeava Dix-sept como o líder da Batalha da Cultura e atribuiu a si mesmo o lugar de soldado. É possível que o uso da palavra soldado e da representação que ela envolvia estivessem relacionados ao fato de Vingt-un ter sido um soldado padioleiro entre os anos de 1944 e 1945, mas que não chegou a combater nos campos da Segunda Guerra Mundial. Em Mossoró, a sua batalha foi a "Batalha da Cultura". Colocar-se como soldado ajudava a construir a representação de que servia ao "País de Mossoró"

[18] Dix-sept Rosado não terminou o seu mandato de prefeito. Ele deixou a prefeitura para concorrer para governador do estado do Rio Grande do Norte nas eleições de 1950. Como vencedor, tomou posse no ano de 1951, mas não chegou a terminar o seu mandato, pois morreu em um acidente aéreo no dia 12 de julho de 1951.

e o fazia por paixão pela sua cidade. A representação de que Vingt-un trabalhava por amor e paixão era reforçada e posta em circulação por seus amigos como podemos ver na matéria intitulada *Garimpeiro da História Mossoroense* escrita por Rodrigues de Melo e publicada no dia 7 de outubro de 1956, no jornal A República que circulava em Natal.

> [...] essa ajuda e esse estímulo por maiores que sejam não poderão jamais obscurecer o esforço gigantesco de Vingt-un Rosado, **pesquisador gratuito** da história mossoroense, a cujo **trabalho de devota por amor e vocação**, transformando-se por isso num benemérito, a quem a cultura mossoroense deve tudo o que se tem realizado nesses últimos vinte anos. Nenhuma cidade do Estado possui nesse terreno o que Mossoró já realizou. [...] O esforço e o trabalho de Vingt-un Rosado ajudado pela ação estimuladora do poder municipal é desses que só merece aplausos não só pela sua realização, mas, sobretudo pela sua continuação e organização dentro dos processos mais modernos de biblioteconomia. [...] sem falar na admiração que tenho pela personalidade afirmativa e, realizadora de Vingt-un Rosado, seria capaz de me animar a vir a público afirmar que **o que se passa na cidade de Mossoró é digno de ser imitado por quantos almejam realizar algo de novo e positivo pela cultura do Rio Grande do Norte** (A República, Natal, 7.10.56.). (ROSADO, 1978, p. 76-7) (grifos nossos)

A matéria publicada no ano de 1956 foi selecionada por Vingt-un para compor o livro *Notícias sobre a Batalha da Cultura* publicado pela Coleção Mossoroense no ano de 1978. A data da publicação do livro torna-se significativa quando percebemos que nesse ano havia completado 30 anos do início da “Batalha da Cultura”, portanto, o livro é entendido por nós como sendo uma comemoração ao aniversário da “Batalha da Cultura”. A matéria escrita por Rodrigues de Melo se soma no livro Notícias da Batalha da Cultura com outras matérias, depoimentos, cartas e telegramas que abordavam as atividades realizadas em prol da cultura de Mossoró. Vale destacar que as atividades foram relacionadas ao nome de Vingt-un e o colocavam como o trabalhador incansável e o grande fomentador da cultura de Mossoró.

De acordo com Bruno Balbino Aires da Costa (2011), a “Batalha da Cultura” iniciada em Mossoró foi elaborada a partir do modelo de investimento cultural existente na cidade de São Paulo por meio do Departamento de Cultura do Município de São

Paulo, criado pela prefeitura no ano de 1935. Costa fundamenta o seu argumento em carta enviada por Vingt-un ao Diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo. A carta é datada de 1949, um ano depois do início da “Batalha da Cultura” em Mossoró, e o assunto principal é o pedido de orientação a respeito de como desenvolver a criação de um departamento de cultura em Mossoró que fosse capaz de liderar e organizar o desenvolvimento cultural da cidade.

> Embora levando em conta a modesta possibilidade financeira de uma prefeitura do Nordeste, é no exemplo da Prefeitura de São Paulo que se tem inspirado todo esse movimento. Os nomes da Biblioteca e do Boletim vieram dos seus congêneres paulistanos. E agora que estamos pensando, para o melhor entrosamento de todas essas instituições, a que se poderiam juntar outra de caráter artístico, em um Departamento Municipal de Cultura, é ainda no Departamento que V. S. dirige que iremos buscar o modelo adequado. É este o assunto desta carta. Estaremos certos de que V. S. não se negará a colaborar conosco, enviando-nos bibliografia sobre essa grande instituição que é o Departamento Municipal de Cultura da Prefeitura de São Paulo. Bibliografia que nos oriente sobre a melhor maneira de organizarmos o Departamento de Cultura mossoroense. (ROSADO, 2001, p. 42)

É interessante destacar que essa carta foi publicada por Vingt-un no livro *Minhas Memórias da Batalha da Cultura,* mais precisamente, no volume II de uma obra formada por 7 volumes nos quais Vingt-un teve o cuidado de transcrever cartas, depoimentos, discursos, trechos de obras que falavam a favor do trabalho de Vingt-un, a frente da “Batalha da Cultura” e de sua esposa América Fernandes Rosado Maia, a quem Vingt-un fazia reconhecer o seu empenho em auxiliar o desenvolvimento da cultura em Mossoró.

De acordo com Costa (2011), outra estratégia de Vingt-un para legitimar a “Batalha da Cultura” foi convidar o folclorista Luís da Câmara Cascudo para participar do movimento por meio da reedição e publicação de seus livros pela Coleção Mossoroense bem como pela sua participação em conferências. Segundo Costa, convidar Câmara Cascudo ajudava a legitimar a ação cultural em Mossoró e ajudava a dar visibilidade a mesma dentro e fora do Estado do Rio Grande do Norte.

Além da construção da biblioteca e do museu, a proposto de Vingt-un para a “Batalha da Cultura” incluía a realização de conferências sobre temas ligados a história de Mossoró.

> O Curso de Antropologia Cultural foi criado pelo prefeito Vingt Rosado. Era pensamento de Dix-sept criar um Curso de Conferências, paralelamente às suas outras iniciativas de ordem cultural. Foi o que Vingt fez.
> Luís da Câmara Cascudo, um animador e encorajador do nosso movimento, deu nome ao curso e sugeriu o temário, que inaugurou com brilho, a 30 de setembro de 1953, com uma aula sobre “Sociologia da Abolição em Mossoró”.
> Outras aulas proferidas, ao tempo de minha gestão [a frente da liderança da “Batalha da Cultura”]:
> Hélio Galvão (Tipos de Povoamento Rural, publicada na Revista Sociologia, de São Paulo); Vingt-un Rosado (A Geologia da Região de Mossoró e Suas Conseqüências Culturais); Manoel Leonardo Nogueira (Esboço Histórico do Futebol Mossoroense); Dalva Estela Nogueira (História da Arte Musical em Mossoró) e João Batista Cascudo Rodrigues (O Colégio de Antônio Gomes, Centro Pioneiro de Educação Secundária em Mossoró e sua Região). (ROSADO, 2000a, p. 13-14)

Vingt-un se ocupava não apenas de divulgar e produzir uma cultura letrada em Mossoró, ele também pesquisou a cultura material. Isso era percebido no seu interesse por fósseis, pedras, cerâmicas, e por quaisquer vestígios materiais deixados pelo passado (ROSADO, 2001, p. 109). Essa sua forma de pensar cultura era percebida na organização do Museu Municipal de Mossoró onde era possível encontrar uma seção destinada aos fósseis e pedras que em grande medida foram coletadas e catalogadas por ele.

De acordo com Aécio Cândido (2004), Vingt-un e sua família podem ser lidos como uma elite econômica, mas também como uma elite política e intelectual que tinha um projeto modernizador e civilizador para a cidade de Mossoró expressado pelo desejo de trazer melhorias para a cidade, como a solução do problema da água, e o desenvolvimento cultural da cidade por meio da criação de locais de cultura. O museu e a biblioteca municipais foram criados para serem espaços nos quais as pessoas iriam para aprender. No caso da biblioteca, o visitante poderia levar algum livro para

casa e depois devolvê-lo. A produção de um projeto modernizador e civilizador para Mossoró cujos agentes foram os membros da família Rosado ajudou a construir uma representação para Vingt-un, para seu grupo familiar e para Mossoró.

Ao pesquisar a “Batalha da Cultura” e sua utilização política pela família Rosado, Bruno Costa (2012) fez uso do conceito de lugares de memória de Pierre Nora (1993). Para Nora, ao entrarem na história e viverem a constante mudança, as sociedades criavam locais para arquivar as suas memórias e mantê-las livre das mudanças e livre da historicidade. Esse espaço de arquivamento e manutenção da memória é nomeado por Nora como sendo lugares de memória. Dentro dessa concepção de lugares de memória, Costa (2012) entende que a biblioteca e o museu municipais são lugares de memória. A criação desses espaços e a produção de memória para a cidade ajudaria a produzir um passado, criar um presente e orientar o futuro. Concordamos com o autor que a biblioteca e o museu municipal de Mossoró são espaços produtores e mantenedores de memória a respeito da cidade e contribuem na produção de uma memória coletiva a respeito da cidade e do seu povo.

A produção de memória ajuda a criar identidade e sentimento de pertencimento ao grupo assegurando assim a coesão do mesmo e sua diferenciação quando comparada a outros espaços do estado do Rio Grande do Norte. De acordo com Bruno Costa (2011a), a cidade de Mossoró foi produzida discursivamente como sendo uma região ao invés de ser apenas uma cidade. Para o autor, isso aconteceu por meio da ação de intelectuais envolvidos na Coleção Mossoroense e na Revista Oeste produzida pelo o Instituto Cultural do Oeste Potiguar (ICOP), criado em 1957. Vingt-un e João Batista Cascudo Rodrigues e outros nomes participaram da criação do ICOP que tinha como objetivo investigar a história, cultura e geografia da cidade de Mossoró e da Oeste. (VER COSTA, 2011a). Por meio da produção escrita do ICOP e da Coleção Mossoroense foi se produzindo saberes sobre Mossoró e sobre as cidades vizinhas, sendo esse conjunto nomeado como região Oeste e cuja principal cidade era Mossoró, dita como a capital do Oeste Potiguar. Costa ainda destaca que a Coleção Mossoroense e o ICOP criaram discursivamente a região Oeste antes da divisão geográfica feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No ano de 1975, o IBGE dividiu os estados brasileiros em mesorregiões. De acordo com

o IBGE (1990), a mesorregião é uma área dentro do estado que apresenta a organização do espaço geográfico definido a partir das seguintes bases:

> **o processo social como determinante o quadro natural como condicionante e a rede de comunicação e de lugares como elemento da articulação espacial**. Estas três dimensões possibilitam que o **espaço delimitado como mesorregião tenha uma identidade regional. Esta identidade é uma realidade construída ao longo do tempo pela sociedade que aí se formou**. (IBGE, 1990, p. 8) (Grifos do autor)

Dentro dessa perspectiva do IBGE, no estado do Rio Grande do Norte foram criadas quatro mesorregiões geográficas, sendo estas: leste potiguar, agreste potiguar, central potiguar e oeste potiguar.

Imagem 15- Mapa das mesorregiões geográficas do Rio Grande do Norte. Fonte: http://docente.ifrn.edu.br/ednardogoncalves/regionalizacoes-do-espaco-potiguar

Para Costa (2011a), o IBGE apenas institucionalizou uma região que primeiro foi criada no campo intelectual. Nesse processo de construção, ele destaca a participação de Vingt-un Rosado, em especial, a sua atuação como editor e organizador de obras publicadas pela Coleção Mossoroense. Esse destaque é dado porque Costa entende que ao organizar uma obra, o organizador acaba também por ser autor da obra e por atribuir sentidos a ela. Emprega essa ideia ao analisar *Mossoró, região e cidade* publicado pela Coleção Mossoroense no ano de 1980. O livro é composto por crônicas que tratavam de diversos aspectos de Mossoró e de cidades vizinhas. Elas foram escritas por Luís da Câmara Cascudo em diferentes anos de sua vida e publicadas no jornal *A República* que circulava em Natal. A seleção e disposição das crônicas no livro foi realizada por Vingt-un.

As crônicas de Câmara Cascudo que compõem o livro *Mossoró, região e cidade* foram escritas para serem veiculadas em outro formato, mais precisamente, na coluna *Acta Diurna* do jornal *A República*. Isso significa dizer que cada crônica foi escrita em um momento específico, com o objetivo de ser uma leitura rápida, uma vez que tinha um espaço reservado no jornal. As crônicas não falavam apenas de Mossoró, também tratavam de cidade vizinhas, talvez seja por isso, que ao reunir as crônicas de modo a compor um livro, Vingt-un, enquanto editor, tenha escolhido o título *Mossoró, região e cidade* dando a entender que Mossoró tanto era uma cidade quanto uma região. O papel de editor realizado por Vingt-un criava uma linearidade entre os textos de modo a compor o sentido de que Mossoró era uma região e a criar identidade espacial para a mesma. Melhor dizendo, Vingt-un se apropriava das crônicas escritas por Câmara Cascudo, deslocando-as tanto do seu lugar de produção, cidade de Natal onde aquele residia, quanto a deslocou da sua materialidade primeira, o jornal. Vingt-un deslocou o foco da escrita de Câmara Cascudo para Mossoró, imprimiu as crônicas dele em uma nova materialidade, o livro, e as colocou em circulação por meio das doações da obra, já que a Coleção Mossoroense não tinha fins comerciais.

Mas por que fazer uso da escrita de um intelectual natalense, por que não um mossoroense? A resposta possível é que Luís da Câmara Cascudo era um nome reconhecido no estado e no país, conhecido como escritor, folclorista, historiador, deste modo, fazer uso da sua fala e da sua escrita seria uma forma de legitimar a construção identitária de Mossoró que vinha sendo feita pelos intelectuais

mossoroenses, em especial, por Vingt-un, nosso objeto de estudo. A construção de uma identidade para a cidade de Mossoró e para a sua família fazia parte do processo de escrita de si de Vingt-un e do seu grupo familiar. Falar a respeito de sua família e da sua cidade era falar sobre si mesmo.

Segundo Michel de Certeau (1998), o espaço não deve ser pensando como algo estático, delimitado unicamente pelo traço geométrico, pelo contrário, o espaço deve ser pensado como algo praticado, que não pode ser delimitado por uma razão imposta, é vivido e sentido, deste modo, está diretamente ligado a experiência e as diversas relações que os indivíduos estabelecem com ele. Dentro dessa perspectiva, o espaço se contrapõe ao lugar, pois, este é entendido como sendo a ordem, algo delimitado e imposto pela lei, ou pelo que Certeau nomeia como sendo o próprio. A diferença não é estática, uma vez que o espaço pode se transformar em espaço e o espaço em lugar. Isso é possível, pois segundo o autor, os relatos transformam constantemente lugares em espaços e espaços em lugares. Somado a isso, os relatos ajudam a criar fronteiras. Mas o que seriam os relatos? Para o autor, os relatos são criados a partir de fragmentos retirados de histórias anteriores que são organizados de modo a compor uma narrativa que crie representações capazes de dar forma e sentido ao espaço bem como funcione como relato de fundação, pois, todo relato também acaba por fundar e legitimar o espaço. Sendo assim, os relatos criados por Vingt-un por meio da Coleção Mossoroense criavam e fundavam a cidade de Mossoró ou como ele chamava, o “País de Mossoró”. Isso é possível, pois, para Certeau, o relato deve ser pensado como sendo um ato culturalmente fundador, uma fundação simbólica do espaço.

De acordo com Aécio Cândido de Sousa (2004), por meio da Coleção Mossoroense, Vingt-un Rosado organizou a história de Mossoró em torno do conceito de elite civilizadora. Foi no estudo do passado que ele identificou e destacou personagens que atuaram na cidade visando desenvolvê-la. Nesse processo de elaboração de uma história para Mossoró, criou um lugar de destaque para sua família. A exemplo do lugar que atribuiu para seus irmãos Dix-sept Rosado, descrito como o homem que permitiu a criação do museu e da biblioteca municipais, e Dix-huit era descrito como o aliado de Vingt-un na busca por doações de livros para preencher as prateleiras da jovem biblioteca municipal.

> Dix-huit Rosado em Natal bateu em todas as casas mossoroenses ou de amigos da Cidade pedindo livros para a nossa Biblioteca. Semanalmente, quase, chegavam-nos caixotes e mais caixotes e a sua campanha deve ter dado a Mossoró dois mil volumes. (ROSADO, 1978, p. 6)

Os esforços de Dix-huit, na escrita de Vingt-un, assumem o lugar de reforço a representação de que a família Rosado servia a Mossoró por amor a terra e sem esperar recompensas ou louros da vitória. Era assim, também, que Vingt-un descrevia a Dix-sept e sua "Batalha da Cultura". Para a realizá-la, Dix-sept organizou uma comissão responsável por arrecadar e organizar o material coletado. Tal comissão era composta por João Damasceno da Silva Oliveira, José Romualdo de Souza, José Ferreira da Silva, Rafael Bruno Fernandes de Negreiros e Vingt-un Rosado. Sendo este, o presidente da comissão (ROSADO, 1978, p. 6).

A inauguração da Biblioteca Municipal de Mossoró e do Museu Municipal de Mossoró aconteceu no dia 30 de setembro de 1948. A escolha não foi desprovida de simbologia, pois o dia 30 de setembro é uma data festiva na cidade. Nessa mesma data, no ano de 1883, a cidade de Mossoró libertou os seus escravos, tornando-se a primeira cidade no Rio Grande do Norte a libertá-los. A data do 30 de setembro tornou-se um feriado municipal por meio da lei municipal nº30 criada no dia 13 de setembro de 1913. A biblioteca começou o seu funcionamento em uma sala cedida pelo Clube Ipiranga, cujo presidente a época era Augusto da Escóssia, neto do fundador do Jornal *O Mossoroense*, Jeremias da Rocha Nogueira. Escóssia doou para a biblioteca municipal a Biblioteca Hemetério de Queiroz.

Em 5 de abril de 1958, por ocasião da comemoração dos 10 anos do decreto que autorizava a implantação da Biblioteca Pública Municipal, Raimundo Soares de Souza, advogado e posteriormente prefeito de Mossoró entre os anos de 1964 a 1968, participou das festividades e, ao proferir a sua conferência, lembrou da atuação de Vingt-un à frente da organização dos trabalhos para implantação da biblioteca. É importante destacar que dois anos antes (1956) desta festividade, Vingt-un havia se afastado da liderança do movimento da "Batalha da Cultura". Para Raimundo Soares

de Sousa, a biblioteca “tornou-se para o escritor conterrâneo [Vingt-un] uma paixão obsedante” (SOARES *apud* ROSADO, 1978, p. 23). E destacava a atuação do mesmo como podemos ver a seguir.

> Mas não seria justo deixar de por aqui, em seu devido relevo, o incansável trabalho do dr. Vingt-un Rosado, que, sem remuneração ou recompensa de qualquer espécie, é, sem favor, o grande artífice da organização e consolidação da Biblioteca Pública Municipal de Mossoró, desde os seus primórdios. [...] Qualquer depoimento que visasse, pelo menos, diminuir a inestimável contribuição do dr. Vingt-un Rosado para o êxito da Biblioteca, teria a repulsa de todos, a cujos olhos é palpável, concreto o seu trabalho, intimamente ligado à trajetória luminosa desta casa.
> Com efeito, no irmão encontrou o Prefeito Dix-sept Rosado o grande colaborador de seus propósitos de soerguimento intelectual de Mossoró. Tratava-se de um cronista histórico de primeira água, que já se impusera ao respeito da província por ensaios sérios citados em obras de mestres. (SOARES *apud* ROSADO, 1978, p. 22-3)[19]

O depoimento de Raimundo Soares deve ser situado em dois momentos. O primeiro é o ano de enunciação da fala, 1958, dez anos após o início da “Batalha da Cultura”. Em sua fala é possível perceber elogios a Vingt-un e ao projeto de cultura encabeçado por ele. Como o depoimento de Soares foi pronunciado no dia da comemoração aos dez anos da “Batalha da Cultura”, nesse contexto, sua fala pode ser entendida como legitimadora da “Batalha” e de suas ações. Vinte anos depois, o depoimento de Soares foi inserido no livro *Notícias sobre a Batalha da Cultura*, publicado pela Coleção Mossoroense no ano de 1978 e organizado por Vingt-un. Ao citar o depoimento, Vingt-un promovia um deslocamento e uma apropriação. Deslocamento, pois o retirava da oralidade para inseri-lo dentro da lógica da escrita. Somado a isso, promovia um deslocamento temporal, pois, lançava o depoimento de Soares em 1978 de modo a promover a ideia de continuidade entre o passado (1958) e o presente (1978). O passado era utilizado por Vingt-un para pensar e legitimar o presente, legitimar o lugar ocupado pelos sujeitos no presente. No tocante à apropriação, o intelectual usava o depoimento de Soares para reforçar a sua atuação na construção da biblioteca, um

[19] Essa conferência também foi publicada no livro “Vingt-un" organizado por América Rosado (1980) em homenagem ao aniversário de 60 anos de Jerônimo Vingt-un Rosado Maia.

dos objetivos da “Batalha da Cultura” e o colocava em circulação por meio da publicação em livro. De acordo com Soares (1978), a atuação de Vingt-un era algo inegável e estava “intimamente ligado à trajetória luminosa desta casa [da biblioteca]” (SOARES *apud* ROSADO, 1978, p. 22-3)

As comemorações em torno do aniversário da “Batalha da Cultura” podem ser entendidas como produtoras de continuidade entre passado e presente. Para realizarmos esse entendimento, tomamos como base o pensamento de Jeanne Marie Gagnebin (2006). A autora argumenta que as comemorações são realizadas como forma de criar e/ou reforçar laços entre o presente e o passando criando, assim, a sensação de continuidade. Somado a isso, as comemorações podem ser apropriadas para servirem de legitimadoras de grupos políticos, pois, por meio das comemorações é possível produzir uma memória coletiva ligando o grupo ao lugar. Para a autora, o ato de comemorar não tem uma relação crítica com a memória, isso significa dizer que não há indagações a respeito dos motivos que levaram a conservação da memória ou esquecimento da mesma. Em contrapartida, o ato de rememorar é mais crítico e investigativo, deste modo, envolve indagações a respeito dos motivos da lembrança, do esquecimento e das relações envolvidas nisso. Destacamos a relação entre o lembrar e o esquecer, pois, para a autora, a memória é marcada pela tensão de escolher o que deve e/ou precisa ser lembrado e o que deve e/ou precisa ser esquecido. Gagnebin entende que o passado não é uma descrição, mas uma articulação entre lembrar e esquecer que é marcada por interesses políticos.

A atuação nesta “Batalha da Cultura” auxiliou Vingt-un a construir para si a imagem de trabalhador intelectual incansável. Entretanto, esta é uma imagem que merece uma reflexão basilar. De acordo com Jean-François Sirinelli (1996), o conceito de intelectual é de difícil definição. Como tentativa de delimitar o sentido, Sirinelli aponta duas possíveis definições. A primeira diz que os intelectuais correspondem aos “produtores” e “mediadores” de cultura como os professores, jornalistas, sociólogos. A segunda definição está relacionada ao engajamento nas questões sociais da cidade, neste caso, o intelectual seria uma pessoa que participaria ativamente dentro da cidade propondo melhorias para a mesma e organizando eventos. Sirinelli sugere que esses dois sentidos sejam pensados interligadamente e não em oposição. Um professor, por exemplo, se pensado como intelectual, tanto “produz” bens culturais

dentro de seu espaço de trabalho (o colégio, a academia), quanto também intervém na organização da cidade, pois a sua opinião, quando emitida, é tida como sendo especializada e, portanto, legítima para falar sobre algo ou algum acontecimento. Dessa forma, sua intervenção é promotora de ação dentro da cidade. (SIRINELLI, 1996, p.243).

É a partir desse olhar emprestado de Sirinelli que entendemos Jerônimo Vingt-un Rosado Maia como um intelectual. Assim sendo, é a partir de sua atuação na "Batalha da Cultura" que Vingt-un vai construindo para si uma imagem de intelectual e de soldado a serviço da cultura. O seu processo de construção de si como intelectual encontrou espaço de atuação na Coleção Mossoroense.

2.2. – A Coleção Mossoroense

A "Batalha da Cultura" teve como um dos seus frutos a Coleção Mossoroense, criada em 1949. Nos seus primeiros anos foi financiada pela Prefeitura Municipal de Mossoró. O financiamento pela prefeitura não significava a garantia de publicação de obras. Em junho de 1965, Vingt-un escrevia para seu amigo Raimundo Nonato informando da impossibilidade de publicar sua obra pela Coleção Mossoroense, pois a mesma não tinha recebido verba da prefeitura. A carta nos permite entender que o dinheiro foi usado pela prefeitura para outras finalidades. "O certo é que andaram gastando dinheiro daquela verba federal sem me comunicarem." (APVR)

No ano de 1974, a Coleção Mossoroense passou a viver outra realidade, pois, começou a receber ajuda financeira da ESAM. Essa ajuda foi possível, porque em março de 1974, Vingt-un havia tomado posse do cargo de diretor da ESAM. A partir de 1976, o financiamento que a ESAM dava para a Coleção Mossoroense passou a ser feito por meio da Fundação Guimarães Duque (FGD).[20]

[20] Fundação para o direito brasileiro significa personificar um patrimônio. Personificar significa atribuir vontade e capacidade de agir a um ente não natural, ou seja, as fundações possuem a mesma natureza jurídica das associações e sociedades, pois, possuem vontade própria, possibilidade de ação, não dependente de vontades individuais de pessoas físicas (naturais). Portanto, o instituto civil da fundação permite a criação jurídica de uma vontade para um patrimônio. Desta forma, vincula as ações de um

A história da FGD e os seus objetivos podem ser lidos em um livro publicado por Vingt-un no ano de 1980 cujo nome era *Notícia sobre a Fundação Guimarães Duque*. Por meio desse livro, Vingt-un fazia publicar a resolução e o estatuto da FGD. Ela foi criada e aprovada por meio da Resolução do Conselho Técnico-Administrativo da ESAM n.º 004/76 no dia 27 de setembro de 1976. Nessa data, o presidente do Conselho Técnico-Administrativo era Jerônimo Vingt-un Rosado Maia. De acordo com a Resolução nº 004/76, a FGD foi criada porque a ESAM tinha condições propícias para a criação da mesma como corpo docente qualificado, disponibilidade de laboratórios que são descritos no texto da Resolução como sendo "relativamente bem aparelhados" (ROSADO, 1980, p. 24). O texto seguia descrevendo o papel que a FGD teria e o compromisso que a ESAM deveria assumir no nordeste. O compromisso era estudar o semiárido e a caatinga uma vez que a "ESAM é [era] a única Escola de Agronomia do Brasil Semi-árido propriamente dito e por isso oferece melhores condições para o estudo 'in loco' das potencialidades da caatinga" (ROSADO, 1980, p.24). Sendo o objetivo da FGD era pesquisar a agricultura e a pecuária do semiárido e da caatinga.

Um dos objetivos da FGD apresentado em seu estatuto era "divulgar dados científicos através de publicações especializadas." (ROSADO, 1980, p. 29). A união entre FGD e Coleção Mossoroense permitiria a realização do objetivo, pois, as pesquisas realizadas sobre a agricultura e a pecuária no semiárido eram publicadas em forma de livros pela Coleção Mossoroense.

As publicações da Coleção Mossoroense também dependiam de convênios e parcerias feitas com universidades, bancos e outros órgãos financiadores. Vingt-un descrevia os convênios como sendo frutos de viagens que ele fazia para apresentar projetos e pedir financiamentos. Algumas dessas viagens eram descritas em suas obras como a viagem que fez a Natal em janeiro de 1979. Um dos objetivos da viagem era conseguir que a Imprensa Universitária da UFRN ajudasse na publicação de obras da Coleção Mossoroense. (ROSADO, 1980, p. 143). No mesmo ano, conseguiu que

patrimônio a objetivos determinados (PEREIRA, Caio Mário da Silva. Instituições de Direito Civil. Vol. 1 – Introdução ao direito civil: teoria geral do direito civil. 23ª edição. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2010. pp. 308-314

a Imprensa Universitária da UFPB se comprometesse em ajudar na impressão de obras da Coleção Mossoroense (ROSADO, 1980, p. 161).

Além das universidades, outro parceiro da Coleção Mossoroense e da FGD era o BNB. No ano de 1979, o BNB firmou convênio com a FGD e repassou para a mesma o valor de Cr$ 600.000,00 (seiscentos mil cruzeiros) que seriam destinados para a publicação de livros. (ROSADO, 1980, p. 67-8). Não sabemos ao certo quantos livros foram editados e nem a quantidade de tiragem de cada exemplar impressos no ano de 1979 pela Coleção Mossoroense, mas acreditamos que tenha sido uma quantidade significativa. Pois, de acordo com Vingt-un Rosado (1980), no ano de 1979, a Coleção realizou uma doação de 9.589 exemplares de livros que foram enviados para vários estados do Brasil e também para fora do país, exemplares foram enviados para os Estados Unidos da América. E os livros recebidos pela FGD, descritos por Vingt-un como sendo fruto de permutas, foram entregues à biblioteca Orlando Teixeira, localizada na ESAM. (ROSADO, 1980, p.106-7). O ano de 1979 se encaixa na segunda fase da Coleção Mossoroense período que vai de 1974 a 1994. E segundo informação do site da Coleção Mossoroense, enquanto a primeira fase publicou 293 títulos, a segunda atingiu 1.888 publicações. Os números nos permitem perceber que houve aumento significativo no número de publicações durante a segunda fase, período financiado pela FGD.[21]

A terceira fase se iniciou no ano de 1994 e teve como uma de suas marcas o fim dos repasses de dinheiro que a FGD fazia para a Coleção Mossoroense. O motivo foi a divergência entre Joaquim Amaro Filho, diretor da ESAM entre os anos de 1992 e 1996, e Vingt-un Rosado. Aquele determinou que a ESAM e a FGD não fariam mais repasses para a publicação de livros e que a primeira não sediaria mais nenhum evento vinculado a “Batalha da Cultura”. Objetivando contornar esse entrave, Vingt-un criou no ano de 1995 uma fundação que levava o seu nome Fundação Vingt-un Rosado (FVR) cujo propósito era angariar fundos para publicar novas obras.

Essa ruptura foi narrada por Vingt-un em discursos proferidos na cidade de Mossoró, a exemplo do realizado no dia 25 de setembro de 1994, na Loja Maçônica Jerônimo

[21] Ver o site http://www.itaucultural.org.br/rumos/webreportagem/fotos.htm

Rosado. O discurso foi realizado em tom de pesar e de denúncia da "morte da *Coleção Mossoroense"*.

> A cultura estava incomodando a ESAM.
> [...]
> As resmas e as matrizes prometidas logo deixaram de ser entregues. A Gráfica Tércio Rosado, que chegou a produzir um livro por dia, tinha somente quatro funcionários. Deixaram-na com dois.
> [...]
> A morte da *Coleção Mossoroense* não comoveu Mossoró, porque as suas instituições, a sua Inteligência, as suas Lideranças não sabiam que ela tinha nascido. (ROSADO, 2001b, p. 153-154)

Vingt-un reclamava a falta de financiamento para as ações culturais e afirmava que a Coleção Mossoroense havia morrido sem que a população mossoroense e os poderes públicos municipais tivessem percebido. Para Vingt-un, a falta de sensibilidade da população se explicava, porque, ela não tinha percebido o nascimento da Coleção Mossoroense nem tampouco a sua importância cultural.

A partir dos anos de 1990, Vingt-un adota uma fala recorrente, sendo essa a de que os governantes de Mossoró e do Estado do Rio Grande do Norte não se preocupavam com a cultura, indiferença expressa na falta de repasse de dinheiro para execução de projetos culturais. A repetição dessa fala pode ser entendida como um processo de enquadramento da memória a respeito da "Batalha da Cultura" e da ação de Vingt-un Rosado como intelectual. De acordo com Ângela de Castro Gomes (1996), a memória deve ser entendida como um trabalho, pois, o passado é pensado e dado a ler a partir das inquietações do presente, deste modo, a memória é passiva de alterações constantes. E suas alterações podem colocar em risco a identidade do indivíduo, do grupo, da cidade. Para fugir da mudança ou minimizá-la, o narrador, indivíduo tido como sendo autorizado a falar em nome do grupo, narra a memória procurando contá-la do mesmo modo, sem mudanças, promovendo, assim, o enquadramento da memória. Acreditamos que Vingt-un realizou o enquadramento da memória relacionada a "Batalha da Cultura" contribuindo, assim, para produzir a representação de que ele lutava pela cultura mossoroense e que contava com poucos aliados na sua luta, uma de suas aliadas era a sua esposa América Fernandes Rosado Maia.

> Diretores fechadores dos Museus que eu deixei, verdugos que expulsaram a inteligência da minha escola: AMOL [Academia Mossoroense de Letras], ICOP [Instituto Cultural do Oeste Potiguar], SBEC [Sociedade Brasileira de Estudo do Cangaço], ficaram sem teto. Retiraram os nomes das salas, porque eram inimigos da memória dos que me ajudaram a construir a Escola.
> Parece que a danação dos que não sabem fazer, pós doutorou-se no anseio de apagar as pegadas de Vingt-un e América. (ROSADO, 2001d, p. 19)

Vingt-un descreve como se tivesse acontecido o apagamento de sua memória, como se tivessem retirado as marcas de sua atuação à frente da ESAM bem como as ações realizadas por América em prol da cultura mossoroense. A ruptura com a ESAM representou uma fase da Coleção Mossoroense marcada por parcos recursos. Enquanto na segunda fase os autores não precisavam gastar para ter suas obras publicadas pela Coleção Mossoroense, na terceira fase, as publicações precisavam da participação dos autores nos gastos da edição. Isso era percebido em cartas enviadas por Vingt-un para autores interessados em publicar pela Coleção Mossoroense.

> Mossoró-RN, 1º de Dezembro de 1995
> Celso:
>
> As 50 resmas fizeram boa viagem, muito obrigado pela gentileza.
> [...]
> Na sua passagem por aqui conversei sobre as dificuldades de fazer cultura nestes dias. De 10 projetos pequenos encaminhados pela FVR neste 95 ainda não pingou 1 centavo. [...]
> Mande seu trabalho digitado. As nossas edições são de 300 exemplares. Você ficaria com 200 exemplares. Se o livro for de 150 páginas você me mandará uma caixa de tinta com 5 tubos Gestetner CopyPrinter Ink CPT1.
> [...]
> A capa será de sua responsabilidade.
> Resumindo: o papel já está comigo. Você providenciará a capa e a tinta. O livro sairá pela FVR, Coleção Mossoroense, Série C, Volume 873. Veja o exemplo.
>
> Afetuosamente,
> Vingt-un. (APVR)

Paiva: (em 15/5/96)

[...]
Considerando a probresa super-franciscana da Fundação, concordamos em publicar o livro “A bordo do tempo” com a seguinte participação do autor.
1- Remeter 20 resmas de papel (75 gr 215x 315) correspondente em moeda mossoroense, isto é, preço do papel na cidade: 160,00.
2- Remessa em vale postal de 200 reais para gratificação dos gráficos e pessoal de acabamento.
[...]
Edição de 300 exemplares dos quais 250 serão remetidos ao autor.
Numa edição comercial acredito que o autor gastasse em 300 exemplares de 130 pág. cerca de 2.500 reais. Indispensável a vinda do disquete.

Afetuosamente,
21 (APVR)

A primeira carta foi escrita no ano de 1995 e a segunda no ano de 1996. Mesmo tendo sido escritas em anos diferentes, as duas tratavam do mesmo assunto, sendo estes, a publicação de livros e a participação dos autores nos custos da publicação. A falta de recursos era descrita como não sendo impeditivo para a publicação de livros. Ela foi apropriada por Vingt-un para auxiliar na construção da representação de que ele era um apaixonado por livros. Paixão que fazia com que ele pagasse a impressão das obras usando recursos próprios. Na ausência de recursos, pegava dinheiro emprestado com agiotas. De acordo com o site da Coleção Mossoroense, Vingt-un chegou a dever mais de 20 mil reais a agiotas.[22]

Dizer que Vingt-un pedia dinheiro emprestado para produzir livros ajudava a produzir a representação de que o intelectual era uma pessoa que se sacrificava pela ciência, pela cultura, pela cidade de Mossoró. Por sua vez, esta representação ajudava a criar uma nova representação, sendo esta, a de que ele era o único a se preocupar com Mossoró, o único a conhecer cuidadosamente a história da cidade, por isso, deveria ser visto como o guardião da memória da mesma. Somado a isso, afirmar que pegava empréstimos para publicar livros, reforçava publicamente o seu amor por Mossoró e

[22] Ver o site http://www.itaucultural.org.br/rumos/webreportagem/fotos.htm

mostrava como a sua paixão pela cidade era algo que estava acima do seu interesse financeiro.

O processo de constituição da Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EDUFRN) e sua produção científica foram investigados por Francisca Sirleide Pereira (2012). A autora localiza a EDUFRN dentro do cenário editorial do Brasil e também no estado do Rio Grande do Norte. Em se tratando do Rio Grande do Norte, a autora fala que o estado sempre teve inclinação para as letras. E tal inclinação começou a ser criada no período das capitanias hereditárias uma vez que seu primeiro donatário era o cronista João de Barros, "é como se esse fato tivesse selado o destino literário do povo potiguar" (PEREIRA, 2012, p. 53).

A autora destaca outros nomes que obtiveram destaque nas letras potiguares, no final do século XVIII e início do século XIX, Francisco de Brito Guerra, em 1800, era padre, jornalista e foi considerado o primeiro literato do estado, Tomás Xavier Garcia de Almeida, que no ano de 1818 formou-se pela Universidade de Coimbra se tornando o primeiro potiguar a graduar-se por essa universidade, e Nísia Floresta Augusta Brasileira[23] (PEREIRA, 2012, p. 53). Em 9 de agosto 1990, o então governador do estado do Rio Grande do Norte, Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão decreta a lei estadual nº145 que autorizava e financiava a publicação de obras de autores que escreviam a respeito do Rio Grande do Norte. De acordo com Francisca Sirleide Pereira (2012), a longa vigência da lei permitiu que nas décadas de 1950 e 1960, autores como Luís da Câmara Cascudo e Zila Mamede[24] tivessem suas obras publicadas.

[23] Nísia Floresta Augusta Brasileira é o pseudônimo usado por Dionísia Gonçalves Pinto. Escritora potiguar, poetisa e feminista nascida no ano de 1810. Aos 14 anos de idade se mudará juntamente com seus pais para o estado de Pernambuco. Foi nesse estado que suas primeiras produções literárias tornaram-se públicas por meio do jornal *Espelho das Brasileiras*. A escolha do seu pseudônimo é associado aos seguintes pontos: Nísia seria o diminutivo de Dionísia; Floresta faria referência ao sítio no qual nasceu nascimento. Dionísia *Nísia,* diminutivo de Dionísia; *Floresta,* para lembrar o sítio Floresta, localizado em Papari – RN e que hoje leva o nome de sua filha ilustre; *Brasileira,* em referência ao seu sentimento de amor ao Brasil; Augusta em alusão ao seu segundo marido, pai de sua filha.

[24] Zila da Costa Mamede nasceu em 1928, na cidade de Nova Palmeira, estado da Paraíba, mas cresceu e trabalhou no Rio Grande do Norte, onde ganhou destaque como por seu trabalho de poetisa e bibliotecária. Seu trabalho como bibliotecária pode ser vista na organização dos livros da biblioteca central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que leva seu nome, Biblioteca Zila Mamede e na biblioteca pública estadual Luís da Câmara Cascudo. Zila Mamede publicou livros sobre biblioteconomia e também publicou livros com suas poesias. Morreu no ano de 1985, afogou-se no enquanto nadava no mar da Praia do Meio, em Natal – RN.

Dentro do cenário de produção editorial do Rio Grande do Norte, Pereira (2012) destaca a atuação de Jerônimo Vingt-un Rosado Maia e o coloca como pioneiro na editoração de livros científicos no estado. Ao descrever Vingt-un e seu trabalho, Francisca Pereira acaba por fazer uso de representação já existente em torno do intelectual. Representações como a de que ele tinha o “defeito” de ser apaixonado por livros e tal defeito fazia com que Mossoró se diferenciasse das outras cidades. Somado a isso, tinha a missão de editar livros. A autora, ao fazer uso das representações a respeito de Vingt-un Rosado, acabou por coloca-las em circulação e ao fazer isso permite que as representações sejam reforçadas e adquiram o caráter de verdade a respeito de Vingt-un.

Em contraposição a Francisca Sirleide Pereira (2012) que reconhece a Coleção Mossoroense e Vingt-un como pioneiros na produção de livros científicos no estado, Lawrence Hallewell (2012) afirma que a produção editorial do Rio Grande do Norte se reduzia a capital, mais precisamente, as produções editadas pela Fundação José Augusto que foi criada no ano de 1963 pelo governo do estado do Rio Grand do Norte (HALLEWELL, 2012, p. 697).

Hallwell (2012) não levou em consideração a atuação da Imprensa Universitária, depois denominada de Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EDUFRN) e nem o trabalho da Coleção Mossoroense. Supomos que não reconheça a Coleção Mossoroense como sendo uma editora, pois, a mesma não possuía corpo editorial, conselho científico e não tinha uma linha editorial definida. Somado a isso, não tinha caráter econômico. Todos os exemplares publicados pela Coleção eram doados a universidades, escolas, pesquisadores, bibliotecas e qualquer pessoa que se dirigisse até Vingt-un e pedisse a ele algum dos exemplares.

Para as autoras Maria Cristina Guimarães Oliveira e Glessa Celestino de Santana (2011), a Coleção Mossoroense não deve ser vista apenas como a paixão de um intelectual, mas principalmente como registro de uma memória científica impressa a respeito de Mossoró e da região Nordeste que auxilia na produção de identidades regionais. Por entenderem que a Coleção representa a memória impressa, as autoras consideram a FVR como sendo um lugar de memória uma vez que esta é responsável por assegurar a manutenção e continuidade da Coleção Mossoroense. As mesmas pensam o conceito de lugar de memória a partir de Pierre Nora (1993). Para esse, os

lugares de memória são provenientes do sentimento de que não há memória espontânea, sendo assim, é preciso arquivar a memória para evitar o seu esquecimento. (NORA, 1993, p. 13). Para suprir a ausência da memória tradicional seria preciso arquivar todos os vestígios que se relacionassem a sociedade e ajudassem a criar para a mesma uma memória.

Por sua vez, Alessandro Teixeira Nóbrega (2007) investiga como a Coleção Mossoroense, por meio da produção de livros em homenagem a Dix-sept Rosado, criou a representação de que ele era um herói que morreu servindo a Mossoró e ao Estado do Rio Grande do Norte. Para defender seu argumento, o autor trabalha com a ideia de que a Coleção Mossoroense é um espaço utilizado para inventar tradições. Para tanto, pensa invenção da tradição a partir de Hobsbawm e Ranger (2008) que entendem por tradição inventada um conjunto de práticas que são regulados por regras silenciosas ou regras que já são aceitas pelo grupo. As práticas vinculadas a tradição inventada podem ser de natureza ritual ou simbólica e buscam, por meio da repetição, fazer com que as pessoas assimilem valores e normas de comportamento de modo a criar uma continuidade entre passado e presente uma vez que uma das funções das tradições inventadas é a de ligar o passado ao presente criando uma continuidade entre os dois. Para que não haja uma confusão interpretativa entre costume e tradição, os autores diferenciam os dois e a diferença se encontra principalmente no fato de que as tradições buscam assumir o caráter de invariabilidade que é percebida na produção de rituais fixos e que devem ser repetidos do mesmo modo. Em contrapartida, o costume possui margens para a mutabilidade, pois busca adaptar-se as mudanças ocorridas na sociedade. (HOBSBAWM; RANGER, 2008, p. 9-10).

De acordo com Hobsbawm e Ranger (2008), as tradições são inventadas para dar sentido e ordenamento a sociedades que passaram por transformações rápidas que destruíram velhos padrões de comportamentos legitimados pelas tradições anteriores, também podem ser utilizadas para legitimar a participação de novos sujeitos no cenário político. Acreditamos que esse seja o uso feito por Vingt-un e sua família Rosado. Partindo desse olhar, a Coleção Mossoroense por meio de suas publicações procuraria tecer relações entre a história de Mossoró e a família Rosado, bem como criar relações entre os valores do povo mossoroense e os de Dix-sept Rosado.

Segundo Alessandro Nóbrega (2007), a Coleção Mossoroense escreveu a história dentro de uma perspectiva da história política tradicional, isso significa dizer, que havia exaltação dos grandes homens tidos como os sujeitos e heróis da história. Nóbrega também lê a Coleção Mossoroense como sendo produtora de uma história institucional e tendo como função legitimar o grupo político formado pela família Rosado. Ainda segundo o mesmo autor, Vingt-un por meio da Coleção Mossoroense se apropriou de acontecimentos históricos ocorridos na cidade de Mossoró e procurou enaltecer tais fatos de modo a criar uma unidade entre passado e presente (NÓBREGA, 2007, p. 53-4). Isso fez com que a Coleção Mossoroense assumisse um papel político e cultural dentro da cidade. Por meio do seu papel cultural, ela ajudava a produzir coesão para o grupo, pois produzia para o mesmo uma memória que passava a ser compartilhada por todos. E a existência de uma memória em comum ajudava a produzir o sentimento de pertencimento ao grupo e ao lugar. Nóbrega compartilha com José Lacerda Alves Felipe (2001) o pensamento de que a Coleção Mossoroense era utilizada como forma de assegurar o poder da família Rosado uma vez que produzia uma identificação do lugar com a mesma.

Depois de expressar os olhares de Francisca Sirleide Pereira (2012), Lawrence Hallewell (2012), Maria Cristina Guimarães Oliveira e Glessa Celestino de Santana (2011) e de Alessandro Teixeira Nóbrega (2007) a respeito da Coleção Mossoroense, precisamos esclarecer para o leitor qual é o nosso entendimento a respeito da mesma. Concordamos com Pereira (2012) que Vingt-un é um dos primeiros editores do Rio Grande do Norte, mas discordamos quando a autora expõe essa informação como se fosse a realização de um destino manifesto. Discordamos de Hallewell (2012) quando diz que além da produção editorial ligada a Fundação José Augusto não havia outra manifestação significativa de produção editorial. A Coleção Mossoroense mesmo não possuindo alguns elementos que caracterizam uma editora como a existência de conselho editorial e de linha editorial tinha uma produção significativa de obras frutos de estudo científicos sobre a seca e permitiu a divulgação de trabalhos sobre Mossoró e o estado do Rio Grande do Norte. Concordamos com as autoras Oliveira e Santana (2011) e com o autor Nóbrega que a Coleção Mossoroense é um lugar de memória e de invenção de tradições.

Outro ponto que devemos levar em consideração ao analisar a Coleção Mossoroense é o levantado pelo autor Sadraque Micael Alves de Carvalho (2012). Ele investiga como os professores de História da educação básica se apropriam da história de Mossoró veiculada por meio da Coleção Mossoroense de modo a promover uma consciência histórica. Para tanto, Carvalho (2012) inicia a sua investigação analisando os trabalhos de três autores, sendo estes, José Lacerda Alves Felipe (2001), Francisco Fagundes de Paiva Neto (1998) e Emanuel Pereira Braz (1999). Para Carvalho, os três autores, por meio de seus trabalhos, produziram sentidos a respeito a respeito de Mossoró e se tornaram referências para a produção de novos trabalhos. Mas qual foi o sentido produzido por Felipe, Paiva Neto e Braz? Os três autores, mesmo pesquisando objetos de pesquisas diferentes, trabalham com a ideia de que a Coleção Mossoroense é produtora de ideologia que justifica e legitima o poder de mando da família Rosado em Mossoró. Carvalho (2012) destaca que mesmo esses autores fazendo duras críticas a Coleção Mossoroense, em suas pesquisas de doutorado e de mestrado, tiveram seus trabalhos publicados por meio dessa editora. Diante disso, Carvalho levanta questões a respeito do que levaria Vingt-un Rosado a publicar em sua editora trabalhos que faziam críticas a editora e a sua família, porém, não indica respostas, pois, não é o foco de sua pesquisa. Mesmo não apontando possibilidades de respostas, Carvalho nos faz pensar a respeito de como Vingt-un fazia uso das críticas recebidas. Lemos a publicação as críticas como sendo uma forma de Vingt-un se apropriar delas e lhe atribuir um novo sentido, sendo esse, o de mostrar que a Coleção Mossoroense era uma editora importante ao ponto de gerar pesquisas de mestrado e de doutorado. Ao se apropriar das críticas por meio de suas publicações em formato de livro, Vingt-un mudava o sentido delas que deixavam o tom de negação da Coleção Mossoroense para se tornarem em críticas produtivas.

Como exemplo citamos a forma como Vingt-un se apropriou da tese de doutorado em Geografia de José Lacerda Alves Felipe intitulada *Memória e imaginário político na (re)invenção do lugar. Os Rosado e o país de Mossoró*[25] defendida no ano de 2000, na Universidade Federal do Rio de Janeiro sob a orientação da professora Iná Elias de Castro. O objetivo do trabalho de Felipe era investigar a construção imaginária da cidade de Mossoró por meio da Coleção Mossoroense. A hipótese de Felipe era Vingt-

[25] A tese de José Lacerda Alves Felipe foi publicada em livro no ano de 2001 pela editora Grafset, de João Pessoa, Paraíba.

un construiu discursivamente, por meio da Coleção Mossoroense, uma cidade e a dotou de uma identidade ao ponto de torna-la algo único, o “País de Mossoró”. Essa construção foi possível, pois, segundo Felipe, Vingt-un elaborou a história de Mossoró de modo a criar vinculações simbólicas entre a cidade de Mossoró e a família Rosado tornando-os agentes da história, isto é, os promotores da mudança.

Vingt-un selecionou trechos da tese de Felipe e a publicou no volume V do livro *Minhas Memórias da Batalha da Cultura* (2001d). O tópico destinado a transcrição foi intitulado por Vingt-un como sendo *Uma notável tese de doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro sobre Mossoró*. O título criado por Vingt-un não permite que o leitor entenda que o trabalho de Felipe era uma crítica a Coleção Mossoroense, pelo contrário, produzia o sentido de que era uma defesa a mesma. Principalmente, quando levamos em consideração que Vingt-un se apropriava do texto de Felipe e o colocava em circulação por meio de um livro onde narrava as suas ações em prol da “Batalha da Cultura”. Ao fazer isso, o intelectual mossoroense promovia um deslocamento e fazia com que a crítica se tornasse uma divulgação de suas ações em prol da cultura mossoroense. Somado a isso, defendemos que a Coleção Mossoroense também ajudou no exercício autobiográfico de Vingt-un.

2.3 – A Coleção Mossoroense e a construção de si de Jerônimo Vingt-un Rosado Maia

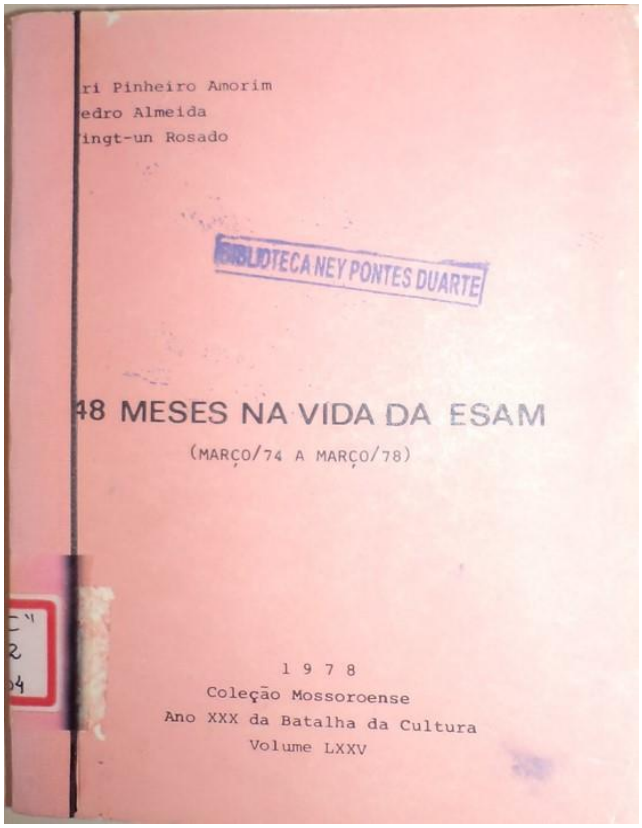


Imagem 16 Capa de livro da Coleção Mossoroense

Entendemos a Coleção Mossoroense como sendo parte constitutiva do processo de escrita de si de Vingt-un. Esse entendimento provém do fato de que ao criar a Coleção Mossoroense, Vingt-un criou um espaço para publicação e divulgação de livros cujos assuntos eram ligados direta ou indiretamente a ele. Quando falamos que os livros tratavam diretamente de Vingt-un queremos dizer que eram obras sobre ele e isso incluía seleção de cartas passivas, depoimentos, relatórios sobre sua atuação em algum cargo, *curriculum vitae*. E quando nos referimos as obras que tratavam indiretamente dele, queremos dizer que são obras que falavam de Mossoró, de sua família, da ESAM, da seca, de paleontologia e outros. Tais assuntos tangenciavam Vingt-un pois eles ajudavam a entende-lo ligado a vários grupos a exemplo do familiar, do político e do acadêmico.

Um exemplo do exercício autobiográfico realizado por Vingt-un é *Um auto-retrato* publicado no volume IV do livro *Minhas Memórias da Batalha da Cultura* (2001c). O texto foi escrito no formato de perguntas e respostas como se fosse uma entrevista na qual Vingt-un pergunta e responde para si mesmo. Ao longo do auto-retrato, Vingt-un se nomeia como sendo um organizador de livro ou ajuntador de textos ao invés de escritor. Não se considerava um historiador, mas um amigo de papéis velhos. Não se considerava antropólogo e nem cientista social, mas um trabalhador braçal da cultura que servia por paixão a Mossoró. Com relação a ESAM, afirmava que havia nascido de sua obstinação em ver Mossoró com uma escola agrícola capaz de atender as necessidades do semiárido. Em 2003, em entrevista a repórteres da Revista Preá, revista da Fundação José Augusto, Vingt-un retomou as representações que expressou no seu auto-retrato, principalmente a de que era um ajuntador de papéis velhos a serviço de Mossoró e de que a construção da ESAM foi fruto do seu esforço. Mais uma vez é possível perceber que Vingt-un produziu o enquadramento da memória a respeito do seu trabalho em prol da cultura mossoroense.

Como editor da Coleção Mossoroense, Vingt-un acabava por selecionar o que seria produzido ou não em sua editora. E, por meio do seu processo de seleção, indicava e apresentava os autores e os assuntos que deveriam ser lidos. Nesse exercício de escolha, Vingt-un também se colocava como um intelectual, pois, foi o seu olhar que filtrou o que era interessante ou não. E ao fazer isso, ele criava o seu lugar dentro da academia e dentro da cidade de Mossoró e aos poucos ia sendo construído o seu lugar de intelectual preocupado com a ciência e com a cidade de Mossoró. De acordo com Aécio Cândido (2004), Vingt-un deve ser lido como um intelectual que tinha uma visão liberal para o desenvolvimento de Mossoró e isso se expressava pela sua preocupação com a pesquisa científica, com a história da cidade e, especialmente, com o seu desejo de divulgar a ciência, de torna-la acessível a todos. Um dos seus temas principais era a cidade de Mossoró. Sobre ela procurava publicar obras a respeito da cidade em vários aspectos como a geografia, clima, paleontologia, petróleo e sobre a história da cidade. A respeito da história da cidade de Mossoró, vale destacar que Vingt-un estimulou, por meio da Coleção Mossoroense, a publicação de documentos como as atas da Câmara Municipal de Mossoró, códigos de posturas municipais, relatórios das atividades dos presidentes da intendência municipal, e reprodução de jornais que circularam na cidade no passado, como, por

exemplo, o jornal *O Mossoroense* que teve seus exemplares da primeira fase (1872-1876) compilados e reproduzidos em forma de livro.

Assim, analogamente ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) que criou uma história escrita para o Brasil, entendemos que Vingt-un elaborou, por meio da Coleção Mossoroense, a história da cidade de Mossoró produzindo para a mesma uma memória coletiva construtora de uma identidade local pautada nas ideias de coragem, pioneirismo, valentia. Criou para sua família um lugar de destaque dentro da história da cidade e para si criou o lugar de intelectual do "País de Mossoró".

Fazemos essa analogia, a partir do diálogo com Manoel Luís Salgado Guimarães (2011). Segundo ele, o IHGB foi criado no ano de 1838 e teve como principais idealizadores Raimundo José da Cunha Matos e Januário da Cunha Barbosa, dois monarquistas que viam a disseminação de ideias republicanas nos países vizinhos ao Brasil como sendo um risco para a manutenção do sistema monárquico aqui empregado. Diante da proximidade do perigo se fazia necessário assegurar a ordem e uma das formas de assegurá-la foi a produção de uma história para o Brasil. Pois, por meio dela seria possível produzir o sentimento nacional, venerar a nação e evitar as ideias republicanas. Manter a monarquia significava manter a ordem do país. (GUIMARÃES, 2011, p. 69). Para tanto, fazia-se necessário produzir uma identidade para a jovem nação.

De acordo com Guimarães (2011), o projeto de construção de uma nação para o Brasil foi pautado no desejo de promover um amálgama entre o novo e o velho, entre a independência e a permanência da família Bragança no poder. A independência era entendida como sendo anterior a data de 1822, havia nascido em 1808 com a chegada da família real ao Brasil. Diante disso, a história do Brasil não seria pensada e escrita como separada de Portugal, pelo contrário, faziam parte de uma mesma história que foi produzida pelo IHGB visando não apenas produzir uma identidade para a nação, mas, também, para orientar o imperador em suas decisões políticas. Os integrantes do IHGB entendiam a história a partir da influência do iluminismo, sendo assim, a história serviria para oferecer exemplos, especialmente para os homens políticos que veriam na história exemplo capazes de ajudá-los a tomar decisões. Outra característica da visão iluminista da história era o entendimento de que a história se desenvolvia de modo linear, caminhando para o progresso. A história guiaria a nação

no seu desenvolvimento. Entendiam que uma nação sem história não era civilizada, seu povo seria como bárbaros tateando sem perspectiva de futuro. Para fugir da barbárie, o Brasil precisava ter a sua história pesquisada e escrita. As pesquisas eram divulgadas em forma de artigos na revista do IHGB. Também eram publicadas transcrições de documentos a respeito do Brasil e traduções de artigos de autores estrangeiros. Neste caso, um dos objetivos era divulgar no Brasil as pesquisas e as inovações tecnológicas que aconteciam na Europa.

Pensamos que do mesmo modo que o IHGB, a Coleção Mossoroense pode ser vista como o meio pelo qual Vingt-un desejava construir a história de Mossoró, história capaz de servir de suporte para criar uma identidade mossoroense como sendo a cidade da resistência e da liberdade. Também utilizava a Coleção Mossoroense para divulgar pesquisas sobre a seca e as soluções para a mesma. Ao fazer isso, utilizava a Coleção Mossoroense como um espaço no qual se poderia discutir soluções científicas para problemas que atingiam a economia da cidade e do seu entorno, como era o caso da seca. Ao escrever e publicar obras sobre Mossoró, Vingt-un e a Coleção Mossoroense contribuíam para criar o morto e um lugar para ele. O morto deve ser entendido como sendo o passado. Ao falar sobre ele por meio da escrita, é possível defini-lo e delimitá-lo criando, assim, um espaço específico para o passado. E ao delimitá-lo, a escrita acaba por criar um lugar para o presente e um espaço para os vivos. Sendo assim, supomos que a Coleção Mossoroense criava um passado, um presente e expectativas de futuro para Mossoró. (CERTEAU, 2007)

Além dos livros escritos e organizados por Vingt-un, a Coleção Mossoroense também publicou trabalhos de outros autores. Quando observamos alguns nomes desses autores a exemplo de Raimundo Nonato, Raimundo Brito, Sebastião Vasconcelos, percebemos que eram escritores que faziam parte do ciclo de amizade de Vingt-un e compunham juntamente com ele uma comunidade interpretativa. De acordo com Roger Chartier (2010), a comunidade interpretativa de leitores bem como a de escritores consiste em um grupo de indivíduos que compartilham as mesmas ideias, hábitos, práticas culturais. Essas comunidades podem estar reunidas em torno de universidades, clubes, revistas, editoras. No caso de Vingt-un, supomos que a sua comunidade interpretativa se reunia em torno da Coleção Mossoroense e da Escola Superior de Agricultura de Mossoró. Como característica dessa comunidade

percebemos a existência de uma troca constante de elogios mútuos e o hábito de citarem uns aos outros.

Gustavo Sorá (2010) investigou a Editora José Olympio e o papel exercido por José Olympio, dono e editor chefe da editora que levava seu nome. Por meio de sua investigação, analisou a formação do mercado editorial no Brasil no começo do século XX bem como o processo de especialização em torno da produção de livros, mais precisamente, a formação de profissionais especializados como impressor, livreiro, editor e de espaços voltados para a realização de cada função como a oficina gráfica, a livraria e a editora. (SORÁ, 2010, p. 62). Em se tratando de editor, Sorá destaca Monteiro Lobato como sendo um dos primeiros a atuar como editor no Brasil e a pensar o livro não apenas como objeto cultural, mas também como mercadoria que deveria estar ao alcance do consumidor. Com relação ao papel de editor, Sorá destaca que é um espaço no qual é possível escolher títulos, autores e impor padrões culturais. (SORÁ, 2010, p. 53). Atuando como editor, Vingt-un realizava o mesmo exercício de seleção e de construção de padrões de legitimidade para a história de Mossoró. Ser publicado pela Coleção Mossoroense significava a entrada dentro do cenário intelectual de Mossoró.

Ainda em sua pesquisa, Sorá destaca o papel exercido pela *brasiliana,* nome atribuído à coleção, seção de biblioteca ou conjunto de obras que tratassem a respeito do Brasil. Tal conjunto, quando visto por um leitor estrangeiro causaria nele a impressão de ter acesso a toda cultura produzida no país. Vale destacar que a princípio, essas coleções não foram formadas em torno de editoras, mas em torno de bibliófilos como é o caso da brasiliana pertencente a Alfredo Pujol, bibliófilo brasileiro. Foi com o crescimento do mercado editorial no Brasil que as editoras criaram espaços destinados a publicações de obras a respeito do Brasil. Exemplo disso era a Coleção Documentos Brasileiros dirigida por Gilberto Freyre e editada com o selo da Editora José Olympio.

De acordo com Fábio Franzini (2006), a Editora José Olympio não foi a única a lançar uma coleção de livros visando explicar e dar sentido a história do Brasil, outras editoras já tinham iniciado esse objetivo a exemplo da Companhia Editora Nacional que lançou a Brasiliana no ano de 1931, a Editora Schmidt com a sua Coleção Azul, no ano de 1932, e Editora Martins com a Biblioteca Histórica Brasileira, no ano de 1940. A Coleção Documentos Históricos criada por José Olympio, no ano de 1936, foi

feita, segundo Franzini, tomando como inspiração a Coleção Brasiliana criada pela Companhia Editora Nacional que tinha como um dos seus sócios o escritor Monteiro Lobato.

Tocamos nesse ponto das brasilianas, pois, acreditamos que a Coleção Mossoroense criada por Vingt-un Rosado pode ser lida e entendida do mesmo modo que se entendia as brasilianas, ou seja, a Coleção Mossoroense seria um espaço de produção de livros onde o leitor nascido em Mossoró ou em outra cidade poderia, por meio da leitura, ter acesso a cultura mossoroense. Não apenas a cultura letrada, também teria acesso a pesquisas referentes a cultura material, como informações fósseis encontrados no Rio Grande do Norte, geologia. Somado a isso, acreditamos que Vingt-un entendia essa coleção como sendo de valor significativo, pois, enfatizava o seu esforço para adquiri-la e incorporá-la a biblioteca da ESAM.

De acordo com Gustavo Sorá (2010), às vezes para ter uma obra publicada era preciso que o seu autor seguisse alguns protocolos como o de dedicar obras aos amigos escritores ou críticos literários, além da dedicatória, o autor poderia citar seus amigos ao longo do texto e estes, em retribuição, também o citava. Tal prática é nomeada por Gustavo Sorá (2010) como sendo sistema de autorreferência. A prática de autorreferência ajudava a construir o que Pierre Bourdieu (2002) nomeava como sendo o círculo de elogios mútuos. A criação deste círculo ajudava a reforçar laços e a produzir críticas positivas que por sua vez auxiliavam a legitimação dos intelectuais como sendo produtores de um saber autorizado. De modo que estar dentro do círculo de elogios mútuos contribuía para que o intelectual fosse aceito e reconhecido pelos seus pares como sendo um igual. Somado ao exercício de autorreferência também havia o de dedicar livros. Roger Chartier (2008) diz que dedicar livros a alguém é uma forma de agradecimento, muitas vezes é uma forma de agradecer pelo mecenato. Em outros casos, é um meio de conseguir legitimação para a obra. No caso de Vingt-un encontramos o hábito de dedicar alguns livros a amigos e a pessoas que ajudaram na realização de seus projetos. Como exemplo de dedicatória, podemos ver no livro *ESAM, única Escola de Agronomia do Brasil semi-árido* escrito por ele em parceria com Pedro Almeida (1974), como vemos a seguir:

A ESAM dedica este livro a três Estadistas brasileiros:
Tarso Dutra
O Ministro da Federalização
Jarbas Passarinho
O Ministro da Consolidação
Ney Braga
O Ministro da Expansão

A dedicatória, neste caso, pode ser entendida como uma forma de agradecimento e também como uma forma de reforçar laços com o poder uma vez que o livro foi dedicado a três políticos que ocuparam o Ministério da Educação e Cultura durante a ditadura militar. Porém, ao ler a dedicatória, o leitor se depara com três ministérios que não existiam: Ministério da Federalização, Ministério da Consolidação, Ministério da Expansão. Supomos que eles foram criados por Vingt-un para enfatizar a relação que cada um dos ministros tiveram com a ESAM. Essa relação fica melhor esclarecida quando relacionamos o tempo de atuação de cada ministro no Ministério da Educação e Cultura com fatos da história da escola.

Tarso Dutra foi nomeado por Vingt-un como sendo o Ministro da Federalização. Acreditamos que essa nomeação estivesse relacionada ao fato da ESAM ter sido federalizada no ano de 1969, período no qual Dutra atuou como ministro da Educação e da Cultura (1967 a 1969). Por sua vez, Jarbas Passarinho foi nomeado na escrita de Vingt-un como sendo o Ministro da Consolidação, acreditamos que estivesse relacionado ao fato dele ter assinado em 28 de janeiro de 1972, o Decreto nº 70.077 que reconhecia e regulamentava o curso de agronomia da ESAM. Vale destacar que Passarinho atuou como ministro da Educação e da Cultura entre os anos de 1969 e 1974. Por fim, Ney Braga foi chamado de Ministro da Expansão. Braga foi Ministro da Educação e da Cultura durante os anos de 1974 a 1978. Nesse período na história da ESAM, Vingt-un assumiu a direção da ESAM e começou um processo de reformas, ampliação no número de salas, construção de biblioteca, aumento no número de vagas para o vestibular, criação de cursos de tecnólogos. No mesmo livro encontramos mais agradecimentos, desta vez a Universidade Federal do Ceará, pois essa instituição ajudou a estruturar as disciplinas da ESAM. Esses gestos eram formas de reforçar laços e de legitimar o lugar de quem falava. No livro *Notícias sobre a Fundação Guimarães Duque* (ROSADO, 1980) escrito por Vingt-un, a obra foi

dedicada como sendo uma homenagem a Guimarães Duque, agrônomo que também ajudou na construção da ESAM.

No livro *Informação sobre um dos grandes do país de Pernambuco, o professor e cientista Paulo José Duarte* (ESCÓSSIA; ROSADO, 1996), encontramos uma dedicatória ao personagem que dá nome ao livro.

> Paulo não era rico, a não ser daquela riqueza de espírito dos grandes homens. Quantas vezes, as Fundações Guimarães Duque e Vingt-un Rosado, responsáveis pela COLEÇÃO MOSSOROENSE, receberam as suas dádivas generosas, contrastando com alguns abastados de Mossoró que se negam a participar de um mutirão mensal de dez reais. (ESCÓSSIA; ROSADO, 1996)

Como vemos, o livro foi escrito como uma homenagem a um dos colaboradores econômicos da Coleção Mossoroense. Na dedicatória, os autores reconheciam o financiamento de Paulo Duarte e aproveitavam o espaço para criticar a não participação de mossoroenses no auxílio à Coleção Mossoroense. E essa era uma das queixas que Vingt-un fazia e fez ao longo da vida, a de que o povo de Mossoró não entendia o valor e a importância da Coleção Mossoroense para a cidade. Críticas que foram constantes quando a Coleção Mossoroense passou a ter problemas com a falta de recursos para publicar seus livros. A falta de recursos se iniciou no ano de 1994, quando a Fundação Guimarães Duque (FGD) mantida pela ESAM deixou de financiar a edição dos livros.

Algumas obras publicadas pela Coleção Mossoroense se apropriavam de representações já existentes a respeito do intelectual mossoroense bem como a respeito de Mossoró e, a partir delas, reforçavam ou produziam novas representações, permitindo, assim, a circulação das mesmas e a superposição de presentes diferentes. Entendemos a circulação como sendo um meio que possibilita a divulgação e construção de representações, por isso, para o nosso trabalho, lemos a Coleção Mossoroense como sendo uma prática cultural (ação) que criava representações e coloca as mesmas em circulação. Defendemos que há a produção de representações, pois, os livros editados e publicados pela Coleção buscam produzir um sentido para a

cidade de Mossoró, para Vingt-un e a família Rosado. Além de produzir sentido, os livros também procuravam legitimar essa produção de sentido, pois, se revestiam com o caráter de pesquisa histórica baseada em fatos e documentos, modelo de história adotado pela escola metódica (REIS, 1996).

Os livros da Coleção Mossoroense eram doados, prática que permaneceu após a sua morte. Em entrevista concedida ao jornal *O Mossoroense,* Jerônimo Dix-sept Rosado Maia Sobrinho, filho de Vingt-un, afirmava que a Fundação Vingt-un Rosado e a Coleção Mossoroense seguiriam suas atividades em prol da cultura mossoroense.

> OM [O Mossoroense] – Burocraticamente não muda nada na Fundação Vingt-un Rosado, mantenedora da Coleção Mossoroense, tendo em vista que você é o presidente, mas a família já se reuniu para decidir se este trabalho será continuado?
> DS [Dix-sept Sobrinho] – Depois do dia vinte e um nós tivemos que resolver várias coisas e uma delas foi sobre a Fundação Vingt-un Rosado. Nós nos reunimos e decidimos que a responsabilidade é de todos, principalmente dos filhos de Vingt-un. Decidimos que vamos continuar até como uma forma de homenageá-lo. Vai ser de nossa responsabilidade cuidar desta árvore de raízes tão profundas. Claro, não vai ser nunca como foi com Vingt-un, com o conhecimento que ele tinha, com o dinamismo, com a força que ele tinha em conseguir as coisas. Mas ele plantou raízes muito profundas, como eu disse, e hoje nós nos reunimos para decidir continuar e vamos continuar. Mas a responsabilidade não é só dos filhos de Vingt-un, é também dos intelectuais da cidade que constroem mesmo a Coleção Mossoroense, que constroem a cultura desta cidade, do próprio Estado também, porque Vingt-un não era um nome da família, da cidade, era do Estado, era nacional e poderíamos dizer até que conhecido em outras partes do mundo. (Jornal O Mossoroense, 25-12-2005)

A doação de livros ajudava a colocar em circulação as representações criadas por meio da Coleção Mossoroense. E por meio dessas representações buscava-se ligar o presente ao passado criando, assim, uma superposição de temporalidades. O passado era lido pelo presente e descrito como se houvesse uma continuidade entre os dois. Esse desejo de promover uma continuidade está relacionado com o fato de que o presente enquanto novidade para se auto afirmar precisa apropriar-se de elementos do passado.

Segundo Paul Connerton (1999), a memória possui uma dimensão política que não pode ser negada, pois, os usos da memória produzem representações de poder e lugares de onde o poder se manifesta. Portanto, aquele que controla os usos da memória dentro de um grupo ou dentro da sociedade também controla a produção de hierarquia de poder. Com relação aos usos da memória, a recordação e o apagamento devem ser pensados como imbricados, uma vez que, para criar algo novo é preciso apagar e ao mesmo tempo recordar vestígios da memória do grupo. A construção do novo envolve recordações, busca-se na memória elementos para construí-lo. E tais elementos tem seu sentido primeiro apagado e para ele é produzido um novo sentido.

A apropriação da memória para a partir dela criar representações de poder e locais de poder como o de intelectual é percebida em diversas obras da Coleção Mossoroense, mas para este capítulo destacamos a obra intitulada *Vingt-un* que foi organizada por América Fernandes Rosado Maia (1980), esposa de Vingt-un. A obra foi publicada em comemoração ao aniversário de 60 anos do intelectual mossoroense. Nesse livro lemos cartas e depoimentos sobre Vingt-un que foram selecionados por América Maia. Entre as cartas e depoimentos há um ponto em comum que é a constância de elogios endereçados a Vingt-un.

2.3.1 *Vingt-un*

América Fernandes Rosado Maia e Jerônimo Vingt-un Rosado Maia se conheceram em Minas Gerais quando este fazia o curso de Agronomia na ESAL. Casaram-se no ano de 1947 e, após o casamento, América Maia tornou-se não apenas sua esposa, mas também uma incentivadora e companheira de pesquisa e ajudante na “Batalha da Cultura”, uma intelectual que fazia parte da comunidade interpretativa da qual participava Vingt-un e uma das principais colaboradoras para a construção da imagem de que ele era um intelectual a serviço de Mossoró. Podemos perceber a sua atuação nos livros que organizou e cujo tema principal era o seu esposo. Exemplo disso é a obra *Vingt-un,* publicada em 1980 em comemoração ao aniversário de 60 anos do intelectual mossoroense.

Imagem 17 - América Fernandes Rosado Maia. Fonte: http://jmpminhasimpleshistorias.blogspot.com.br/2014/03/cachorros-na-biblioteca-do-dr-vingt-un.html

Visando explicar o propósito da obra, América Maia redigiu um texto introdutório para o livro, *À guisa de um prefácio*, no qual contava ao leitor os motivos que a conduziram na organização e elaboração do livro. Os motivos apresentados por ela reforçam algumas representações em torno de Vingt-un como a de que ele era uma pessoa simples e desprovidas de grandes vaidades. “Nunca fizemos uma comemoração festiva no seu aniversário [...]. Ele sempre pensou que uma festa de proporções maiores poderia parecer uma agressão aos que, ao seu redor, tinham tão pouco (MAIA, 1980, p. 3). Deste modo, na imagem destacada pela esposa, ao invés de festa, o melhor presente para o intelectual era ganhar um livro contando a sua história.

América Maia nos permite ler coisas significativas em sua escrita. A primeira trata-se de que o seu objetivo inicial era escrever uma biografia em tom de romance. “O nosso desejo primeiro era que tivesse este livro o gênero biográfico. Uma biografia romanciada; gênero de leitura que muito nos agrada”. A segunda era que seu marido tinha a prática de arquivar material a respeito de si mesmo. “No entretanto na riqueza dos seus arquivos fomos encontrar o conteúdo destas páginas”. Terceiro, entendia o

livro como sendo um documento que atestava algo a respeito de Vingt-un, como se houvesse uma verdade a ser dita. “Lendo cada uma delas achamos razões muito fortes para reuní-las neste documento [...]” (MAIA, 1980, p. 3).

Imagem 18 América Fernandes Rosado Maia. Fonte: http://jotamaria-anafloriano.blogspot.com.br/2012/08/tributo-ana-floriano-foi-criado-em-2006.html

De acordo com Angela de Castro Gomes (1998), os arquivos pessoais são capazes de seduzir os pesquisadores com a ideia de que eles representam a “verdade” a respeito do proprietário do acervo. Deste modo, o feitiço dos arquivos pessoais é o de levar o historiador a acreditar numa autenticidade só porque o documento foi escrito de próprio punho do sujeito investigado. Diante disso, podemos dizer que o contato com o arquivo seduziu a escritora América Maia ao ponto da mesma entender que os documentos existentes nele atestavam a verdade sobre Vingt-un, por isso, não era preciso haver uma crítica, só era necessário compilar os documentos e ordená-los.

O quarto ponto que destacamos no texto de América Maia é que havia o desejo de construir para Vingt-un uma narrativa que desse sentido a sua trajetória de vida e produzisse unidade para a sua identidade. “mas seria também a história que teríamos de contar aos nossos filhos e aos nossos netos [...]” (MAIA, 1980, p. 3). O desejo de construir uma unidade para o indivíduo fazia parte da necessidade que o indivíduo moderno tinha de criar narrativas que produzissem a sensação de unidade e dessem a impressão de que as suas vidas transcorressem de modo a cumprir uma finalidade,

como se houvesse um destino a ser cumprido. Essa sensação de unidade cria o que Bourdieu (1996) nomeia como sendo ilusão biográfica. Sendo assim, acreditamos que o livro tivesse como um dos seus objetivos criar uma unidade para Vingt-un de modo a tecer um fio condutor entre os diversos acontecimentos de sua vida. Entendemos que a construção de narrativas biográficas ajuda a produzir uma representação estanque do indivíduo capaz de ser opor a outras narrativas que venham a se chocarem com a representação principal. Quinto ponto que destacamos no prólogo de América, corresponde ao fato da biografia ser escrita visando um possível leitor, sejam eles os filhos e netos, como destacou América Maia, sejam eles desconhecidos. A prática de contar a história de vida de Vingt-un auxiliaria a produzir e a reforçar representações em torno dele.

Por isso, entendemos a Coleção Mossoroense como possuidora de um caráter (auto)biográfico, pois, por meio dela, Vingt-un, às vezes só e/ou às vezes auxiliado por seus amigos, escrevia sobre si mesmo de modo a dar sentido a sua vida de homem público e homem privado. Nesse caso, a fronteira entre homem público e privado parecia ser um pouco tênue de modo que, às vezes, quase não havia diferenciação entre o Vingt-un público e o privado. Essa impressão é pautada no fato de que ele publicou livros sobre seus irmãos, sobre seu pai e sobre sua esposa. Essa possível fragilidade entre a fronteira de homem público e privado pode ser entendida como fazendo parte da construção da imagem de si como sendo um homem simples, humilde, desprovido de interesses, homem que não tinha segredos, trabalhava as claras, que era ligado à família. E ele procurava evidenciar que sua família também estava a serviço de Mossoró, isto é, que seu trabalho não era solitário, era apoiado por seus familiares.

A Coleção Mossoroense, portanto, trazia a marca de Vingt-un e de como ele entendia a criação de livros, o papel do intelectual dentro do seu campo, e a relação com outros intelectuais. Por meio da Coleção Mossoroense podemos ler e analisar as representações produzidas em torno de Vingt-un.

No caso da obra *Vingt-un* podemos analisar também a participação de América Maia na construção de Vingt-un como intelectual a serviço de Mossoró. América Maia era a organizadora do livro, isso significa dizer que foi por meio do seu olhar e dos seus critérios de escolha que os textos foram selecionados e organizados de modo a

compor o livro. Em meio às cartas, telegramas, recortes de jornais, América selecionou aqueles que pudessem servir como peças que ajudassem a montar um mosaico de memórias cujo desenho final deveria trazer os contornos de Vingt-un, mas não quaisquer contornos, deveriam ser os que permitissem ao leitor do livro entender e ver em Vingt-un um homem agente e combatente. A sua vida teria sido até aquele momento, até o seu aniversário de 60 anos, um combate constante e incessante em prol da cidade de Mossoró, mais precisamente, em prol de sua cultura e do seu desenvolvimento econômico, e contra o esquecimento. Nesta batalha, América Maia se coloca como aliada de Vingt-un e também se inscreve na história da cidade como defensora da mesma, como alguém que mesmo sendo forasteira, já que era mineira, soube amar e se dedicar a cidade que a acolheu, a cidade de Mossoró.

Com relação à composição do livro, é importante destacar que ele é formado de recortes de temporalidades diversas, falamos isso, pois nele é possível encontrar transcrições de cartas, depoimentos e matérias de jornais, ofícios de datas diferentes e com distância temporal que as vezes ultrapassam 15 anos. Mesmo sendo de temporalidades diferentes, as transcrições realizadas por América Maia são dispostas e organizadas como se Vingt-un tivesse uma trajetória de vida linear, sem oscilações ou dúvidas e como se sua preocupação com a história de Mossoró o acompanhasse desde jovem como podemos ver na citação abaixo.

> O seu livro é uma contribuição magnífica para o melhor conhecimento da nossa gente, da nossa formação, do que valemos em suma. Oxalá continue o excelente empreendimento de José Augusto a nos proporcionar obras como a sua, que trazem tantos achegas para a construção final: a síntese histórica da nossa terra em todos os seus aspectos. Que cada um dos nossos estudiosos leve a sua pedra, e teremos em breve um monumento admirável.
> Carta datada do Rio de Janeiro, em 14.12.1940. (CÂMARA *apud* MAIA, 1980, p.5)

Essa carta torna-se significativa quando entendemos quem foi o seu remetente e o ano no qual foi escrita. Adauto Miranda Raposo da Câmara era um mossoroense reconhecido no estado do Rio Grande do Norte pela sua participação na Academia Norte Rio-Grandense de Letras e no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande

do Norte. Somado a isso, destacou-se como jornalista, deputado, historiador, genealogista e professor. Como professor chegou a ser dono do Colégio Metropolitano, no Rio de Janeiro, cidade para onde se mudou depois das Revolução de 1930. Sua mudança para o Rio explica o fato da carta ter sido enviada de lá. Adauto Câmara escrevia para Vingt-un, na época contando com 20 anos de idade, para parabeniza-lo pela publicação do seu primeiro livro intitulado *Mossoró* (1940), publicado pela editora Irmãos Pongetti. Supomos que ao tonar pública a carta de Adauto Câmara a Vingt-un, América desejava mostrar que o trabalho de seu esposo era reconhecido e legitimado pelos pares, isto é, por outros intelectuais do Rio Grande do Norte. Publicar essa carta de certa forma significava, metaforicamente, dizer que Vingt-un tinha o passaporte carimbado para entrar no cenário das letras e da intelectualidade do Rio Grande do Norte. Em outras palavras, mesmo não tendo escrito a carta, América Maia se apropria da escrita e do peso atribuído ao nome de Adauto Câmara para produzir uma crítica positiva a respeito do trabalho de Vingt-un. Para Bourdieu (2002), o crítico dentro do campo intelectual assume o papel de identificar e nomear quem é digno de receber o nome de intelectual ou não.

Além da carta de Adauto Câmara, América Maia também selecionou uma matéria escrita por Luís da Câmara Cascudo a respeito do livro *Mossoró*. A matéria foi publicada no ano de 1941 no jornal *A República* que circulava na cidade de Natal. Câmara Cascudo, assim como Adauto Câmara, era um homem de destaque no cenário das letras potiguares e também do país. Havia se destacado e adquirido renome nacional em decorrência de suas pesquisas sobre folclore, antropologia e cultura brasileira. Deste modo, ser alvo dos olhares de Cascudo e receber dele críticas positivas, principalmente, quando tais críticas eram publicadas em jornal da capital do estado, ajudava dar legitimidade a obra de qualquer jovem aspirante a escritor, como era o caso de Jerônimo Vingt-un Rosado Maia.

> É a história do Mossoró. A primeira tentativa de sistematização incompleta, corrigível, provisória, mas veemente, ampla, olhando todos os angulos do assunto. Antes desse rapaz, recém-saído do Ginásio Diocesano Santa Luzia, Mossoró documentos, artigos, espaços, papeis espalhados, informações nas memórias velhas, crônicas no jornais esquecidos. Nada coerente, direto, contínuo, articulado. (CASCUDO *apud* MAIA, 1980, p.177)

Câmara Cascudo nomeia o trabalho de Vingt-un como sendo a primeira tentativa de sistematização da história da cidade de Mossoró, mesmo que tal tentativa tenha suas falhas. Antes desse trabalho, Mossoró não tinha história escrita, tinha apenas um amontoado de documentos. O livro de Vingt-un seria, no olhar de Câmara Cascudo, o primeiro movimento de sistematização de uma história para Mossoró e tinha como qualidade não ser ufanista, como se era de espera dos jovens escritores que muitas vezes exaltavam as suas terras natais.

> Não há um hino flamejante a Mossoró, cantando carnaúbais e caminhos históricos, figuras grandes, expendor econômico e grandeza política. É um livro medido, equilibrado, dando a ilusão da maturidade nessa primavera vital. (CASCUDO *apud* MAIA, 1980, p.178)

Cascudo finaliza a sua matéria enfatizando o trabalho de Vingt-un e retomando a ideia inicial da matéria, a de que o trabalho realizado por Vingt-un foi colossal e requereu dele um grande esforço.

> Tudo isso é trabalho pessoal, tarefa executada diariamente meses e anos, em Mossoró, em Natal, no Recife, onde quer que estivesse. Vingt-Un estaria dentro duma biblioteca, rebuscando, revirando, anotando, insaciável. Eis de tudo quando sonhou, o fruto, num livro de 230 páginas. Vingt-Un mostrou, indiscutivelmente, que a glória do Mossoró se estende além da prata das salinas e das florestas das chaminés fumegantes... (CASCUDO *apud* MAIA, 1980, p. 180)

Ao longo do livro *Vingt-un*, América Maia se apropriou não apenas das escritas de Adauto Câmara e de Luís da Câmara Cascudo, ela seguiu se apropriando de outros autores e utilizando-os para criar a representação de que seu esposo Vingt-un era um trabalhador incansável e seu único pagamento era a paixão por Mossoró. Vale ressaltar que no seu processo de apropriação, América não levava em consideração as diferenças de temporalidades e não tecia questionamentos a respeito dos atos de

Vingt-un. Somado a isso, ela fazia uso das falas/escritas de outras pessoas sem se preocupar em apresenta-los para os possíveis leitores do livro que organizou. Supomos que a falta dessa apresentação estivesse relacionada ao fato da autora supor que os seus leitores compartilhavam com ela as mesmas informações sobre a vida de Vingt-un, já que era um homem público e amigo de pessoas também públicas como era o caso do jornalista Dorian Jorge Freire, vinculado ao jornal *O Mossoroense*, periódico mais antigo da cidade de Mossoró. Dorian Jorge usava o seu espaço no jornal para escrever diversas vezes a respeito de seu amigo. E Vingt-un, por sua vez, soube retribuir esse gesto por meio de elogios direcionados ao amigo e publicando livros de Dorian Jorge na Coleção Mossoroense. Ao fazerem isso, pensamos que os dois formavam o que Bourdieu (2002) nomeia como sendo círculo de elogios mútuos.

Por meio da criação e manutenção desse círculo, os autores envolvidos legitimam os seus trabalhos e acabam por produzirem leis tácitas ou não que autorizam ou vetam o ingresso de novos membros no cenário das letras. Receber elogios escritos por esses escritores significava o ingresso na literatura mossoroense e uma porta para a entrada na literatura do estado do Rio Grande do Norte. E foram justamente os elogios que América Rosado selecionou para compor o livro em homenagem ao aniversário de 60 anos de Vingt-un. Uma de suas seleções foi a matéria escrita por Dorian Jorge Freire sobre Vingt-un que foi publicada no jornal *O Mossoroense* que circulou no dia 1 de novembro de 1978.

> Gostemos ou não gostemos de Vingt-Un (e eu gosto), há nele qualidades e virtudes que TÊM de ser aceitas por unanimidade. A honradez pessoal, o desprendimento, a modéstia, a grandeza notável de seu espírito público, a sua extraordinária dedicação às coisas da cultura e do ensino em Mossoró.
> Digo como testemunha, a mão direita sobre a velha Bíblia: nele não se encontra traço de baixeza. E também asseguro: de 1948 até este desvairado 1978, NADINHA se fez em Mossoró em matéria de cultura, de ensino, de inteligência, que não trouxesse a marca imperecível de sua presença. (FREIRE *apud* MAIA, 1980, p. 86)

América Maia se apropriou de um texto escrito pelo jornalista Dorian Jorge Freire em homenagem a Vingt-un, que foi publicado primeiramente no jornal *O Mossoroense*,

no dia 29 de setembro de 1976. Nesse período, Vingt-un estava a frente da direção da ESAM e começava a fazer melhorias na estrutura física dela. Vemos que América Maia fez uso do texto de 1976 e o publicou em seu livro de 1980 sem fazer nenhuma observação a respeito da temporalidade. Pelo contrário, trabalhou com a ideia de que havia uma linearidade entre o Vingt-un de 1976 e 1980.

América Maia seguiu esse mesmo raciocínio ao publicar uma carta datada de 11 de novembro de 1979 que foi escrita por Leila Fernandes Rosado, filha mais nova dela e Vingt-un:

> Como vão Papai e a ESAM?
> Que homem maravilhoso e raro ele é. Um homem diferente, que dá a vida pelas coisas que se compromete a fazer, por onde passaram as mãos de Vingt-Un ficou uma marca forte de progresso, de desenvolvimento, nascida do amor, da dedicação e principalmente da ânsia de não tirar proveito das coisas para si próprio, fato incomum demais, não só hoje em dia, mas desde tempos remotos.
> Ele nunca gosta de mencionar o seu nome, um exemplo é a placa escrita por ele na Presidência do Instituto Brasileiro do Sal.
> Essa placa que não contém o seu nome, está espalhada pelo Brasil, nas obras que ele construiu quando era Presidente.
> Papai poderia ser um dos homens ricos de Mossoró, mas não o é pela sua capacidade de divisão, de doação, pelo valor que ele da (sic) às coisas verdadeiras da vida.
> É um homem super-autêntico, sem hipocrisia, nem falsidades, é forte por natureza e ninguém conseguirá derrubá-lo, né mesmo?
> Quantos homens tentaram fazê-lo, talvez por inveja, mas não conseguiram, é claro, pois os valores do meu pai estão acima de qualquer ataque insignificante.
> Um beijão pro meu heroi (sic).
> Carta de Natal, 11/11/1979. (ROSADO *apud* MAIA, 1980, p. 167-8)

A carta é datada de 11 de novembro de 1979, nesta data Vingt-un não estava mais à frente da ESAM como diretor. Mas, mesmo assim, a filha perguntou a respeito do pai e da escola agrícola na mesma frase. Isso nos faz pensar que havia uma associação entre o nome de Vingt-un e a ESAM como se uma estivesse ligada a outra. A carta da filha ainda destacou a simplicidade e honestidade de seu pai. Como podemos ver, as duas citações destacavam a atuação de Vingt-un à frente da cultura de Mossoró e também exaltavam o seu desprendimento. É descrito como um homem que trabalhava

por um ideal e não em busca de retorno financeiro ou pelos louros do reconhecimento. A sua postura de humildade deveria ser tomada como exemplo pelos mossoroenses. Do mesmo modo, o seu amor pela cultura e história de Mossoró deveriam servir de modelo ao povo mossoroense.

2.3.2 – Vingt-un: o ajuntador de papéis velhos

Enquanto morou em Recife, Vingt-un não apenas frequentou o curso preparatório de pré-engenharia, também se dedicou a pesquisar a respeito de Mossoró. O resultado de sua pesquisa foi transformado em livro e publicado, no ano de 1940, pela Editora Irmãos Pongetti com os custos financiados por sua mãe Isaura Rosado Maia. De acordo com Vingt-un, a motivação para pesquisar e escrever sobre sua cidade natal veio do estímulo que recebia do folclorista Luís da Câmara Cascudo. Em 19 de outubro de 1937, Câmara Cascudo escreveu para Vingt-un dizendo que a missão do jovem rapaz era escrever sobre Mossoró (BRITO, 1997, p. 74; MAIA, 1980, p. 176-7).

Durante os anos de 1950, Vingt-un escreveu folhetos, nomeados por ele como sendo plaquetas, publicadas pelo Boletim Bibliográfico vinculado à Biblioteca Municipal de Mossoró, cuja finalidade era publicar informações a respeito da cultura e da história da cidade. Depois, o Boletim Bibliográfico foi incorporado a Coleção Mossoroense e passou a fazer parte da seção referente à série B, destinada a publicar folhetos. Ao analisarmos o catálogo de publicações da Coleção Mossoroense, percebemos que na década de 1960, Vingt-un retoma a publicação de obras de maior fôlego do que os folhetos. Suas publicações tratavam de Mossoró por meio de diversos aspectos. Abordava assuntos a respeito da história da cidade, sobre pessoas renomadas que passaram por lá, sobre fósseis encontrados em Mossoró e em cidades vizinhas. Outro tema que recebeu atenção de Vingt-un foi a seca.

Relacionamos a produção de livros sobre a seca à formação acadêmica de Vingt-un Rosado, já que era formado em Agronomia pela ESAL. Aquele organizou diversas obras sobre o tema da seca, incluindo obras escritas pelo agrônomo José Guimarães Duque. Esse, assim como Vingt-un, foi aluno da ESAL, formou-se no ano de 1928,

doze anos antes de Vingt-un ingressar no curso de agronomia. Lecionou na Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa (ESAV), atual Universidade Federal de Viçosa (UFV). No ano de 1932, se mudou para o nordeste e começou a trabalhar na antiga Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), atual DNOCS, na cidade de Cruzetas, no Rio Grande do Norte. Em 1938, deixa o IFOCS para ser professor na Escola de Agronomia do Ceará. Enquanto professor da escola agrícola do Ceará, foi convidado por Vingt-un para ministrar cursos na ESAM.

Sendo assim, a temática sobre a seca reunia traços da formação acadêmica de Vingt-un, enquanto a segunda temática a respeito da história de Mossoró reunia traços de seu autodidatismo na pesquisa histórica. Vingt-un pensava a história como sendo linear e portadora da missão de evitar o esquecimento e criar nos mossoroenses o amor pela cidade, de estimular o orgulho de pertencer à mesma. Para tanto, produzia por meio de sua produção escrita uma memória positiva a respeito de Mossoró. Memória pautada na publicação de documentos como as atas municipais, códigos de posturas municipais, relatórios de província, os exemplares da primeira fase do jornal *O Mossoroense*, inventários. Pautada também em acontecimentos que envolviam a família Rosado.

Uma das características da escrita de Vingt-un era que ele não analisava as fontes, pelo contrário, apenas as transcrevia como se elas fossem capazes de atestar a verdade a respeito do acontecido As fontes não precisavam ser contestadas ou analisadas, precisavam apenas ser transcritas para que o leitor pudesse ter acesso ao passado. Deste modo, passado e história eram vistos como sinônimos, quando a teoria da história nos ensina que os dois são diferentes e o passado é construído a partir de escolhas norteadas por relações de interesses (LE GOFF, 2003). As fontes são utilizadas por ele para criar uma relação entre passado e presente de modo a reforçar representações e a coloca-las em circulação.

No tocante a escrita de Vingt-un, é preciso destacar que em diversos momentos da leitura de suas obras encontramos a dificuldade de entender se o texto se trata de uma transcrição (citação) ou se fora escrito por ele. Isso será uma marca das suas obras. As fontes utilizadas por ele são empregadas de modo a produzirem memórias a respeito do fato estudado ao invés de serem analisadas e investigadas para servirem de subsídio para a construção de um texto histórico.

De acordo com Angela de Castro Gomes (1996), os grupos são formados e mantidos por meio da construção de uma memória em comum. Isso faz com que seja necessário conservá-la, pois qualquer alteração sofrida por ela poderá por em risco a identidade do grupo. Para evitar a mudança, a memória deve ser constantemente contata e recontada do mesmo modo, exercício nomeado pela autora como sendo enquadramento da memória. Em grande medida, esse exercício é realizado por algum membro do grupo que assume a postura de guardião da memória. O guardião é visto como sendo o narrador com fala autorizada para pronunciar-se em nome do grupo (GOMES, 1996, p. 6-7). Sendo assim, entendemos a Coleção Mossoroense como sendo uma prática cultural por meio da qual Vingt-un produzir memória a respeito de sua família Rosado, e da cidade de Mossoró. Para as autoras Maria Cristina Guimarães Oliveira e Glessa Celestino de Santana (2011), a Coleção também produzia memória a respeito da ciência. Vale ressaltar que a memória não fala apenas do passado, pelo contrário, fala principalmente do presente e de como este lida com o seu passado e como faz usos dele para justificar, legitimar ou refutar visões de mundo (GOMES, 1996).

Ao longo do capítulo, discutimos como a Coleção Mossoroense contribuiu no processo de escrita de si de Jerônimo Vingt-un Rosado Maia, produzindo representações e colocando-as em circulação por meio da publicação e doação de obras. A Coleção Mossoroense também contribuiu para produzir representações a respeito da cidade de Mossoró e da família Rosado bem como um saber a respeito do semiárido. Somado à Coleção Mossoroense, também entendemos a ESAM como uma prática cultural pela qual Vingt-un se inscrevia como intelectual a serviço de Mossoró e do seu povo. A construção da ESAM e a relação de Vingt-un com a mesma é analisada no capítulo 3 tese.

CAPÍTULO 3 – O intelectual e a Escola Superior de Agricultura de Mossoró

> EM NOME DE QUEM VIM
> venho em nome dos pioneiros, cuja história estudei.
> Vejo neste momento as figuras de João Ulrich Graff, de Alípio Bandeira, de Tércio Rosado Maia, nomes tutelares de uma jornada quase centenária (ROSADO *apud* BARBOSA, 1990, p. 39).

No dia 23 de março de 1974, Jerônimo Vingt-un Rosado Maia assumiu pela primeira vez a direção da Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM). Nesse dia, proferiu seu discurso de posse, para elaborá-lo, recorreu a fatos do passado para contar àqueles que o ouviam um pouco da história da construção da escola (ROSADO; ALMEIDA, 1974) (BARBOSA, 1990). O uso do passado por Vingt-un era algo recorrente em seus escritos. Utilizava-o para afirmar e legitimar o presente, de modo a tecer uma inequívoca linearidade entre passado e presente. Ao proceder esse exercício de produção de representação, Vingt-un situava o presente como sendo a realização de projetos de futuro que foram traçados no passado. Projeto traçados por ele e, também, por outras pessoas as quais ele se refere como “Em nome de quem vim” (ROSADO *apud* BARBOSA, 1990).

De acordo com Vingt-un, a construção da primeira escola de agricultura do semiárido foi um sonho que trazia consigo depois de ter se formado em Agronomia, no ano de 1944, pela ESAL, na cidade de Lavras, no estado de Minas Gerais. “Concluído o meu curso de agronomia em Lavras, em 1944, trouxe comigo mesmo um compromisso de teimosia: não descansaria enquanto não tivesse uma Escola Superior de Agricultura.” (ROSADO *apud* BARBOSA: 1990, p. 41)

Outra recorrência nos textos (e falas) de Vingt-un era a de que a ESAM não era obra apenas sua. Ela havia sido sonhada em outros tempos por pessoas as quais ele nomeava como sendo pioneiras. Tais recorrências, exercícios de criar uma relação intrínseca e inexorável entre passado e presente, são aqui compreendidas como

demonstração de sua vinculação a um grupo político que por sua vez também era um grupo familiar, os Rosado. Foi com esse grupo que Vingt-un dialogou e seguiu dialogando ao longo dos anos. Pertencer ao seu grupo familiar permitiu que conseguisse movimentar poderes capazes de ajudar na construção e manutenção da ESAM. Para a criação da ESAM, Vingt-un contou com o apoio de seu irmão Jerônimo Dix-huit Rosado Maia. Como podemos ver no seu discurso de posse.

> Foi preciso que um mossoroense chegasse, pelas mãos do Presidente Costa e Silva, à presidência do Instituto Nacional do Desenvolvimento Agrário, por sugestão do Senador Dinarte de Medeiros Mariz. Dix-huit se transformara num cavaleiro andante, levando ao país inteiro a mensagem de um órgão até então desconhecido. Mensagem na qual imprimiu um slogam, que se tornou conhecido no Brasil todo: “quem não faz um pouco mais por sua terra, não poderá fazer nada pela terra de ninguém”.
> Levei-lhe o velho pleito. Ouviu-me sem compromissos. Mais tarde telefonou-me. Era 18 de abril de 1967. “Mande redigir um decreto municipal criando a ESAM”. (ROSADO *apud* BARBOSA: 1990, p. 41-42)

Na sua fala, Vingt-un deixava perceber a vinculação política de sua família com a ditadura militar. Somado a isso, destacava o seu irmão Dix-huit colocando-o como um homem audacioso que andava pelo país procurando levar desenvolvimento a todas as suas partes, em especial, a sua terra natal, Mossoró. Vale ressaltar que no seu discurso de posse, Vingt-un teceu relações entre sua família e a construção da ESAM, de modo a produziu representação de que aquela só foi possível devido a participação ativa dos Rosado. Ao fazer isso, colocava a sua família como sendo benfeitora da cidade de Mossoró. De acordo com Aécio Cândido (2004), uma elite civilizatória que tinha um projeto de cidade para ser empregado em Mossoró.

Integrante dessa elite, Dix-huit Rosado assumiu a presidência do Instituto Nacional do Desenvolvimento Agrário (INDA) em janeiro de 1967, ficando no cargo até o ano de 1970. O INDA foi criado no ano de 1964 pelo Estatuto da Terra e era uma entidade autárquica vinculada ao Ministério da Agricultura. Sua criação deve ser entendida a partir da política de desenvolvimento rural adotada pela Ditadura Militar no Brasil cujo objetivo era acalmar as manifestações no campo, especialmente, os movimentos

desencadeados pelas Ligas Camponesas na cidade de Vitória de Santo Antão, em Pernambuco, no ano de 1955.

De acordo com Socorro Rangel (2000), as Ligas Camponesas no estado de Pernambuco se iniciaram no Engenho Galileia, propriedade de Oscar Beltrão. Elas se formaram a partir da Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco (SAPPE) que tinha como objetivo amparar e auxiliar os camponeses em momentos de dificuldades como doença e morte. Auxiliar economicamente, pois, nesse período, os trabalhadores do campo não tinham nenhuma lei trabalhista que os protegessem, muitos viviam em situação de total miséria ao ponto de quando morriam serem enterrados com mortalhas feitas de papel. A miséria e a falta de leis trabalhistas colocavam os trabalhadores do campo a mercê dos donos de terra. Segundo Rangel, a princípio, Oscar Beltrão, dono do Engenho Galileia, ao ver a SAPPE achou a ideia propicia, pois, assim os trabalhadores não atrasariam o pagamento do foro e também o isentava de suas obrigações paternalistas como dar assistência nos casos de doença e de morte.

No segundo momento, a SAPPE passou a causar inquietações, pois, seus membros se aliaram ao deputado estadual do Partido Socialista Brasileiro (PSB) cujo nome era Francisco Julião. As Ligas começaram a se espalhar pelo estado de Pernambuco e depois para o estado da Paraíba. Em 1959, o Engenho Galileia, palco da organização das Ligas Camponesas em Pernambuco, foi desapropriado. De acordo com Rangel (2000), esse fato causou entusiasmo nos camponeses chegando ao ponto de desfilarem vitoriosos na cidade de Recife, capital de Pernambuco, e estimulou a criação de outras Ligas Camponesas no Nordeste.

De acordo com Martha Falcão (2000), as Ligas Camponesas fizeram com que olhares nacionais e internacionais se voltassem para o Nordeste brasileiro, pois naquele momento histórico a região era vista como um barril de pólvora capaz de atrair para si as atenções dos Estados Unidos da América (EUA) que temia que o Brasil fosse palco de uma nova Revolução Cubana. Visando intervir nos países da América Latina, no ano de 1961, os EUA criaram o programa Aliança para o Progresso que se tratava de um programa cooperativo no qual aquele investiria na economia dos países da América Latina visando estimular o desenvolvimento econômico dos mesmos. Essa parceria deve ser entendida dentro do contexto da Guerra Fria, momento no qual o

mundo vivia a bipolaridade, isto é, dividido entre capitalismo, liderado e pregado pelos EUA, e o socialismo, liderado e pregado pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). No caso do Brasil, a Aliança para o Progresso investiu expressivamente no Nordeste. De acordo com Celso Furtado (1989), os investimentos nessa região estavam relacionados ao receio nutrido pelos norte-americanos de que as Ligas Camponesas pudessem ser embrião de uma nova revolução nos moldes da Revolução Cubana, ocorrida no ano de 1959 e liderada por Fidel Castro e Che Guevara. Para Furtado esse medo era fruto da associação que a impressa realizou entre as Ligas Camponesas e a Revolução Cubana. Para ele, as Ligas Camponesas deveriam ser lidas como um movimento proto-sindicalista cujas reivindicações eram tidas por ele como modestas (FURTADO, 1989, p. 130).

Dentro deste contexto de inquietações no campo, os militares ao assumirem o poder, no ano de 1964, começaram a se apropriar das inquietações dos camponeses de modo a torna-las políticas governamentais e, com isso, esvaziavam o movimento. Exemplo disso foi a criação da lei nº 4.504 de 30 de novembro de 1964, chamada de Estatuto da Terra que tinha como objetivo promover a reforma agrária e o desenvolvimento da agricultura no Brasil. A respeito do desenvolvimento da agricultura, o Estatuto da Terra destacava a importância do ensino agrícola para formar profissionais. Acreditamos que um dos argumentos levantados por Dix-huit Rosado, enquanto presidente do INDA, visando conseguir a autorização para a criação da ESAM e depois a sua federalização estivesse relacionado ao fato de que a ESAM conseguiria atender ao item XI contido no Capítulo III Da Assistência e Proteção à Economia Rural, sendo este, “XI - educação, através de estabelecimentos agrícolas de orientação profissional” (Lei nº 4. 504, de 30 de novembro de 1964, Estatuto da Terra)

Os esforços de Dix-huit para construir a ESAM foram lembrados por Vingt-un em seu discurso de posse. Lembrar do passado colaborava para tecer uma relação entre sua família e a ESAM. Além do passado, ele também fazia uso de uma possibilidade de futuro para reforçar a representação de que sua família estava ligada a ESAM.

> Venho em nome de Leila, a criança de cinco anos que em 02 de julho de 1967, a sua pequenina mão conduzida pela mão paterna, visitava

> os alicerces que começavam a ser rasgados no chão do idealismo. Voltado à noite ao mesmo local, disse: 'quero ser diretora desta escola'. (ROSADO *apud* BARBOSA, 1990, p. 39-40).

Tendo como base a citação acima, percebemos que Vingt-un Rosado realizou, no dia 23 de março de 1974, quando tomou posse como diretor da ESAM, duas projeções no tempo, sendo uma para o passado e outra para o futuro. Ele se colocou como continuador e realizador do sonho de seus antepassados fossem eles antepassados sanguíneos, o velho Rosado (como chamava seu pai e o nomeiava na escrita) e o irmão Tércio Rosado, ou antepassados que residiram em Mossoró e sonharam algo para a cidade, a exemplo de Ulrich Graff. Por meio de sua prática de escrita, Vingt-un se colocava como continuador e realizador dos sonhos dos seus antepassados. Lemos a presença da criança em sua narrativa como sendo uma forma de simbolizar o futuro da ESAM que neste discurso de posse foi criado com a ajuda de Vingt-un e alicerçado em acontecimentos passados. Nesse passado estava incluído o suíço Johan Ulrich Graf como sendo o primeiro a semear a ideia da escola agrícola em solo mossoroense.

3.1. O suíço Ulrich Graf e os sonhos da construção da estrada de ferro e da escola agrícola em Mossoró

Ulrich Graf mudou-se para Mossoró no ano de 1866[26]. Nesse período, Mossoró ainda era uma pequena vila que só viria a se transformar em cidade no dia 9 de novembro de 1870, por meio da Lei nº 620. Apesar de ser uma pequena vila no interior da província do Rio Grande do Norte, Mossoró já contava com um código de posturas municipais que normatizava e ordenava os usos do espaço público desde o ano de 1855. Isso nos faz pensar que os administradores da vila se preocupavam em desenvolver o uso racional do espaço.

[26] Raimundo Nonato afirma que Ulrich Graf chegou a Mossoró no ano de 1868. Ver. NONATO, Raimundo. Minhas memórias do Oeste Potiguar: Estrangeiros e Mossoró. Volume 8. Mossoró: Coleção Mossoroense, 1988.

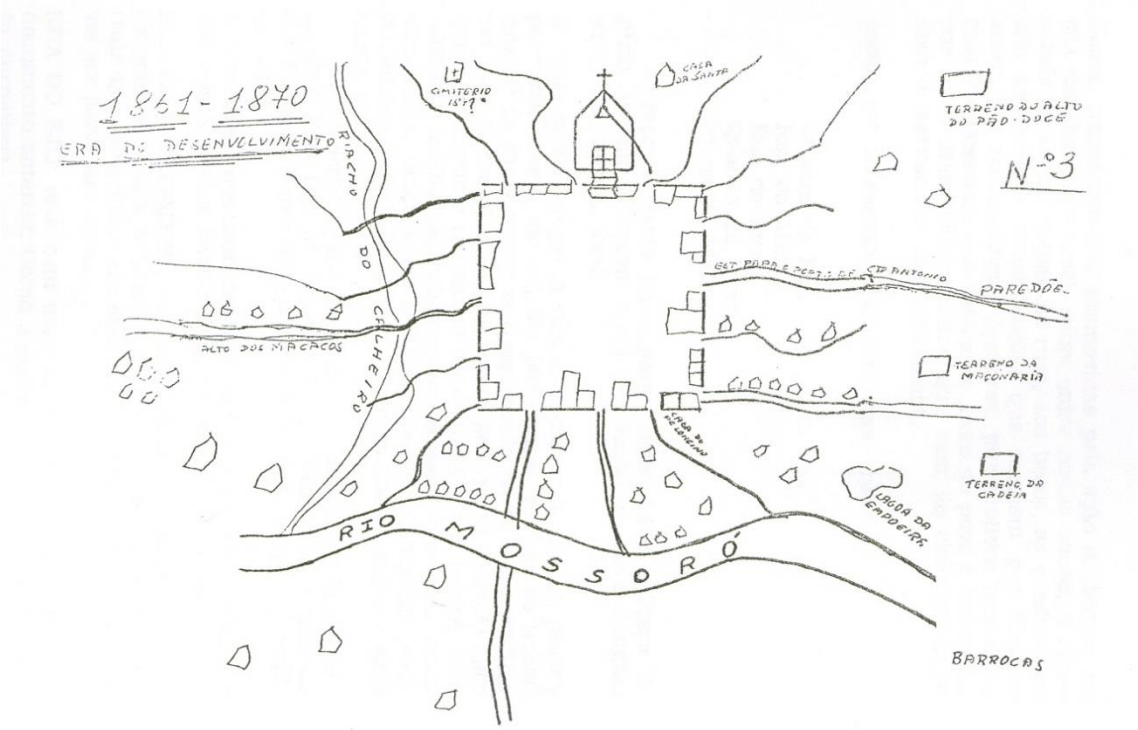


Imagem 19- Croqui nº 3. Fonte SILVA, Raimundo Nonato. Evolução urbanística de Mossoró. Mossoró: Coleção Mossoroense, 1975.

No mapa criado por Raimundo Nonato Silva (1975), ao qual ele nomeava como sendo Croqui nº 3 e como correspondendo ao período entre 1861-1870, é possível perceber uma tentativa de formação de vida urbana e comercial no espaço localizado entre a Igreja de Santa Luzia e o rio Mossoró. As construções mais afastadas desse perímetro e localizadas próximas aos rios eram nomeadas como casas de sítios.

Como é possível inferir pelo mapa, o que atraiu o suíço Graf para a vila de Mossoró não foram as possibilidades de vivenciar as experiências sensoriais e físicas propiciadas por uma cidade grande. Graf veio com o objetivo de abrir uma filial das Casas Graf cuja matriz ficava em Natal, capital da província do Rio Grande do Norte. Escolheu Mossoró devido ao crescimento econômico que a mesma começou a vivenciar a partir de 1857. De acordo com Aristotelina Rocha (2009), a data de 1857 foi significativa para o crescimento e desenvolvimento econômico de Mossoró por dois motivos: assoreamento do Porto Fluvial de Aracati, localizado na província do Ceará,

e o ingresso do Porto de Mossoró (localizado na atual cidade de Areia Branca) nas rotas da Companhia Pernambucana de Navegação Costeira. O escoamento e recepção dos produtos do baixo e médio Jaguaribe, na província do Ceará, bem como os produtos da região oeste da província do Rio Grande do Norte eram feitos por meio do Porto Fluvial de Aracati. Com o seu assoreamento no ano de 1857, a recepção e envio de mercadorias passaram a ser realizados por meio do Porto de Mossoró. Somado a isso, as escalas de navios da Companhia Pernambucana de Navegação Costeira no Porto de Mossoró movimentaram a economia. O crescimento econômico atraiu os comerciantes do Ceará que migraram com suas casas comerciais para a vila Mossoró. Esses dois fatos criaram condições para que a vila de Mossoró se tornasse um empório comercial. Antes, a vila tinha sua economia baseada na produção de sal, e especialmente, na produção de carne de charque que era comercializada com as províncias do Ceará, Paraíba e Pernambuco.

O crescimento comercial de Mossoró atraiu os olhares e interesses de comerciantes estrangeiros como foi o caso do suíço Ulrich Graf. O estabelecimento de Ulrich Graf no Rio Grande do Norte deve ser relacionado com a produção de algodão na província. De acordo com Sérgio Trindade (2010), a partir da segunda metade do século XIX, o algodão se tornou um elemento de destaque na economia potiguar. Na década de 1860, a sua produção já tinha ultrapassado a de cana-de-açúcar. O crescimento da produção foi estimulado pela Guerra da Secessão, nos Estados Unidos, que durou de 1861 a 1865 e abalou a produção estadunidense de algodão que era voltada para o abastecimento do mercado externo. Com a pouca produção dos Estados Unidos, o algodão produzido no Brasil começou a ganhar espaço no mercado externo e houve o aumento de produção em várias províncias, incluindo, o Rio Grande do Norte. No ano de 1866, o porto de Natal chegou a embarcar quase 140.000 arrobas de algodão. Somado a isso, Trindade aponta o surto de desenvolvimento industrial que aconteceu no Brasil.

Johan Ulrich Graf e Jacob Ulrich Graf, a partir de capitais suíço e inglês, abriram uma empresa exportadora de algodão em Natal que enviava o seu produto diretamente para a Inglaterra. A ida de Johan Ulrich Graf para Mossoró estava relacionada a abertura de uma filial de sua empresa. Segundo Raimundo Nonato (1988), Ulrich Graf ao vir para Mossoró procurava uma localidade onde pudesse instalar uma casa

comercial para comprar produtos regionais, como cera de carnaúba e algodão, exportando-os para a Europa, de onde importava mercadorias para vender em terras brasileiras.

Porém, ao colocar uma filial de sua firma em Mossoró, Graf passou a vivenciar de perto um problema que afetava toda a província do Rio Grande do Norte, sendo esse, as precárias condições das estradas que interligavam a província e até mesmo a ausência delas. Em 1874, João Capistrano Bandeira de Mello Filho, então presidente da província do Rio Grande do Norte, em sessão na Assembleia Legislativa Provincial do Rio Grande do Norte fez um pronunciamento no qual descrevia as precárias condições das vias de comunicação dentro da província e destacava que o bom estado das vias era importante para o desenvolvimento da riqueza e civilização dos povos.

> Verêdas ou trilhos mais ou menos intransitaveis constituem o que impropriamente denominam estradas reaes, pode onde com imensa difficuldade transporta o agricultor os seus productos aos mercados consumidores.
> Sem plano e sem direcção conveniente foram em tempos passados abertas algumas estradas. Não tendo porém nunca sido conservadas ou reparadas, quase que delas não restam vestígios.
> É urgente, como já disse anteriormente, satisfazer a esta vital necessidade da agricultura e do commercio.
> A provincia vê afflicta que, por falta de estradas e com detrimento de suas rendas, a maior parte da sua producção se escôa para as provincias limítrofes, cujos mercados procura, abandonando o desta capital. É o que succede nos municipios de Nova-Cruz e Canguaretama ao sul e em todo o alto sertão ao norte. Os primeiros preferem o porto de Mamanguape na Parahyba e o segundo o do Aracaty no Ceará. (RIO GRANDE..., 1874, p. 56)

De acordo com Trindade (2010), o desenvolvimento econômico da província do Rio Grande do Norte exigia investimentos em infra-estrutura, especialmente, em obras relacionadas aos meios de transporte, comunicação, abastecimento de água e iluminação. Ainda de acordo com o autor, as mercadorias eram transportadas para o interior da província por meio de carros de bois e comboios de animais. Pelo mar, o

transporte era feito por meio de navegação de cabotagem e os principais portos desse período eram os de Natal, Macau e Mossoró.

Até o final do século XIX, as vias de comunicação entre Mossoró e Natal não eram fáceis. As dificuldades não estavam relacionadas somente a distância entre as duas cidades que corresponde a 281 km, também incluía as condições das estradas que dificultavam ainda mais o acesso a cidade de Natal. De acordo com os autores Medeiros, Silva e Simonini (2008), a escolha para a localização da construção da cidade de Natal aconteceu no ano de 1599. Nessa data, levou-se em consideração encontrar um lugar que dificultasse o acesso de possíveis invasores, para tanto, escolheram um lugar situado no alto de um morro de onde era possível ver o mar e, assim, se poderia avistar de longe quem se aproximava pela costa, e próximo a uma fonte de água doce, no caso, o rio Potengi. Com a consolidação da conquista e do povoamento, que se deu principalmente depois da expulsão dos holandeses que haviam invadido o nordeste, a localização de Natal tornou-se um entrave para a comunicação com as demais cidades da província, especialmente, as que se localizavam no interior a exemplo de Caicó e Mossoró, cidades que se destacavam na segunda metade do século XIX pela pecuária, produção de algodão e pelo comércio.

Como forma de solucionar o isolamento de Natal e criar vias de tráfego entre as cidades da província, começou-se o investimento na construção de estradas de ferro. A primeira concessão foi dada no ano de 1872 e tinha como finalidade ligar Natal a cidade de Ceará-Mirim, produtora de açúcar. A segunda concessão foi expedida no ano de 1873 e deveria ligar Natal até Santa Cruz. Essa cidade foi escolhida, pois, facilitaria o contato com as províncias da Paraíba e de Pernambuco. A primeira concessão nunca saiu do papel, mas a segunda começou a ser colocada em prática no ano de 1878. O primeiro trecho foi entregue no ano de 1881 e ligava Natal a São José de Mipibu. No ano de 1882 foi finalizado o segundo trecho que ligava São José de Mipibu a Lagoa de Montanhas. O terceiro trecho foi finalizado no ano de 1883 e chegava até Nova Cruz.

No final do século XIX e começo do século XX, a construção de estradas de ferro era entendida e anunciada pelas elites políticas e econômicas como sendo símbolos do progresso e da modernização. O trem permitiria a locomoção mais rápida de pessoas,

mercadorias e notícias. E seu apito começava a disputar espaço com o sino da igreja como referencial de orientação do tempo.

A terceira concessão para construção de uma linha férrea data de 1875. Por meio da lei provincial nº. 742 de 26 de agosto de 1875, o suíço Ulrich Graf recebeu concessão para a construção da estrada de ferro que sairia de Mossoró passando por Apodi, Pau dos Ferros até chegar no Rio São Francisco. Tal trajeto foi desenhado por Graf tomando como a localização geográfica da cidade, "a natureza criou uma linha quase reta" (GRAF: 1980, p.43), ligando Mossoró ao rio São Francisco, "por sua extensão muito menor e seu custo e custeio barato estabelecer uma tarifa muito mais baixa do que qualquer outra estrada [...]". (Idem, p. 43). No ano de 1875, Mossoró já tinha sido elevada à categoria de cidade, fato que aconteceu no ano de 1870, e seus moradores já se mantinham informados a respeito das notícias da política, economia e cotidiano da cidade por meio das páginas impressas do jornal *O Mossoroense*, criado no ano de 1872.

Ulrich Graf escreveu, no ano de 1876, um prospecto no qual esclarecia os motivos para a construção da ferrovia que ligaria Mossoró ao rio São Francisco. Trechos desse prospecto foram transcritos por Vingt-un Rosado e Pedro Almeida (1974) em livro sobre a construção da Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM) de modo a construir a representação de Graf como pioneiro na idealização da linha de trem para a cidade de Mossoró. Graf foi descrito como um homem a frente do seu tempo e preocupado com o bem-estar do povo mossoroense. Os autores chegam a naturaliza-lo como mossoroense ao invés de destacar o fato dele ser estrangeiro. Quando situamos Ulrich Graf dentro do contexto do final do século XIX, retiramos dele a condição de visionário e passamos a entendê-lo como um homem inserido e envolvido com as questões existentes no seu tempo histórico, como a questão referente à construção de vias de comunicação para a província do Rio Grande do Norte.

A estrada de ferro que ligaria Mossoró ao Rio São Francisco não chegou a sair do papel, pois, a falta de recursos econômicos inviabilizaram o início das obras. Em 1879, Rodrigo Lobato Marcondes Machado, então presidente da província do Rio Grande do Norte, em sessão proferida na Assembleia Legislativa falou a respeito da impossibilidade de construir duas estradas férreas que receberam concessões para a sua construção sendo estas a de Natal – Ceará-Mirim e a de Mossoró que passaria

por Apodi, Pau dos Ferros até chegar as províncias vizinhas e alcançar o rio São Francisco.

> Estas duas estradas reunidas a de Nova Cruz collocoriam a provincia nas melhores condições de prosperidade e a tornariam, no meu entender, a primeira entre as suas irmans do norte do Imperio.
> Uma estrada de ferro ligando Mossoró ao centro do Rio Grande do Norte, da Parahiba e do Ceará, não seria só um grande commettimento industrial, seria tambem o mais explendido triumpho da civilisação sobre a ignorancia, uma conquista gloriosa para o regimem da legalidade, um meio inverno diminuindo os rigores da sêcca.
> Felizmente esta nobre aspiração está condemnada a permanecer por longos anos como um ideal antes que se convêrta em realidade.
> Mesmo a estrada para o vale do Ceará-mirim os concessionarios do privilegio não faráõ effectiva sua construção sem garantia de juros concedida pelo Governo Geral, e esta concessão difficilmente poder-se-ha hoje conseguir. [...]
> O capital inglez, que é do estrangeiro o que nos tem procurado, não se localisou ainda em um caminho de ferro brasileiro senão mediante fiança do Estado. (RIO GRANDE..., 1879, p. 16- 17).

A concessão recebida por Graf perdeu o prazo. Novas movimentações para a construção de uma estrada férrea em Mossoró foram realizadas no século XX e as obras para a construção tiveram início no ano de 1912. O traçado desenhado por Graf ligando Mossoró ao rio São Francisco foi modificado e deu lugar a outro trajeto. De acordo com Gabriel Leopoldino Paulo de Medeiros (2007, p. 70), o novo percurso incluía a passagem do trem pelas cidades de Caraúbas, Patu, Almino Afonso, Demétrio Lemos (atual Antônio Martins), Barriguda (atual Alexandria). O primeiro trecho ligando Porto Franco (região de salinas localizada em Areia Branca) até Mossoró ficou pronto no ano de 1915 e contava com 38 km de estrada. O primeiro trem chegou a Mossoró em fevereiro de 1915 e se tratava de uma viagem experimental para marcar o fim das obras de construção do trecho Porto Franco-Mossoró. A chegada do trem foi vista como trazendo o progresso para a cidade e colocando-a no ritmo da modernidade.

O suíço Johan Ulrich Graf não foi associado apenas à construção da estrada de ferro. Vingt-un Rosado e Pedro Almeida (1974) tomaram como base um trecho do prospecto

de Graf cujo capítulo é intitulado *Escola Agrícola* para construir a representação de que o suíço foi o primeiro a pensar o ensino agrícola no semiárido, na segunda metade do século XIX. A Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM) mesmo sendo construída anos depois, em 1967, foi descrita pelos autores como a consolidação do sonho de Graf. (ROSADO; ALMEIDA, 1974). Para os autores, a ESAM, assim como a escola agrícola idealizada por Graf no final do século XIX, pretendia oferecer uma educação técnica capaz de ajudar os agricultores a desenvolverem uma agricultura adequada e adaptada ao clima semiárido.

Do mesmo modo que a estrada de ferro, as obras para construção da escola não chegaram a ser iniciadas, pois a sua construção estava condicionada à da linha férrea. A escola só poderia começar a ser erguida depois de 6 (seis) meses que já tivesse sido construído 100 km de estrada de ferro trafegável, como podemos ver na citação abaixo.

> CONSTRUIR UMA ESCOLA DE AGRICULTURA TEÓRICA E PRÁTICA, SITUADA NA ZONA PRIVILEGIADA, COM ACOMODAÇÃO PARA CINCOENTA ALUNOS, CUJA PLANTA SERÁ ORGANIZADA PELO ENGENHEIRO DA PROVÍNCIA E APROVADA PELO GOVERNO. O PROGRAMA DOS ESTATUTOS SERÁ ORGANIZADO DE ACORDO ENTRE O CONCESSIONÁRIO E O GOVERNO, A QUEM COMPETE A FISCALIZAÇÃO DO ESTABELECIMENTO QUE FICARÁ SENDO DE PROPRIEDADE DA PROVÍNCIA. FICA ESTIPULADO DESDE JÁ QUE AS DESPESAS DE CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO, AS QUE FIZEREM COM OS PROFESSORES, E OUTRAS DE QUALQUER NATUREZA CORRERÃO POR CONTA DA EMPRESA E REVERTERÃO EM SEU FAVOR TODA A RENDA PRODUZIDA PELO ESTABELECIMENTO DURANTE O PRAZO DE NOVENTA ANOS. A CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO COMEÇARÁ SEIS MESES DEPOIS DE ABERTO AO TRÁFICO CEM QUILÔMETROS DA ESTRADA (GRAF *apud* ROSADO; ALMEIDA, 1974, p. 14). (Grifos dos autores)

Em seu prospecto, Graf explicava que havia se obrigado a fundar uma escola agrícola em Mossoró para poder retirar os agricultores da prática que tinham de cultivar a terra sem cálculo. Essa ausência de cálculo, segundo ele, fazia com que o Brasil não tivesse capacidade de competir com outros países que investiam na produção agrícola. Para fugir a isso, a escola deveria formar agricultores aptos a reconhecerem

e a escolherem os melhores tipos de cultivo para o seu solo e a produzirem mais, pois, assim, obteriam lucro. Somado a isso, a escola poderia ajudar a fixar o brasileiro no exercício de trabalhos agrícolas ao invés de ir procurar fixar-se em emprego público. Vale levar em consideração que a construção de uma escola agrícola ajudaria a melhorar a produção de algodão que nesse período era o produto que liderava as exportações na província do Rio Grande do Norte.

> Talvez com o estabelecimento de escolas agrícolas e com elas posições importantes na agricultura, que foram geralmente e sem razão admissível considerados neste país até hoje baixas e desonrosas salvo aquelas dos donos de grandes propriedades: o brasileiro que até agora procurava de preferência algum emprego público, vendo que no principal ramo de indústria do seu país poderá, com bons estudos e bom trabalho, obter empregos importantes, muito mais considerados do que aqueles do emprego público ou doutor de nome e em todo caso assegura-se um futuro mais certo e seguro do que como empregado público, dedicar-se-á de preferência à indústria agrícola, aumentando assim o número dos agricultores instruídos e a produção dos gêneros e seus valores e restabelecendo o crédito dos lavradores geralmente perdido e o tráfico nas estradas com esta regeneração não deixará de ser muito animado (GRAF *apud* ROSADO; ALMEIDA, 1974, p.15).

Mesmo as obras da linha de trem e da escola agrícola não tendo saído do papel, elas nos permitem supor que Ulrich Graf estivesse a par das discussões a respeito da agricultura e da construção de escolas agrícolas no Brasil dos oitocentos. Os debates em torno das temáticas agrícolas, de acordo com Nilton de Almeida Araújo (2010), não começaram no século XIX, mas no século anterior, quando o Brasil ainda era colônia portuguesa. Nesse período, Portugal começou no Brasil uma política de inovações e de reformas visando incentivar a produção de matérias-primas em sua principal colônia. Tal política foi motivada pela influência do pensamento fisiocrata e pela decadência na exploração do ouro no Brasil (ARAÚJO, 2010, p. 53). Somado a isso, o autor ainda apresenta outro argumento, sendo este o de que houve na segunda metade do século XIX mudança na forma de ver e pensar a propriedade rural que passou a ser pensada como unidade produtiva e não apenas como símbolo de poder e riqueza. Essa mudança na forma de pensar a terra teve relação com a Lei de Terras, criada em 1850. A determinação imposta pela lei era que a terra podia ser comprada

e vendida como qualquer mercadoria, sua posse não mais seria adquirida por meio de concessão dada pelo rei.

Ainda segundo Araújo (2010), a primeira autorização para criação de uma cadeira voltada para o estudo da agricultura no Brasil foi no ano de 1812. O rei D. João VI autorizava que a mesma fosse criada na Bahia. Mesmo o projeto não se concretizando, ela nos permite perceber que a agricultura era uma questão que começava a ser pensada pelo rei.

A iniciativa de criar uma Cadeira de Agricultura na Bahia deve ser inserida dentro do contexto educacional vivenciado pelo Brasil. De acordo com Evelcy Monteiro Machado (2007), a chegada da Família Real ao Brasil Colônia no ano de 1808 estimulou a realização de mudanças na educação. Para formar um ambiente de corte, D. João VI começou a investir na educação, mais precisamente, em uma educação de caráter profissionalizante, influência recebida da Revolução Francesa. Somado a isto, a formação técnica ajudaria a suprir as novas necessidades vivenciadas pelo Brasil, ou seja, a constituição de uma vida urbana industrial. A formação de técnicos ajudaria na organização econômica do Brasil.

Continuando a discussão sobre agricultura no século XIX e a construção de um saber autorizado sobre a mesma, Araújo (2010) fala da criação dos institutos imperiais de agricultura. A construção deles visava, segundo o autor, criar meios de desenvolver a lavoura, no caso da Bahia, a plantação de cana-de-açúcar. Entre os anos de 1859 e 1861, o imperador por meio de decretos imperais criou os Imperais Institutos da Bahia (1859), de Pernambuco (1859), Sergipe (1860), Rio de Janeiro (1860), Rio Grande do Sul (1861).

Nas províncias localizadas ao norte do país, a criação dos Institutos Imperais foi realizada quando da visita do imperador Pedro II àquelas províncias. Como visto na citação acima, o imperador autorizou a criação dos institutos nas províncias da Bahia, Sergipe e Pernambuco. Sendo que, estes dois últimos não conseguiram desenvolver atividades de destaque (BEDIAGA, 2011).

Em estudo a respeito do Instituto Imperial Fluminense de Agricultura (IIFA), Begonha Eliza Hickman Bediaga (2011) diz que o IIFA foi criado com o objetivo de produzir

soluções capazes de substituir a mão de obra escrava. Além disso, o instituto deveria promover pesquisas a respeito da fertilidade do solo e sobre melhorias no cultivo de plantas visando aumentar a competitividade dos produtos agrícolas produzidos no Brasil. Esses propósitos não eram exclusivos do IIFA, eles também eram percebidos nos demais institutos imperiais criados por Pedro II.

Segundo a autora, as discussões em torno do fim da escravidão permitiram a emergência de discussões a respeito do projeto agrário que desejavam implementar no Brasil. Para a autora, os institutos imperais foram criados para melhorar a relação existente entre os grandes proprietários de terra e o império, uma vez que aqueles serviam de sustentação para este. Os institutos seriam o espaço no qual os proprietários se reuniriam para discutirem e traçarem projetos modernizantes para a agricultura, visando, assim, civilizar o Brasil e colocá-lo no ritmo do progresso vivenciado pelos países europeus (BEDIAGA, 2011). Dentre os institutos imperiais, o primeiro a criar uma escola agrícola foi o Instituto Imperial de Agricultura da Bahia (IIBA) que no ano de 1877 inaugurou a Escola Agrícola da Bahia.

É dentro desse contexto de discussão a respeito da agricultura e o ensino agrícola no país que se insere a proposta de Ulrich Graf em criar uma escola agrícola em Mossoró. Para Graf, a construção de uma escola agrícola ajudaria a formar mão de obra especializada, fixar o homem no campo e aumentar a produtividade.

Em seu discurso de posse na diretoria da ESAM no ano de 1974, Vingt-un não citou apenas Ulrich Graff, também fez referência a seu irmão Tércio Rosado Maia como sendo outro precursor do ensino agrícola em Mossoró

3.2. Tércio Rosado e a cooperativa “Mossoró Novo”

Em 25 de fevereiro de 1915, Tércio Rosado Maia fundou uma cooperativa em Mossoró cujo nome era *Mossoró Novo*. Nesse período, Mossoró já não era mais um empório comercial de destaque, gradativamente havia perdido seu posto para a cidade de Campina Grande, na Paraíba. Um dos motivos apresentados para essa perda de posto econômico era atribuído ao atraso na aquisição de uma ferrovia que ligasse Mossoró aos centros de recepção e escoamento de mercadoria. Os mossoroenses só viram o trem em sua cidade no ano de 1915, enquanto os campinenses já ouviam seus apitos do trem 1907. A perda do posto de empório econômico fez com que a cidade de Mossoró passasse a ter sua economia pautada na produção agropastoril e no extrativismo mineral e vegetal.

No ano de 1928, o Jornal *O Mossoroense* publicou matérias escritas por Joaquim Galvão e Sebastião Gurgel Fernandes onde cada uma a seu modo tentava explicar os motivos da decadência econômica de Mossoró vivenciada na transição do século XIX para o século XX. No dia 7 de outubro de 1928, o jornal republicou uma matéria escrita por Joaquim Galvão que havia sido publicada no jornal *A República* que circulava na cidade de Natal. De acordo com Galvão (Jornal O Mossoroense, 7 de outubro de 1928), a localização geográfica de Mossoró facilitava o contato e trocas comerciais com o Ceará, a Paraíba e com o interior do Rio Grande do Norte. Porém, essa qualidade não podia ser explorada devido ao atraso na construção de uma linha férrea ligando Mossoró a estas localidades. Para suprir o atraso, a saída era construir estradas de rodagem, assim, a cidade poderia recuperar o seu desenvolvimento comercial vivenciado entre as décadas de 1860 e 1870. Dias depois, o mesmo jornal publicou uma matéria escrita pelo banqueiro e comerciante Sebastião Gurgel Fernandes na qual ele discordava dos motivos apresentados por Galvão. Para Gurgel Fernandes, a decadência de Mossoró não estava na ausência de estradas de ferro ou de rodagem, mas no fato dos comerciantes não terem acompanhado as mudanças na forma de fazer negócio. Sendo assim, a culpa da tão falada decadência de Mossoró não seria justificada pelo atraso na implantação dos trilhos férreos, e sim, pela postura que os comerciantes mossoroenses assumiam em suas negociações. Eles pareciam não adaptados às novas formas de fazer comércio, isto é, a concorrência, a disputa

pelo freguês que seria conquistado por meio de propagandas, preço baixo e facilidades de crédito. Sendo assim, a decadência de Mossoró era fruto das posturas tradicionais que não atendiam mais as relações comerciais exigidas pelo viver moderno.

Depois do trem, os mossoroenses puderam ver em sua cidade a luz elétrica fornecida por meio de geradores de energia em substituição a luz fornecida por meio de querosene. No dia 19 de julho de 1916, o jornal *O Mossoroense* publicou em sua primeira página a matéria *Mossoró Evolue* na qual noticiava com entusiasmo o contrato firmado entre a Intendência Municipal de Mossoró, no governo de Francisco Vicente Cunha da Mota, com a Empresa Força, Luz e Melhoramentos que havia recebido a concessão de 90 anos para instalar e controlar o abastecimento de luz elétrica na cidade. O processo de instalação dos postes urbanos e da luz residencial começou em novembro de 1916. No ano de 1925, a Empresa Força, Luz e Melhoramentos de Mossoró, devido a problemas econômicos pelos quais vinha passado, foi vendida a Municipalidade de Mossoró e passou a ter o nome de Empresa Mossoró Luz e Força, Ltda.

O jornal *O Mossoroense* noticiava a luz elétrica em Mossoró como sendo uma grande conquista para a municipalidade e para a sua população uma vez que a referida conquista contribuiria para inserir a cidade dentro do viver moderno. As propagandas veiculadas no periódico estimulavam a população a adquirirem os serviços oferecidos pela concessionária de energia. Como forma de convencer, argumentavam que as luzes a base de querosene tinham mal cheiro, produziam fumaça e poderiam promover incêndios. “Quando menos se espera, zaz! lá se vae um globo ou uma chaminé, sem metter-se em conta o kerozene que se derrama e o perigo que se corre.” (Jornal O Mossoroense 18-08-1916 nº. 430, p. 3, c. 3). Em contraposição, a luz elétrica não possuía odores, nem fumaças e aqueles que tinham condições de adquiri-la eram vistos como sendo amantes do progresso. Somado a isso, também proporcionava distinção social, pois, era um produto que nem toda a população conseguia pagar por ele.

A iluminação pública à base de energia elétrica substituiu a luz à base de querosene que iluminava as ruas mossoroenses desde o ano de 1896. A iluminação elétrica fornecida pela usina Empresa de Força, Luz e Melhoramentos de Mossoró começou

a funcionar em dezembro de 1916. Tal data, quando comparada a de outras cidades do nordeste, mostrava que a aquisição da luz por Mossoró não ocorreu de modo tardio. A cidade de Natal começou a ter luz elétrica no ano de 1911, cinco anos antes de Mossoró. Anos depois, mais precisamente, em 1925, a cidade de Caicó, no Seridó potiguar, recebia a eletricidade. Quando comparamos a chegada da luz em Mossoró com as cidades de Fortaleza, no Ceará, e Recife, em Pernambuco, percebemos que a diferença consiste em apenas 2 anos, pois, Fortaleza e Recife começaram a ter luz elétrica a partir de 1914. De acordo com Aristotelina Rocha (2009, p. 42), a pouca diferença temporal pode ser entendida como uma evidência de que existia em Mossoró uma demanda por esta estrutura.

As preocupações com a implantação de melhorias em Mossoró incluíram a elaboração de uma planta urbana para cidade cujo objetivo era ordenar o crescimento da mesma. A planta de 1916 foi resultado da encomenda que Sebastião Gurgel, então presidente da Intendência Municipal de Mossoró, fez ao engenheiro Henrique de Novaes, profissional renomado no país, nascido na cidade de Cachoeiro do Itapemirim, no Espírito Santo, no ano de 1884, e irmão da escritora Maria Stella de Novaes. Ele era formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Como profissional, destacou-se na sua área tanto na elaboração de plantas e projetos de remodelamento das cidades de Natal, Mossoró, Vitória, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Uberaba, Fortaleza quanto por trabalhar em obras contra as secas e na construção de ferrovias. O seu primeiro contato com a cidade de Mossoró foi por meio de sua atuação na construção da ferrovia que ligaria Mossoró até Porto Franco. Novaes também foi prefeito da cidade de Vitória, capital do Espírito Santo, entre os anos de 1916 e 1920.

De acordo com Anna Rachel B. E. Julianelli (2011), a planta feita por Henrique de Novaes para remodelar o centro urbano de Mossoró correspondia ao seu primeiro projeto de urbanístico. E na planta, segundo a autora, é possível ver traços da formação de Novaes pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro. No começo do século XX, a engenharia era vista como o saber responsável por criar medidas de combate a doenças, para tanto, era preciso fazer uso da técnica para superar problemas relacionados a insalubridade por meio da construção de ruas retas, saneamento básico, escolha do solo adequado para a construção da cidade.

A planta de Mossoró de 1916 tinha como objetivo remodelar a área central da cidade que estava crescendo de modo desordenado. Para que isso fosse possível, desapropriações e demolições foram autorizadas pela Intendência Municipal com o objetivo de colocar em prática o trajeto determinado pelo engenheiro Henrique de Novaes. Lemos, no jornal *O Mossoroense*, as reformulações empregadas para cumprir os trajetos delineados pelo lápis racional do engenheiro.

> A Intendência Municipal considerando que a planta da Cidade levantada pelo engenheiro Novaes modificou de alguma forma diversas ruas e travessas antigamente construidas, de sorte que é necessario retirar diversas construcções velhas e prohibir novas em continuação á quellas, decreta:
> Art. 1º. – Será respeitada a planta da Cidade levantada pelo engenheiro Novaes em toda a sua integridade.
> § 1º. Em virtude da planta acima referida estão condenados e serão opportunamente retirados os armassem de propriedade dos Snrs. Francisco Galvão de Miranda e Amaro Duarte Ferreira, sitos a rua Cel. Gurgel e travessa Zeferino.
> § 2º. Fica prohibida a edificação nos terrenos sitos ao fundo do armazém de Amaro Duarte Ferreira e no alinhamento deste. (Jornal O Mossoroense, 9-05-1916, n° 420, p. 1, c. 5)

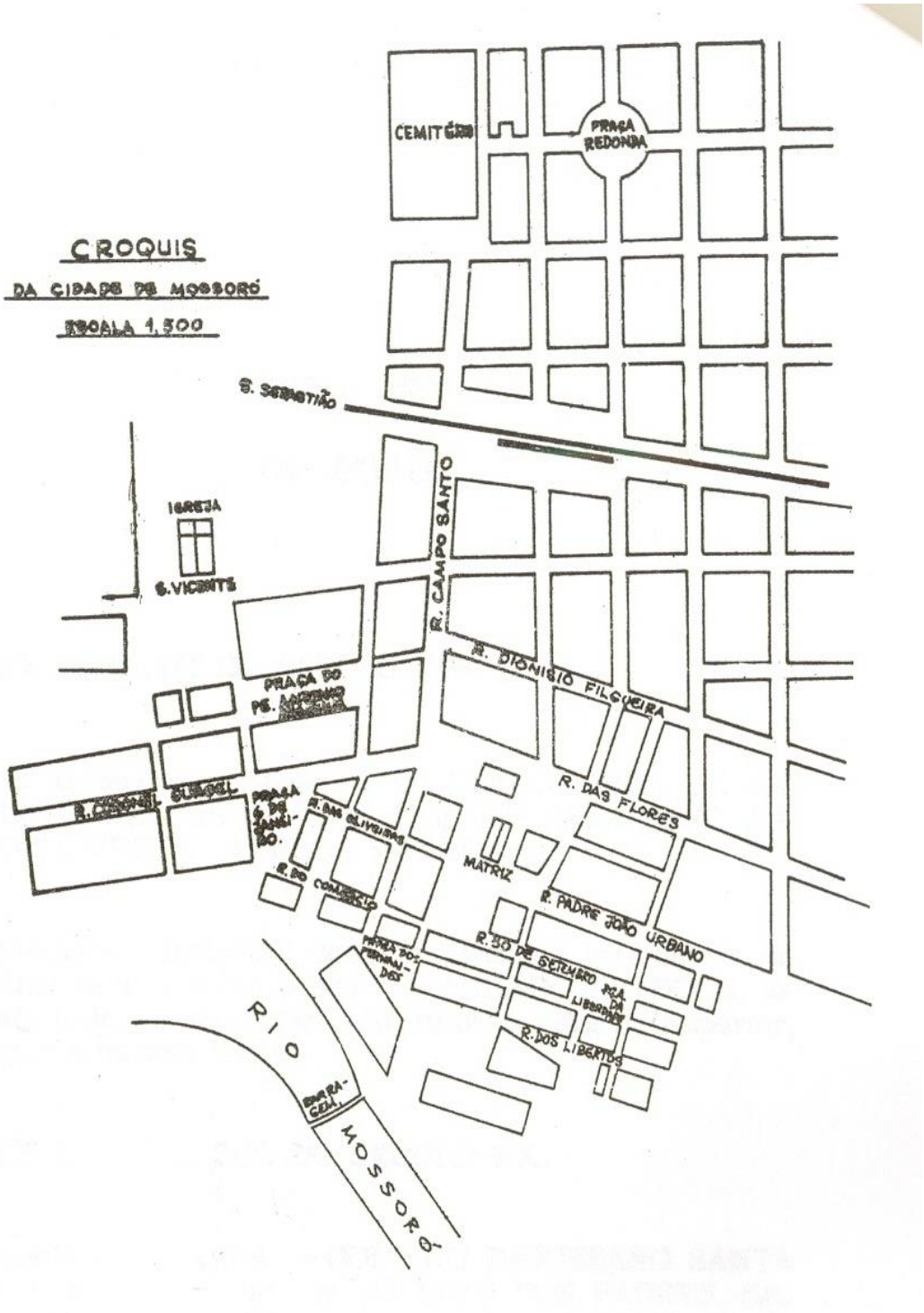


Imagem 20- Planta da cidade de Mossoró do ano de 1916, feita pelo engenheiro Henrique de Novaes. Fonte: JULIANELLI, 2011.

Acreditamos que a nova planta da cidade tivesse como propósito suprir problemas como a questão do alinhamento que era associado a construção da cidade. Queixa apresentada no jornal *O Mossoroense* no ano de 1909.

> As ruas ressentem-se muito de um bom alinhamento, mas o mal é de remédio bastante difícil, pois vem d'esde os tempos das construções primitivas, accrescido, agora, pela presença de prédios, em ruas aliás, muito boas, que reclamam urgentemente, ou um reparo geral, ou a demolição completa [...]. (Jornal O Mossoroense, janeiro de 1909, p. 1, c. 1)

Em 1910, lemos na matéria intitulada *Melhoramentos Municipaes*, publicada em *O Mossoroense*, as ações de "melhorias" realizadas pelo Major Francisco Cavalcante, então vice-presidente da Intendência Municipal que visava promover melhorias na cidade por meio de demolições.

> Agora mesmo poude conseguir o Major Cavalcante a demolição de diversos quarteirões de cazabres de palha, que pelo seu máo estado de conservação e feia apparencia, estavam em completo desacordo com as anteriores medidas de progresso da nossa Municipalidade.
> O Major Cavalcante fez-se de Pereira Passos, e em breve tempo as nossas ruas e praças offerecerão outro aspecto mais agradável, muito lucrando a hygiene da Cidade, vende-se livre de uma porção de focos de imundícies com as citadas demolições. (Jornal O Mossoroense, 9-02-1910, nº 222, p. 4, c. 2)

A ação realizada pelo Major Francisco Cavalcante era comparada pelo jornal *O Mossoroense* à de Pereira Passos, prefeito do Rio de Janeiro que realizou entre os anos de 1902-1906, a reestruturação no espaço citadino da capital da República. Nessa matéria vemos que os administradores e os escritores do jornal *O Mossoroense* estavam a par do que acontecia nas outras cidades brasileiras bem como recepcionavam e se apropriavam das notícias. A reforma urbana do Rio de Janeiro era entendida como sendo uma ação benéfica, portanto, devia ser imitada. Por isso, a validade do Major Cavalcante fazer-se, mesmo momentaneamente, de Pereira Passos. Realizar esse gesto mimético era uma forma de mostrar que a Intendência

Municipal compartilhava do projeto reformador de Pereira Passos e almejava fazer de Mossoró uma cidade higiênica, com ruas largas, avenidas, prédios de arquitetura em modelo *art nouveau*. Ao fazer isso, a Intendência mostrava que não compartilhava unicamente com o modelo carioca, mas, inseria-se, também, no modelo europeu de cidade moderna e cosmopolita, já que o Rio de Janeiro imitava o parâmetro difundido por Paris.

Nesse período, Mossoró tinha perdido o posto de empório comercial para a praça de Campina Grande, na Paraíba. A crise no comércio mossoroense fez com que a cidade voltasse a ter uma economia de base agrícola, pastoril, extrativista. O capital econômico empregado investido em Mossoró não era mais capital externo como fora na segunda metade do século XIX, a exemplo dos investimentos feitos pelo suíço Ulrich Graf. O capital passa a ser local e regional.

De acordo com Aristotelina Rocha (2009), os capitais comerciais adquiridos e acumulados no período em que Mossoró era empório comercial foram utilizados para fomentar a atividade salineira e a agroindústria de Mossoró. Ainda segundo a autora, o cenário econômico do Rio Grande do Norte até o começo do século XX estava centrado em atividades agrícolas como o cultivo de cana-de-açúcar, no litoral úmido, produção de algodão que era plantado em associação com culturas alimentares como milho, feijão, e pecuária, no sertão, e a produção de sal, no litoral norte, que envolvia Mossoró, Grossos, Areia Branca e Macau. Essas atividades deram início às indústrias de beneficiamento desses produtos. Mossoró passou a beneficiar esses produtos e comercializá-los com a região centro-sul. Como era o caso da extração e beneficiamento de gipsita feito pela família Rosado e vendido para o centro-sul, principalmente, São Paulo, onde a família chegou a ter um escritório filial para facilitar a comercialização. A autora destaca que a industrialização no Estado do Rio Grande do Nortes estava relacionada ao beneficiamento de produtos agrícolas, pecuários e extrativismos. O beneficiamento desses produtos propiciou, no período de 1901 a 1913, a inserção do Rio Grande do Norte dentro do capitalismo industrial por meio da criação de agroindústrias.

É nesse contexto de formação de agroindústrias que inserimos a criação de *Mossoró Novo*, cooperativa organizada por Tércio Rosado. A cooperativa pretendia auxiliar os produtores rurais e orientá-los a terem uma prática mais racional no cultivo do solo.

Para tanto, Tércio Rosado criou a Escola de Agricultura Prática que foi inaugurada no dia 24 de dezembro de 1916. Para que sua construção fosse possível, a cooperativa contou com o auxílio do Estado do Rio Grande do Norte e do município de Mossoró.

A criação da Escola de Agricultura Prática foi narrada por Vingt-un Rosado e Pedro Almeida no livro *ESAM, única Escola de Agronomia do Brasil semi-árido* (1974). Neste livro, a história da Escola de Agricultura Prática foi contada associada a história da ESAM. De modo a promover a ideia de continuidade e a colocar a ESAM como sendo a concretização de um sonho antigo, não apenas da cidade, mas também da família Rosado.

De acordo com Vingt-un Rosado e Pedro Almeida (1974), o Governo Federal prometeu a Intendência Municipal de Mossoró que ergueria na cidade uma escola agrícola. A promessa realizada pelo Governo Federal não foi cumprida, porém, no ano de 1915, a Intendência Municipal autorizou por meio de recursos próprios a criação de uma escola de aprendizado agrícola. Acreditamos que os autores, ao narrarem esse acontecimento, não estavam apenas exaltando a criação da Escola de Agricultura Prática, também estavam elaborando uma representação a respeito da cidade de Mossoró pautada nas ideias de pioneirismo e resistência. A referida escola ficou sob a responsabilidade da Cooperativa *Mossoró Novo*. Como podemos ler em trecho da lei municipal de nº 35 transcrita por Vingt-un Rosado e Pedro de Almeida (1974)

> Existindo nesta cidade uma sociedade que se dedica especialmente ao problema da Agricultura, denominada “Mossoró Novo”, sociedade criada graças ao esforço e abnegação do incansável propagandista das doutrinas modernas, o inteligente farmacêutico Tércio Rosado Maia, achamos conveniente que o aprendizado ficasse a cargo daquela Sociedade, recebendo do Município favores que lhe fossem dispensados pela lei orçamentária. Fornecida a verba consignada no orçamento ao operoso Tércio Rosado, eis que no dia 24 [de dezembro de 1916] passado foi fundado o Aprendizado Agrícola, de quem muito devemos esperar concernente ao aperfeiçoamento da agricultura, principal indústria do Nordeste brasileiro. (ROSADO; ALMEIDA, 1974, p.21).

O Aprendizado Agrícola funcionou até agosto de 1917. As explicações sobre o fechamento da escola foram dadas por Tércio Rosado em carta publicada no jornal *O Mossoroense*, em 15 de agosto de 1917. Segundo ele, o fechamento da escola se deu em grande medida pela insuficiência de recursos financeiros para custear as despesas da mesma. Vingt-un Rosado e Pedro Almeida (1974) se apropriaram da carta de Tércio Rosado e a colocaram em circulação por meio da sua inserção no livro sobre a história da ESAM. A carta ajudava a produzir a representação de que os Rosado estavam relacionados as inovações na cidade de Mossoró e, principalmente, que eles se sacrificavam pela cidade sem nada esperar em troca.

> Da “Mossoró Novo” não é possível obter mais que a colaboração e orientação dos seus sócios e diretores, para o estabelecimento gratuito das diversas aulas, pois os recursos pecuniários da associação são mais que modestos e, para mantê-la, mesmo na atual fase de torpor em que vez por outras mergulham todas as sociedades vindas à luz em Mossoró, tem-me sido necessário arrostar sacrifícios de tempo, trabalho, saúde e dinheiro (dos quais não me sinto arrependido), e enfrentar dissabores e decepções que considero antecipada penitência de todo o possível pecado que a minha possível descendência venha a cometer pelo futuro em fora (ROSADO *apud* ROSADO; ALMEIDA, 1974, p. 25).

Ulrich Graf e Tércio Rosado, suas histórias e seus ideais foram apropriados por Vingt-un Rosado e utilizados em sua escrita para estabelecer uma relação linear entre passado e presente. Por meio de sua apropriação, Vingt-un criou a representação de que ele foi a pessoa encarregada de colocar em exercício os projetos que não foram consolidados no passado, sendo assim, podemos ler a ESAM como uma realização desses projetos delineados no passado, como um serviço prestado a Mossoró.

3.3. Construção e inauguração da Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM)

De acordo com Larry Barbosa (1990), Vingt-un Rosado e a ESAM formavam duas histórias cujos traçados andavam de modo paralelo como se uma fosse reflexo da outra. Histórias que muitas vezes se sobrepuseram formando uma só. “É uma verdadeira simbiose, um mutualismo, uma crença, uma fé.” (BARBOSA, 1990, p. 7). E reforçava afirmando que Vingt-un “Presente ou ausente daquela escola, ele é a sua alma. Aquela força que a preserva, que a anima. Que lhe dá grandeza. A grandeza própria de Vingt-un Rosado.” (Idem, p. 7). Segundo o autor, Vingt-un foi o agente principal no processo de construção da ESAM. Para desenvolver essa afirmativa, Barbosa dispõe os acontecimentos que envolveram a construção da ESAM em linha reta. Acontecimentos nomeados pelo autor como sendo passos, mais precisamente, uma sucessão de passos lineares executados por Vingt-un que permitiram a criação e consolidação da ESAM. Entendemos que foi a narrativa de Larry Barbosa que produziu uma linearidade para eles cujo final foi encontrar um local para iniciar as obras da ESAM.

Dentro da sucessão de passos que Larry Barbosa afirma que Vingt-un cumpriu, o primeiro foi a conclusão do curso de agronomia no ano de 1944, pela Escola Superior de Agricultura de Lavras (ESAL), em Minas Gerais. Barbosa se apropria de uma representação de Vingt-un e a coloca em circulação por meio de sua obra. A representação era a de que após terminar o curso de agronomia, Vingt-un passou a nutrir o desejo de criar uma escola agrícola em Mossoró capaz de investigar as especificidades do semiárido. O segundo passo foi conseguir aliados que pudessem apoiar e ajudar na criação da ESAM. O terceiro passo foi conseguir um diretor para a escola ainda não existente. Nesse ponto da obra, Larry Barbosa transcreveu uma carta que Vingt-un escreveu para o agrônomo Guimarães Duque, no ano de 1965, convidando-o para ser diretor da escola agrícola que ainda nem tinha conseguido autorização para ser construída. A data da carta antecedia o decreto municipal nº 3/67 que autorizou a criação da ESAM. Acreditamos que o convite feito a Guimarães Duque

tenha sido uma estratégia para conseguir aliados que o ajudassem a construir a ESAM. Duque era um agrônomo importante no cenário nacional tanto por sua obra científica quanto por sua atuação em órgãos como a SUDENE. O quarto passo foi a assinatura do Decreto Municipal nº 3/67.

A escola de agronomia idealizada por Vingt-un Rosado começou a se tornar realidade a partir do Decreto Municipal de nº 3/67 por meio do qual Raimundo Soares, então prefeito da cidade de Mossoró, decretava a criação da ESAM e instituía uma comissão para cuidar dos elementos necessários para colocá-la em funcionamento. A referida comissão foi composta por Jerônimo Vingt-un Rosado Maia, João Batista Cascudo Rodrigues e José Rodrigues da Costa. Cascudo Rodrigues, assim como Vingt-un, teve seu nome associado à luta pela abertura de cursos superiores em Mossoró, pois, participou da criação do curso de Ciências Econômicas e da criação da Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte. Por sua vez, José Rodrigues da Costa foi um dos diretores da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica (FUNCITEC). Diante disso, lemos esse grupo como sendo uma comunidade interpretativa que tinham objetivos em comum a exemplo da criação de cursos superiores em Mossoró. Entendemos comunidade interpretativa a partir de Roger Chartier (1990). De acordo com ele, a comunidade interpretativa pode ser entendida como um grupo de pessoas, em certa época, que compartilham formas de ver e estar no mundo, ideias e representações a respeito do mundo. No caso de Vingt-un Rosado, ele compartilhava com sua comunidade, representações a respeito de Mossoró, de Agronomia, de Cultura, de ensino e de si mesmo.

Imagem 21 Construção da ESAM (APVR)

O Decreto-lei nº 3/67 também destacava o momento histórico de criação da ESAM. De acordo com ele, a criação da ESAM se inseria no momento no qual o governo federal havia adotado políticas de investimento nas áreas rurais visando o seu desenvolvimento. Quando assumiram o poder, os militares passaram a adotar medidas institucionais visando acalmar (e acabar) com as movimentações sociais existentes no campo, como era o caso das Ligas Camponesas que eclodiram nos estados de Pernambuco e Paraíba. Para tanto, criaram o Estatuto da Terra e órgãos de auxílio ao agricultor como o Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário (INDA) que teve com um dos seus presidentes Jerônimo Dix-huit Rosado Maia, irmão de Vingt-un.

No mesmo Decreto nº 3/67 lemos que a criação da ESAM vinha suprir a necessidade de formação de técnicos agrícolas de nível superior aptos a trabalharem pelo desenvolvimento agrário do país. Além disso, destacava a carência de profissionais técnicos agrícolas para trabalharem nas agroindústrias de Mossoró**.** O Decreto

também informava a respeito do dinheiro que financiaria as despesas para erguer a escola. A verba para construção da escola foi cedida pela prefeitura municipal por meio de uma fundação municipal, sendo esta a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica (FUNCITEC).

> Sem o apoio decisivo do presidente Costa e Silva a ESAM não teria sido construída.
> Não fora o seu desejo de prestigiar as soluções em prol do desenvolvimento do Nordeste, a ESAM continuaria um sonho irrealizado (ROSADO; ALMEIDA, 1974, p.39-40).

Imagem 22- Inauguração da ESAM em 22 de dezembro de 1967 com a presença do presidente da República Artur Costa e Silva. (APVR)

Artur Costa e Silva, então presidente da República, esteve presente na inauguração da ESAM em 22 de dezembro de 1967. Naquele período as universidades passaram por várias reformas em sua estrutura. De acordo com Carlos Benedito Martins (2009), a Reforma Universitária de 1968 tinha como objetivo modernizar e expandir as instituições de ensino superior, especialmente, as universidades federais. A Reforma também criou condições para que algumas instituições começassem a integrar ensino e pesquisa. Algo inovador, pois, parte significante das instituições não realizavam pesquisas, se limitavam apenas a desenvolver atividade de ensino. Segundo Martins

(2009), entre os anos de 1945 e 1965 houve aumento no número de vagas para o ensino superior, porém, esse aumento não foi suficiente para atender a demanda. Isso fez com que os estudantes passassem a reivindicar aumento no número de vagas. Como exemplo da falta de vagas, o autor diz que no ano de 1969, 162 mil alunos não conseguiram vagas para as instituições que haviam passado. O autor relaciona a falta de vagas no ensino superior ao aumento no número de vagas no ensino médio e ao aumento da concentração da propriedade e da renda. Esse último fator fez com que as classes médias passassem a ver a educação como forma de ascensão social. Esse pensamento pode ser relacionado ao contexto da época que entendia o ensino universitário como sendo um elemento primordial para o desenvolvimento do país.

De acordo com José Carlos Rothen (2008), as universidades não eram pensadas de modo igualitário, algumas eram formadas e organizadas de modo a serem centros de excelências baseadas no tripé ensino, pesquisa e extensão. Tais universidades seriam espaço para formação de novos profissionais que inclusive poderiam vir a ser os professores das universidades que não eram centros de excelência. Essas eram vistas como espaço reservado para formação de profissionais que atenderiam as necessidades do mercado.

De acordo com Ana Cristina Hammel, Gelson Kruk da Costa e Ivone Meznek (2011), a Reforma Universitária de 1968 foi orientada pela ideologia tecnocrática, deste modo, a educação tinha como propósito suprir as necessidades do capitalismo industrial implantado no país. Para os autores, a extinção da cátedra e a criação de departamentos burocratizava o trabalho universitário e este passa a funcionar nos moldes de produtividade de uma empresa, isto é, redução de custo, uso racional dos recursos e aumento de produção.

Por meio do decreto-lei nº. 252/1967, as universidades passavam a ser organizadas por meio de departamentos. A ESAM era organizada em 6 departamentos, sendo estes, Departamento de Ciências Sociais, Departamento de Engenharia Rural, Departamento de Fitossanidade, Departamento de Fitotecnia, Departamento de Química e Tecnologia, Departamento de Zootecnia.

No mesmo ano do decreto, a nova constituição do Brasil promulgada em 1967 determinava o fim de fundos de ensino, com isso, o ensino passava a ter pouco investimento. Mesmo em um momento de poucos investimentos na educação

brasileira, Vingt-un conseguiu, por meio da Prefeitura Municipal de Mossoró, autorização para a criação da ESAM que seria financiada com verba municipal através da FUNCITEC. E dois anos depois, em 1969, aconteceu a federalização da ESAM por meio do decreto-lei nº. 1. 036, de 21 de outubro de 1969.

De acordo com Vingt-un Rosado, a federalização da ESAM foi uma conquista a qual associava diretamente a Tarso Dutra, Ministro da Educação e Cultura durante o governo de Costa e Silva. A ação de Dutra em prol da ESAM fez com que Vingt-un atribuísse a ele o epíteto de Ministro da Federalização (ROSADO; ALMEIDA, 1974). Além de Tarso Dutra, Vingt-un Rosado atribui à fundação da ESAM ao apoio dado pelo general Costa e Silva, então presidente da República. A federalização da ESAM deve ser entendida a partir das relações políticas que a família Rosado conseguiu criar no cenário da política nacional. De acordo com Vingt-un, a federalização aconteceu devido a intervenção de seu irmão Dix-huit Rosado, então presidente do INDA, junto ao Ministério da Educação e Cultura.

Segundo Alexandre Tavares do Nascimento Lira (2010), no contexto da Reforma Universitária de 1968, a educação era pensada como meio de formar profissionais que fossem capazes de estimular e desenvolver a economia no Brasil. Tal pensamento era embasado nas diretrizes apontadas pela Carta de Punta del Este, assinada em 1961 e que pormenorizava os objetivos e metas a serem alcançadas com a Aliança para o Progresso, programa cooperativo entre os Estados Unidos da América e países da América Latina, como o Brasil, para estimular e promover o desenvolvimento econômico e deter possibilidades de avanço do comunismo. A Carta destacava que o valor da educação estava ligado a sua capacidade de formar mão de obra profissional e técnica bem como permitir a participação do indivíduo na sociedade assumindo os papéis de produtor e consumidor. Diante disso, acreditamos que a ESAM tenha sido entendida como sendo uma instituição capaz de formar profissionais capacitados para estimularem o crescimento econômico da cidade de Mossoró.

Promulgada em 28 de novembro de 1968, a lei nº. 5540 instituía o sistema de créditos por disciplinas e essas seriam semestrais, e o ingresso na universidade se dava por meio de vestibular. Com relação ao vestibular, os autores Ana Cristina Hammel, Gelson Kruk da Costa e Ivone Meznek (2011), depois da Reforma Universitária, o vestibular passou a ser unificado, classificatório e porta de entrada para o ingresso

nas universidades. Para os autores, o ingresso por meio de vestibular foi uma forma que o governo encontrou para repassar a sua responsabilidade para os estudantes. Isto é, o não ingresso do estudante na universidade não seria devido a existência de poucas vagas, mas a incapacidade que ele teve de se sair bem no vestibular.

As reformas universitárias tinham com um dos seus propósitos formar mão de obra qualificada para trabalhar nas indústrias brasileiras. No caso das escolas de agronomia, seriam formados profissionais capacitados para trabalharem nas agroindústrias algumas formadas a partir de capital estrangeiro. Durante a presidência de Juscelino Kubitschek, entre os anos de 1956 e 1961, houve abertura da economia brasileira para a entrada de capital estrangeiro. Movimento que se tornou mais intenso durante a Ditadura Militar.

De acordo com Aristotelina Rocha (2009), Juscelino Kubitschek adotou uma política de desenvolvimento econômico para o país que incluía investimentos na região Nordeste. Segundo Celso Furtado (1989), os investimentos de Juscelino no Nordeste tinham como propósito aumentar a sua popularidade que havia caído consideravelmente na região devido aos problemas ocasionados pela seca de 1958, responsável por promover o êxodo rural e por aumentar o desemprego nas lavouras do Nordeste, e pelas denúncias relacionadas ao mal uso de dinheiro público em obras contra a seca. A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) foi criada, de acordo com Furtado, para ser um órgão que auxiliaria o governo a criar políticas de intervenção no Nordeste. Por meio da SUDENE, os investimentos no Nordeste não se restringiram a obras de combate à seca, pelo contrário, houve investimento na criação de indústrias.

No caso de Mossoró, o que marcava o seu cenário econômico era a existência de agroindústrias. No período de 1960 a 1964, a cidade tinha 73 agroindústrias. Esse número sofreu redução no período de 1965 a 1968 e caiu para 36 agroindústrias. (ROCHA, 2009). A crise nesse setor permitiu o deslocamento de investimentos para o setor terciário, mais especificamente para educação superior que atendia aos municípios do Oeste Potiguar e do baixo e médio Jaguaribe, no Ceará. Dentro deste contexto, vale salientar que o curso de Agronomia oferecido pela ESAM não foi o primeiro curso superior de Mossoró. Na cidade já estavam em funcionamento os cursos de Ciências Econômicas e de Serviço Social. A Faculdade de Ciências

Econômicas de Mossoró (FACEM) foi criada por meio da Resolução nº 01/43 de 18 de agosto de 1943 e sua fundação foi resultado da iniciativa da Sociedade União Caixeiral. Vale destacar que a União Caixeiral foi criada em 1911 com objetivo de oferecer ensino técnico aos funcionários do comércio de Mossoró. Objetivo que foi concretizado no ano de 1935 quando foi aberta a Escola Técnica de Comércio União Caixeiral que formava técnicos em contabilidade.[27] A preocupação em qualificar os trabalhadores do comércio possivelmente estava relacionada ao fato da cidade ter o comércio como uma das suas principais fontes de renda. A Faculdade de Serviço Social de Mossoró foi fundada no ano de 1965 e sua criação foi motivada pela Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica (FUNCITEC). Fundação municipal criada para fomentar a abertura de cursos de ensino superior. De acordo com Aristotelina Rocha (2009), a cidade de Mossoró tornou-se uma prestadora de serviço, principalmente, no tocante a educação. Sendo assim, a criação dos cursos de Serviço Social e Ciências Contábeis atendia as necessidades dos habitantes de Mossoró e das cidades circunvizinhas.

Sendo assim, o funcionamento destes dois cursos de ensino superior e a existências de escolas de ensino médio e fundamental foram entendidos pelo Conselho Estadual de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte como um dos critérios para autorizar o funcionamento do curso de Agronomia oferecido pela ESAM, como vemos na Resolução nº 103/67:

> CONSIDERANDO que no requerimento de autorização para funcionamento da Escola Superior de Agricultura de Mossoró, a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica, demonstrou o atendimento das exigências legais para instalação de estabelecimento superior;
> CONSIDERANDO que, assim, está provado no Processo nº 140/67:
> a) personalidade jurídica da mantenedora requerente;
> b) situação de processo da Cidade de Mossoró, especialmente no campo educacional, no tocante a ensino primário, médio e superior, este já com três Faculdades;
> c) capacidade financeira para manutenção regular da nova Escola;
> d) prédio próprio em vias de conclusão, devendo estar totalmente pronto ainda em dezembro e, para tal fim, em poder da mantenedora;
> e) existência de todas as dependências para o funcionamento das quatro séries, com biblioteca, sala de professores, laboratórios de

[27] Desde 2006, o prédio da União Caixeiral abriga a Biblioteca Municipal Ney Pontes.

> Física e Química, salas de aula, sala para o Diretório Acadêmico, instalações sanitárias etc.;
> f) regimento com obediência de todas as normas emanadas do Conselho Federal de Educação, inclusive a que se refere ao currículo mínimo;
> g) corpo docente para a primeira série, composto de professores de capacidade comprovada;
> CONSIDERANDO que independe de maiores provas a procura de engenheiros-agrônomos num Estado ainda de maior incidência de mão-de-obra no setor primário, que não possui nenhuma escola superior para sua formação, pois esta é a primeira no Rio Grande do Norte [...] **(**ROSADO; ALMEIDA, 1974, p. 61).

A Resolução nº 103/67 foi transcrita por Vingt-un Rosado e Pedro de Almeida (1974). Os autores se apropriaram da Resolução para contar a história de criação da ESAM e para produzir a representação de que a ESAM era fruto da dedicação de Vingt-un, soldado que serviu a ESAM.

3.4. Soldado a serviço da ESAM: Vingt-un ocupa o cargo de diretor

> A MENSAGEM DE BRASÍLIA
> Dos ministros Ney Braga, que me empossou no seu gabinete, Alyson Paulinelli e Jarbas Passarinho, o consolidador da ESAM, recebi palavras de estímulo à missão que se inicia, neste local e neste instante.
> **Considero-me soldado** convocado pelo terceiro e quarto **governos da Revolução**, para levar a ESAM aos seus eternos e gloriosos destinos. (ROSADO *apud* BARBOSA, 1990, p. 51) (grifos nossos)

A nomeação de Vingt-un para diretor da ESAM foi expedida em 13 de março de 1974, nos últimos dias do governo de Emílio G. Médici na presidência da República. E foi empossado por Ney Braga, Ministro da Educação e Cultura durante o governo de Ernesto Geisel. Por isso, Vingt-un nomeia a si mesmo como sendo “soldado convocado pelo terceiro e quarto governos da Revolução”. Isto é, convocado por Médici, terceiro militar na presidência, e Geisel, quarto militar. A Revolução a qual se refere foi o Golpe Militar de 1964. É possível que tenha chamado de Revolução por causa das intervenções feita pela ditadura dentro das universidades e escolas

superiores. Porém, é mais provável que estivesse manifestando o seu apoio ao sistema político vigente, pois, a criação e depois federalização da ESAM foi possibilitada devido a atuação de Dix-huit como presidente do INDA e a sua capacidade de se movimentar dentro do cenário político criado durante a Ditadura Militar.

Imagem 23 - Posse de Vingt-un Rosado domo Diretor da ESAM no ano de 1974. (APVR)

Assim como a correspondência e a Coleção Mossoroense, entendemos a ESAM como fazendo parte do processo de escrita de si de Jerônimo Vingt-un Rosado Maia como intelectual a serviço de Mossoró. Fazemos essa leitura, pois, por meio da ESAM, Vingt-un se inscreveu na cidade de Mossoró tanto simbolicamente quanto materialmente. Simbolicamente, pois, a ESAM era um espaço de produção de conhecimento sobre o semiárido, sobre a seca, sobre agronomia. Se inscrevia materialmente, porque, a construção da ESAM era associada diretamente ao nome de Vingt-un. Também entendemos a ESAM como mantenedora de uma memória

coletiva a respeito de Mossoró uma vez que ela por meio da Fundação Guimarães Duque financiava a publicação de livros da Coleção Mossoroense. Somado a isso, entendemos a escola agrícola como contribuindo para criar representações a respeito da cidade, mais precisamente, a representação de que ela era o centro do Oeste Potiguar, uma cidade voltada para a ciência, *locus* produtor de um saber sobre o semiárido.

Em 1978, Vingt-un deixa a direção da ESAM. No dia da cerimônia de encerramento do cargo, ele proferiu um discurso ao qual deu o nome de Oração da Despedida. No discurso retomou a representação de que era um soldado na Batalha da Cultura, que trabalhava por amor ao País de Mossoró e de que a ESAM era mais do que uma instituição, era uma família unida e lutando pelo bem-estar de Mossoró.

> **O Capitão voltará ao seu posto de soldado, depois da marcha batida, talvez um pouco mais sofrido**, mas feliz de ter participado das tarefas que desempenhamos todos, funcionários, discentes, professores.
> **O soldado desconvocado retorna ao seu lar**, para a sua esposa, para os seus filhos, para os seus netos. Mas podes acreditar em tudo o que fiz nesses 4 anos: Na escola nascida de amor, **brotada da paixão de servir ao País de Mossoró e ao Continente Brasiliano**, em cada homem e em cada mulher desta amada família Esamiana, eu sinto que pulsa o coração de um irmão e de um filho (ROSADO *apud* BARBOSA, 1990, p. 67-8). (grifos nossos)

Os discursos de posse e de encerramento do cargo de diretor da ESAM foram apropriados por Larry Barbosa de modo a construir a representação de que Vingt-un servia a ESAM, e principalmente, de que aquele e a ESAM eram praticamente uma única coisa, como se o criador se confundisse com a criatura ao ponto de formarem um único corpo. Tal representação foi posta em circulação por meio do livro *Vingt-un e a ESAM: as histórias paralelas* (1990) publicado pela Coleção Mossoroense. Para essa obra, América Fernandes Rosado Maia, esposa de Vingt-un, doou o papel que foi usado na impressão.

O uso da palavra soldado não era feita apenas nos discursos, Vingt-un também fazia uso dela em sua correspondência. Como é possível ler em carta escrita em 22 de

agosto de 1978 e endereçada a seu amigo Janúncio Bezerra da Nóbrega, autor do livro Saudades do Seridó.

> Terminei o meu mandato de Diretor da ESAM a 21 de março [1978]. Saí com a consciência tranquila de quem cumprí o meu dever.
> Agora o capitão voltou ao posto de soldado e nele desejo permanecer. (APVR)

É interessante pensarmos que tanto o discurso de entrega do cargo quanto o de posse auxiliavam a produzir e ao mesmo tempo reforçar a representação de que Vingt-un teria uma missão para cumprir na cidade, a missão de defender a memória da mesma. Missão de produzir ciência e um saber sobre o semiárido capaz de intervir e criar condições para que o homem do campo pudesse viver, trabalhar e enfrentar as adversidades impostas pelo clima. Ao reforçar essas imagens, Jerônimo Vingt-un Rosado Maia possivelmente construiu para si a representação de que era um homem preocupado não apenas consigo mesmo, mas defensor da cidade e, por isso, sua fala podia ser tomada por sua comunidade interpretativa como sendo autorizada a falar em nome do grupo e para o grupo.

Após terminar a sua gestão de diretor, Vingt-un Rosado, com os professores da ESAM Pedro Almeida e Ari Amorim, escreveu o livro *48 meses na vida da ESAM (MARÇO/74 A MARÇO/78)* (1978). A obra tem como característica a descrição detalhada das atividades realizadas por Vingt-un Rosado durante o seu exercício como diretor. Entendemos essa obra como sendo uma forma de apresentar a comunidade, não apenas a acadêmica, mas também a comunidade mossoroense, os feitos realizados por ele enquanto esteve à frente da ESAM. Essa obra também produz a representação de que Vingt-un era um homem honesto e que trabalhava em prol da ESAM.

Para que a sua gestão fosse ressaltada, em alguns momentos, houve comparações entre a gestão anterior feita por Jorge Coelho de Andrade, entre os anos de 1972 e 1974, e a gestão realizada por ele. Nesse exercício de comparação buscava-se produzir a ideia de que pelas mãos diretivas de Vingt-un e do seu trabalho movido por paixão, como ele costumava nomear, a ESAM cresceu de modo significativo. Isso é

percebido nos primeiros parágrafos da introdução da obra. Segundo os autores, a ESAM durante o quatriênio 74/78 teve melhorias nas áreas de ensino, pesquisa e extensão. Somado a isso, houve melhorias na infraestrutura da ESAM, a área física passou de 14.000 m² para 32.124 m², novas aquisições para o acervo da Biblioteca Orlando Teixeira, criação de residência universitária para abrigar os estudantes de outras cidades que vinham estudar na ESAM. A ajuda aos estudantes também estava presente por meio de bolsas que permitiam a manutenção deles no curso de agronomia e na cidade.

No tocante ao ensino, os autores destacavam como melhoramento o aumento no número de vagas no curso de Agronomia que passou a ofertar 100 vagas divididas do seguinte modo: 50 no primeiro semestre e 50 no segundo. Houve um aumento de 30 vagas em relação à quantidade de vagas existentes em 1972/3. No jornal *O Mossoroense* do dia 10 de dezembro de 1972, o então diretor da ESAM Jorge Coelho de Andrade fazia publicar anúncio no qual informava o prazo para inscrição no vestibular e a quantidade de vagas ofertadas para a graduação em Agronomia, sendo a quantia de 70 candidatos. De acordo com Vingt-un Rosado, Pedro Almeida e Ari Amorim (1978), o aumento das vagas justificava-se devido ao crescimento no número de candidatos interessados no curso de Agronomia. Tal decisão foi tomada em reunião extraordinária ocorrida no dia 31 de janeiro de 1975 e reconhecida pelo Conselho Federal de Educação no dia 4 de fevereiro de 1975 por meio do parecer nº 444/75, processo nº 11.769/75-CFE. O aumento no número de vagas na ESAM deve ser entendido a partir do contexto de ampliação de vagas pelo qual passava o ensino superior no Brasil. De acordo com Lira (2010), o aumento no número de vagas no ensino superior estava relacionado a reivindicação da população que desejava ingressar nas universidades.

Com relação a organização da escola, durante a gestão de Vingt-un ela continuou sendo composta por 6 departamentos que eram responsáveis pelas disciplinas dispostas na tabela abaixo.

	Departamento de Ciências Sociais
Disciplinas	Economia Rural I e II Sociologia Rural

	Extensão Rural Estudos dos Problemas Brasileiros Educação Física
	Departamento de Engenharia Rural
Disciplinas	Matemática I e II Física Agrícola Meteorologia e Climatologia Agrícola Desenho Técnico Mecânica dos Motores e Máquinas Agrícolas Engenharia Rural Topografia e Estradas Hidráulica Geral Irrigação e Drenagem Física Geral I e II Topografia I, II, III e IV Estradas I e II Hidrologia Aplicada Traçado das Cidades Eletricidade Termodinâmica Máquinas Hidráulicas Mecânica dos Solos Resistência dos Materiais Máquinas Elétricas Mecanização Agrícola Motores Agrícolas Tratores Agrícolas Sistema de Irrigação
	Departamento de Fitossanidade
Disciplinas	Botânica I e II Entomologia I Microbiologia
	Departamento de Fitotecnia
Disciplinas	Agricultura Geral e Conservação do Solo Agricultura Especial I e II Biometria I e II Genética e Melhoramento Vegetal Horticultura I e II Silvicultura
	Departamento de Química e Tecnologia
Disciplinas	Química Analítica Bioquímica Geral Edafologia I e II Técnica de Produtos Agropecuários Estudo dos Solos
	Departamento de Zootecnia
Disciplinas	Zoologia Zootecnia Geral Zootecnia Especial I e II

Tabela 1- Departamentos da ESAM. Feita a partir de dados do livro ROSADO, Vingt-un; ALMEIDA, Pedro; AMORIM, Ari. ***48 meses na vida da ESAM (MARÇO/74 A MARÇO/78)***. Mossoró: Coleção Mossoroense, 1978.

Os autores também apontavam como melhoria no ensino a abertura de dois cursos de formação de técnicos. Em reunião do dia 24 de junho de 1975, foi decidido que dois cursos seriam abertos na ESAM. O Conselho Federal de Educação autorizou primeiramente, por meio do parecer nº 2950/75, datado de 6 de agosto de 1975, a abertura do curso de Tecnólogo em Topografia com a oferta inicial de 25 vagas. No ano de 1976, por meio do parecer 69/76-CFE, foi autorizado a criação do curso de Tecnólogo em Mecanização Agrícola com a oferta inicial de 25 vagas. Supomos que a abertura desses dois cursos de formação de tecnólogos teve relação com a necessidade de formação de mão de obra para trabalhar no complexo Mossoró Agroindustrial S/A (MAISA), isto porque a criação da empresa deu-se no ano de 1968, fato que supostamente influenciou na decisão de abertura dos cursos em 1975 e 1976. De acordo com Aristotelina Rocha (2009), a primeira diretoria da empresa MAISA era formada pelos engenheiros José Agripino Maia, filho de família com tradição política na região Nordeste, com poder de influência nos estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte; José Nilson de Sá e Geraldo Rola.

A empresa MAISA trabalhava com fruticultura irrigada e grande parte da sua produção era exportada. Dentre os produtos exportados, destacava-se o melão amarelo tipo valenciano. Em seu auge, a empresa chegou a ter dois escritórios de representação no exterior, um localizado em Londres e outro na cidade de Rotterdam, Holanda (ROCHA, 2009, p. 157). A produção da empresa chegou a corresponder a 20% de toda a produção de fruticultura irrigada no Brasil. Isso fazia com que ela tivesse um papel importante na economia da cidade. No ano de 2001, por motivos de falência, a empresa fechou as suas portas. A crise teve como uma das suas principais razões o fato da atividade agroindustrial ser pautada no mercado internacional, com isto a política cambial praticada no Brasil antes de 1994, quando havia uma desvalorização da moeda nacional diante do dólar. Com a transformação da política econômica realizada pelo plano real, principalmente nos seus primeiros anos de vida, o dólar passou ter uma paridade com o real, este fato elevou o custo de produção das empresas agroexportadoras, visto que houve manutenção dos preços praticados internacionalmente a medida que os custos de produção aumentavam no plano interno. Com isto, a empresa MAISA passou a ter problemas de equilíbrio de contas,

situação que desestimulou a prática da atividade de produção frutífera irrigada na região do oeste potiguar.

Além de destacar os melhoramentos na parte de ensino como o aumento no número de vagas no curso de Agronomia e a criação dos cursos de tecnólogos, os autores também destacavam as inovações nas áreas de pesquisa e extensão. As pesquisas realizadas nesse quadriênio de 1974-1978 estavam relacionadas à pecuária e agricultura de clima semiárido. Tais pesquisas estavam em consonância com o objetivo que, segundo Vingt-un Rosado, a ESAM deveria ter, isto é, o objetivo de desenvolver melhorias para o semiárido. Algumas dessas pesquisas recebiam fomentos da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). Exemplo disso era o convênio firmado entre a ESAM e a EMBRAPA para pesquisa e difusão da cultura do sorgo no Rio Grande do Norte. O sorgo é um cereal de origem africana que no Brasil, e em outros países do mundo, é bastante utilizado para na alimentação do gado. O seu cultivo e estocagem ajudaria a alimentar o gado no período das estiagens evitando que o mesmo perdesse peso ou morresse de fome. A EMBRAPA e a SUDENE buscavam realizar pesquisas em torno de atividades que pudessem ser resistentes à seca, portanto, adequadas as condições climáticas do semiárido. Para tanto, estimulavam estudos sobre a pecuária e sobre o plantio de culturas resistentes à seca, a exemplo do sorgo.

A extensão universitária era descrita como um atestado do exercício e do bom funcionamento da ESAM:

> Na extensão, a sua atuação começa a se fazer sentir: os treinamentos, a assistência ao homem do campo, os cursos a nível universitário, a preparação de mão de obra para a mecanização agrícola, para a agricultura irrigada, os congressos e reuniões científicas, os encontros dos técnicos especialistas, as publicações, os movimentos comunitários, a difusão de conhecimentos, os programas de valorização do homem; são hoje um atestado vivo da presença da Escola, como entidade educacional voltada para o ensino agrícola superior (ROSADO; ALMEIDA, 1974, p. 3-4).

A assistência ao homem do campo era um dos objetivos que Vingt-un atribuía a ESAM. Preocupação que pode ser associada às leituras que Vingt-un Rosado fazia da obra de José Guimarães Duque e do diálogo que mantinha com o mesmo. Duque era um agrônomo mineiro que se mudou para o Ceará e passou a atuar na Escola de Agronomia do Ceará na qual iniciou seus estudos sobre a ecologia, o solo e água do Nordeste. Aquele defendia que as condições naturais do Nordeste deveriam ser pensadas juntamente com as questões socioeconômicas existentes na região. Deste modo, o agrônomo deveria ter a sensibilidade de relacionar o seu saber teórico com as demandas apresentadas pela sociedade.

A direção de Vingt-un Rosado à frente da ESAM era descrita como tendo promovido diversas melhorias para a escola. Podemos perceber isso no ofício escrito por Elder Heronildes da Silva, então reitor da URRN[28], e endereçado a Vingt-un. O ofício foi escrito próximo do final da gestão de Vingt-un e tinha o propósito de elogiá-lo pelos trabalhos realizados durante a sua gestão. **"**Foram, na verdade, quatro anos de um abnegado e marcante trabalho em favor do ensino agronômico da região, mudando estrutural e organicamente uma instituição." (SILVA *apud* MAIA, 1980, p. 97).

O trabalho de diretor incluía realizar viagens em busca de convênios e recursos para a ESAM bem como convidar professores para virem ministrar cursos ou palestras aos alunos de agronomia. As suas viagens são descritas de modo detalhado no livro *48 meses na vida da ESAM (MARÇO/74 A MARÇO/78)*.

Por meio da descrição das viagens é possível mapear a rede de contatos que Vingt-un Rosado vai tecendo ao longo do seu exercício como diretor da ESAM. Por meio dela, ele conseguia aliados para a sua "Batalha da Cultura".

> VIII – Fortaleza – Brasília, 15/19.07.74
> 11- José Maria de Almeida Cruz, meu velho colega da ESAL. Departamento de Engenharia Rural, do Ministério da Agricultura. Solicitei-lhe elementos para um projeto do Centro de Tratoristas, em Alagoinha. Os tratores poderiam ser pleiteados por empréstimo, das fábricas e anualmente substituídos. Cada trator poderia atender a cinco alunos, num curso intensivo de 8 horas por dia, num período de 15 dias. O instrutor poderia vir de Ipanema, onde existe um centro de

[28] A partir do ano de 1999, a Universidade Regional do Rio Grande do Norte passou a ser chamada de Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

> treinamento. O INCRA talvez pudesse custear as despesas de combustível e lubrificantes. Haveria possibilidade de convênio com o PIPMO para o treinamento de mão-de-obra. (AMORIM; ALMEIDA; ROSADO, 1978, p. 113-114)

A tentativa de conseguir tratores para a ESAM talvez estivesse relacionada ao projeto de abrir um curso de Tecnólogo em Mecanização Agrícola. Projeto concretizado no ano de 1976.

> X- Fortaleza, 08.10.74
> 1- Reitor Antonio Martins Filho - Pedi-lhe para acompanhar o processo do Regimento da ESAM no Conselho Federal de Educação. O Reitor prometeu. Abordei o assunto do número de vagas que havia sido elevado de 70 para 80, pelo meu antecessor, sem autorização do Conselho Federal de Educação. O Reitor Martins aconselhou-me a dirigir uma exposição ao C.F.E. pedindo a elevação com efeito retroativo. Deixei com o Reitor Martins uma cópia de novo Regimento e do velho. (AMORIM; ALMEIDA; ROSADO, 1978, p. 121)

Um dos aliados de Vingt-un foi Antonio Martins Filho, então reitor da UFC, que, a pedido de Vingt-un, foi convidado a intervir pela ESAM. Martins Filho aceitou o pedido de Vingt-un e conseguiu junto ao Conselho Federal de Educação que fosse regulamentado o aumento no número de vagas da ESAM.

As viagens também eram realizadas com o intuito de conseguir verbas para os projetos da ESAM. De acordo com Alexis Gurgel, Vingt-un visitava pessoalmente os gabinetes e ministérios e esperava pacientemente o momento no qual poderia apresentar os seus projetos e pedidos. “Sempre com muita paciência e insistência, o que geralmente faz com que consiga o pretendido” (GURGEL *apud* MAIA, 1980, p.11).

Para o encerramento da gestão de Vingt-un foi organizado uma programação especial que se iniciava a 0h do dia 21 de março de 1978 e terminava as 24horas. A programação tinha início com missa e culto evangélico, depois haveria visita as casas dos estudantes e professores que moravam dentro da ESAM, a programação também incluía outras atividades como inauguração de prédios, de silos. A cerimônia de transferência de cargo aconteceria as 23h, e as 24h seria tocado o Hino Nacional.

Vingt-un voltou a assumir a direção da ESAM no dia 3 de maio de 1988, durante a presidência de José Sarney. No seu discurso de posse, ele retomou elementos do passado e lembrou o compromisso que a ESAM tinha de produzir tecnologias que auxiliassem no desenvolvimento do semiárido.

> Honra-me aceitar este desafio, mas vou comandar, pela segunda vez, uma escola cuja criação eu sonhei durante 23 anos.
> Velha e demorada peleja, vitoriosa somente em 1967, quando o mossoroense Jerônimo Dix-huit Rosado Maia, assumiu a Presidência do Instituto Nacional do Desenvolvimento Agrário.
> Ao completar 21 anos, a minha Escola está amadurecida para as graves tarefas do futuro. (ROSADO *apud* BARBOSA,1990, p. 70)

Seguia defendendo no discurso a necessidade de produzir tecnologias para o semiárido e destacava a necessidade de uni-las a mudanças na sociedade.

> Compenetrados estamos também, de que a Tecnologia, isoladamente, é insuficiente para enfrentar a fome e o sub-desenvolvimento do meu povo nordestino.
> Havemos de procurar outros procedimentos, dentro da Filosofia do Humanismo Telúrico, até que o Brasil possa encontrar uma espécie de média aritmética cristã entre o Socialismo e o Capitalismo, algo que nos faça lembrar o saudável socialismo dos Incas. (ROSADO *apud* BARBOSA, 1990, p. 70-71)

O humanismo telúrico do Nordeste era entendido como um esforço feito pelos pensadores da região para estudar, entender, analisar e propor melhores condições de desenvolvimento para o Nordeste assegurando também melhorias na vida social. Deste modo, o desenvolvimento não poderia ser apenas no aumento de produtividade, deveria propiciar menor desigualdade social e melhores condições de existência para a população. (ANDRADE; GALENO, 1971).

Desta vez, segundo Larry Barbosa (1990), Vingt-un Rosado assumiu após ser eleito por meio de eleições diretas. E tomou posse em uma ESAM marcada por inquietações e insatisfações.

> Poucos teriam coragem e força para administrar uma entidade tão grandiosa mas efervescente como a ESAM. Vingt-un obtem (sic) a maioria, única atitude lúcida daqueles tempos e reabre as portas da Diretoria. 'Aqui não guardamos segredos, não praticamos negociatas, apenas trabalhamos'. Faz, Vingt-un, chegar aos ouvidos de todos: alunos, professores e funcionários. E um novo ciclo de realizações se inicia. (BARBOSA, 1990, p. 73)

Ao dizer que poucos teriam coragem de assumir a direção da ESAM naquele momento de inquietações, Barbosa auxiliava na produção e na legitimação da representação de Vingt-un como homem de coragem, um soldado incansável na "Batalha da Cultura". Somada a essa representação, havia a de que ele trabalhava para atender a todos que compunham a ESAM e não fazia distinção entre estudantes, professores ou funcionários. Todos tinham livre passagem em seu gabinete de diretor.

Segundo Barbosa (1990), Vingt-un pacificou os ânimos de todos e instaurou a paz na ESAM. E sob a sua direção, a escola voltou a prosperar ao ponto de conseguir reconhecimento nacional.

> Entre essas realizações e num ambiente de paz, chega, sem aviso prévio, uma equipe de pesquisadores da EDITORA ABRIL para entrevistar professores, alunos e funcionários. Visitar laboratórios, moradias estudantis, casas de vegetação e instalações de campo. Veredito: ESAM uma das maiores e melhores Escolas de Agronomia do Brasil. Resultado publicado no 'Guia do Estudante', ano de 1989. O mesmo anuário, repete a mesma pesquisa e novamente, em 1990, a ESAM se posiciona entre as melhores. Dessa vez classificada na categoria '4 estrelas', superada apenas pela Escola de Botucatu (SP) e Viçosa (MG). E a ESAM continua vivendo, crescendo, pacificada, pródiga e fraterna. (BARBOSA, 1990, p. 78)

A associação entre o trabalho de Vingt-un e o crescimento da ESAM auxiliava a produzir a representação de que por meio da ação dele era possível conseguir grandes feitos. Essa representação se soma a outra, a de que ele era um trabalhador incansável, um soldado a serviço da cultura cujo único pagamento era ver o "País de Mossoró" crescer e a ESAM tornar-se uma escola de referência.

Como gestor, Vingt-un foi descrito como sendo exemplo de pontualidade, de compromisso com o trabalho, de cuidado com o bem público e de humildade, pois, não fazia distinção entre alunos, funcionários ou professores tratando a todos de modo igual. Ao mesmo tempo em que Barbosa exaltava a seriedade de Vingt-un com relação ao trabalho, também descrevia a forma um tanto quanto informal que o intelectual lidava com o seu ambiente de trabalho, pois, fazia da ESAM a sua casa ao ponto de comer e dormir lá.

> Em 1976, dona América (sua esposa) fora fazer Mestrado na Universidade do Ceará. Vingt-un trouxe uma rede e se instalou definitivamente na Diretoria da ESAM. Lá atendia alunos, funcionários, professores, visitantes, fazia refeições e dormia. Assim foram os anos que dona América passou em Fortaleza (CE) (BARBOSA, 1990, p. 82).

Essa postura informal de Vingt-un não era criticada por Barbosa, pelo contrário, era vista e nomeada como fazendo parte da dedicação do intelectual a ESAM, e inclusive, fazia parte da idiossincrasia do nosso intelectual.

> Ninguém, nenhuma pessoa que conhecia pode se apresentar tão original. Sua idiossincrasia lhe dá uma forma única, típica de ser: pontual, assíduo, dedicado, amigo, empreendedor, compreensivo, lhe sobrando, de restos, amor ao próximo, grandeza espiritual e modéstia. Vingt-Un é isso tudo num corpo só. É humano, tem defeitos portanto, mas na aferição da justiça suas qualidades excedem infinitamente (BARBOSA, 1990.p.80)

Na sua segunda gestão, Vingt-un iniciou processo em busca de implementação do curso de medicina veterinária na ESAM. Para tanto, ele enviou ofício ao Secretário da Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação esclarecendo as justificativas que o levavam a solicitar a abertura de um novo curso na ESAM.

A primeira justificativa apresentada por Vingt-un foi que a escola de agricultura já tinha formado 26 turmas até o ano de 1988, quando escrevia o ofício, formando

profissionais que atuavam nas mais diversas áreas da agronomia. Entre os anos de 1975 e 1979, a ESAM havia oferecido o curso de tecnólogo em mecanização, porém, foi extinto em 1980 devido a indefinição da profissão de tecnólogo. Acrescentou afirmando que a instituição tinha a necessidade de expansão, pois, “a sua própria história espelha a vontade de crescer e contribuir mais ainda para o desenvolvimento do Nordeste e do Brasil.” (OF. ESAM/MR. In: Arquivo pessoal de Vingt-un Rosado). Somado a isso, explicava que a pecuária no semiárido era feita com pouca técnica, pois, as universidades existentes estavam localizadas em sua maioria no litoral úmido cujas características eram distintas da apresentada pelo semiárido. “Aliás, é de bem ressaltar, que a ESAM é a única Escola de Agronomia, mantida pelo Governo Federal, encravada no sertão seco.” (Idem).

De acordo com Vingt-un, a pecuária no semiárido era voltada para os anos de inverno e na ausência dele o rebanho sofria pela falta de alimento de água. Com a perda do rebanho, sua fonte de renda, causava o êxodo rural agravando os problemas já existentes na cidade. Para Celso Furtado (1959), a pecuária no semiárido cresceu associada a agricultura de subsistência. Com as secas, a agricultura de subsistência ficava ameaçada, a pecuária começava a ter perdas e o homem do campo ficava sem alimentos e sem fonte de renda para adquiri-los. A escassez levava ao êxodo. Para Celso Furtado, era preciso estudar o semiárido de modo a desenvolver agricultura e pecuária voltadas para as suas especificidades. Vingt-un compartilhava da mesma opinião.

> A região não suporta mais continuar a pagar o ônus de uma pecuária inadequada às suas condições climáticas. É urgente a necessidade de se reprogramar a maneira de se fazer pecuária no Semi-Árido. É imperioso incrementar, a geração de tecnologia própria para o Semi-Árido. E, a tecnologia veterinária é específica quanto ao local e tem que ser gerada na própria região. Ela é intransferível em seu todo, havendo necessidade de pesquisas de adaptação, quando se importa uma técnica pecuária qualquer, de outra região. (OF. ESAM/MR. In: APVR)

Deste modo, a criação de um curso de Medicina Veterinária na ESAM tinha como propósito atender às necessidades de Mossoró e do semiárido. Vingt-un terminou a

sua gestão no ano de 1992 sem ver o curso aprovado. Somente dois anos depois, em 1994, a ESAM recebeu permissão para abrir o curso de Medicina Veterinária.

Em 1992 começavam as movimentações para a eleição do novo diretor da ESAM e foram formadas duas chapas, sendo essas, a Ema que era encabeçada pelo professor Joaquim Amaro e contava com o apoio de Vingt-un, e a Alternativa, encabeçada pelo professor José Torres Filho. A vitória foi da chapa Alternativa, porém, devido a manobras políticas internas, quem assumiu foi Joaquim Amaro, da chapa Ema. Em entrevista ao blog Azougue, em 18 de junho de 2005, Pedro de Almeida Duarte, professor da ESAM e diretor entre os anos de 1980 e 1984, falou a respeito das eleições de 1992,

> **Azougue: Há algum outro fato que você possa destacar durante esse período que esteve atuando na instituição [ESAM]?**
> **PAD:** Eu vou nesta entrevista revelar uma coisa que nunca revelei, eu precisava contar uma coisa diferente nesta entrevista. A minha grande frustração que eu tive na Esam foi eu ter me omitido,... não votei na homologação do professor Torres. Eu creio que naquele tempo a escola vivia um momento muito bonito, momento diferente e histórico. A não-homologação da primeira campanha, da primeira eleição, consulta direta de um movimento da instituição como um todo, foi muito bonito. Antes da reunião do CTA, e o professor Torres está aí para confirmar, o professor Torres disse: "Professor, eu sei que você não vai votar pela minha homologação, e sei também que não vai votar na lista que vai ser apresentada... vote na homologação do meu nome, eu sei que ele não me dará o resultado, mas pelo respeito que eu tenho a você como professor e pela coragem que você teve de me dizer, antes, que o resultado da eleição iria ser mudado e que você não iria acompanhar, mas também não ficaria contra o seu grupo". Eu fiz aquilo naquela época até para manter uma coerência que sempre tive. Eu sempre fui de um lado. Nunca mudei de lado, sempre tive relacionamentos políticos cordiais com todos os grupos, tanto dentro da Esam como fora da Esam. Mas eu mantenho uma coerência,... e eu acho que naquele instante a minha grande coerência deveria ter sido homologar o resultado de um pleito tão bonito. Eu creio que essa foi a maior dificuldade que a Esam enfrentou em toda sua vida. Foi não fazer Torres diretor naquela época e isso refletiu em pelos menos dez a quinze anos de atrasos, dificuldades e problemas causados à instituição.
> (http://www.azougue.org/conteudo/entrevistas/pedro_almeida.htm)
> (grifos do autor)

Nos livros publicados pela Coleção Mossoroense, não há referência a eleição e nem a manobra política realizada na ESAM. Depois de 1992, Vingt-un passa a assumir em

sua escrita um tom pesar em relação a ESAM. Essa era descrita como tendo fechado as portas para a impressão e financiamento de obras da Coleção Mossoroense bem como para a cultura mossoroense. Somado a isso, Vingt-un dizia que havia a tentativa de apagar as marcas deixadas por ele na ESAM.

> No início de 1992, o professor Vingt-un Rosado seria pivô de uma crise que ficou marcada na história política da então Esam. Como diretor da escola, o professor acabava de instituir eleições diretas, e acreditava na eleição do candidato a diretor apoiado por ele na chapa "Ema". Após a campanha, a chapa adversária – "Alternativa" venceria as eleições, mas não chegaria a tomar posse, devido a uma manobra comandada pelo professor para manter uma pessoa de sua confiança no comando da escola que ele ajudou a criar. Era o "Golpe Branco".
> [...]
> O fracasso nas eleições causou decepção, a ponto de o professor não aceitar o resultado. Em seguida, reuniu o Conselho Técnico Administrativo (CTA) para não reconhecer a consulta e elaborar a lista tríplice, sem o nome do candidato vencedor. Enviado ao Ministério da Educação (MEC), a lista foi aprovada e Vingt-un fez diretor o professor Joaquim Amaro. (*Jornal De Fato*, 22 de dezembro de 2005, p. 3)

A matéria *Um golpe nos corredores da Esam* foi publicada no dia 22 de dezembro de 2005, um dia após a morte de Vingt-un. O falecimento foi noticiado nos três jornais que circulavam na cidade nessa data: *O Mossoroense, Gazeta do Oeste, Jornal De Fato*. Os três jornais ao falarem da morte de Vingt-un levantaram pontos em comum como a criação da Coleção Mossoroense, a construção da ESAM, sua luta a serviço de Mossoró, porém, somente o *Jornal De Fato* fugiu um pouco da memória enquadrada a respeito de Vingt-un para falar da manobra política feita por aquele para que Joaquim Amaro assumisse a direção da ESAM.

IDEALIZADOR

Esam: um sonho que virou realidade

Vingt-un foi um ex-aluno apaixonado pela Escola Superior de Agricultura de Lavras, onde estudou há mais de meio século

Imagem 24 Manchete do Jornal O Mossoroense, 22 de dezembro de 2005

3.5 – Última despedida

Vingt-un Rosado morreu devido a complicações cardíacas, no dia 21 de dezembro de 2005, e atendendo a seu pedido, o velório aconteceu na Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), nome pelo qual passou a se chamar a ESAM a partir de 2004.

> Nesta quinta-feira, o professor volta ao lugar onde permaneceu durante 172 noites, mas desta vez são os admiradores que param para prestar uma última homenagem no velório do seu corpo, que acontece até às 16h no pórtico dos fósseis da Ufersa.
> Na entrada do local, uma placa escrita pelo próprio professor anuncia o desejo de descansar em um pedaço de chão dentro da instituição que ele ajudou a construir. “Pedi aos meus filhos e netos que plantassem aqui meu coração e o meu cérebro. O cérebro que sonhou e criou esta escola, fundada e federalizada por Dix-huit. Esquecerei as canseiras... para só lembrar o privilégio e alegria de ter servido ao meu querido país de Mossoró”, deixou escrito na entrada do pórtico dos fósseis da Ufersa. (Jornal De Fato, 22 de dezembro de 2005)

O texto que o jornal atribuiu a Vingt-un mostra como ele entendia a sua relação com a escola agrícola, depois universidade, que ele idealizou e ajudou a fundar. Era uma relação em que Vingt-un depositou emoção e razão. Ele a entendia como sendo uma obra sua que foi sonhada desde os tempos em que fez agronomia na ESAL. O texto também nos permite entender que o Jornal *De Fato* por meio dessa matéria produzia e colocava em circulação a representação de que Vingt-un, ao ter o seu corpo velado na antiga ESAM, estaria regressando ao local que era seu, que ele havia construído. Ao se referir as 172 noites, o jornal fez alusão a construção da ESAM. As obras duraram 172 dias e, de acordo com Vingt-un, durante esse tempo, ele se mudou para o local onde estava acontecendo as obras, assim, poderia acompanhar de perto o andamento das construções. Retomar essa representação, era uma forma de reforça-la e legitimar a atuação de Vingt-un como intelectual a serviço do “País de Mossoró”.

Imagem 25 - Velório de Vingt-un Rosado na UFERSA (Jornal De Fato, 23 de dezembro de 2005)

Ao longo deste capítulo analisamos a Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM) e a produção de representações que auxiliaram a construir imagens em torno dela e de Jerônimo Vingt-un Rosado Maia de modo a promover uma relação quase metonímica, na qual o criador era nomeado por sua criação e vice-versa, sendo assim, falar de Vingt-un seria falar da ESAM. Nosso objetivo não foi negar a relação dos dois, uma vez que é fato a existência da mesma. O objetivo foi investigar como a mesma era exaltada e reforçada ao longo dos anos de modo a auxiliar Vingt-un na construção de sua imagem de intelectual a serviço do "País de Mossoró". Intelectual autorizado por seu campo intelectual a falar em nome da cidade e em nome do grupo. Em grande medida, a criação dessa autorização foi produzida com o auxílio da Coleção Mossoroense uma vez que a mesma publicava obras a respeito de Vingt-un e do seu trabalho e tais obras colocavam em circulação representações que acabavam por alimentar e reforçar as representações já existentes, como a de intelectual, trabalhador, soldado da batalha da cultura.

CONCLUSÃO

> A maior sumidade moça do meu estado. Grande cientista potiguar.
> Conheci-o no verdor de sua mocidade, sempre voltando com o seu intelecto criador e cientifico para a grandeza da zona Oeste potiguar! – Trazia de melhor o que a ciência criava lá fora, e no pensamento do seu grande crânio, para a zona! – Parecia viver sonhando e criando, para engrandecer a sua terra natal!
> É um homem que Mossoró deve se orgulhar dele, como sendo dos melhores e maiores dos seus filhos! – Pode-se dizer que ele já carriou o que de grande existe para o progresso material, espiritual e científico de sua terra! – Deve estar satisfeito pelo que já exemplificou e realizou. (NÓBREGA *apud* MAIA, 1980, p. 137)

O depoimento de Janúncio Bezerra da Nóbrega foi escrito, em 1978, a pedido de América Fernandes Rosado Maia que estava selecionado e organizando material para escrever um livro em comemoração aos 60 anos de nascimento do seu esposo, o intelectual mossoroense Jerônimo Vingt-un Rosado Maia. Esse depoimento sobre Vingt-un, assim como outros publicados na Coleção Mossoroense, ajudava a construir a representação de que ele era um intelectual preocupado em desenvolver a ciência e a cultura em Mossoró e no oeste potiguar.

Vingt-un Rosado por meio da sua correspondência conservada em seu arquivo pessoal, da Coleção Mossoroense e da ESAM conseguiu construir uma comunidade interpretativa com a qual compartilhava e colocava em circulação representações sobre si, como a de que era um soldado a serviço da “Batalha da Cultura”. Foi se colocando como soldado dessa batalha que ele se apropriou, no ano de 1948, da posição política do seu irmão Jerônimo Dix-sept Rosado Maia, então prefeito de Mossoró, para projetar e criar a Biblioteca Pública Municipal e o Museu Público Municipal. Entendemos que através desses espaços mantenedores de cultura, Vingt-un pretendia tornar Mossoró um local produtor de cultura, capaz de pensar sobre si, sobre o seu passado e se projetar no futuro.

Com relação ao passado de Mossoró, Vingt-un tanto fez pesquisas como estimulou a realização delas através da Coleção Mossoroense, nome dado a editora criada por

ele no final da década de 1940. Ela não tinha uma linha editorial definida, pois, Vingt-un, seu editor geral, era conhecido por publicar tudo que caísse as suas mãos sem distinção. A sua paixão pelos livros o levava a pedir dinheiro emprestado a agiotas para publicá-los. Após publicados, eram doados a pesquisadores, universidades, bibliotecas. Com a Coleção Mossoroense, Vingt-un lançou novos autores, como Antônio Campos e Silva, reforçou laços de amizade, como a amizade com Raimundo Nonato, publicou livros sobre a seca e o semiárido, e ao fazer isso demarcava o lugar de onde falava, isto é, construiu representações sobre Mossoró de modo a construí-la como sendo um espaço diferenciado das demais cidades do Rio Grande do Norte. Para diferenciá-la, buscou acontecimentos no passado que destacassem o pioneirismo, a liberdade e a coragem do povo mossoroense.

Por meio da Coleção Mossoroense também falou sobre si mesmo e produziu representações, isso foi possível, uma vez que publicava obras sobre si mesmo, e inclusive, algumas delas obras foram escritas por ele, outras por sua espoa América Fernandes Rosado Maia, e outras por amigos. Obras que se apropriavam de representações já existentes sobre Vingt-un e que as colocava em circulação através da publicação dos livros.

A editora também ajudou a produzir representações sobre a ESAM colocando-a como escola agrícola pioneira e como tendo a missão de desenvolver tecnologias capazes de atender ao agricultor que vivia no semiárido. Para tanto, a escola tinha como proposta formar seus agrônomos dentro da perspectiva do humanismo telúrico, isto é, o profissional ao desenvolver tecnologias para intervir no semiárido deveria se preocupar também como o desenvolvimento social e humano da região de modo a diminuir as diferenças e proporcionar o bem-estar físico e social da população existente no lugar.

Por meio da Coleção Mossoroense, Vingt-un também produzir representações sobre a sua família Rosado, de modo coloca-la como sendo uma elite civilizatória preocupada com o crescimento e desenvolvimento de Mossoró. Preocupação, segundo Vingt-un, manifestada por seu pai, Jerônimo Rosado, na sua batalha pela água, por Tércio no seu desejo de criar uma escola agrícola, sonho que Vingt-un se sente concretizando ao fundar a ESAM, preocupação manifestada por Dix-sept, Dix-huit e Vingt que se inserirem na política e, através dela, conseguiram trazer

investimentos para Mossoró e pelo próprio Vingt-un que se preocupava com a cultura de Mossoró e com a criação de uma escola agrícola, a ESAM.

A ESAM também foi entendida por nós como sendo parte da escrita de si de Vingt-un. Por meio dela, ele escreveu seu nome não apenas em papel e tinta, mas também em pedra e cal. A ESAM ajudou no processo de escrita de si de Vingt-un como intelectual a serviço de Mossoró. Através dela, ele também produziu para Mossoró a representação de que era uma cidade que produzia ciência e projetos de intervenção no semiárido.

Deste modo, por meio da sua correspondência, da Coleção Mossoroense e da ESAM, Jerônimo Vingt-un Rosado Maia se construiu como intelectual a serviço de Mossoró. Ele não é um visionário, é um homem imerso em seu tempo histórico e que soube de modo hábil se apropriar de acontecimentos e fatos sobre a história de Mossoró de modo a criar para si e para a sua família um lugar dentro dela, também soube fazer de Mossoró um lugar produtor de cultura e de ciência, diferente das outras localidades do Rio Grande do Norte.

Para Felipe (2001), as ações realizadas por Vingt-un tinham motivações políticas, seu objetivo era legitimar por meio da história a atuação política de sua família. Mesmo que seu objetivo fosse esse, é necessário entende-lo para além disso, pois, por meio do seu gesto de “ajuntador de papéis”, como ele mesmo se nomeava, conseguiu, ao modo do IHGB, catalogar documentos a respeito da história de Mossoró que serviram de suporte para ele bem como para outros pesquisadores que desejavam estudar e escrever sobre Mossoró, sobre o oeste potiguar.

A seleção e organização dos documentos, a produção de uma história sobre e para Mossoró foi feita a partir do seu lugar histórico, político, social e a partir dele lançou um olhar sobre si e sobre Mossoró. (DE CERTEAU, 2007) Acreditamos que mais do que uma jogada política, Vingt-un tinha um projeto para a cidade que visava o seu crescimento. E uma cidade se desenvolve por meio de planejamento e projetos, em outras palavras, expectativas de futuro que aos poucos vão se delineando no presente. Nesse sentido, concordamos com Aécio Cândido de Sousa (2004), que Vingt-un fazia parte de uma elite produtora de projetos de intervenção sobre a cidade. Diante disso, entendemos Vingt-un como intelectual. Para Jean-Françoise Sirinelli

(1996), a palavra intelectual é de difícil definição, mas pode ser delimitada por meio de duas definições possíveis. A primeira seria a de que o intelectual é um mediador ou criador cultural, a segunda que o intelectual é um ator social que intervém sobre a sociedade. Vingt-un Rosado tanto foi um mediador ou criador cultural, com vemos por meio da Coleção Mossoroense, quanto interviu sobre a cidade de Mossoró, seja por meio da “Batalha da Cultura”, da Coleção Mossoroense ou por meio da ESAM.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Ronaldo Conde. **O rebelde esquecido**: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

AGUIAR, Thiago Borges de. **Jan Hus**: as cartas de um educador e seu legado imortal. São Paulo: 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

ARAÚJO, Bruno Melo de. **Educação e poder**: o ensino superior agrícola em Pernambuco nas décadas de 1930 e 1940. Recife: UFRPE, 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2013.

ARAÚJO, Nilton de Almeida. **PIONEIRISMO E HEGEMONIA:** a construção da agronomia como campo científico na Bahia (1832-1911). Niterói: UFF, 2010. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, nº 21, 1998. p. 9-34

BATISTA, Paula Virginia Pinheiro. **Bastidores da escrita da história**: a amizade epistolar entre Capistrano de Abreu e João Lúcio de Azevedo (1916-1927). Fortaleza: UFC, 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

BEDIAGA, Begonha Eliza Hickman. **Marcado pela própria natureza:** o Imperial Instituto Fluminense de Agricultura e as ciências agrícolas – 1860 a 1891. Campinas, SP: UNICAMP, 2011. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. Campinas, SP, 2011.

BEZERRA, Carlos Eduardo; SILVA, Telma Maciel da. A correspondência de escritores brasileiros como fonte de pesquisa para os estudos literários e históricos. In: **Historiæ**, Rio Grande, 1 (1): 61-74, 2010

BOURDIEU, Pierre. **Campo de poder, campo intelectual.** Intinerario de un concepto. s/l: Montressor, 2002.

_____. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Morais; PORTELLI, Alessandro (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. Pp. 183- 91

_____. **O poder simbólico**. 13. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. A encenação (intelectual) de si: a correspondência entre A. Tito Filho e Luís Mendes Ribeiro Gonçalves (1970-1980). In: **XXVII Simpósio Nacional de História. Conhecimento Histórico e diálogo social**. Natal – RN, 22 a 26 de julho de 2013.

BRASIL. **CONSTITUIÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL (DE 18 DE SETEMBRO DE 1946)**. Site: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm

CAMARGO, Ana Maria de Almeida Camargo. Arquivos pessoais são arquivos. In: **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, Ano 45, n. 2, p. 26-39, jul./ dez, 2009.

CARVALHO, Sadraque Micael Alves de. **Um lugar (in)existente**: o "país de Mossoró" nas tramas da consciência histórica. Natal, UFRN, 2012. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em História, Natal, 2012.

CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

_____. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

_____. "Escutar os mortos com os olhos". IN: **Estudos Avançados**, São Paulo, 24 (69), p. 7-30, 2010.

_____. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados**, São Paulo, 11(5), p.173-191, 1991.

_____. O Príncipe, a biblioteca e a dedicatória. In: BARATIN, M; JACOB, C. **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2008. p. 182-199.

_____. **Inscrever e apagar**: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

CONCEIÇÃO, Lívia Beatriz da. História e biografia: limites e possibilidades teóricas. In: **Revista Cantareira**, Niterói, 15ª edição, p.1-9, jul.-dez, 2011.

CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. Oeiras: Celta editora,1999.

COSTA, Bruno Balbino Aires. As "Batalhas" dos Rosados: política e cultura em Mossoró – RN (1948-1967). IN: **OPSIS**, Catalão, v. 12, n. 1, p. 146-163, jan./jun. 2012.

_____. Mossoró: a cidade como região. In: **Revista Espacialidades** [online]. v. 4, n.3, p.1 -15, 2011.

DE CERTEAU, Michel. Operação Historiográfica. IN: **A escrita da História**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. pp. 65-130

_____. **A invenção do cotidiano e outras artes**. Vol. 1. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

FALCÃO, Martha. O Movimento de 64 e a Paraíba. In: **IHGP. Anais do Ciclo de Debates sobre a Paraíba na Participação dos 500 anos de Brasil**. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura do Estado, 2000.

FELIPE, José Lacerda Alves. **A (re)invenção do lugar**: os Rosados e o "país de Mossoró". João Pessoa, PB: Grafset, 2001.

FURTADO, Celso. **A fantasia desfeita**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. **A Operação Nordeste**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1959.

FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 21, p. 59-87, 1998.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GARCIA, Maria Manuela Alves. O campo das produções simbólicas e o campo científico em Bourdieu. In: **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 97, p. 64-72, maio, 1996.

GARCIA, Hamílcar de. **Grande Dicionário Enciclopédico Brasileiro Ilustrado**. Vol. IV. São Paulo: Editora Nova Brasil, 1978. pp. 1361-1362

GASTAUD, Carla Rodrigues. **De Correspondências e Correspondentes**: Cultura Escrita e Práticas Epistolares no Brasil entre 1880 e 1950. Porto Alegre, UFRGS, 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

GICO, Vânia de Vasconcelos. Câmara Cascudo e Mário de Andrade: uma sedução epistolar. In: **Revista do Patrimônio Histórico Nacional**. Brasília, nº. 30, p. 110-127, 2002.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. pp. 7-24

_____. A guardiã da memória. **Acervo- Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v.9, nº 1/2, p.17-30, jan./dez. 1996.

_____. Nas Malhas do Feitiço: o Historiador e os Encantos dos Arquivos Privados. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 21, p. 121-127, 1998.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. **Historiografia e nação no Brasil**: 1838-1857. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo: EDUSP, 2012.

HAMMEL, Ana Cristina, COSTA, Gelson Kruk da; MEZNEK, Ivone. A Ditadura Militar Brasileira e a Política Educacional: Leis nº 5.540/68 e nº 5. 692/71. In: **Anais do 5º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais**. Unioeste, Cascavel, 9 a 12 de outubro de 2011.

HEYMAN, Luciana Quillet. O indivíduo fora do lugar. In: **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, Ano 45, n. 2, p. 40-57, jul./ dez, 2009.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

IBGE. **Divisão Regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas**. V. 1. Rio de Janeiro,1990.

JULIANELLI, Anna Rachel Baracho Eduardo. **Henrique de Novaes**: técnica, território e cidade em uma trajetória profissional: Brasil, primeira metade do século XX. Natal, RN, 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Tecnologia. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Natal, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LEITE, Juçara Luzia. **Natureza, Folclore e História:** A Obra de Maria Stella de Novaes e a Historiografia Espírito-Santense no século XX. São Paulo: USP, 2002. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

LIMA, Jailma Maria de. **Partidos, candidatos e eleitores**: o Rio Grande do Norte em campanha política (1945-1955). Niterói, RJ, 2010. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

LOPES, André Porto Ancona Lopes. Arquivos pessoais e as fronteiras da arquivologia. In: **Gragoatá**, Niterói, n. 154, p. 69-82, 2º sem., 2003.

LUCAS, Ana Maria Bezerra. **O mandonismo da família Rosado em Mossoró** – 1917 a 1980. João Pessoa: UFPB, 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais),

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1998.

MACHADO, Evelcy Monteiro. Organização do ensino superior no Brasil: influências determinantes. In: **Caderno de Pesquisa: pensamento educacional**. Vol. 2, nº4, p. 195-211, 2007.

MARTINS, Carlos Benedito. A Reforma Universitária de 1968 e a abertura para o ensino superior privado no Brasil. In: **Educação. Sociedade**, Campinas, vol. 30, n. 106,p. 15-35, jan./abr. 2009.

MEDEIROS, Gabriel Leopoldino Paulo de. **As cidades e os trilhos**: resgate histórico da implantação das ferrovias no Rio Grande do Norte e inventário de suas estações. Monografia. Natal. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.

MEDEIROS, Gabriel Leopoldino Paulo de; SILVA, Adriano Wagner; SIMONINI, Yuri. Configurando o território das secas no Rio Grande do Norte: as estradas de ferro, os açudes e a hegemonia econômico-administrativa de Natal (1881-1935). In: **Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. V. 10, n. 1, p. 1- 13, 2008.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NÓBREGA, Alessandro Teixeira. **A Coleção Mossoroense e a construção dos mitos:** Dix-sept Rosado, o herói imolado. Natal: UFRN, 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. In: **Projeto História**, São Paulo, vol. 10, p.7- 28, dez., 1993.

OLIVEIRA, Maria Cristina Guimarães; SANTANA, Glessa Celestino de. A Coleção Mossoroense engendrando o registro da memória científica de uma região. In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciências da Informação**. – Gt 10, Brasília, 2011. P. 3117- 3129

OLIVER, Graciela de Souza. **O papel das Escolas Superiores de Agricultura na institucionalização das ciências agrícolas no Brasil, 1930-1950:** práticas

acadêmicas, currículos e formação profissional. Campinas, SP, 2005. Tese (Doutorado) – Instituto de Geociências Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.

PEIXOTO, Renato Amado. Espacialidades e estratégias de produção identitária no Rio Grande do Norte no início do século XX. In: **Revista de História Regional** 15 (1), Verão, p. 169-193, 2010.

PEREIRA, Caio Mário da Silva. **Instituições de Direito Civil**. Vol. 1 – Introdução ao direito civil: teoria geral do direito civil. 23ª edição. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2010. pp. 308-314

PEREIRA, Francisca Sirleide. **Memória da produção editorial científica da EDUFRN**: 1962 a 1980. João Pessoa: UFPB, 2012. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação do Centro de Ciências Sociais, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RANGEL, Maria do Socorro. **Medo da morte e esperança de vida**: uma história das ligas camponesas. Campinas, SP, 2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2000.

REIS, José Carlos. **A história, entre a filosofia e a ciência.** São Paulo: Ática, 1996.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si, ou ... In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 21, p. 35-42, 1998.

ROCHA, Aristotelina Pereira Barreto. **Expansão urbana de Mossoró (Período de 1980 a 2004)**: geografia dinâmica e reestruturação do território. Natal, RN: EDUFRN, 2009.

ROTHEN, José Carlos. Os Bastidores da Reforma Universitária de 1968. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 29, n. 103, p. 453-475, maio/ago. 2008.

SINDICATO ESTADUAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR (SINTEST, RN). **Um ano para ficar na história**. Natal, RN: Impressão Gráfica Editora, 2009.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. pp.231- 269

SORÁ, Gustavo. **Brasilianas:** José Olympio e a Gênese do Mercado Editorial Brasileiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com – Arte, 2010.

SOUSA, Aécio Cândido. Vingt-un Rosado: a história de uma visão liberal do desenvolvimento de Mossoró. In: FELIPE, José Lacerda (org.). **Vingt-un**, o intelectual e o cidadão. Natal: EDUFRN, 2004. pp. 25-43

SOUZA, Adriana Barreto de. Pesquisa, escolha biográfica e escrita da história: biografando o duque de Caxias. In: **História da historiografia**. Ouro Preto, n. 9, p. 106-128, ago., 2012.

VENANCIO, Giselle Martins. **Na trama do arquivo**: a trajetória de Oliveira Vianna (1883-1951). Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. Tese (Doutorado) – UFRJ/Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/Programa de Pós Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

_____. A utopia do diálogo: os prefácios de Vianna e a construção de si na obra publicada. In: GOMES, Angela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). **Memórias e narrativas (auto)biográficas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 173-188

FONTES

AMORIM, Ari Pinheiro; ALMEIDA, Pedro; ROSADO, Vingt-un. 48 meses na vida da ESAM (MARÇO/74 A MARÇO/78). Coleção Mossoroense, Ano XXX da Batalha da Cultura, Volume LXXV, 1978.

BARBOSA, Larry. **Vingt-un e a ESAM**: as histórias paralelas. Coleção Vingt-un, ano LXX, 10. Coleção Mossoroense, série C, volume DLVI, 1990.

BRITO, Raimundo Soares de (org.). **Câmara Cascudo e Batalha da Cultura**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, Coleção Mossoroense, Série C, vol. 941, 1997.

GRAFF. João Ulrich. **Estrada de ferro de Mossoró**. 4ª ed. Coleção Mossoroense, Volume CXX, 1980.

MAIA, América Fernandes Rosado (org.). **Vingt-un**. Mossoró: Coleção Mossoroense, Volume CXXIII, 1980.

MAIA, América Fernandes Rosado (org.) **Vingt-un em outros depoimentos**. Mossoró: Coleção Mossoroense, volume CCXXXII, 1982.

NONATO, Raimundo. **História Social da Abolição em Mossoró**. Mossoró: Coleção Mossoroense, vol. CCLXXXV, 1983.

NONATO, Raimundo. **Evolução urbanística de Mossoró**. Mossoró: Coleção Mossoroense, 1975.

RIO GRANDE DO NORTE. **Falla com que o exm. sr. dr. João Capistrano Bandeira de Mello Filho abrio a 1a sessão da vigesima legislatura da Assembléa Legislativa Provincial do Rio Grande do Norte em 13 de julho de 1874**. Rio de Janeiro: Typ. Americana, 1874. p. 56

_____. **Falla com que o exm. sr. doutor Rodrigo Lobato Marcondes Machado, presidente da provincia, abrio a 2.a sessão da Assembléa Legislativa Provincial do Rio Grande do Norte em 27 de outubro de 1879**. [Natal]: Typ. do Correio do Natal, 1880. p. 16-7

ROLIM, Isaura Ester Fernandes Rosado. **Os 400 amigos de Vingt-un**. Mossoró: Coleção Mossoroense, Série C, Volume DXLVI, 1990.

ROSADO, Vingt-un; ALMEIDA, Pedro. **ESAM, única Escola de Agronomia do Brasil semi-árido**. Mossoró: Coleção Mossoroense, Volume XXXIV, 1974.

ROSADO, Vingt-un. **Antonio Campos e Silva**, numa viagem de 14 anos através de 50 cartas. Natal: Cern; Mossoró: Coleção Mossoroense, Série C, Volume 22, 1973.

ROSADO, Vingt-un (org.). **Notícias sobre a Batalha da Cultura**. Mossoró: Coleção Mossoroense, Volume LXIX, Ano XXX da "BATALHA DA CULTURA", 1978.

ROSADO, Vingt-un. **Notícia sobre a Fundação Guimarães Duque** (Homenagem ao VII Congresso Brasileiro de Zoologia). Mossoró: Coleção Mossoroense, Volume CVII, 1980.

_____. **Pelos caminhos da universidade**. Coleção Mossoroense: Mossoró, série C, vol. 1142, 2000.

_____. **Uns tantos problemas de Mossoró**. Mossoró: Coleção Mossoroense, volume CI, 1980.

_____. **Minhas memórias da Batalha da Cultura**. Vol. 1. Mossoró: Coleção Mossoroense, 2000.

_____. **Minhas memórias da Batalha da Cultura**. Vol. 2. Mossoró: Coleção Mossoroense, 2001a.

_____. **Minhas memórias da Batalha da Cultura.** Vol.3. Mossoró: Coleção Mossoroense, 2001b.

_____. **Minhas memórias da Batalha da Cultura.** Vol.4. Mossoró: Coleção Mossoroense, 2001c.

_____. **Minhas memórias da Batalha da Cultura.** Vol.5. Mossoró: Coleção Mossoroense, 2001d.

_____. **Minhas memórias da Batalha da Cultura.** Vol.6. Mossoró: Coleção Mossoroense, 2001e.

_____. **Minhas memórias da Batalha da Cultura.** Vol.7. Mossoró: Coleção Mossoroense, 2001f.

SITES

http://www.adufc.org.br/clipping_detalhes.asp?Cod=1307

http://www.uern.br/default.asp?item=institucional-uern-historia-exreitores

http://www.itaucultural.org.br/rumos/webreportagem/osrosados.htm

http://www.cca.ufpb.br/Agronomia/agronomia.htm

http://natal.cbtu.gov.br/historia/historia.htm

http://blogdodrlima.blogspot.com.br/2014/01/um-historiador-portugues.html

http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Raimundo+Nonato+da+Silva&ltr=r&id_perso=1603

http://tribunadonorte.com.br/especial/histrn/hist_rn_8h.htm

http://blogdomendesemendes.blogspot.com.br

http://docente.ifrn.edu.br/ednardogoncalves/regionalizacoes-do-espaco-potiguar

http://jmpminhasimpleshistorias.blogspot.com.br/2014/03/cachorros-na-biblioteca-do-dr-vingt-un.html

http://jotamaria-anafloriano.blogspot.com.br/2012/08/tributo-ana-floriano-foi-criado-em-2006.html

http://www.azougue.org/conteudo/entrevistas/pedro_almeida.htm

JORNAIS

Jornal *O Mossoroense*, janeiro de 1909.

Jornal *O Mossoroense*, 9 de fevereiro de 1910.

Jornal *O Mossoroense*, 19 de julho de 1916.

Jornal *O Mossoroense*, 18 de agosto de 1916.

Jornal *O Mossoroense*, 9 de maio de 1916.

Jornal *O Mossoroense*, 7 de outubro de 1928.

Jornal *De Fato*, 22 de dezembro de 2005.

Jornal *Gazeta do Oeste*, 22 de dezembro de 2005.